



TEM
CIÊNCIA
PRETA AQUI
EBOOK

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Ketlen Stueber - CRB 10-2221

T278 Tem ciência preta aqui / organizado por Adriana de Souza Gomes, Barbara Gomes Dias, Joanna Darc Correa Marcello, Katia Gislaine Baptista Gomes, Paulo Vitor Lima Padilha e Rita de Cássia Tavares Medeiros. – Porto Alegre : Bestiário, 2026.
260 p. : 21cm x 29cm. PDF; 21 MB

ISBN 978-65-6056-218-9

1. Literatura brasileira. 2. Ensaios. I. Gomes, Adriana de Souza ...[et al.]. II. Título.

2026-154

CDD 869.94
CDU 82-4(81)

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira : Ensaios 869.94
2. Literatura brasileira : Ensaios 82-4(81)

TEM CIÊNCIA PRETA AQUI

AUTORIA

COORDENADOR

Gilson Simões Porciúncula

DIAGRAMADORES

Vagner Dutra Maciel
Guilherme Farias Duarte

ORGANIZADORES

Adriana de Souza Gomes
Barbara Gomes Dias
Joanna Darc Correa Marcello
Katia Gislaine Baptista Gomes
Paulo Vitor Lima Padilha
Rita de Cássia Tavares Medeiros

CONSELHO EDITORIAL

Adriana de Souza Gomes
André Alves da Silva
Carla Silva de Avila
Claudio Baptista Carle
Fernanda de Medeiros Cunha
Francisca Mesquita Jesus
Julio Cesar Araujo das Neves
Katia Gislaine Baptista Gomes
Marielda Barcellos Medeiros
Marina Soares Mota
Patrícia Fernandes Mathias Morales
Pedro Thiago do Nascimento Moreira Roque
Raquel Silveira Rita Dias
Rogeria Aparecida Garcia
Rosberguer de Almeida Camargo
Simone Fernandes Mathias
Veridiana Machado Rosa Oliveira

DEBATEDORES

Adriana de Souza Gomes
André Alves da Silva
Carla Silva de Avila
Claudio Baptista Carle
Fernanda de Medeiros Cunha
Francisca Mesquita Jesus
Julio Cesar Araujo das Neves
Katia Gislaine Baptista Gomes
Marielda Barcellos Medeiros
Marina Soares Mota
Patrícia Fernandes Mathias Morales
Pedro Thiago do Nascimento Moreira Roque
Raquel Silveira Rita Dias
Rogeria Aparecida Garcia
Rosberguer de Almeida Camargo
Simone Fernandes Mathias
Veridiana Machado Rosa Oliveira

INTRODUÇÃO

Este E-book tem como objetivo registrar, preservar e ampliar o alcance de experiências, reunindo artigos, resumos simples, sinopses de vídeos e áudios com QR Codes de acesso, além de registros das atividades culturais, compondo um mosaico de linguagens e expressões. Trata-se de um instrumento científico, pedagógico e cultural, que fortalece a circulação de saberes e a memória do protagonismo negro na universidade.

O E-book "Tem Ciência Preta Aqui" é fruto de uma construção coletiva protagonizada pelos coletivos UFPreta e ProEDAI, em parceria com movimentos sociais e sujeitos engajados na luta antirracista. Ele nasce como continuidade e memória do Congresso Tem Ciência Preta Aqui (TCPA), realizado em dezembro de 2023 na UFPel, que se consolidou como um espaço plural de encontro, formação e celebração das intelectualidades negras, fundamentado nos valores civilizatórios afro-brasileiros.

Mais do que um congresso científico, o TCPA foi um movimento político, pedagógico e cultural que abriu as portas da universidade para o diálogo entre diferentes saberes e práticas, reafirmando a centralidade e a importância da valorização das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras. Durante sua programação, a comunidade acadêmica e a sociedade puderam vivenciar rodas de conversa, apresentações de trabalhos, minicursos, exposições, teatro, cinema negro, música, feira de mulheres negras empreendedoras, performances e diversas atividades culturais, afirmindo a potência e a pluralidade da produção de conhecimento negro.

Além disso, o congresso prestou homenagem a personalidades negras que construíram e ainda fortalecem a história cultural, comunitária e acadêmica de Pelotas, do Rio Grande do Sul e do Brasil. Cada sala de apresentação recebeu o nome de uma dessas figuras, reafirmando a ancestralidade e a memória coletiva como fundamentos da ciência preta. Foram homenageados Giba Giba (cantor, compositor e ativista cultural), Giama-rê (cantora, compositora e intérprete), Nego Bispo (líder quilombola, escritor e filósofo), Mestre Griô Dilermando (guardião da tradição oral), Helena do Sul (escritora, professora, militante), Mister Pelé (artista e promotor cultural), Ernestina Pereira (sindicalista e liderança negra), Maria da Conceição Pereira Amaro - Dona Maria Amaro (mulher de terreiro e liderança comunitária), Délcio da Silva Mendes (compositor de sambas-enredo), Judith da Silva Bacci (escultora,), Solon Silva (seresteiro, compositor e violonista), Ivete Oliveira da Silva (professora e advogada antirracista) e Oliveira Silveira (poeta, professor e ativista, um dos idealizadores do 20 de Novembro como Dia da Consciência Negra).

No E-book, cada sessão é aberta com a apresentação dessas personalidades, permitindo que o leitor conheça suas trajetórias e compreenda a dimensão histórica e simbólica que orientou a organização do congresso.

O "Tem Ciência Preta Aqui" firmou-se, assim, como um marco de resistência e de criação, fortalecendo a presença negra na universidade e abrindo caminhos para uma educação plural, democrática e antirracista. O E-book que agora apresentamos é memória viva desse processo, mas também ferramenta de luta e de formação, reafirmando que a ciência preta pulsa, ecoa e se expande, e que a universidade só se tornará verdadeiramente inclusiva quando reconhecer e valorizar essa produção.

Que estas páginas inspirem novas práticas, reflexões e ações; que fortaleçam docentes, estudantes, militantes e comunidades; e que reafirmem, em cada linha e em cada registro, que há ciência preta aqui, ontem, hoje e sempre.

APRESENTAÇÃO

A UFPreta e o ProEDAI, associados a outros coletivos negros, organizou o evento "TEM CIÊNCIA PRETA AQUI", que contou com a participação de 201 ouvintes, 119 apresentações de estudos, nas diferentes áreas do conhecimento, que compartilharam seus caminhos epistemológicos. Não é aceitável, em pleno século XXI, no Brasil, que a negação da intelectualidade negra permaneça ofuscada em detrimento da branquitude.

Nego Bispo (2021), nos convoca a um permanente envolvimento, à confluência de idéias em oposição à ideia de desenvolvimento e de influências. Afirma ele, que aprendizagens ancestrais negras nos encaminham para o pertencimento coletivo, daí a importância de estarmos juntos para refletir e fazer florescer, cada vez mais, espaços negros que sejam respeitados em nossa sociedade.

Num outro caminho, estamos localizados em Pelotas, numa cidade com forte presença negra, num lugar forjado pelo exercício contínuo do racismo como base do enriquecimento e da apropriação dos bens materiais e imateriais da cultura negra. Em Pelotas, ainda vivemos em meio a elogios à colonialidade; essa forma de viver a vida como se as práticas sociais oriundas da colonização nos fizessem mais europeus, dando origem a consentimentos, descuidos e tratamentos adversos às pessoas pretas. A experiência do racismo está espelhada e espalhada em cada esquina dessa cidade!

As ações afirmativas tem representado um respiro, um vento que sopra em direção a outras estéticas e pensamentos. A universidade das ações afirmativas encontra corpos e corpas, antes impensados, para que se produza conhecimentos atrevidos, que precisam escancarar portas e abrir janelas no caminho de ciências pretas. Essa percepção tem aguçado enfrentamentos e forjado as lutas, para mudar as propostas e as intenções da universidade. Um caminho árduo, que tem nos levado a atuar como Movimento de Resistência UFPreta!

Mas, na contramão da barbárie produzida pelo racismo, estamos de pé, espelhados em cada corpo preto, que deseja a insubordinação e a resistência que é estar vivo!

COLETIVO UFPRETA

O Movimento de Resistências UFPreta (MR-UFPreta) nasceu da urgência em enfrentar o racismo estrutural presente na sociedade e, em especial, no espaço universitário da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Formado por estudantes, técnicos administrativos, docentes e comunidade externa, o coletivo é fruto do aquilombamento de vozes plurais que se uniram para transformar dor em luta, apagamento em visibilidade e resistência em ação política.

A história de Pelotas e da própria universidade não pode ser contada sem reconhecer a contribuição fundamental da população negra. Desde o século XIX, quando mais de 60% da população da cidade era composta por pessoas escravizadas, o trabalho da população negra sustentou a economia do charque e ergueu os prédios históricos que até hoje abrigam a UFPel. Contudo, esse legado de resistência segue invisibilizado, e a população negra ainda enfrenta discriminação, exclusão e desigualdade dentro da universidade. É nesse contexto que o MR-UFPreta se fortalece, reafirmando o compromisso com a memória, a justiça e a democracia.

O coletivo atua como um espaço de denúncia, mobilização e proposição de políticas que busquem transformar a UFPel em uma instituição verdadeiramente inclusiva, comprometida com a equidade racial e social. Entre suas principais bandeiras estão: a defesa intransigente da democracia universitária, a implementação de uma política institucional antirracista, o fortalecimento das ações afirmativas e a garantia de acesso e permanência para estudantes negros e negras. Para além da luta por direitos, o movimento também promove atividades culturais, acadêmicas e políticas que valorizam a memória ancestral e a produção de conhecimento negro, buscando romper com silenciamentos históricos.

Ao longo de sua trajetória, o MR-UFPreta esteve presente em momentos decisivos da universidade, denunciando práticas autoritárias, atos de racismo e ataques à dignidade de trabalhadores e estudantes negros e negras. Também esteve à frente da organização de mobilizações, atos públicos e espaços de debate, sempre reafirmando que a luta antirracista é coletiva e necessária. Não basta “não ser racista”: é preciso ser antirracista, comprometendo-se diariamente com a construção de uma universidade mais justa e de uma sociedade mais igualitária.

O MR-UFPreta é, portanto, um coletivo vivo, plural e combativo, que se coloca como guardião da memória, da resistência e da luta negra dentro da UFPel. Sua existência reafirma que não haverá ciência, educação ou democracia que sejam plenas enquanto o racismo continuar a estruturar nossas relações. Ao apresentar-se neste e-book Tem Ciência Preta Aqui, o movimento soma sua voz à valorização da produção científica e cultural negra, celebrando a ancestralidade que nos trouxe até aqui e projetando futuros em que a igualdade racial não seja apenas um ideal, mas uma realidade concreta.

COLETIVO PROEDAI – PROJETO EXATAS, DIVERSIDADES AFRO-INDÍGENA

O Grupo de Estudos Exatas Diversidades Afro-Indígena (ProEDAI) foi criado em 2017 no Centro de Engenharias da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) como um espaço de acolhimento, integração e protagonismo de estudantes negros, negras e indígenas. Sua criação foi motivada pela necessidade de fortalecer a permanência acadêmica de estudantes cotistas raciais e de ampliar as oportunidades de participação desses sujeitos nos processos de produção e difusão do conhecimento científico.

Desde o início, o ProEDAI se consolidou como um projeto de referência na luta por equidade racial no espaço das engenharias e ciências exatas, áreas historicamente marcadas pela sub-representação de pessoas negras e indígenas. Ao articular ensino, pesquisa e extensão, o coletivo tem buscado construir caminhos que valorizem saberes plurais, reafirmando que a ciência não pode estar dissociada da diversidade que compõe nossa sociedade.

Entre suas principais ações, destacam-se: o estudo e a proposição de mudanças no percentual de reserva de vagas do PAVE, ampliando o acesso de estudantes oriundos de escolas públicas; a realização de levantamentos e análises sobre o perfil dos estudantes cotistas do CENG, fornecendo subsídios para políticas de permanência; e a organização de eventos que colocam a ciência preta e indígena no centro do debate, como o congresso estudantil Tem Ciência Preta Aqui.

Outro pilar do ProEDAI é a valorização da experiência estudantil. O grupo tem contado com a participação ativa de bolsistas e colaboradores que, ao lado de técnicos administrativos e docentes parceiros, constroem um espaço coletivo, horizontal e solidário. Essa atuação compartilhada amplia o sentimento de pertencimento, combate a evasão e promove a integração dos estudantes em projetos acadêmicos, científicos e culturais.

Mais do que um projeto acadêmico, o ProEDAI é uma rede de afeto e resistência que reafirma, dia após dia, a importância da representatividade negra e indígena dentro da universidade, no Centro de Engenharias. É nesse chão coletivo que se fortalece o compromisso de construir uma UFPel antirracista, mais democrática, plural e comprometida com a transformação social.

RECITAL POÉTICO

MINHA AFROCENTRICIDADE

Essas mulheres
São minhas ancestrais
Bisavós, avós, mães, filhas
Essas mulheres são meu eixo
Meu ongira
Canção, flores, borboletas, hoje livres
Essas mulheres
De outro tempo, deste meu momento
Carrego comigo cada uma
São Yías, Catarinas e Fernandas
Mikaelas, Marinas e Marianas
Mulheres meninas, muitas vezes insanas
Apaixonadas, brincalhonas, brejeiras,
guerreiras, amigas, companheiras
São Binutas, Terezas, Odetes, Jandiras
Minha afrocentricidade carrego comigo
Eu não ando só!



MARIELDA BARCELLOS MEDEIROS

Professora Dra. em Antropologia Social e Cultura, Marielda Barcellos Medeiros, nascida em Pelotas/RS, ativista social e cultural do Movimento Negro Unificado/MNU, dos Direitos Humanos e Luta das Mulheres. Escritora e poetisa, conhecida pelo pseudônimo de Mananegra, atualmente secretária à frente da Secretaria de Políticas para as Mulheres/Pelotas.

HOMENAGEADOS

ELTON LEMOS



Elton Lemos, terapeuta ocupacional, educador dedicado e liderança do movimento negro de Pelotas, ocupa um lugar de grande significado na memória coletiva que sustenta o "Tem Ciência Preta Aqui". Sua trajetória, marcada pela sensibilidade pedagógica e pela defesa da dignidade humana, ultrapassa a atuação profissional e inspira inúmeras pessoas da cidade e da região. Elton abriu caminhos onde havia silenciamiento, promovendo uma educação antirracista e humanizada, pautada no cuidado, na escuta e na justiça social. Sua presença ativa em movimentos e coletivos tornou-se referência de coragem e compromisso. Ao homenageá-lo nesta edição do evento, reconhecemos sua contribuição fundamental para as ações afirmativas e para a valorização das intelectualidades negras. Sua memória segue inspirando resistências, aprendizagens e futuros possíveis.

RITA DE CASSIA TAVARES MEDEIROS



Mulher negra, professora. Dona de uma sabedoria antiga, senhora de força e persistência. Educadora das lutas e dos enfrentamentos, guerreira que busca a paz e a faz caber no cotidiano. Na grande escola da vida e na universidade, foste uma das primeiras a abrir veredas para outras mulheres negras, para nós, mulheres negras. Professora das infâncias, escutas vozes pequenas nunca menores e nutres existências com irmandade, sorrisos, alegrias, diferenças e harmonias, sobretudo com profundo respeito às culturas infantis. Senhora da força e do cuidado, segues tecendo, com firmeza, o desejo de uma educação que acolhe e transforma: para pretos, pretas e pretes. Que tua caminhada siga iluminando caminhos, multiplicando coragem e ternura, para que cada criança, cada corpo e cada história encontre lugar, pertencimento e futuro. Axé.

POR UMA RECEITA DE LUTA: QUANDO A COMIDA FORTALECE A COLETIVIDADE

Joanna D'arc Marcello

*Universidade Federal de Pelotas
joanna2201@gmail.com ou joanna@ufpel.edu.br*

Comecei minha trajetória no serviço público em 1984, na Pró-Reitoria de Graduação, na Secretaria Geral de Cursos, hoje CRA. Em seguida, fui convidada a trabalhar na Coordenadoria de Assuntos Estudantis, hoje PRAE no Campus Universitário do Capão do Leão, aos 23 anos de idade. Nascida nos anos sessenta, ainda criança pude acompanhar as lutas políticas do meu pai em reuniões clandestinas, nas batalhas pela redemocratização do Brasil. Segundo seus passos, estive sempre presente nas lutas sindicais da Universidade Federal de Pelotas, desde o meu ingresso. Participei das primeiras mobilizações pela eleição de reitores por meio de consulta à comunidade universitária — estudantes, técnicos e professores. Especialmente em 1988, vi florescer a campanha “Reitor Eleito Tem Que Ser Nomeado”, que buscou redesenhar, no âmbito da UFPel, os rumos da redemocratização na escolha dos dirigentes universitários. Fomos protagonistas e exemplo de luta para outras universidades. Os anos 1980 foram cruciais para a afirmação das associações. A ASUFPel (Associação dos Servidores Federais em Educação de Pelotas e Capão do Leão) foi fundada em 31 de julho de 1979, inicialmente com um caráter associativo e de integração entre os servidores da UFPel. A partir da década de 1980, impulsionada pelos movimentos sociais da época, a associação passou a desempenhar um papel mais ativo na luta por direitos trabalhistas — especialmente com a primeira greve dos servidores da UFPel, em 1985. Em 1988, a entidade foi transformada em sindicato, consolidando sua atuação como representante da categoria.

Acompanho até hoje muitas vitórias, embates, derrotas e greves de mil e uma faces das mais ardentes e vigorosas às mais ausentes e enfraquecidas. Nem sempre justas, mas quase sempre necessárias.

Tenho lembranças vívidas desse percurso, que compartilho aqui como forma de trazer minha ótica da história. No início dos anos 1980, deslocar-se do centro da cidade até o Campus do Capão do Leão era mais do que uma aventura, era uma injustiça. O transporte destinado aos docentes era de outro nível, enquanto técnicos e estudantes se espremiam em verdadeiras “latas de sardinha”, que frequentemente quebravam no meio do trajeto. Chegávamos quase sempre atrasadas e desconfortáveis com tanto descaso. Havia uma hierarquia rígida e estabelecida. Muitas vezes, a relação lembrava a de patrão e empregado. Pode parecer estranho aos olhos de hoje, mas era assim.

Com o início da abertura política e a pressão intensa do movimento estudantil, as lutas começaram a abrir caminho para políticas de transporte. Estou falando de quarenta anos atrás. Em 1983, estudantes moradores da Casa do Estudante, em greve na UFPel pela gratuidade do transporte coletivo, empreenderam uma greve de fome. Inspirados por eventos semelhantes que ocorriam no Brasil, especialmente os promovidos pelo grupo “Justiça e Não Violência”, ligado à igreja progressista e defensor da democracia, optaram pela greve de fome como forma de repercussão nacional. E foi exatamente isso o que aconteceu. A greve ganhou destaque no noticiário nacional e colocou em xeque as formas arbitrárias

com que a universidade lidava com as pautas estudantis. Não faltaram passeatas, redes de apoio formadas por professores, sindicatos e associações de todo o Brasil.

Em 1989, o Brasil elegeu Fernando Collor de Mello o “Caçador de Marajás” que se apresentava como arauto da moralidade. No início de seu governo, a poupança foi confiscada, e muitas pessoas perderam tudo. Eu, que não votei nele, vivi na universidade duas grandes contradições: de um lado, a aprovação, no Congresso Nacional, do Regime Jurídico Único, que unificava a condição dos servidores públicos federais com mais isonomia — uma conquista de anos de luta. De outro, a intensificação da nossa pauta por concursos públicos e melhorias salariais. Conclusão: tivemos nossos salários cortados por fazer greve. A ministra Zélia Cardoso de Mello fez um pronunciamento em rede nacional anunciando o corte.

Resultado: Pelotas, a Princesa do Sul, com seu comércio fortemente apoiado em serviços, entrou em colapso. Ninguém pagava nada. Felizmente, o Congresso da época era mais progressista do que o atual, e as lutas sindicais avançaram contra um governo profundamente corrupto. Em 1992, o impeachment de Collor foi uma linda vitória popular da qual, como cidadã, também participei.

Entre tantas lutas, carrego uma característica pessoal: unir a comensalidade à discussão crítica. Confraternizar, soar e ressoar a coletividade em sintonia com um bom prato cheio de comida! Minha relação com a cozinha vem das alegrias da partilha em família — com muitos irmãos, irmãs, primos, primas, e amizades regadas à comida e às lutas políticas. Vem também de uma avô negra, de ascendência africana, e de um avô branco, de ascendência italiana. Gente que atravessou o Atlântico em condições muito distintas, mas que acreditava que comer junto era uma forma de se aproximar da vida — uma maneira de roer a morte!

Não consigo dissociar a alegria do comer junto do espírito da luta coletiva. Afinal, num país de algozes e de desigualdade extrema, comer junto um bom prato é um ato revolucionário. Dividir boa comida, mais ainda!

Tenho memórias intensas dessa experiência. Nas primeiras greves, praticamente tudo era emprestado: megafones, kombis, panelas do Sindicato dos Bancários, do Sindicato dos Trabalhadores da Alimentação... Não lembro de uma greve em que a comilança coletiva não estivesse presente. Desde as pequenas reuniões do Comando de Greve até os momentos em que voltávamos de piquetes ou acompanhávamos votações no Conselho Universitário. Tudo terminava com um carreteiro, um caldo quente, um macarrão.

Eram tempos politicamente difíceis, mas de intensa troca entre militantes de partidos, movimentos sociais, associações e sindicatos. Em Pelotas, na época um reduto de resistência à ditadura militar e suas formas de sobrevivência, vivemos um período marcante da redemocratização do Brasil e da América Latina. Tivemos a presença de muitas figuras importantes na luta política, cujas vozes ecoaram na ASUFPel e lá estive também.

E hoje? O que me traz aqui? O que me aproxima da UFPreta? Como me sinto participando do evento “Tem Ciência Preta Aqui”?

Sou assistente administrativa na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, depois de ter atuado em outras três unidades administrativas: a Faculdade de Educação, o Gabinete da Reitoria e a Coordenação de Registros Acadêmicos. Quando estive no Gabinete do Reitor, atuei por afinidade com o grupo político “Reconstrução”, pautado por valores democráticos e por uma gestão de esquerda.

Desde 2020, me aproximei do movimento de resistência UFPreta, reencontrando dissidentes do grupo político anterior e novas pessoas profundamente envolvidas com pautas antirracistas e ações afirmativas. Este movimento, que reúne estudantes, técnicos e docentes da UFPel, promoveu este evento para articular e difundir o que está sendo produzido por pessoas negras, indígenas e LGBTQIA+ no contexto acadêmico.

Escolhi atuar nas atividades do Clube Cultural Fica Ahí, um clube negro centenário que

acolheu a abertura e o jantar do evento. Com base nos meus saberes afro-itálicos, preparei um jantar com carreteiro e feijoada, cuja receita trago abaixo, reafirmando sempre o significado da partilha do alimento nas lutas políticas!

O arroz de carreteiro com feijoada é uma comida muito presente nas coletividades do Rio Grande do Sul. Acredito que isso se deve ao fato de que é um alimento que aquece o coração, traz satisfação, felicidade e une dois ingredientes marcantes na mesa do povo brasileiro — com a carne tão característica do Sul do país.

Bom proveito

RECEITA DE CARRETEIRO DE CARNE PARA 10 PESSOAS

Ingredientes:

- 1,5 kg de carne sem osso (pode ser acém, coxão mole, ou outra de sua preferência)
- 1 kg de arroz
- 1 xícara de café de óleo
- 4 tomates grandes
- 1 pimentão verde médio
- 2 cebolas grandes
- Alho, sal e pimenta a gosto
- Outros temperos opcionais (como cheiro-verde, louro, cominho etc.)

Modo de Preparo:

- Corte a carne em cubos pequenos.
 - Aqueça o óleo em uma panela grande. Quando estiver quente, adicione a carne, o alho e a cebola. Mexa bem até dourar.
 - Em seguida, acrescente o tomate picado e o pimentão. Deixe cozinhar, adicionando água aos poucos, até formar um molho espesso (mas não muito líquido).
 - Quando a carne estiver bem cozida, adicione o arroz e misture bem. Deixe fritar um pouco junto com a carne.
 - Depois, acrescente a água fervente. A quantidade ideal de água é de aproximadamente o dobro da quantidade de arroz. Para facilitar, meça o arroz em xícaras e use o dobro de xícaras de água (ex: se der 5 xícaras de arroz, coloque 10 xícaras de água).
 - Quando começar a ferver, abaixe o fogo e deixe cozinhar até que a água seque e o arroz esteja macio.
 - Está pronto para servir!
 - Dica: Sirva com cheiro-verde picado por cima e uma salada simples ou pão francês.
- Bom

**TEM
CIÊNCIA
PRETA
AQUI**

**07 E 08
DEZEMBRO
2023
PELOTAS-RS**

**ABERTURA DIA 07/12
ÀS 18H30 NO CLUBE CULTURA FICA AHÍ**

**RODA DE CONVERSA:
“A AFROCENTRICIDADE CONSTRUINDO A
CIÊNCIA E A SOCIEDADE”**



**Profa. Dra. Ireneide
Soares da Silva**
Presidenta da ABPN



**Profa. Dra. Cassiane
de freitas Paixão**
FURG - ERER FURG



**Lic. Filos. Higor
Santos**
UFPel



Dra. Raquel Silveira
Técnica em Assuntos
Eduacionais – UFPEL

| RODA DE CONVERSA

**A AFROCENTRICIDADE CONSTRUINDO A
CIÊNCIA E A SOCIEDADE**

Iraneide Soares da Silva

Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros

Boa noite a todos, a todas e a todes. Primeiro, agradecer o convite da UFPEL em nome do professor Gilson Porciúncula. Agradeço e parabenizo também por esse projeto que pensa a UFPreta.

É um projeto bastante importante, bastante expressivo, sobretudo em tempos em que cada dia mais precisamos reafirmar que a ciência também é preta. A ciência é preta, a ciência precisa ser reconhecida também com contribuições de populações afro-brasileiras e africanas. E, nesse sentido, agradeço também o honroso convite.

Convite que vem em tempo bastante importante, na ordem do dia, do debate, pensar a ciência e pensar a negritude. Quando eu fui convidada para esta roda de conversa, a minha intenção inicial era participar presencialmente, era estar aí com vocês, era dialogar com vocês, era bater um papo mais direto com cada um que está presente neste evento. Por impossibilidades muitas, eu não consegui chegar aí, mas eu fiz questão de estar aí de algum modo, mesmo que seja a partir dessa gravação.

Então, vamos pensar um pouquinho, e como será uma roda de conversa, proposta da mesa, vamos pensar um pouquinho no que a gente está chamando de ciência e o que a gente quer com essa provocação em dizer que a ciência preta, que a ciência precisa ter esse reconhecimento da participação das populações negras. Primeiro, quando a gente pensa que a ciência é um conjunto, é um círculo de conhecimento, de saberes, é todo esse conjunto. Segundo, quando a gente vai pensar em África, em afrodescendentes, e as nossas afrodescendências, nós vamos lembrar também que quebramos há muito aquela ideia de que o continente africano não tinha história, de que a África não tinha história.

Então, eu acho que estamos em outro patamar, em outro tempo da história da humanidade. Depois pensar e lembrar também que a humanidade começa no continente africano. Então, todo o nosso acúmulo também, se a gente for perceber, ele tem, sim, uma participação expressiva, uma participação majoritária do continente africano.

Pensar em ciências duras e em suas origens, nós vamos encontrando, sim, essa participação de africano. Então, esses são pontos para a gente pensar e quebrar, quebrar com essa ideia de que a ciência não tem cor, ela tem cor, sim, no Brasil, infelizmente a ciência é branca, a ciência é produzida e reconhecida a partir das produções brancas. Mas essas apropriações, os ocultamentos e negações de participação de africanos e seus descendentes, ela também está aí na ordem do dia.

É disso que a gente está falando hoje. Estamos falando de uma produção de um acúmulo de conhecimento científico que tem, sim, a participação, a nossa participação, a minha,

dos meus antepassados, e a sua e dos seus também. Então, nesse sentido que a gente vai estar discutindo.

Quando a gente pensa isso também, nós vamos trazendo, pensando como é que se constitui a sociedade brasileira, considerando essa sociedade com a participação de africanos, quando trazido para as Américas e condicionado à escravidão, os povos originários, os povos indígenas que aqui estavam e também foram oprimidos e condicionados à escravidão e o europeu que vem para cá na condição de senhor, que opõe, que violenta, que massacra os povos indígenas e africanos, mas que também está nesse conjunto de sujeitos que constitui a sociedade brasileira. Bom, consequente, quando a gente vai pensar nesse acúmulo de experiências e saberes científicos, nós temos que considerar esses três sujeitos. Não há uma história apartada dessas contribuições.

É importante considerar as contribuições dos povos africanos que aqui estavam e que tinham, sim, seus saberes e todo um conjunto de evidências históricas já trazem isso. Não precisa ir tão longe. É preciso considerar os saberes e conhecimentos trazidos pelos africanos e seus descendentes que aqui foram também se constituindo.

Então, temos também um acúmulo de saber importante e também considerar os saberes dos europeus que também trouxeram, adquiriram, aperfeiçoaram aqui. Então, é disso que a gente está falando. A gente está falando de uma história que precisa ser recomposta.

Uma história que se conta a partir de um lado só, a partir de um único olhar, uma história única. Essa história é a única que a gente está quebrando, colocando que a nossa ciência precisa ser adensada a ela, os saberes africanos e os saberes indígenas. E o peso dos nossos saberes é o que dá o tom de força a isso que a gente vai chamar de conhecimento científico no Brasil.

Então, como uma gravação eu não tenho como gravar a meia hora, senão eu não consigo enviar para vocês, eu vou fazer algumas provocações para a roda, para vocês seguirem aí, pensar essa ciência em negritude e lembrar que estes dias, no último dia 29, foi lançado o volume 5, perdão, o volume 10 da coleção de história geral da África. Que é um material bastante importante para nós, da intelectualidade negra e, de modo geral, para a história do Brasil. E aí, nesse volume, nós fomos para o lançamento desse volume em São Paulo, no dia 29, e o debate que se fez em torno desse lançamento, conjuntamente com a Unesco, algumas organizações de pesquisa, a BPN, eu enquanto a BPN, e que eles chamaram de grupo de especialista.

E o debate feito girou em torno de pensar o quê? A história da humanidade, ela zera quando se afirma que a humanidade inicia em África. Então, aquela divisão de história antiga, medieval, moderna e contemporânea, ela se esvai. Porque é preciso rever uma história a partir exatamente do continente mãe.

Então é disso que a gente está falando. Quando a gente está falando, revendo um pouco essa perspectiva, se pensa a própria história da ciência, é lembrar que essa história precisa ser revista e ser recomposta a partir de sujeitos que, durante séculos, foram excluídos dela. Então, para vocês que estão começando o evento, um evento lindo, a gente está sabendo, eu estou acompanhando, um evento lindo, um evento que tem uma vida longa, porque estamos só começando esse debate, vocês fazem muito bem isso, estão fazendo muito bem isso, nessa provação para nós, aqui do resto do Brasil.

Pensar o seguinte, o que eu digo para os nossos alunos e alunas, os nossos professores e professoras que estão aí, nesse momento, estão aqui conosco, assistindo esse, iniciando esse debate sobre ciência e negritude. Vamos pensar o seguinte, quantos de nós, quantos de nós, quando acessou o sistema de educação, lá da educação básica, primeiras séries, no ensino médico e no ensino superior, quantos professores, quantos cientistas negros nós tivemos? Quantos cientistas negros, quantos professores e professoras negras, vocês tiveram na educação, no ensino fundamental, no ensino médio e no ensino superior? Respondo essas questões para vocês. E daí eu pergunto, como é que a gente pode corroborar

com a afirmação de que a ciência não tem cor? A produção científica no Brasil, reverenciada, divulgada, não tem cor e não tem cara.

Então, é só lembrar que nesse processo de produção, nós ainda não estamos, mas isso não quer dizer que nós não produzimos conhecimento, não produzimos ciência, certo? Então, é nesse debate que a gente vai ter que, vocês vão levar nesses dias aí, e depois eu vou saber de como se deu esse processo, de como se deu essa, como desenrolou esse evento. Eu gostaria de propor ao professor Jorge e ao grupo organizador do evento que a gente poderia estar pensando, poderia estar produzindo um e-book a partir das produções finais desse evento. A BPN pode estar publicando o e-book com vocês, e para que a gente possa, no próximo ano, que esse evento venha com um pouco mais de força e que a gente possa fortalecer.

E se Deus quiser, e os orixás também me permitirem, eu quero estar com vocês nesse processo, tá bom? Então, é isso por hoje, um abraço grande, bom evento para cada um e cada uma. E, professor Jorge, mais uma vez agradeço, parabenizo a você e sua equipe, ao FIPEL pela iniciativa, e que seja um sucesso, né? Que eu penso que já é um sucesso o nosso evento. Bem, até mais.

CIÊNCIA PRETA E A PRODUÇÃO CONTRA A LÓGICA DA DOMINAÇÃO

Cassiane de Freitas Paixão

Dra. em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2010)
Professora da Universidade Federal do Rio Grande- FURG

NOSSOS ESPAÇOS SOCIALMENTE CONQUISTADOS

Os motivos para nos reunirmos num clube negro em Pelotas, no sul do Brasil, e fazermos a discussão de uma ciência preta, já indica a possibilidade de um campo de estratégias de resistências que existe. Está presente, tem voz, corpo e local de expressão.

Esses são territórios de expressão e resistência planejados no início do século XX por nossos ancestrais. A manutenção de espaços de festa, cultura e política foram e ainda são organizações essenciais na sociabilidade do nosso preto.

No entanto, tratar de um campo de reflexões sobre conhecimento é também problematizar estratégias de sobrevivência para a emancipação, a partir do confronto com os dispositivos de racialidade, que, por sua vez, se aprofundam em hierarquias e questionam a qualificação de mulheres negras nos espaços da ciência.

Com o objetivo que trazer reflexões sobre a construção de uma ciência preta, propõe-se, em um pequeno texto, trazer alguns apontamentos. Afinal, será que não nos reunimos nesses espaços construídos pelas nossas famílias para mergulhar num campo de reflexão e para pensar políticas de fortalecimento? Se a resposta for positiva, sobre qual égide estamos articulando a ciência nos espaços permeados de dispositivos da racialidade?

CIÊNCIA PRETA E EMANCIPAÇÃO: DISCUSSÃO SOBRE O SUJEITO SEU CONHECIMENTO E O RECONHECIMENTO

Não estou propondo a utilização de um conceito de conhecimento, mas partindo daquilo que conhecemos, e que fomos tendo acesso ao longo de nossas diferentes jornadas. Os relatos de nossos antepassados, as conversas na volta da avó com a chaleira de água quente cevando um mate, o encontro com os álbuns de fotografias, tratados como relíquias das famílias, as rodas de aniversário em torno de um grande bolo com merengue colorido. O que conhecemos sobre nossas histórias? Quais histórias da vida de nossas famílias tivemos acesso?

Exponho aqui tais perguntas por entender que a reflexão de uma pesquisadora também é um mergulho ao seu mundo. O processo do conhecimento não fica atrelado unicamente no acesso aos livros, mas também nos questionamentos que ele faz a sua volta: "o sábio não é o cientista fechado no seu gabinete ou laboratório." (GOMES, 2017, p 58).

Nilma Lino Gomes (2017) faz uma interessante interpretação para pensar sobre as questões relacionadas à educação e emancipação. A qual me fizeram questionar sobre o modelo de educação a qual estamos tratando, ou obtendo como base, para nossas funda-

mentações sobre conhecimento.

Estaríamos buscando uma dicotomia entre saber e conhecimento? E será que não estaria na hora de ultrapassa-la? Essa relação estaria sobretudo na relação entre ciência moderna e outras formas de conhecer e pensar, e que estão para além do Ocidente. Uma vez que existem projetos emancipatórios que são capazes de produzir subjetividades rebeldes e inconformistas que questionam a subjetividade conformista, que são o aporte da educação básica. (GOMES, 2017, p. 62).

No livro intitulado "O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação" (2017), a referida autora nos indica o quanto as experiências vivenciadas junto aos movimentos, como o movimento negro, produz saberes que podem até mesmo ser desconsiderados do conhecimento científico, mas que em nenhuma hipótese podem ser considerados menores, "menos saberes ou saberes residuais". (p 67).

Olhar para nossas experiências individuais, mas vivenciadas no coletivo, sendo a raça como uma dimensão estruturante da sociedade, produz saberes que nos emancipam e que nos auxiliam a olhar para uma dimensão que dialoga com a possibilidade de um passado e também de um futuro, tantas vezes rechaçado pelas práticas de epistemocídio, mas que indica um olhar sobre o presente.

A partir dessa compreensão estabelecemos uma proposta, pensar numa ciência preta que reconhece os saberes e não o coloca nos degraus da hierarquia, lembrando de um olhar sobre as vivências coletivas, assim como pautar também um diálogo com o nosso passado, com os espaços socialmente conquistados e com a perspectiva de futuro.

MULHERES NEGRAS E O FORTALECIMENTO DE POLÍTICAS DE AUTONOMIA

Caminhar para discussão de uma ciência preta também me faz questionar sobre o quanto o modelo ocidental de conhecimento articula-se com a prática de questionamentos acerca de saberes que dialogam com a sociedade latino americana, com mulheres negras, com comunidades tradicionais. Há sempre um questionamento sobre o que é o conhecimento, assim como quem são essas pessoas e que conhecimento esses grupos tem. Mais ainda quando estão em espaços de disputa.

A validação do conhecimento apresenta-se pelo reconhecimento do outro. E será que também qual o questionamento sobre esse outro? Quem é esse outro?

Quando questionada sobre qual ciência eu estaria construindo na universidade pública, observei aonde eu estava, quem eram meus parceiros e parceiras de estudo. E nesse lugar não estavam só a ciência sociológica Ocidental, nem as chefias e burocracias dessa instituição, ou colegas de profissão que entendiam meus penteadeos como exóticos, também foi necessário olhar para os estudantes, que nos longos anos participando do NEABI FURG circularam pela sala de permanência, entre livros de engenharia, psicologia, história, pedagogia, ciências jurídicas questionavam conjuntamente os dispositivos de racialidade da universidade. Esse era o lugar de construção de uma ciência de saberes empregados a partir de vivências racializadas que indicavam, quando em coletividade, possibilidade de liberdade e emancipação apontadas por Gomes (2017).

Em texto sobre mulheres negras, Sueli Carneiro (2019) aponta para questões contemporâneas sobre quando grupos historicamente discriminados tem acesso a locais de poder há sempre uma discussão primordial, inclusive para a imprensa: Como esses grupos chegaram à essa posição?

Na sua narrativa sobre a atuação da ex governadora Benedita da Silva, Carneiro destaca as manchetes do momento e que celebraram, mas também demonstram o desconforto e inadequação, por exemplo, quando ela nomeou sete negros no primeiro escalão, e sendo alvoroço nas manchetes, desconsiderando que esse era "um número" num total de 36 secretários. Mesmo num mundo de princípios democráticos e com respeito à diversidade, há um "estranhamento no mundo inteligível no qual nos habituamos".

Numa estrutura pautada por questões democráticas e de acesso plural, a presença da comunidade negra ainda causa estranhamentos no imaginário social, principalmente nas instâncias de poder. Como ficariam essas questões quando tratamos ainda de criação e manutenção de concepções sobre emancipação de conhecimento, sobre reconhecimento de saberes das comunidades.

A autora traz alguns casos, vivenciados em décadas atrás e que destacam como: parece insólita, no imaginário social, a presença de mulheres negras em instâncias de poder, em uma sociedade, e para destacar como as representações consolidadas acerca das mulheres negras determinam tanta sua ínfima presença, nas instâncias de poder como as dificuldades adicionais que as espreitam quando ousam romper portas e adentrar lugares para as quais não foram destinadas . (CARNEIRO, 2019, p 281)

Uma das abordagens interessantes é aquela que Carneiro (2019) chama de “asfixia social”, e que coloca em pauta o apagamento da possibilidade de emancipação do conhecimento e da perspectiva de libertação, não só de saberes, mas de uma relação de atuação nos espaços sociais. Ao tratar do combate ao racismo a reação conservadora, os estigmas, os estereótipos também são estratégias de um imaginário social para desvalorização de mulheres negras.

Enquanto pessoa negra nos espaços que atua, você já se sentiu sufocado? Quantas vezes você foi questionado se realmente estava fazendo uma “pesquisa relevante”?

Trazer esses questionamentos também é nos interrogar sobre a nossa emancipação enquanto cientistas negras, afinal estamos lidando com o confrontamento junto à hegemonia da branca. Fica então minha colocação, baseada nesses diálogos e leituras, de que as possibilidades para pensar uma ciência preta, também esteja alicerçada nas possibilidades do fortalecimento político da autonomia de mulheres negras nos espaços de decisão.

DISPOSITIVOS RACIAIS E RESISTÊNCIA

Sueli Carneiro (2023) ao tratar dos dispositivos da racialidade, dirigiu-se ao epistemicídio como um dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica e racial. Argumentando ainda que ele fere de “morte a racialidade do subjugado e o sequestro da capacidade de aprender”.

Ter a possibilidade de refletir sobre os dispositivos que nos ferem enquanto sujeitos, enquanto mulheres que discutem e propõe estratégias, entendo também que é uma das possibilidades de resistência. Uma vez que compreender o que nos prende é também uma forma única de forjar nossas próprias armas.

As críticas aos processos de exclusão iniciam-se com a compreensão de que eles existem, sendo assim, ler Carneiro(2023) e entender que “os dispositivos de poder produzem suas próprias resistências”, é compartilhar da idéia de que ao os caminhos que trilhamos até agora, sobre a produção de saberes, sobre a criação de campos de estratégias, criação de espaços de sociabilidade, bem como o questionamento sobre qual ciência estamos construindo, é entender que a resistência existe!

ENCAMINHAMENTOS

Desse modo, finalizo esses apontamentos sobre o pensar de uma ciência preta, propondo percepções e discussões sobre nossas formas de resistir. Uma vez que a resistência não pode ser pensada somente na reprodução de modelos formas de perpetuação do conhecimento. Ela ocorre em diferentes nos espaços do nosso cotidiano, de escuta, nas abordagens de expressão, nos mais diversos ambientes onde o que é o preto assume a sua dimensão simbólica e política de raça. Para nós, comunidade negra no Brasil, o viver preto é um processo de transgressão à proposta de dominação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. São Paulo: Pôlen Livros, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- GOMES, Nilma Lino . O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- PAIXÃO, Cassiane (orga.). Nossos pretos velhos [recurso eletrônico] : famílias negras do extremo sul do Rio Grande do Sul- Rio Grande: Ed. da FURG, 2020. – (Coleção direito e justiça social ; v. 10)

INFÂNCIAS AFRO-BRASILEIRAS E A DESTITUIÇÃO DE SUA HUMANIDADE

Higor Luan Santos Camargo

Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas, especialista em educação, pesquisador do Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios, Núcleo Geru Maã pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrando em educação pela Universidade Federal de Pelotas pelo PPGEDU UFPEL

Dentre as poucas produções escritas sobre as agências das infâncias afro-brasileiras, como podemos repensar o agenciamento dessas infâncias no contexto de uma sociedade que é fruto da desumanização dos corpos inferiormente racializados (africanos, ameríndios e seus descendentes), após todos os destroços do apogeu do colonialismo no Brasil, entre os séculos XV a XIX? Partindo deste questionamento, busco refletir sobre o conceito de humanidade, ao contrário desta humanidade vigente - universal, etnocentrado e centrado na racionalidade, percebo o conceito de humanidade, alicerçada na dignidade sobre a vida e no poder de discursar sobre si a partir de uma localidade afroreferenciada. Afinal, o colonialismo definiu o lugar que cada sujeito deve ocupar na sociedade, como categorizou os antigos filósofos clássicos, em especial, Platão e Aristóteles e no decorrer histórico, os iluministas e os modernos-coloniais.

Na obra intitulada "O lugar do negro" de Lélia Gonzalez (1982) a autora problematiza a teoria natural de Aristóteles e seu impacto sobre a diáspora africana. No entanto, a teoria natural de Aristóteles classifica os sujeitos conforme a sua natureza oriunda de sua função na sociedade (camponês, escravo ou burguês). Desse modo, sua função irá definir a sua classificação social e, futuramente, racial dentre as reformulações temporais e históricas. Assim como na antiguidade, no século XV, os colonizadores definiram que as crianças negras-africanas deveriam fazer parte do trabalho escravizado no campo (algodão, tabaco, gado, café) junto com seus pais escravizados. De modo que, este fenômeno deu palco ao trabalho infantil escravizado, à destituição da infância afro-brasileira e à desumanização de seus corpos e saberes.

As infâncias africanas foram brutalmente violadas pelo colonialismo desde o século XVI, sendo forçadas a se deslocalizar, não somente geográfica, mas subjetiva e ontologicamente. Após a abolição no século XIX, as infâncias africanas foram abandonadas pelo Estado e seguem sendo violentadas pela cultura que se omite em perceber as emergências dessas infâncias. O discurso de poder político do colonialismo é fundamentado no conceito de selvagem, o que mais tarde, no século XIX, se solidifica numa ideologia basilar para tornar o africano e seus descendentes primitivos e irracionais através da Ciência, da Filosofia e da Sociologia. No entanto, o colonialismo é portador de racismo (Césair, 1978) e se sustenta pela violência, pelo genocídio e pela morte de subjetividades e corpos infantis afro-brasileiros. Mas afinal, quais são os traços culturais brasileiros? Será somente de genocídio? Não há quem resista ou compreenda esse ambiente a partir de outras percepções que não somente de exploração e violência?

No discurso proferido no Senado Federal em 7 de abril de 1997, Abdias do Nascimento fala sobre a realidade cultural que constitui a diáspora afro-brasileira, desde o período escravocrata até o cenário catastrófico, fruto da colonização. Um dos traços distintivos da sociedade brasileira é o seu caráter multicultural, plurirracial e pluriétnico (Nascimento, 1997). Portanto, o seu discurso enquanto senador foi em defesa do multiculturalismo e da plurietnicidade como essenciais à construção de um Brasil justo e democrático. Saliento que percebo o referido discurso como um caminho de reconstrução subjetiva, filosófica e educacional frente à realidade das infâncias afro-brasileiras. Segundo Abdias do Nascimento, o Brasil é:

Formado por contingentes humanos das mais diversas origens, que para cá trouxeram diferentes hábitos e costumes, diferentes formas de ver o mundo, diferentes contribuições nas áreas do saber e tecnologia, o Brasil goza, por isso, de uma imensa riqueza de possibilidades culturais que lhe proporcionam uma extraordinária flexibilidade do ponto de vista de sua inserção num mundo em que as fronteiras se tornam cada vez mais difusas em razão das novas tecnologias de comunicação e do papel exercido pelas empresas multinacionais, responsáveis maiores pela chamada globalização (Nascimento, 1997, p. 110).

Abdias do Nascimento, nos convida a refletir sobre dois pontos importantes, no que se refere ao saber e à cultura. As diversas percepções de mundo devido à plurietnicidade que se resultou da colonização possibilita-nos refletirmos, qual a maneira que as infâncias afro-brasileiras percebem o ambiente ao seu redor, no sentido macro e micro-geográfico? Como os diversos saberes podem nos auxiliar na reconstrução subjetiva, filosófica e cultural com relação às infâncias afro-brasileiras? Os supramencionados questionamentos estão situados em um contexto no qual as infâncias afro-brasileiras são abandonadas pelo Estado e pela sociedade.

Em outro discurso proferido no Senado Federal em 9 de abril de 1997, o filósofo e político citado, apresenta alguns dados da realidade das crianças e dos adolescentes afro-brasileiros desde o período escravocrata e sua herança cultural, dessa maneira, abrangendo um enfoque a partir de uma dimensão racial, afirmando que:

O Brasil passa por esta década de 1990 vivendo a conturbação do que se convencionou chamar de abandono de crianças. Esse fenômeno, de difícil paridade com outros países, independentemente de refletir a ineficácia das políticas sociais brasileiras dos anos 80, nos remete ao século XIX, com a conhecida Lei do Vento Livre, a qual estabelecia que as crianças nascidas de mãe escrava não seriam mais cativas, mas não libertava as mães. Criava-se assim o paradoxo da servidão voluntária, já que as crianças permaneciam sob a guarda das mães até a maioridade. Isso teve como consequência prática o Estado iniciando o abandono dos menores afro-brasileiros. É importante apontar que não faz parte da tradição e da cultura africanas o abandono de crianças (Nascimento, 1997, p. 116).

No fragmento acima foi exposto diversos elementos importantes para compreender a complexidade das infâncias afro-brasileiras, no que se refere às suas agências, não somente ao abandono do Estado brasileiro, mas também, ao que a filósofa nigeriana Tanella Boni chama de dignidade humana, neste caso, a falta de dignidade, a qual a filósofa menciona, inclui o direito à política, passando pela Filosofia, a Economia, a Medicina e pelas novas tecnologias de informação e de comunicação (Boni, 2006). Entretanto, a racialidade é o alicerce da configuração do Brasil desde a sua gênese colonial. De modo, que é um país que insiste num discurso de democracia racial e humanística numa dinâmica que se constitui no dispositivo da racialidade (Carneiro, 2005). Entretanto, as perspectivas da dignidade humana são tão diversas quanto as culturas, os saberes, as crenças e as infâncias. Nesse sentido, as noções de infâncias vigentes são criadas como um dispositivo de dominação, naturalização e castração. Abdias do Nascimento (1997), denuncia a omissão do Estado em face dos problemas enfrentados por crianças e adolescentes, em particular os afro-brasileiros.

A teoria natural de Aristóteles, mencionada anteriormente, se apresenta na diáspora brasileira como um dispositivo de legitimidade das violências raciais, que inclinam o negro a este lugar naturalizado de submissão, exploração e desumanização, que se desenha pelo mito, pela Filosofia, pela Psicologia e pela Ciência. Portanto, pensar sobre qual o lugar das infâncias afro-diaspóricas numa sociedade que é fruto da inferiorização racial, implica refletir sobre o lugar natural que é perpassado por um viés de destituição ontológica, ou seja, a descaracterização da humanidade. Inclusive, categorizar e decidir quem é capaz de produzir ciência, quem é humano e quem deve ser humanizado são o conjunto desta destituição. Este traço de categorizar sujeitos foi o suficiente para que a Ciência - mais à frente - fundamentasse um conceito de humanismo a partir da aniquilação do outro. Portanto, pensar o conceito de humanidade a partir da dignidade humana é um caminho para apontar os destroços do colonialismo como causa deste movimento contínuo de reformulação, reorganização e a falta de dignidade sobre a vida. Concordamos com a filósofa nigeriana Tonella Boni quando afirma que:

[...] em todos os domínios da vida, é a falta de dignidade humana que coloca um problema. Do direito à política, passando pela filosofia, a economia, a medicina e pelas novas tecnologias de informação e de comunicação, as perspectivas da dignidade humana são tão diversas quanto as culturas, os saberes e as crenças que alimentam os debates (Boni, 2006, p. 01).

A pensadora Tonella Boni nos indica que a falta de dignidade humana sobre os corpos inferiormente racializados se coloca como o centro de discussão sobre o conceito de humanidade. Das implicações do direito à política, passando pela produção filosófica, a economia, o direito ao acesso à medicina e pelas novas tecnologias de informação e de comunicação que reforçam a distorção imagética do sujeito afro-diaspórico e suas infâncias. As perspectivas de humanidade neste ponto que partimos se fundamentam na pluriversalidade. A pluriversalidade é o caráter fundamental do Ser (Ramoze, 2011). Tendo em vista, que existem diversas perspectivas sobre o que é ser humano, como se sentir humano e o que configura cada humanidade.

Destaca-se que a Ciência Ocidental tem um modo universalizante de produzir conhecimento, sendo que este paradigma universal é uma tecnologia que destitui outros conhecimentos (africanos, afro-diaspóricos e ameríndios). Sobretudo, a noção de infância, que é justamente compreendida como um outro do adulto, assim como o negro foi estabelecido como outro do branco (Nogueira, 2019). A Ciência Ocidental é uma epistemologia universal que fortificou o etnocentrismo desde o século XV até o início do século XX, além do mais, serviu como ferramenta de genocídio. Entretanto, é uma abordagem epistemológica que está para a manutenção de um sujeito universal e centrado em si, alicerçando-se no etnocentrismo (europeu) e na supremacia "racial" (racismo). Portanto, constituem-se como pilares do discurso da colonização, formulando equações desonesta sobre o negro-africano e o ameríndio, que influencia nas infâncias afro-brasileiras, tais exemplos como cristianismo = civilização ou paganismo = selvageria (Césair, 1978). São, a partir destas equações, que a Ciência ainda se alicerça, sobretudo em relação à dignidade humana. No Brasil, as equações não se encerram por aí: africano = coisificação; negro = mão de obra; negro = objeto de estudo; ameríndio = fetichismo; ameríndio = canibalismo; infância afro-brasileira = casttração e domestificação. O que essas equações expressam sobre as infâncias afro-diaspóricas em um contexto fruto da colonização?

As equações são diversas e não se esgotam a um passado colonial, de tal modo que fazem a manutenção de estereótipos e de formulações na contemporaneidade, reverberando na construção de pesquisas, culturas e de modelos educacionais. Estas equações afetam profundamente as infâncias afro-diáspóricas e seu desenvolvimento psíquico, econômico e educacional. Em 1983, Neusa Santos, publica a segunda edição da obra "Tornar-se negro" com uma relevante abertura: "Uma das formas de possuir autonomia é possuir

um discurso sobre si mesmo." (Santos, 1983) Mas, como as infâncias afro-brasileiras irão discursar sobre si, se experimentam uma cultura na qual a criança deixa de ser possuidora de humanidade? Sem voz, sem perspectiva e resistindo as violências da colonialidade. Além do discurso sobre si, é de suma importância a dignidade sobre a vida das infâncias afro-brasileiras, na qual a falta de dignidade adoce a população afro-brasileira desde a sua infância.

Dentre diversos elementos, o mito sobre o negro é o discurso que narra o que o negro é numa sociedade racista. Quais são os mitos que narram sobre a infância afro-diaspórica? As figuras representativas deste mito são o negro sendo irracional, feio, ruim, sujo, sensível, superpotente, exótico e criminoso e quais são as figuras representativas que violam as infâncias afro-brasileiras? Cada figura é portadora de uma mensagem ideológica fundamentada no discurso sobre o negro. Nesse debate, os discursos sobre as crianças afro-brasileiras evidenciam o papel de poder sobre "o outro". Existe uma tentativa compulsória em zoomorfizar o sujeito negro. Neste ponto, a animalização é uma tecnologia de destituir a humanidade do sujeito africano e ameríndio como maneira de domesticação, civilização e genocídio. Segundo Renato Nogueira (2014), a zoomorfização foi responsável pela desclassificação da produção intelectual africana, o que podemos notar pela nomenclatura etnocêntrica. Este fato mobiliza a reflexão sobre quem é sujeito de dignidade humana e quais são as infâncias que possuem dignidade sobre a vida.

Quando nos referimos aos dispositivos da racialidade (racismo, epistemicídio, genocídio), destaca-se que a dizimação de corpos inferiormente racializados é o seu maior objetivo, neste caso, estes dispositivos foram legitimados e justificados por uma Ciência etnocêntrica, tendo seu apogeu na modernidade. Enquanto a perspectiva eurocêntrica está elaborando uma humanidade centrada em si a partir da dicotomia entre sujeito e natureza, supervalorização da racionalidade e da universalização dos sujeitos, formando uma equação universal = humano, existem outras perspectivas sobre a vida, que transcendem ao humano e não elaboram exatamente equações de degradação de outros sujeitos, outras terras e outras maneiras de viver. Tomamos como exemplo Ubuntu, o qual se constitui como um paradigma humanitário, pois é a raiz da Filosofia africana (Ramoze, 1999). Neste sentido, importante considerar as novas equações acerca do etnocentrismo europeu: universal = destituição, destituição = desumanização, colonização = racialização. A partir desta perspectiva, enfatiza-se a análise de Boni:

Refletindo, nesse início do século 21, pode-se surpreender-se que os filósofos ocidentais, prontos a defender a autonomia do pensamento e do sujeito, como faz Kant, tenham esquecido em parte de considerar a humanidade como uma e indivisível, a humanidade de um ponto de vista concreto, essa de cada humano e não somente de alguns; essa de todos os humanos que, tomados individualmente, representam a humanidade inteira (Boni, 2006, p. 11).

Destacam-se alguns discursos racializados na filosofia moderna, que fundamentaram a Ciência e o mito sobre o negro. Ambos os discursos são ditos filosóficos, o que reafirma a dúvida de cunho filosófico sobre tais inscrições. O filósofo Tocqueville, diz o seguinte: O seu rosto [negro] parece-nos horrível, a sua inteligência parece-nos limitada, os seus gostos são vis, pouco nos falta para que o tomemos por um ser intermediário entre o animal e o homem (Tocqueville, 1977). O discurso do filósofo Voltaire segue no mesmo objetivo: Os percebemos com os mesmos olhos que vemos os negros, como uma espécie de homem inferior (Voltaire, 1963). Portanto, a inferioridade em comparação ao sujeito etnocêntrico (europeu) e universal é resultado de uma tentativa de dominação e destituição o que aponta para a falta de dignidade sobre a vida.

Ambos os discursos demonstram a racialização e a zoomorfização. Não somente o racismo na filosofia moderna, mas no que consiste a ciência e a sua interpretação sobre "o

outro." Assim, passamos a refletir sobre o que representa o negro-africano e a infância para a ciência, bem como sobre o que simboliza a infância para o pensamento euro-ocidental. Para tanto, o sujeito negro representa o primitivo, o selvagem e o indomável. Sendo o negro desprovido de moralidade, mas afinal, qual seria esta moral? Observamos, que as equações sobre o negro-africano não é uma ideia inofensiva ou desconhecimento do "outro." Mas, uma tecnologia de poder, de genocídio e dizimação de culturas, filosofias e humanidades. O discurso contém o poder político, ideológico e científico. A África seria a infância da humanidade (Nogueira, 2019). De modo que, deve ser desenvolvida, conquistada e explorada pelo adulto (europeu). Os povos negros representariam essa infância de toda a humanidade, e o sujeito branco, o adulto-salvador. É essa visão de mundo que passou a organizar as relações geopolíticas entre os povos (Nogueira, 2019). Assim, sob a égide do biopoder no pólo subordinado da racialidade, as desvantagens se manifestam desde a infância, em que se acumulam predisposições genéticas com condições desfavoráveis de vida para inscrever a negritude sob o signo da morte (Carneiro, 2005).

Ao longo das últimas décadas (1980), o aparecimento do conceito de Afrocentricidade como um paradigma profundamente emergente tem mudado as perspectivas sobre as Ciências Sociais, a natureza das investigações científicas, das humanidades e o caráter das narrativas históricas (Asante, 2016), inclusive as concepções sobre as infâncias. A afrocentricidade é uma abordagem científica inovadora. Entretanto, embora o termo tenha sido cunhado em 1980, esta abordagem de localização antecede o seu nascimento conceitual. Nesse sentido, essa abordagem possibilita a reelaboração das infâncias, reformula a maneira de se relacionar com a natureza, com outras culturas e consigo, também possibilita uma reorganização política, econômica, filosófica e social a partir das infâncias.

A afrocentricidade e o Quilombismo confluem-se na sua prática, nos seus dispositivos de localização em África e sua diáspora, e a agência da população africana e afro-diaspórica. Por isso, no interior dos quilombos, dos terreiros e das organizações afroreferenciadas se encontram estas abordagens, que possibilitam, aos sujeitos, sentirem-se pertencentes a um lugar, estando integrados ao ambiente, sendo dignos de vida, e não de sobrevivência e de reformulações, por conta dos destroços coloniais. No entanto, o Quilombismo de Abdias do Nascimento é um conceito emergente para reinventar a infância e a educação libertadora. Assim, para que o processo de liberação dessa massa se positive é necessário reeducá-la e criar as condições sociais e econômicas para que essa reeducação se efetive (Nascimento, 1950). Ambas as perspectivas percebem os africanos e seus descendentes como possuidores de suas próprias agendas, atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com os seus próprios interesses humanos.

A agenda ou agência do sujeito africano e seus descendentes é a capacidade de dispor de seus próprios recursos (históricos, psicológicos e filosóficos) para o desenvolvimento da dignidade humana. A Afrocentricidade é uma crítica à dominação cultural e econômica e um ato de presença psicológica e social diante da hegemonia eurocêntrica (Asante, 2016). Esta abordagem se configura nos Estados Unidos com Asante (1980), ao mesmo tempo no Brasil existe o trabalho de Abdias do Nascimento (Quilombismo), que tenciona a Ciência, a Filosofia e a cultura hegemônica neste território. Entretanto, proporciona ao afro-brasileiro a possibilidade de reunir os pedaços e reestabelecer conexões vitais (Nascimento, 2006). Ou seja, reinterpretar a sua infância, reelaborar a educação e possuir dignidade humana sobre a vida.

- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora.**
- Selo Negro, Sankofa: Matrizes africanas da cultura brasileira, São Paulo, 2009.
- CÉSAIR, Aimé. O discurso sobre o colonialismo. 1ª edição, Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- SANTOS. Neusa. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro, 2ª edição, Editora Graal, 1983.
- NOGUEIRA, Renato. Colocando conceitos em jogo. Portal Gelédes, 2014. Acesso: [Colocando conceitos em jogo \(geledes.org.br\)](http://geledes.org.br).
- NOGUEIRA, Renato. Infâncias diante do racismo: Teses para um bom combate. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 2, 2019.
- BONI, Tanella. La dignité de lapersonnehumaine: De l'intégritéducors e de laluttepourlareconnaissance. Diogène, n. 215, vol. 3, p. 65-76. Tradução para uso didático por Jéssica Alves Costa Rocha, 2006.
- ASANTE, M. K. Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. Ensaios Filosóficos, Volume XIV- Dezembro/2016.
- TOCQUEVILLE, A. A democracia na América. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/São Paulo: EdUSP, 1977.
- VOLTAIRE. Ensaio sobre as maneiras e o espírito das nações. "Essaisurlesmoeurs et l'espritdesnations". Paris: Garnier, 1963.
- GONZALEZ; HASENBALG, Lélia, Carlos. Lugar de negro .Rio de Janeiro. Editora Marco Zero, 1982.
- NASCIMENTO, Abdias do. Os orixás do Abdias: Pinturas e poesias de Abdias do Nascimento. Organizado por Elisa Larkin Nascimento, Brasília, IPEAFRO e Fundação Cultural Palmares, 2006.
- NASCIMENTO; RAMOS; RIBEIRO; FISCHLOWITZ, Abdias do, Guerreiro, Joaquim, Estanislau. Relações de raça no Brasil. Biblioteca do Instituto Nacional do Negro, Edições Quilombo, Rio de Janeiro, 1950.
- NASCIMENTO, Abdias do. THOT: Escriba dos deuses. Pensamentos dos povos africanos e afro-descendentes. Brasília, n. 1, p. 1 - 285, jan./abr. 1997.
- RAMOSE, M. B. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana - OnthelegitimacyandstudyofAfricanPhilosophy. Ensaios Filosóficos, Volume IV - outubro/2011.
- RAMOSE, Mogobe B. A Filosofia do Ubuntu e Ubuntu como uma Filosofia - AfricanPhilosophyThroughUbuntu. Harare: Mond Books, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos, 1999.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

REFERÊNCIAS:

| EXPOSIÇÃO

A PAIXÃO DE CONTAR: AS SAIAS DA MESTRA GRIÔ SIRLEY AMARO – TEM CIÊNCIA PRETA AQUI

Felipe da Silva Martins

Universidade Federal de Pelotas
felipedasmartins@gmail.com

Gabriela Marques de Lara

Universidade Federal de Pelotas
gabriela.marques.de.lara@gmail.com

Alyson Quevedo Novo Texeira

Universidade Federal de Pelotas
alyson.universitario@gmail.com

Denise Marcos Bussoletti

Universidade Federal de Pelotas
denisibussoletti@gmail.com

Gio Levorci Santana

Universidade Federal de Pelotas
giolevorisantana@gmail.com

Resumo: Considerando a urgência de evidenciar a produção científica negra e as lutas de resistência que nos trouxeram até aqui, objetiva-se com esta reflexão apresentar o processo de construção da exposição “A paixão de contar: As saias da Mestra Griô Sirley Amaro – Tem ciência preta aqui”. Para tanto compreende-se a exposição artística como processo metodológico. E observa-se que ações como estas são espaços singulares e qualificadores para pensarmos outras formas e possibilidades de construção de conhecimento, o que nos permite concluir que o trabalho de salvaguarda do patrimônio material e imaterial do povo negro é também uma forma de resistência e enfrentamento na construção de práticas antirracistas.

Palavras-chave: Griô, Memória, Cultura, Educação, Acervo.

APRESENTAÇÃO

Ao pensarmos a existência da ciência preta produzida na Universidade Federal de Pelotas o nome da Mestra Griô Sirley Amaro é rapidamente lembrado, pois promover a memória e os saberes das comunidades negras é também um ato de resistência e de construção epistemológica (GOMES, 2017). A exposição: “A paixão de contar: As saias da Mestra Griô Sirley Amaro – Tem ciência preta aqui” trouxe ao evento “Tem Ciência Preta¹” materialidades do acervo da Mestra Griô que denotam sua participação no contexto da produção e difusão da ciência preta ao longo de sua trajetória.

Sirley Amaro, Dona Sirley, Mestra Griô Sirley Amaro, Doutora Honoris Causa Sirley Ama-

ro, são as muitas formas que era conhecida Sirley da Silva Amaro (1936-2020), “uma mulher negra, costureira de profissão, representante e defensora da memória e da história do povo negro na cidade de Pelotas² e reconhecida por esta função local, regional e nacionalmente” (MARTINS, 2022, p. 13). Dona Sirley sempre desenvolveu diversos trabalhos junto à Universidade Federal de Pelotas, muitos destes vinculados ao PET Fronteiras: Saberes e Práticas Populares, destacamos o momento da origem do título desta exposição.

No ano de 2013, junto da Mestra, fomos inundados por uma leitura,

Marcela esteve nas neves do Norte. Em Oslo, uma noite, conheceu uma mulher que canta e conto. Entre canção e canção, essa mulher conta boas histórias, e as conta espiando papeizinhos, como quem lê a sorte de sossaios.

Essa mulher de Oslo veste uma saia imensa, toda cheia de bolsinhos. Dos bolsinhos vai tirando papeizinhos, um por um, e em cada papelzinho há uma boa história para ser contada, uma história de fundação e fundamento, e em cada história há gente que quer tornar a viver por arte de bruxaria. E assim ela vai ressuscitando os esquecidos e os mortos; e das profundezas desta saia vão brotando as andanças e os amores do bicho humano, que vai vivendo, que dizendo vai (GALEANO, 1991, p. 17).

Ao final da leitura, a Mestra nos interrompe e afirma que o escritor Eduardo Galeano estava descrevendo-a em suas ações. O riso tomou conta daquele momento, mas foi esta oportunidade que levou a criação do projeto Confraria do Fuxico, uma parceria entre o PET Fronteiras e a Mestra. Neste projeto o grupo oferecia uma oficina de contação de histórias aonde a Mestra chegava com uma saia branca e durante a oficina ensinava os participantes a fazer fuxicos enquanto contavam histórias uns para os outros, ao final das oficinas os fuxicos eram costurados na saia da Mestra, se assemelhando com a mulher de Oslo que tinha uma saia imensa cheia de bolsinhos.

Esta saia ficou marcada na trajetória da Mestra, muitas pessoas associam as práticas da Mestra à esta saia de fuxicos. Atualmente o PET Fronteiras: Saberes e Práticas Populares e o grupo de pesquisa Orin Ékó: Memória, Musicalidade e Oralidade, a partir da pesquisa: ‘Acervo Mestra Griô Sirley Amaro³’, toma como objetivo preservar o acervo da Mestra e propor exposições que evidenciem as práticas sociais da cultura popular como formas de patrimônio imaterial, buscando salvaguardar a memória cultural negra pelotense. Além de contribuir com a criação de espaços de fruição crítica e estética diante da produção artística da Mestra, a partir do acesso a materialidades que narram saberes afrocentrados, neste caso específico reafirmando a existência da ciência preta enquanto potência epistêmica e política.

INTRODUÇÃO

A exposição “A paixão de contar: As saias da Mestra Griô Sirley Amaro – Tem ciência preta aqui” emerge da necessidade de reconhecer a centralidade da cultura negra na formação histórica e social da cidade de Pelotas. O apagamento das contribuições negras é um projeto histórico que precisa ser enfrentado com ações afirmativas no campo da cultura e da educação (MUNANGA, 2019).

Ao disponibilizar parte do acervo da Mestra Sirley Amaro, doutora Honoris Causa pela UFPel⁴, proporcionamos um espaço para evidenciar a riqueza dos saberes afrocentrados destacando práticas culturais como expressões legítimas de ciência, reivindicando a existência e resistência da ciência preta. Tal proposta pode ser tomada como uma das estratégias de afirmação da centralidade do saber negro na formação cultural e acadêmica

²Muitos trabalhos acadêmicos versam sobre a vida e ações da Mestra Griô Sirley Amaro, dentre eles destaco alguns: (MARTINS, 2014, 2018, 2022; MUSEU DA PESSOA, 2008; PINHEIRO, 2013)

³Detalhes em: acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mestrariosirleyamaro/

⁴A Mestra Griô Sirley Amaro foi a terceira mulher na história da UFPel e a primeira mulher negra a receber a mais alta honraria da Universidade. O título foi concedido postumamente em 25 de novembro de 2022. Detalhes em: olitoraneo.com.br/noticia/12661/rio-grande/regiao-sul/mestra-griô-sirley-amaro-recebe-de-forma-postuma-o-título-de-doutora-honoris-causa-da-ufpel.html

da cidade de Pelotas, reconhecemos que “falar é existir absolutamente para o outro [...] sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33), pois reconhecer o lugar de fala das populações negras é também reconhecer seus modos próprios de construir, transmitir e validar o conhecimento (RIBEIRO, 2017).

Escolhemos como materialidade do acervo os crachás de identificação da Mestra em suas participações em eventos acadêmicos. Uma demonstração que a presença negra nos espaços acadêmicos tem uma trajetória de luta. Reconhecemos que em um tempo histórico nem tão distante não havia muitos negros nos espaços de discussão e construção de conhecimento, mas é importante destacar a trajetória de luta e resistência dos corpos negros que abriam estes espaços para nós, como a Mestra Griô Sirley Amaro.

METODOLOGIA

Compreendemos metodologicamente o espaço da exposição com uma possibilidade de encontro, de pertencimento, de construção de saberes, “quando pousamos nosso olhar sobre as imagens [...], modifica singularmente as condições do nosso saber, tanto sua prática quanto seus limites teóricos”(DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 208). Diante da temática do evento buscamos um olhar atento e o respeito às narrativas da Mestra e de sua comunidade, reconhecendo que “o que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 29). O processo envolveu a seleção de materialidades do acervo pessoal de Sirley Amaro — tais como crachás de identificação de eventos acadêmicos, banners de apresentações científicas e culturais, bem como elementos da Marcha da Consciência Negra de Pelotas que leva o nome da Mestra em sua homenagem. As peças foram selecionadas considerando seu valor simbólico e sua capacidade de revelar a participação da Mestra em eventos acadêmicos e culturais, demonstrando a pluralidade das formas de construção do conhecimento negro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição permitiu evidenciar que práticas culturais afro-brasileiras constituem formas legítimas de produção de conhecimento (RIBEIRO, 2017). As materialidades apresentadas revelaram o trânsito da Mestra Sirley Amaro entre espaços acadêmicos e populares, reafirmando a existência da ciência preta como forma de resistência epistemológica (NASCIMENTO, 2024). O espaço expositivo favoreceu a fruição estética e crítica, despertando no público a reflexão sobre o papel da memória negra na construção identitária de Pelotas. Como forma de aproximar o leitor com a experiência expositiva apresentaremos a seguir algumas imagens que tentam, mesmo que a certeza de não conseguir, sintetizar a proposta.

Figura 1- Exposição A paixão de contar: As Saias da Mestra Griô Sirley Amaro – Tem ciência preta aqui. Vista geral.



Fonte: Acervo Mestra Griô Sirley Amaro (2023)

Figura 2 - Exposição A paixão de contar: As Saias da Mestra Griô Sirley Amaro – Tem ciência preta aqui. Detalhe fuxico e banner.



Fonte: Acervo Mestra Griô Sirley Amaro (2023)

Figura 3 - Exposição A paixão de contar: As Saias da Mestra Griô Sirley Amaro – Tem ciência preta aqui. Detalhe fotos de eventos.



Fonte: Acervo Mestra Griô Sirley Amaro (2023)

Figura 4 - Exposição A paixão de contar: As Saias da Mestra Griô Sirley Amaro – Tem ciência preta aqui. Detalhe crachá de evento.



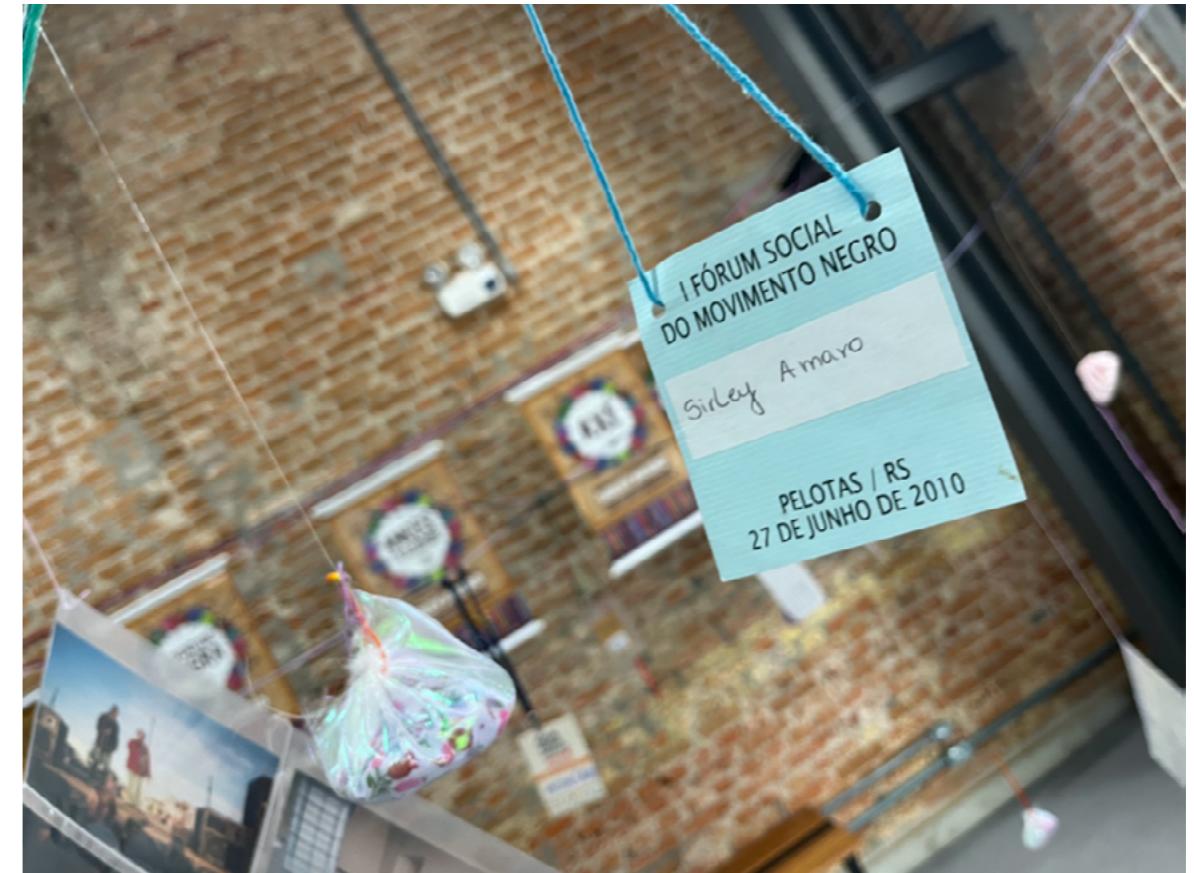
Fonte: Acervo Mestra Griô Sirley Amaro (2023)

Figura 5 - Exposição A paixão de contar: As Saias da Mestra Griô Sirley Amaro – Tem ciência preta aqui. Detalhe crachás de eventos.



Fonte: Acervo Mestra Griô Sirley Amaro (2023)

Figura 6 - Exposição A paixão de contar: As Saias da Mestra Griô Sirley Amaro – Tem ciência preta aqui. Detalhe crachá de evento.



Fonte: Acervo Mestra Griô Sirley Amaro (2023)

Figura 7 - Exposição A paixão de contar: As Saias da Mestra Griô Sirley Amaro – Tem ciência preta aqui. Vista geral.



Fonte: Acervo Mestra Griô Sirley Amaro (2023)

Figura 8 - Exposição A paixão de contar: As Saias da Mestra Griô Sirley Amaro – Tem ciência preta aqui. Público em visitação.



Fonte: Acervo Mestra Griô Sirley Amaro (2023)

A ação contribuiu para consolidar práticas de salvaguarda do patrimônio imaterial (UNESCO, 2003) em consonância sobre a valorização das culturas tradicionais e populares.

CONCLUSÕES

Ações como a exposição “A paixão de contar: As saias da Mestra griô Sirley Amaro – Tem ciência preta” são fundamentais para promover a visibilidade da cultura negra e para ampliar a noção de ciência para além dos paradigmas eurocêntricos tradicionais.

A materialização do saber da Mestra Griô Sirley Amaro em uma ação de extensão universitária reforça a importância da valorização dos patrimônios culturais imateriais e a necessidade de fomentar políticas públicas de preservação da memória negra.

Figura 9 - Exposição A paixão de contar: As Saias da Mestra Griô Sirley Amaro – Tem ciência preta aqui. Público em visitação.



Fonte: Acervo Mestra Griô Sirley Amaro (2023)

REFERÊNCIAS

- DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha.** São Paulo, SP: Editora 34, 2010.
DIDI-HUBERMAN, G. **Diante da imagem.** [s.l.] Editora 34, 2013.
FANON, F. **Pele negra máscaras brancas.** Salvador, BA: Edufba, 2008.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. 2^a edição ed. [s.l.] Lpm Editores, 1991.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

MARTINS, F. DA S. “**Com agulha, linha e pano vou contando e cantando histórias**”: A **Etnopedagogia Musical da Mestra Griô Sirley Amaro**. Trabalho de Conclusão de Curso—Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2014.

MARTINS, F. DA S. **É pela arte toda, pela história de vida: as representações da música nas Vivências Griô, da Mestra Sirley Amaro**. masterThesis—[s.l.] Universidade Federal de Pelotas, 6 fev. 2018.

MARTINS, F. DA S. **A pedagogia do fuxico: saberes e vivências de um Griô Aprendiz ao ritmo de Sirley Amaro**. Tese de Doutorado em Educação—Pelotas: Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, 8 nov. 2022.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. [s.l.] Autêntica Editora, 2019.

MUSEU DA PESSOA. **A menina de Pelotas - Sirley da Silva Amaro**. Museu da Pessoa, 2008. Disponível em: <<https://museudapessoa.org/pessoa/sirley-da-silva-amaro/>>. Acesso em: 26 abr. 2025

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. [s.l.] Editora Perspectiva, 2024.

PINHEIRO, C. G. **Narrativas de educação e resistência : a prática popular griô**. master-Thesis—[s.l.] Universidade Federal de Pelotas, 27 mar. 2013.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** [s.l.] Editora Letramento, 2017.

UNESCO. **Convenção para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. IPHAN, , 17 out. 2003. Disponível em: <<https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Brazil-PDF.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2025

TEM
**CIÊNCIA
PRETA**
AQUI

07 E 08
DEZEMBRO
2023
PELOTAS-RS

MINICURSOS

O BRASIL POR CAROLINA MARIA DE JESUS



PROF. DR. CARLA ÁVILA
UCPEL

DIA 07/11/2023
HORÁRIO 09:00
LOCAL – CEHUS

O MINI CURSO SE PROPÕE CONHECER O PENSAMENTO CRÍTICO DA ESCRITORA, COMPOSITORA E POETISA BRASILEIRA CAROLINA DE JESUS PELO VIÉS DO PENSAMENTO CRÍTICO DE MULHERES NEGRAS. CAROLINA DE JESUS MARCA NÃO SOMENTE A LITERATURA NO BRASIL E NO MUNDO, APRESENTA UM “BRASIL” ESCRITO, VIVIDO E NARRADO POR MULHERES NEGRAS. A PENSADORA FOI TRADUZIDA PARA MAIS DE DEZESSEIS IDIOMAS E TENDO VENDIDO MAIS DE TRÊS MILHÕES DE CÓPIAS DE SEUS LIVROS. EM FEVEREIRO DE 2021 CAROLINA DE JESUS RECEBEU O TÍTULO DE DOUTORA HONORIS CAUSA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.

INSCRIÇÃO: LINK NA BIO

@PROEDAI.UFPEL / @UFPRETA
LOCAL: CEHUS - UFPEL (BIBLIOTECA ICH)

| MINICURSO

O BRASIL POR CAROLINA MARIA DE JESUS

Carla Silva de Avila

Universidade Católica de Pelotas
sociocarla@gmail.com

Resumo: Busca-se problematizar os processos de formação social e segregação racial constituintes da sociedade brasileira, através das obras de Carolina Maria de Jesus. Parte-se pensamento crítico de mulheres negras que permite perceber questões que problematizam a formação racial do Estado brasileiro. O texto será dividido em duas partes tratando tanto da formação social, bem como racial do Brasil, contidos nas obras de Carolina.

Palavras-chave: pensamento-crítico, racismo estrutural, escritas-negras

O BRASIL POR CAROLINA

O presente trabalho tem por objetivo propor uma reflexão sobre a formação social, política e histórica da sociedade brasileira, pelas lentes da escritora Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977). Sua experiência escrita proporcionou a materialização dos processos de sobrevivência da população negra em distintos períodos da formação do Estado-Nação. As obras da escritora: Quarto de Despejo (1960), Casa de Alvenaria (1961) e Diário de Bitita (1986), constroem narrativas de um conjunto de fatores que vão em consonância, ao que Patricia Hill Collins (2011) aponta, para a centralidade do lugar de experiência narrada por mulheres negras, como uma ferramenta fundamental, para a compreensão das desigualdades produzidas no modelo de produção capitalista. Carolina de Jesus traz em sua trajetória as consequências de ser mulher negra num país segregado racial e socialmente como o Brasil. Para além de uma obra literária, Quarto de Despejo (1960) e Casa de Alvenaria (1961), agenciam uma série de contradições referente às narrativas produzidas sobre o processo de modernização ocorrida a partir dos anos 1950. Trata de questões centrais, que revelam a adoção de uma série de políticas estatais e econômicas que não levaram em consideração a diversidade racial e social da população brasileira. Para tanto a pesquisadora Eliane Silva (2016), a violência estrutural e racial marca a trajetória de vida, não só de Carolina de Jesus, mas do próprio Estado Brasileiro, em relação à população negra. Já no livro Diário de Bitita (1986), as narrativas de Carolina de Jesus e seus familiares demonstram os processos de constituição da identidade nacional brasileira que subjuga a presença e a contribuição africana para a construção do Brasil (Ortiz, 2001).

Nesse sentido propomos pensar nas contribuições de Carolina através de dois momentos, sendo o primeiro deles, numa parte introdutória, denominada Carolina, mulher negra intérprete do Brasil, seguindo num segundo momento ater-se à questão racial problematizada em Carolina Maria de Jesus. A metodologia utilizada nesse trabalho debruça-se na

pesquisa documental e revisão bibliográfica da obra de Carolina de Jesus e o pensamento crítico de mulheres negras.

CAROLINA, MULHER NEGRA INTÉPRETE DO BRASIL

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento, no interior de Minas Gerais. Era neta de escravizados e filha de uma lavadeira não alfabetizada. Já na construção de sua trajetória social, Carolina denuncia um grande descaso do Estado brasileiro, com a população afrodescendente, ao mencionar a dúvida sobre o ano correto de seu nascimento entre os anos 1913, 1914 e 1915. Uma vez que o que assegurava a oficialização do ano de nascimento era a certidão de batismo, pois o registro público só foi disponibilizado no ano de 1916 (Castro e Machado, 2007). Essa confusão sobre a precisão do ano de nascimento, ocorrida na cidade de Sacramento, no interior de Minas Gerais, em meados do Século XX, também aparece nas narrativas de minha família, aqui no sul do Sul do Brasil. Lembro de alguns tios mais velhos comemorarem duas datas de aniversário, por terem uma data na certidão de batismo e outra na certidão oficial. Aqui podemos pensar no descaso do Estado brasileiro com o registro civil que configura uma das principais materialização de cidadania à pessoa. Não tem como não lembrar dos escritos de Fanon (2009) em "Pele Negra e Mascaras Brancas", uma vez que a colonização nos colocou no lugar de não-humanidade. Ainda sobre a infância de Carolina, em Sacramento, podemos perceber o papel das instituições filantrópicas no acesso à educação para crianças negras. Pois aos 7 (sete) anos ela ingressa na Escola Alan Kadenc, permanecendo por dois anos apenas. É importante salientar que em apenas dois anos Carolina apropria-se de um código linguístico que a possibilita a construir esse arsenal de denúncias sobre ser mulher negra num projeto de subjugação dos negros no Brasil. A trajetória inicial de Carolina aponta para o processo de migração relacionado tanto ao trabalho agrícola, como servil. Pois Ela sai de Sacramento e vai com sua mãe trabalhar na cidade de Lageado e na década de 1930, muda-se para Franca para trabalhar como lavadeira e doméstica. Aos 23 anos, ela perde a sua mãe e vai para a capital onde emprega-se como faxineira na Santa Casa de Franca. No ano de 1948 Carolina Muda-se para a Canindé, cenário da maioria das narrativas contidas em Quarto de Despejo. (Castro e Machado, 2007;Jesus, 1986).

No ano de 1958, Carolina encontra o jornalista Adálio Dantas e em 13 de agosto de 1960 publica uma das maiores obras literária da história brasileira. As narrativas de Carolina em Quarto de Despejo, demonstram em seu cotidiano, as consequências de uma capitalismo dependente, que articula sistemas de opressão entre questões de classe, raça e gênero, problematizadas por Lélia Gonzalez (2018). Lélia através da perspectiva crítica do feminismo negro, aponta para o processo de marginalização sistêmico o qual atravessa as mulheres negras, no que tange o acesso ao mercado de trabalho. Aqui um ponto crucial entre as contribuições de Lélia e Carolina. Carolina narra que a favela seria o quarto de despejo da sociedade paulista, enquanto o centro seria a sala de visita. No que tange as relações de trabalho e marginalização das mulheres negras, Carolina apresenta em Diário de Bitita(1986), questões relacionadas ao mundo do trabalho doméstico, as quais ela e sua mãe muitas vezes não eram remuneradas, eram acusadas de roubo e muitas vezes má remuneradas.

Em 1961, ao sair de Canindé muda-se e escreve sua segunda obra Casa de Alvenaria. Carolina apostou em várias produções independente por não se sentir pertencente a somente um estilo literário e artístico, para além dos diários ela produzia poemas, provérbios, letras e canções musicais. Por fim uma série de produções que envolviam questões sociais à lúdicas contidas naquilo que hoje podemos identificar com elementos de uma visão de mundo afrocentrada nos princípios civilizatórios africanos. No ano de 1969 Carolina muda-se para um sítio em Parelheiros em São Paulo. No contexto de ditadura militar, Carolina volta a situação de vulnerabilidade e fome, sua morte ocorre no ano de 1977 (Castro e Machado,

2007).

As escritas de Carolina de Jesus consagram um arsenal de memórias de um projeto nacional de extermínio negro e de subalternização do corpo racializado, apontado para o racismo estrutural alicerçado na formação do Estado brasileiro. Sua escrita se configurou mais que um artefato literário, se consagra como uma ferramenta de denúncia política, pois para a autora:

Escrevendo, já estou cumprindo uma missão social, destacando um sério problema social. O meu ideal é escrever. Por que ele, como um grande industrial não melhora os salários dos seus trabalhadores? E mesmo que eu fizesse uma obra de caridade e conseguisse um milhão, por exemplo. Que é que adiantaria? O milhão ia acabar um dia e os pobres ficariam na minha porta e ainda pensariam que eu tinha ficado com o dinheiro deles (Tribuna da Imprensa, de 05 de dezembro de 1960 *apud* Silva, 2016, p. 38).

A QUESTÃO RACIAL EM CAROLINA DE JESUS

Muitas fugiam ao me ver
pensando que eu não percebia
Outras pediam para ler.
Os versos que eu escrevia
Era papel que eu catava
para custear o meu viver.
E no lixo eu encontrava
livros para eu lêr
Quantas coisas eu quiz fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascêr
Num país que predomina o preto.
Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E dêixoo êstes versos ao meu país
se e que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde o preto é feliz (Jesus, 1996).

O texto acima nos possibilita perceber o teor tanto de crítica racial, como percepção da segregação em seus escritos, Carolina traz à tona experiências de corpos racializados em vivências de subalternização. São narrativas que vão além de uma denúncia referente à opressão econômica, são estratégias, denúncias e desejos de uma sociedade que respeite às diferenças.

O Brasil de Carolina, vai além do Brasil representado em Casa Grande e Senzala, descrito por Gilberto Freyre. Ultrapassa a perspectiva da população negra sem agência, afirmada por Florestan Fernandes, no debate feito pela Escola de Sociologia da USP, nos anos 1950. A autora aponta para as formas pelas quais, o capitalismo se articula com o racismo, como uma ideologia estruturante no Brasil. Salienta a articulação entre opressão racial e pobreza, posteriormente denunciados por Lélia Gonzalez, em seu texto escrito junto a Carlos Hasenbalg, o qual problematiza os processos de inserção do negro na sociedade capitalista desde o período do pós abolição. Enfatizando o lugar, construído e destinado aos descendentes de africanos nesse projeto de nação sem a população negra. Destaca-se as formas autônomas de organização social, política e cultural e nos processos de rearticulação da existência negra, sociedade que não planejou a inserção dos descendentes de africanos, na nova fase de organização econômica do país (Gonzalez, 2018).

É visível o letramento racial presente na obra de Carolina. Em Quarto de Despejo, exis-

tem vários momentos, aos quais ela desconstrói, tanto a ideologia de branqueamento, bem como a falsa ideia da existência de uma democracia racial. No decorrer de sua narrativa observa-se trechos que vão do enaltecimento de seus cabelos crespos até o questionamento da imposição da suposta superioridade branca, uma vez que afirma a autora: "Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (Jesus, 1960, p. 65).

A experiência narrada de Carolina se articula como uma antítese das narrativas oficiais que subjugam não só a historicidade negra, mas as formas de construir estratégias e tecnologias de subsistência.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A vida narrada e escrita de Carolina de Jesus denuncia a violência racial e estrutural da sociedade brasileira. Eliane Silva (2016), afirma que "a estrutura social brasileira se funda em relações hierárquicas e violentas, conservadas através da representação das experiências que a autora-personagem-narradora, ou mesmo suas personagens, vivenciam em sua obra"(p.44).

Carolina destaca em sua narrativas os elementos estruturantes da formação das relações sociais no Brasil. Em especial no que tange a constituição de um capitalismo dependente e as constituição da pobreza, destacando o lugar da mulher negra nesse processo. Aponta para uma matriz de dominação percebido pela interseccionalidade de classe, gênero e sexualidade. Sua resiliência nos permite pensar a partir da experiência das mulheres negras, antes do próprio feminismo branco na luta pelos direitos políticos.

Desconstrói narrativas de um Brasil, que no início do século XX, especialmente no pós abolição, não pensou, nem projetou a inserção de uma população que há mais de trezentos anos forma essa nação. Demonstra que através do domínio da linguagem, forja seu existir, e nessa forja, constrói um arsenal de narrativas que fazem emergir um povo que não se contenta e não se conforma com os processos de subjugação estatal. Escrever, narrar, ler o mundo com a lente da vivência de uma mulher negra que se despe do título de favelada para interprete do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA. Silvio Luiz de . Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.
- AZEREDO, Edson Guimarães de. **As muitas vidas e identidades de Carolina Maria de Jesus: o uso do biográfico e do autobiográfico no ensino das relações étnico raciais** Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHOSTÓRIA) Universidade do Estado do Rio de Janeiro.Faculdade de Formação de Professores. 2018.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005.Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CASTRO, Eliana de Moura, MACHADO, Marília Novaes de Mata. **Muito bem, Carolina! Biografia de Maria Carolina de Jesus.** Belo Horizonte: C/Arte,2007.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a política do empoderamento.** São Paulo : Boitempo, 2019.
- FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador: EDUFBA,2008.GONZALEZ, Lélia. **Primavera para todas as Rosas Negras: Lélia Gonzales em primeira pessoa...** Diáspora Africana : Editora Filhos da África , 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada** .São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada.** Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de .**Meu estranho diário, de Carolina Maria de Jesus.** . São Paulo: Xamã, 1996

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias de destruição.** Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus. Uma escritora improvável.** Rio de Janeiro: Garamond,2009.

SILVA, Eliane da Conceição . **A violência Social Brasileira na Obra de Carolina Maria de Jesus** . Tese de Doutorado, Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara . 2016.

**TEM
CIÊNCIA
PRETA
AQUI**

**07 E 08
DEZEMBRO
2023
PELOTAS-RS**

MINICURSOS

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: REFLEXÕES NECESSÁRIAS



**PROF. DR. ANDRÉ LUIS PEREIRA - IFSUL
PROFª. M.ª. CAMILLA MENEGUEL ARENHART - IFSUL**

DIA 07/11/2023, HORÁRIO 14:00

CARGA HORÁRIO 3 HORAS, LOCAL – CEHUS

A ATIVIDADE SE PROPÕE A REFLETIR SOBRE OS 20 ANOS DA LEI 10.639/03, SEUS AVANÇOS E LIMITES. BEM COMO PRETENDE DISCORRER SOBRE OS SENTIDOS DA LEI, A CONCEPÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA ERER E SUAS IMPLICAÇÕES ACADÊMICAS, ESCOLARES E SOCIAIS.

INSCRIÇÃO: LINK NA BIO

**@PROEDAI.UFPEL / @UFPRETA
LOCAL: CEHUS - UFPEL (BIBLIOTECA ICH)**

| MINICURSO

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: REFLEXÕES NECESSÁRIAS

Camilla Meneguel Arenhart

*Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas
cmarenhart@gmail.com*

André Luis Pereira

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense
(IFSUL/Campus Pelotas)
andrepereira1972@gmail.com*

Resumo: A proposta deste trabalho é expor reflexões acerca da educação das relações étnico-raciais (ERER), considerando as bases legais para implementação desta modalidade de educação, até o período de execução da oficina a que se refere este resumo. Apresenta-se o processo histórico de reivindicação para a construção de um modelo de educação antirracista, pelos movimentos negros, desde o pós-abolição, passando pela promulgação da Constituição de 1988, consolidando-se com a sanção das leis 10.639/03, 11.645/08 e das diretrizes curriculares nacionais para ERER.

APRESENTAÇÃO

Eu, Camilla Meneguel Arenhart, sou professora de História da rede de ensino municipal da cidade de Pelotas desde o ano de 2014, licenciada e bacharela em História pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, especialista em História do Brasil pela mesma instituição e mestra em História pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Iniciei minha trajetória profissional como professora da educação básica em Pelotas, em 2011, onde atuo desde então. No ano de 2021, tive a oportunidade de atuar na coordenação pedagógica da área do ensino de História na Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas, experiência que me levou a conhecer com maior profundidade o campo de estudo das relações étnico-raciais a partir do contato com importantes sujeitas/os do movimento negro municipal, intelectuais desse campo e a realização de novos estudos, passei a compreender melhor a dimensão das necessidades de formação das/os trabalhadores em educação da rede. Esse percurso me traz o compromisso de refletir sobre a relevância do papel de uma mulher branca, professora de História da escola pública, que confronta, cotidianamente, o racismo presente em sua formação social, no sentido de construir instrumentos teóricos e práticos para a consolidação de uma educação antirracista.

Me chamo André Luis Pereira, sou um homem negro, com 52 anos atualmente. Me entendo militante do movimento negro pelotense, desde a adolescência. Já adulto busquei uma formação acadêmica que me permitisse alguma forma de mobilidade social, pois de-

sempeihei várias atividades profissionais durante a trajetória de vida, muitas delas insalubres. Sou bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas, Mestre e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ao longo dos anos percebo a ausência de pessoas negras nos lugares de privilégio e por consequência me sinto único e só nestes espaços, como o ambiente acadêmico. Fui sociólogo, servidor concursado, na Prefeitura Municipal de Porto Alegre entre 2011 e 2015. Desde junho de 2015, sou docente no IFSUL, na área de sociologia, me considero um pretenso intelectual, tornei-me especialista na análise de relações raciais no âmbito da pesquisa em políticas públicas. Como pesquisador dedico-me, atualmente, à educação das relações étnico-raciais e seus desdobramentos práticos e teóricos. Como militante e pessoa negra almejo uma sociedade antirracista, uma vez que o racismo é uma estrutura de difícil fragmentação. Compreendo, hoje, que o compromisso de toda pessoa negra ciente do racismo e de suas consequências é abrir caminhos para as gerações futuras, ainda que este percurso seja complexo e doloroso. Por fim, me pretendo um escritor amador de poesia, pois é na literatura que encontro fôlego para as lutas do dia a dia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como proposta apresentar o contexto de construção da legislação que orienta a educação das relações étnico-raciais, bem como suas aplicações no âmbito da educação básica. Expõem-se o quadro de constituição e implementação destes institutos legais, assim como a reflexão em profundidade do arcabouço teórico presente, principalmente, nas diretrizes para a efetivação da ERER.

METODOLOGIA

A exposição foi realizada a partir de uma oficina, na qual estavam presentes discentes, docentes e trabalhadoras/es em educação vinculadas a instituições de ensino superior, da metade sul do Rio Grande do Sul. Realizou-se a apresentação do arcabouço legal e teórico com a utilização de material multimídia. Ao longo da oficina, ocorreram debates com as pessoas presentes, nos quais foi possível sanar dúvidas e perceber interpretações sobre os temas tratados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história da educação no Brasil é marcada pelo colonialismo e pela ausência de referenciais teóricos e pedagógicos que apresentem as matrizes africanas e indígenas como estruturas epistemológicas fundantes do processo civilizatório nacional. No caso da população negra são evidentes os mecanismos e instrumentos institucionais e extra institucionais que privaram a população negra de acessar a educação formal, desde o período colonial, até o ingresso do país no contexto do capitalismo moderno.

Contudo, o povo negro brasileiro, desde sempre, organizou-se de maneira a questionar e mesmo criar alternativas para que, principalmente, a juventude negra tivesse acesso ao campo educacional. Desde a Escola Mista criada Maria Firmina dos Reis, em meados do século XIX, passando pela organização e articulação de movimentos como a Frente Negra Brasileira (FNB)¹ e a União dos Homens de Cor (UHC)², nos anos 1930 e 1940, que buscavam

a integração de negros e negras a partir do acesso à educação. Já no final dos anos 1940, Abdias do Nascimento, importante intelectual e militante negro brasileiro, juntamente a outros ativistas antirracistas, cria o Teatro Experimental do Negro (TEN). A proposta de ação do TEN englobava cidadania e conscientização racial. Conforme aponta o IEAFRO: "O TEN realizou cursos de alfabetização para que seus integrantes pudessem dominar a leitura para poder ensaiar. Os cursos noturnos abordavam também conhecimentos gerais e culturais. As aulas aconteciam no restaurante do prédio da União Nacional dos Estudantes (UNE) na Praia do Flamengo e eram coordenadas por Abdias Nascimento e ministradas por ele, Ironides Rodrigues e Aguinaldo Camargo"³.

A pauta sobre políticas públicas para educação sempre foi uma demanda da comunidade negra, nos mais diversos segmentos e formas de organização. Considerando a realidade de impedimento no acesso e na permanência de estudantes negras e negros no espaço educacional formal, dada desigualdade socioeconômica brasileira, que é a principal resultante de quase quatrocentos anos de exploração do trabalho escravo e desumanização de pessoas não-brancas, a busca por equidade através da formação escolar é um elemento estrutural do engajamento de parcelas cada maiores da população negra no debate político institucional. Conforme demonstra Sales Augusto dos Santos⁴ (2014):

A educação como um valor e vetor estratégico para a suplantação da discriminação racial e para ascensão da população negra foi um ponto de vista partilhado pelas organizações negras [na primeira metade] do século XX, como TEN, FNB e UHC (SANTOS, 2014, p. 81)

Educação como instrumento de transformação, como mecanismo de mobilidade social e indutor de autonomia. É na esteira destas pautas que as organizações do movimento negro concentraram suas ações em busca de melhores condições de acesso às estruturas da educação formal no país. Contudo, a ruptura institucional provocada pelo regime autoritário impetrado pelas forças armadas, a partir de março de 1964, refluxiu e limitou o ímpeto de diversos movimentos sociais, muitos tornados clandestinos, a confrontar o status quo.

Porém, estimulada pela derrocada da ditadura militar, no final dos anos 1970, a militância do movimento negro, nas suas mais diversas vertentes, passa a traçar estratégias de retomada da rua com reforço na luta pelas pautas antirracistas. Em 1978, nas escadarias do Teatro Municipal em São Paulo, essa força de organizações, até então um pouco dispersas, canaliza suas intenções e demandas para a criação de um movimento mais amplo e que conecte, em sua amplitude, as demandas da população negra, especificamente: acesso à educação, trabalho decente e o fim da violência de Estado e da discriminação contra a população negra, este é o marco de fundação do Movimento Negro Unificado (MNU)⁵. Santos (2014) assevera que:

As agremiações aglutinadas em torno da questão racial procuram formas de se rearticular nacionalmente a fim de favorecer o enfrentamento do racismo e o resgate da autoestima da população negra. Muitas dessas agremiações tinham indisfarçável inclinação para a política cultural, nexo vital para promover a autoafirmação dos afro-brasileiros. Apesar de seguirem uma linha de atuação não diretamente associada a uma ação política estrita (contribuía para essa diretriz a repressão militar, responsável por esvaziar politicamente as instituições sociais), as organizações negras não prescindiam da denúncia do racismo (SANTOS, 2014, p. 83).

O MNU coloca, ao cenário político institucional de então, um ponto de inflexão incontornável, a saber: a população negra irá demandar aos organismos de Estado reparação

¹ A Frente Negra Brasileira foi um movimento criado em 1931, foi uma das primeiras organizações no século XX a exigir igualdade de direitos e participação dos negros na sociedade brasileira. Para saber mais: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/antecedentes-do-ten/frente-negra-brasileira/>

² Esta rede foi fundada em Porto Alegre, em janeiro de 1943, por João Cabral Alves. A União dos Homens de Cor dos Estados Unidos do Brasil ou UHC tinha como um dos seus objetivos, expressos no artigo 1º do estatuto, no capítulo das finalidades: "elevar o nível econômico, e intelectual das pessoas de cor em todo o território nacional, para torná-las aptas a ingressarem na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades". Para saber mais: scielo.br/j/eaa/a/QSsCvKP5t6Q7gtTqrczkbjr/?lang=pt

³ Para saber mais: <https://ipeafro.org.br/acoes/acervo-ipeafro/secao-ten/>

⁴ SANTOS, Sales Augusto. EDUCAÇÃO – um pensamento negro contemporâneo. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

⁵ Para saber mais: <https://mnu.org.br/>

histórica, reconhecimento de direitos, acesso às políticas públicas nos âmbitos de saúde, educação, infraestrutura e assistência social e, principalmente, o combate ao racismo em suas múltiplas e diversas formas de manifestação.

Já nos 1980, há um movimento por parte de algumas gestões de estados e municípios no sentido de incorporar em suas estruturas de governo setores responsáveis por propor ações que visem a mitigação do racismo. De forma bastante incipiente é possível perceber a intenção de acolher as pautas da comunidade negra, ainda que, geralmente, com intenções eleitorais. Como exemplo empírico dessa mudança é possível apontar a criação, no ano de 1984, no governo do estado de São Paulo, do Conselho de Desenvolvimento e Participação da comunidade Negra, sob a gestão de Franco Montoro (PMDB). Apesar a importância desse órgão havia limites substanciais ao seu funcionamento, como a falta de dotação orçamentária, a ausência de autonomia e, por conseguinte, a indefinição do papel daquele conselho no conjunto de autarquias que compunham a gestão estadual de então.

Porém, em meados dos anos 1990, dois eventos marcam a guinada do Estado brasileiro em direção ao antirracismo. A Marcha Zumbi contra o Racismo e pela cidadania, realizada em 20 de novembro de 1995, em Brasília. A marcha buscou dar visibilidade nacional aos problemas enfrentados pela comunidade negra em todo país. A marcha foi fundamental para a elaboração por parte dos governos – Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva – de uma política afirmativa em relação à questão racial no Brasil. A partir da Marcha Zumbi dos Palmares as questões étnico-raciais brasileiras entraram em pauta em diferentes níveis governamentais e sociais. Em resumo, a marcha produziu um documento⁶ no qual há uma série de diretrizes para o tratamento da questão racial no país.

No ano de 2002, o então Presidente Fernando Henrique Cardoso reconhece publicamente a existência do preconceito racial no seio da sociedade brasileira. A admissão desse fenômeno ocorreu em momento no qual os mais diversos segmentos do movimento negro apresentavam as complexidades do racismo às esferas de poder, de maneira consistente, sustentadas por dados estatísticos e pesquisas com alto teor de relevância.

Em 9 de janeiro de 2003, um dos primeiros atos do governo Luiz Inácio Lula da Silva é sancionar a lei 10.639/03. Fruto das lutas históricas do movimento negro, travadas com o Estado e a sociedade brasileira, a lei que institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira é um marco na composição do processo de formação escolar, em todos os níveis e modalidades da educação básica. É a partir dessa legislação que o movimento vai pleitear maior inserção no espaço político institucional. Disputar a agenda governamental, influenciar na construção de políticas públicas e demandar reconhecimento à população negra como grupo responsável, também, pela configuração civilizatória da sociedade brasileira.

O processo histórico brasileiro produziu uma mentalidade hegemônica implícita ao mito da democracia racial que diferencia, valorativamente, os indivíduos brancos e não-brancos de modo que o imaginário social carrega a respeito daqueles as melhores perspectivas e destes as menores expectativas. Esse conjunto de representações subjetivas e simbólicas das pessoas negras, resultado do racismo estrutural e, por isso, persistente até nossos dias, relega-as características mais negativas, comparativamente às brancas, tais como incapacidade intelectual, indisciplina, desordem, propensão à vadiagem e à violência e sua vinculação a cenários de bagunça, sujeira, pobreza, promiscuidade e maldade. Desse modo, as relações sociais do país ocorrem em condições discriminatórias e atravessam todos os âmbitos das relações interpessoais, dos mais restritos círculos familiares até os mais amplos e complexos espaços de convivência e, obviamente, a escola não escapa à regra. Também a

instituição escola acolhe e repele, estimula e desacredita os sujeitos conforme seu pertencimento racial e o faz de diversas maneiras, muitas delas de forma bastante cotidiana e despercebida para muitos de seus agentes e, assim, colabora para a reprodução da estrutura racista. Disso decorre a importância dos estudos das relações étnico-raciais na formação inicial e continuada dos trabalhadores da educação para o desenvolvimento de consciências educadoras críticas à desigualdade racial.

A lei 10.639/2003 altera a LDB 9.394/96, juntamente com a lei 11.645/2008, ao incluir o artigo 26-A que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena **em todo o currículo da educação básica**, com especial ênfase para as áreas dos conhecimentos de Artes, Literatura e História do Brasil, definindo o conteúdo programático como a história da África, dos afro-brasileiros e indígenas, a luta dos negros e indígenas no Brasil, a cultura e a contribuição dos povos negro e indígena na área social, econômica e política da história do Brasil. Também insere o artigo 79-B que determina a inclusão do dia 20 de novembro no calendário escolar como “Dia Nacional da Consciência Negra”. Em 2004, foram instituídas as diretrizes curriculares nacionais para a ERER e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana⁷ com a finalidade de orientar o cumprimento dos novos artigos da LDB e da ERER como um todo.

A implementação do artigo 26-A da LDB e as diretrizes da ERER preveem o conhecimento da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena com o intuito de promover a valorização e o respeito às pessoas, aos grupos negros e indígenas bem como as expressões culturais e modos de viver destes povos que compõem a sociedade brasileira. Dessa forma, almeja-se construir nova concepção de sociedade não mais eurocentrada e, sim, culturalmente plural e democrática, pondo fim à mentalidade preconceituosa e discriminadora que, historicamente, tem exaltado apenas os saberes, a cultura e a estética europeia em detrimento das demais componentes do povo brasileiro. Este ensino também deve gerar a valorização da identidade negra no sentido de estimular as crianças e os jovens negros a sentirem-se confortáveis e orgulhosos em autodeclarar seu pertencimento étnico-racial e, somado à consciência da desigualdade racial brasileira, possam assumir o protagonismo na luta dos movimentos reivindicatórios de seus direitos sociais e políticos.

A educação das relações étnico-raciais pressupõe um conjunto de conhecimentos epistemológicos necessários à produção de mudança nos paradigmas do arcabouço de saberes mais amplos que devem incidir na estrutura curricular. De posse desses saberes, o compromisso com a educação antirracista precisa servir de propulsão aos professores no tensionamento das instituições escolares a fim de construir novas estruturas curriculares. A educação das relações étnico-raciais não pode continuar restrita a ações individuais e isoladas de alguns docentes comprometidos com a causa como já o era no período anterior à promulgação das leis. A ERER é uma política pública que deve ser implementada e, como tal, alterar o sentido pedagógico escolar a partir das epistemologias africanas, afro-brasileiras e indígenas.

Nesse sentido, para além de conhecer os textos das leis expressos nos artigos da LDB 9.394/96, urge o conhecimento das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais para uma reflexão mais aprofundada sobre ERER para além da perspectiva da ensinagem de conteúdos e das atividades didáticas de produção de trabalhos artísticos sobre o tema. Estes elementos compõem a ERER e são preciosos instrumentos, porém, isolados e desvinculados do conhecimento dos seus princípios acabam esvaziados da potência reflexiva a ser atingida. Pois, como tem afirmado reiteradas vezes a professora Petronilha Gonçalves e Silva⁸, a ERER é, sobretudo, um projeto de sociedade que se almeja

⁷ Conforme Parecer CNE/CP 03/2004: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf

⁸ Para conhecer os argumentos da Professora Petronilha Gonçalves e Silva: <https://open.spotify.com/episode/3J1ovGv0GNhg8kB1EfGja?si=c0916982fca742be>

construir tendo como principal matéria-prima as relações interpessoais.

Os princípios fundamentais da ERER, descritos nas diretrizes, são: a) Consciência política e histórica da diversidade; b) o fortalecimento de identidades e de direitos; c) ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. O princípio da **Consciência política e histórica da diversidade** apresenta-se como alicerce das reflexões para a necessária compreensão da formação da sociedade brasileira pelos diversos grupos étnico-raciais que passaram por experiências sociais diversas entre si tendo a raça como um marcador social determinante para a suas trajetórias de vida. Desenvolver esse entendimento encaminha a um senso mais apurado de percepção da distribuição desigual dos direitos, em relação aos privilégios dos brancos estabelecidos a partir dos prejuízos causados aos não-brancos. É imperativo compreender que a diversidade mencionada aqui não se restringe à pluralidade cultural ou fenotípica, mas, ao mencionar a dimensão política, ressalta as desiguais relações de poder estabelecidas entre as diferentes componentes raciais ao longo do processo histórico brasileiro. Somente a partir da atenção a esse princípio é que se entende quão absurda é a afirmação tantas vezes proferidas de que 'somos todos iguais', torna possível seguir os demais princípios das diretrizes e garantir a efetivação profunda e radical da ERER.

É a consciência política e histórica da diversidade que conduz à compreensão da falsa admissão da democracia racial. É neste ponto, na ausência dessa compreensão nas formações inicial e continuada de trabalhadores da educação, que se percebe uma das maiores dificuldades em concretizar a ERER no sistema educacional brasileiro na resistência, desinteresse e contrariedade de muitos docentes.

Passados vinte anos da criação da lei 10.639/2003, pesquisa desenvolvida pelo Instituto Alana e Geledés Instituto da Mulher Negra revela que mais de 70% dos municípios pesquisados não desenvolvem nenhuma ação permanente e estrutural para o cumprimento da legislação⁹.

O princípio legal da igualdade que determina a isonomia de direitos pressupõe a produção da equidade como instrumento garantidor de dignidade humana. O argumento em favor da igualdade universal só produz sentido na medida em que se reconhece, a partir do princípio da **consciência histórica e política da diversidade**, que a sociedade brasileira se organiza sob patamares de acesso desigual aos recursos estatais e privados que permitem mobilidade social e reconhecimento. Logo é a consciência ativa dos sujeitos pertencentes a estes grupos que conferirá uma real transformação social e histórica de suas realidades e permitirá o contributo de suas matrizes originárias como importantes ao processo civilizatório nacional.

CONCLUSÕES

Entre as presentes na oficina, estavam pessoas oriundas de outras cidades do estado do Rio Grande do Sul e mesmo de outros estados e regiões do país. Nesse grupo, foi possível perceber a carência de conhecimento sobre as bases epistemológicas que estruturam a educação das relações étnico-raciais bem como a ausência de domínio acerca dos desdobramentos concernentes aos princípios das diretrizes para a ERER na prática didático-pedagógica.

Um elemento determinante nos processos de formação que os proponentes têm participado é a evidência de que a ERER precisa ser abordada de forma substancial durante todo o currículo de formação inicial de futuras/os trabalhadoras/os em educação. Os cursos de licenciatura, obrigatoriamente, precisam atentar para a importância da educação antirracista com o objetivo de consolidar as proposições legais que reforçam, na educação básica, a

formação para a cidadania plena.

A ERER não é somente um dever legal das/os trabalhadoras/es em educação, mas um instrumento garantidor da efetivação plena do direito ao acesso ao conhecimento que oportunize a permanência e o êxito escolar a partir da valorização das diversidades que compõem o universo educacional e, consequentemente, a consolidação do reconhecimento identitário de grupos historicamente minorizados. Dessa forma, se fortalecerá uma educação escolar que contribua para a formação de sujeitos conscientes de seus direitos e engajados na busca por uma sociedade antirracista.

A universidade, enquanto uma instituição de formação e qualificação profissional, nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, tem o dever de atender às demandas da sociedade. Nesse intuito, o estímulo as/-aos estudantes pelo conhecimento sobre a ERER é parte fundamental dos currículos dos cursos, dos projetos pedagógicos, das linhas de pesquisa e das reflexões concernentes à formação de educadoras/es. Tão logo a universidade tenha o compromisso real com a educação antirracista, será perceptível uma alteração qualificada no trabalho pedagógico das/os trabalhadoras/es da educação básica com vistas à superação do racismo.

REFERÊNCIAS

- ARENHART, C. M.; PEREIRA, A. L. A lei 10.639/2003 em perspectiva: impactos e dificuldades à implementação no município de Pelotas durante o ano de 2021. *Revista Aedos*, [S. I.], v. 15, n. 34, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrrgs.br/index.php/aedos/article/view/127566>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- SANTOS, Sales Augusto. **Educação:** um pensamento negro contemporâneo. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

⁹ Para saber mais: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-04/mais-de-70-das-cidades-nao-cumprem-lei-do-ensino-afro-brasileiro>

**TEM
CIÊNCIA
PRETA
AQUI**

**07 E 08
DEZEMBRO
2023
PELOTAS-RS**

MINICURSOS OPERAÇÃO E PILOTAGEM DE DRONE



**MAIK CONCEIÇÃO DIAS
GRADUANDO EM ENGENHARIA DE
PRODUÇÃO**

**DIA 07/11/2023
HORÁRIO 14:00
CARGA HORÁRIO 3 HORAS
LOCAL – CEHUS**

**O CURSO APRESENTA O DRONE DJI MAVIC 2 PRO,
CONFIGURAÇÕES DO VANT – VEÍCULO AUTÔNOMO
NÃO TRIPULADO, LEGISLAÇÃO DE VOOS E
PILOTAGEM E TÉCNICAS DE PILOTAGEM DO DRONE
DJI MAVIC 2 PRO**

INSCRIÇÃO: LINK NA BIO

**@PROEDAI.UFPEL / @UFPRETA
LOCAL: CEHUS - UFPEL (BIBLIOTECA ICH)**

| MINICURSO

MINICURSO DE OPERAÇÃO E PILOTAGEM DE DRONE

Maik Conceição Dias

*Centro de Engenharias-UFPel
maikdias02@gmail.com*

Gilson Simões Porciuncula

*Centro de Engenharias-UFPel
gilson.porciuncula@gmail.com*

Resumo: O presente trabalho relata a experiência do minicurso de operação e pilotagem de drones, realizado durante o evento “Tem Ciência Preta” na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O mini-curso teve como objetivo introduzir os participantes às inovações tecnológicas dos drones, suas funcionalidades e suas múltiplas aplicações em diferentes áreas do conhecimento. Além disso, o evento destacou a importância de democratizar o acesso a tecnologias emergentes, especialmente para comunidades historicamente marginalizadas, como a população negra, promovendo inclusão e representatividade no campo da ciência e tecnologia.

Palavras-chave: Drones, Tecnologia, Aplicabilidade, Inclusão.

APRESENTAÇÃO

Eu, Maik Conceição Dias, sou um homem negro, com 22 anos atualmente e sou graduando em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Ingressei na universidade por meio do PAVE (Programa de Avaliação da Vida Escolar), uma modalidade alternativa de seleção que avalia o desempenho ao longo do Ensino Médio, o que me permitiu consolidar minha trajetória acadêmica de forma gradual e consistente.

Antes de ingressar na UFPel, concluí o curso técnico em Mecânica de Manutenção Industrial pelo SENAI-RS, onde adquiri conhecimentos práticos e habilidades técnicas que têm sido fundamentais para minha atuação na área de engenharia. Essa formação técnica me proporcionou uma base sólida para entender os processos industriais e os desafios da manutenção e sistemas.

Atualmente, sou bolsista no Laboratório de Automação Industrial (LAI) da UFPel, onde tenho a oportunidade de desenvolver pesquisas e projetos relacionados à automação e inovação tecnológica. Além disso, sou colaborador do NEAI 4.0 (Núcleo de Estudos Aplicados em Indústria 4.0), um espaço dedicado ao estudo e à aplicação de conceitos da Quarta Revolução Industrial, como Internet das Coisas (IoT), Inovação, Inteligência Artificial e Eficiência.

Também faço parte do PROEDAI (Projetos Exatas Diversidades Afro Indígenas), uma ini-

ciativa que busca promover a inclusão e a diversidade no campo das ciências exatas e engenharias. Através desse projeto, tenho a oportunidade de contribuir para a criação de um ambiente acadêmico mais inclusivo e representativo, especialmente para grupos historicamente minorizados, como a população negra e indígena.

Minha trajetória me motiva a unir engenharia e inclusão, buscando criar ambientes mais justos, inovadores e acolhedores. Acredito que a tecnologia, aliada à diversidade, tem o poder de transformar realidades e construir soluções que impactem positivamente a sociedade.

METODOLOGIA

O minicurso foi dividido em duas etapas: teórica e prática. Na parte teórica, foram abordados temas como a história e evolução dos drones, princípios de funcionamento, legislação brasileira para operação e noções de segurança. Na parte prática, os participantes tiveram a oportunidade de pilotar drones em um ambiente controlado, aprendendo técnicas de decolagem, voo, captura de imagens e pouso. O curso também incluiu discussões sobre as aplicações dos drones em diferentes contextos, incentivando os participantes a pensar em soluções e aplicabilidade para problemas reais.



Fonte: (Autor)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O mini-curso evidenciou o potencial transformador dos drones em diversas áreas. Entre as aplicabilidades discutidas, destacam-se:

- **Agricultura de Precisão:** Uso de drones para monitoramento de plantações, análise de solo e aplicação de insumos agrícolas.
- **Mapeamento e Topografia:** Criação de mapas 3D e levantamento de dados geográficos com alta precisão.
- **Segurança e Monitoramento:** Vigilância de áreas de difícil acesso ou de grande extensão, como florestas, fronteiras e praias.
- **Audiovisual:** Captura de imagens aéreas para produções cinematográficas, jornalísticas e publicitárias.
- **Meio Ambiente:** Monitoramento de ecossistemas, controle de desmatamento e acompanhamento de desastres naturais.

Além disso, o curso destacou a importância de democratizar o acesso a essas tecnologias, especialmente para comunidades negras e periféricas, que historicamente enfrentam barreiras no acesso à educação tecnológica. O evento "Tem Ciência Preta" reforçou o papel

da universidade como agente de transformação social, promovendo a inclusão e a equidade no campo da ciência e tecnologia.

CONCLUSÕES

O mini-curso de operação e pilotagem de drones foi um marco no evento "Tem Ciência Preta", demonstrando como a tecnologia pode ser uma ferramenta de empoderamento e inclusão. A experiência mostrou que os drones não são apenas equipamentos de alta tecnologia, mas também instrumentos capazes de transformar realidades e promover soluções inovadoras para desafios sociais, econômicos e ambientais.

A participação ativa dos estudantes e a troca de conhecimentos durante o curso reforçaram a necessidade de iniciativas que aproximem a comunidade acadêmica de tecnologias emergentes. O Movimento de Resistência UFPreta e o PROEDAI, ao promover atividades como essa, reafirmam seu compromisso com a diversidade e a inovação, contribuindo para a formação de profissionais capacitados e conscientes de seu papel na construção de uma sociedade mais justa e tecnologicamente inclusiva.

REFERÊNCIAS

Evento "Tem Ciência Preta" – UFPel. Disponível em [**TEM CIÊNCIA PRETA AQUI – ProE-DAI – Projeto Exatas Diversidades Afro Indígenas**]

Legislação Brasileira para Operação de Drones. ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil). Disponível em [Drones — Agência Nacional de Aviação Civil (Anac)]

ROSA, Carlos Eduardo Valle; SILVA, Eduardo Araújo da; RIBEIRO, Pedro Barbezani Carvalho e. A Geoestratégia dos Drones Aéreos. *Revista de Geopolítica*, v. 15, n. 1, p. 1-21, jan/mar. 2024

ALMEIDA NETO, Rafael Jerônimo de; RAMOS, Angélica Paiva. Mapeamento de superfícies topográficas com uso de drones e técnicas de aerofotogrametria. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, v. 4, n. 5, 2023.

DIAS DE GLÓRIA

D Mix Charme Rappers (Juliana, Christian e Roger)

Autores e participantes

Michel Knuth
Direção

Nix Produção
Produção

A obra Dias de Glória fala em mudar e ser melhor por mais difícil que seja, também falamos de lutas e de religiosidade. Trazendo o tema principal sobre a nossa cidade de Pelotas, e seus Patrimônios, falamos em sonhos que também se realizam no momento que você crê, falamos sobre resistência e história de vida. Trazendo também, dentro desse lindo trabalho, alguns registros de Pelotas, tais como, Museu da Baronesa, Igreja Catedral, e muitos outros lugares como o Teatro Sete Abril, o Mercado Central e por fim, a entrada da rua estreita do Teatro Guarani. D Mix Charme Rappers não só fez por fazer essa obra musical, mas para ficar registrado em vídeo, que em Pelotas tem uma linda história e nos fizemos parte dela.



Duração: 02:44 minutos | **Formato:** Vídeo clipe em _MP4

MEMÓRIAS DE UM QUILOMBOLA

Cid Branco

Direção, atuação e concepção do espetáculo

Cia Teatral V.I.D.A
Produção

Salve arte
Evento

Em um terreiro, um médium entra em transe e recebe a entidade de um Preto Velho, que inicia o relato de sua trajetória marcada por dor, fé e resistência. Em cena, ganha voz o espírito de N'Congo, um ancestral que revive memórias da travessia forçada da África ao Brasil, expondo as feridas abertas pela escravidão. A narrativa percorre os horrores da violência colonial, revelando com intensidade as experiências de sofrimento, a brutalidade do cativeiro, os abusos sofridos por mulheres negras e a dor irreparável de um pai diante do estupro e do suicídio de sua filha. "Memórias de um Quilombola" é um grito ancestral encenado com corpo, voz e tambor. Uma evocação espiritual que denuncia, emociona e convida à reflexão sobre a herança de violência e resistência que marca a história do povo negro no Brasil.



Duração: 8:00 | **Formato:** apresentação teatral ao vivo

OFICINAS DE CANTO NA BATUCANTADA

Milena Eleusina Fagundes de Assunção

Autores e participantes

Milena Eleusina

Direção e Roteiro:

**Milena Eleusina, Francine Muller
Antunes e Vanessa Ramos**

Produção:

A seguinte obra refere-se ao registro documental das oficinas abertas de canto popular promovidas pelo Coletivo Batucantada que há um ano oferece introdução à técnica vocal e práticas coletivas de repertório da música popular brasileira. O público-alvo das oficinas de canto são mulheres, pessoas não-binárias e demais dissidências de gênero. O intuito das oficinas é incentivar as participantes a exercitar a musicalidade e o canto intuitivo.



Duração: 5:29 minutos | **Formato:** Documentário

TEM
CIÊNCIA
PRETA
EBOOK

AQUI

SUMÁRIO

70 | ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA DOS ESTUDANTES SURDOS AOS TERMOS TÉCNICO SESPECÍFICOS DA MODA NA LIBRAS

71 | A GRAFIA DE SÍLABAS COMPLEXAS POR CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

72 | CUR(AR) - UMA ARTESCREVIVÊNCIA NO PASSO DOS NEGROS - RS - BR, AO SOM DE GIAMARÊ E GIBA GIBA

73 | GREENWASHING E SUA INFLUÊNCIA NA TOMADA DE DECISÃO DO CONSUMIDOR

74 | LANCEIROS NEGROS (REVOLUÇÃO FARROUPILHA)

75 | NOSSO COTIDIANO, CONTAR AS COISAS QUE CONTAM

76 | O TAPETE DE LADRILHOS DO HALL DO MUSEU DO DOCE / PELOTAS/RS: REPRESENTAÇÕES LÚDICAS COMO CONVITE A SUA INTERPRETAÇÃO

80 | CAPOEIRA TERRA - A EDUCAÇÃO MUSICAL ATRAVÉS DA ORALIDADE

81 | CATALOGAÇÃO DE ESCRITORES E ESCRITORAS NEGRAS NA BIBLIOTECA PÚBLICA ELIDA FRÖMMING SCHILD

82 | EPIDEMIA SILENCIOSA: A ESCALADA DE VIOLENCIA CONTRA MULHERES NEGRAS NO BRASIL

83 | O BRINCAR LIVRE E A LITERATURA INFANTIL ANTIRRACISTA: PRÁTICAS HUMANIZADORAS NO CONTEXTO DO PIBID EDUCAÇÃO INFANTIL

87 | O CHARME(BLACK MUSIC) COMO CULTURA E RESISTÊNCIA: AS VIVÊNCIAS NEGRAS EM PELOTAS

88 | SISTEMAS DE CUIDADO À SAÚDE: REVISÃO DE LITERATURA

92 | CUIDADOS INFORMAIS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS: UMA REVISÃO NARRATIVA

93 | NOSSO COTIDIANO, CONTAR AS COISAS QUE CONTAM

94 | ORGANIZAÇÃO DO TEMPO E FINANCIERA DE MULHERES NEGRAS UNIVERSITÁRIAS PARA DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS

95 | PRÁTICAS ALIMENTARES DE ESCRAVIZADOS NA CHARQUEADA SÃO JOÃO:UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA

96 | TURBANTE-SE COM GABRIELE COSTA: PARA ALÉM DA SALA DE AULA

97 | UMA BREVE ANÁLISE SOBRE SITUAÇÃO RACIAL NO ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO (DRT-RS)

100 | ENFERMEIRAS NEGRAS: CONTRIBUIÇÕES INVISIBILIZADAS E O RESGATE DA HISTÓRIA

101 | IMPACTOS AMBIENTAIS CAUSADOS PELA INCREMENTAÇÃO DO PORTO DE PELOTAS

102 | O ACESSO E PERMANÊNCIA DE ALUNOS NEGROS LGBTQIAP+ NAS UNIVERSIDADES

103 | POR UMA “NOVA NOVA” IDADE MÉDIA: A ALTERNATIVA DECOLONIAL EM PRÁTICAS DE HISTÓRIA PÚBLICA DO POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E ANTIGUIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (2018-2023)

107 | RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO DE PESQUISA: ANÁLISE DE FLUXO DAS PAUTAS NO CONSELHO MUNICIPAL DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE PELOTAS/RS

108 | UMA ARQUEOLOGIA DA MÃO DE OBRA OLEIRA NEGRA NA CONSTRUÇÃO DE PELOTAS: A CONTRIBUIÇÃO NEGRA NO DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE “PELOTAS, RS”

112 | A PRESENÇA NEGRA NO MARGS E AS PRESENÇAS NEGRAS NA UFPEL: UM ENCONTRO NO PROEDAI

113 | COLETIVO HILDETE BAHIA: NOSSA HISTÓRIA

114 | CRIANÇAS, TERREIROS E SAMBA: EPISTEMOLOGIAS NEGRAS NUMA ENCRUZILHADA EDUCATIVA

115 | DEVOLUTIVAS DE PESQUISA SOBRE MULHERES NEGRAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

116 | DIÁLOGOS DE SABERES: FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE PRETA ENTRE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

117 | JOGOS E BRINCADEIRAS AFRODESCENDENTES NO CONTEXTO ESCOLAR

118 | MUSEU SANKOFA MEMÓRIA E HISTÓRIA DA FAZENDA DA ROCINHA/RJ

121 | REFLEXÕES ACERCA DA LITERATURA: SAÚDE DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL

124 | DESAFIOS E INVISIBILIDADE: MULHERES NEGRAS NA FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

125 | NOIR, NÃO ESTACIONE PT.1 E SOBRE CINZAS

126 | PRÁTICAS ANTIRRACISTAS COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DE LEITURAS

127 | PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID

128 | VIVÊNCIA DE CAPOEIRA ANGOLA

129 | VOZES NEGRAS OUVIDAS NO IFSUL-RIO-GRANDENSE

132 | A ODONTOLOGIA PARA UMA POPULAÇÃO ESCRAVIZADA, UM OLHAR PARA A SAÚDE BUCAL DA MULHER PRETA: REVISÃO DE ESCOPO

133 | O FUTURO COM CONTORNOS DO PASSADO? PERSPECTIVAS SOBRE AS RELAÇÕES BRASIL - ÁFRICA A PARTIR DO NOVO GOVERNO LULA (2023)

134 | O USO DA HQ ANGOLA JANGA PARA AULAS MULTIDISCIPLINARES UTILIZANDO A PEDAGOGINGA

135 | PANCS DO BRASIL

136 | PATRIMÔNIO AFROCENTRADO DA CIDADE DE PELOTAS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO E MUSEOLÓGICO DO TERRITÓRIO DO PASSO DOS NEGROS

139 | PESQUISA E EXTENSÃO COMO FERRAMENTAS DE COMBATE AO RACISMO

140 | REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA DISCIPLINA DE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS

144 | AUSÊNCIA DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

148 | EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INFANTIL: EM DEFESA DO PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS

149 | HIPERTENSÃO ARTERIAL: IMPACTOS DA CONDIÇÃO CLÍNICA RELACIONADOS À MENOR REDUÇÃO DA PRESSÃO ARTERIAL NA POPULAÇÃO PRETA

150 | (RE)EXISTÊNCIAS E INSURGÊNCIAS AO RACISMO COTIDIANO NA ENFERMAGEM EM TEMPOS DE COVID-19

151 | SOLIDÃO DA MULHER NEGRA NO AMBIENTE ACADÊMICO

152 | UM JOGO TANGÍVEL PARA A LEITURA DA ARQUITETURA DO CASARÃO DO MUSEU DO DOCE: CODESIGN E RECURSOS ASSISTIVOS

156 | AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS ANOS INICIAIS DA ESCOLARIZAÇÃO: UM ESTUDO EM PERIÓDICOS DE REFERÊNCIA

160 | DE CORPOS-SUJEITOS-MEMÓRIAS-INFANTIS AOS TEMPOS DE NARRAR: PRIMEIRAS ENCRUZAS

161 | ENFERMEIRAS NEGRAS ESQUECIDAS PELA HISTÓRIA: REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA

162 | ESCRIVIVÊNCIAS DO CAROLINA MARIA DE JESUS: SOBREVIVÊNCIA E ATRAVESSAMENTOS DE UM COLETIVO NEGRO

163 | PRINCÍPIO DA PROTEÇÃO À CONFIANÇA LEGÍTIMA: REFLEXÕES ACERCA DA SUA APLICABILIDADE NO DIREITO ADMINISTRATIVO A PARTIR DA ANÁLISE DE JULGADOS DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

166 | AGROECOLOGIA QUILOMBOLA: (RE)EXISTÊNCIA MULTISSECOLAR DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO RIO GRANDE DO SUL

167 | CULTURA BRASILEIRA: SAMBA NO PPE

168 | CUR(AR) - UMA ARTESCREVIVÊNCIA NO PASSO DOS NEGROS - RS - BR, AO SOM DE GIAMARÊ E GIBA GIBA

169 | DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AGENDA 2030/ODS E O SANEAMENTO

170 | DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR

171 | PASTORAL DA SAÚDE E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

172 | REPRESENTAÇÃO E/OU REPRESENTATIVIDADE: O RETRATO DA PESSOA NEGRA NOS MUSEUS PELOTENSES

176 | A FRONTEIRA BRASILEIRA E O TRÁFICO DE DROGAS: REDES, NÓS E TESSITURAS DE UM COMPLEXO SISTEMA TERRITORIAL

177 | "COM DOIS TE PUSERAM, COM TRÊS EU TE TIRO, COM AS TRÊS PESSOAS DA SANTÍSSIMA TRINDADE, QUE TIRA QUEBRANTO E MAL OLHADO PARA AS ONDAS DO MAR, PARA NUNCA MAIS VOLTAR": ENTRE AS REZAS DAS BENZEDEIRAS DE PELOTAS – RS

178 | EXPERIÊNCIA EM MONITORIA UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE GESTÃO AMBIENTAL

179 | MAPEANDO O MOVIMENTO: UM ESTUDO SOBRE CAMPANHAS DE

OCUPAÇÃO POLÍTICA QUE BUSCAM AUMENTAR A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS (2016-2022)

183 | NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS - NEABI IFSUL CAVG

184 | PERSPECTIVA DE ATLETAS JUVENIS DE RUGBY DO SEXO FEMININO ACERCA DA IMPORTÂNCIA DA REALIZAÇÃO E APLICAÇÃO DE UM PROTOCOLO DE PREVENÇÃO DE LESÃO

188 | A REPRESENTAÇÃO DE UM ELEMENTO CONSTRUTIVO DE EDIFICAÇÃO HISTÓRIA: UM ESTUDO DE FLUXO DE TRABALHO EM HBIM

189 | ABSORVENTE SUSTENTÁVEL

190 | ANÁLISE CRÍTICA DO LIVRO "RACISMO AMBIENTAL E EMERGÊNCIAS CLIMÁTICAS NO BRASIL"

191 | AS PRISÕES INJUSTAS DECORRENTES DO RECONHECIMENTO DE PESSOAS POR MEIO DE FOTOGRAFIA

192 | "ASPECTOS HISTÓRICOS DAS UNIVERSIDADES: UM OLHAR SOBRE A AUTONOMIA, DESIGUALDADE E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL"

193 | "JEITO DE MÃE": UM ENSAIO ETNOGRÁFICO EM UM RITUAL FÚNEBRE

194 | OS RETORNADOS: UM OLHAR SOBRE OS CONTRATADOS SANTANTONENSES QUE VIAJARAM PARA AS ROÇAS DE SÃO TOMÉ ENTRE AS DÉCADAS DE 1940 E 1950

202 | CORPAS PÚBLICAS: MULHERES NEGRAS INSTITUCIONALIZADAS NA DINÂMICA MANICOMIAL NO BRASIL

203 | EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: IMPLEMENTAÇÃO DO PROTOCOLO ANTIRRACISTA NA EMEF JOÃO DA SILVA SILVEIRA

204 | MULHERES NEGRAS PROTAGONISTAS DO CUIDADO

205 | "PRA MIM É UM DESGASTE MENTAL ESTAR DENTRO DA SALA": PARA ALÉM DO CONTEXTO CINEMATOGRÁFICO, DISCUTINDO RACISMO E ADOECIMENTO

MENTAL DE ESTUDANTES NEGROS NO CURSO DE DIREITO/UFPEL

206 | A REPRESENTAÇÃO DE UM ELEMENTO CONSTRUTIVO DE EDIFICAÇÃO HISTÓRIA: UM ESTUDO DE FLUXO DE TRABALHO EM HBIM

207 | UMA MULHER NEGRA NA UNIVERSIDADE AINDA É UM ATO DE RESISTÊNCIA

210 | ABANDONO AFETIVO PATERNO DE CRIANÇAS: UM LEVANTAMENTO TEÓRICO SOBRE OS MALEFÍCIOS CAUSADOS

211 | ANÁLISE GRÁFICA DE TOTEM INFORMATIVO DESENVOLVIDO PARA O PROJETO SAÚDE NO PONTO

215 | DESAFIOSENECESSIDADESDESANEAMENTOBÁSICONASCOMUNIDADES QUILOMBOLAS DO RIO GRANDE DO SUL

216 | EPIDEMIA SILENCIOSA: A ESCALADA DE VIOLENCIA CONTRA MULHERES NEGRAS NO BRASIL

217 | NEM TODOS OS NEM-NEM: A COMPLEXIDADE OCULTA NA HOMOGENEIDADE DO TERMO

218 | RACISMO RELIGIOSO: O REFLEXO DO PASSADO NO PRESENTE

222 | A REPRESENTAÇÃO RACIAL NA LITERATURA E A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NEGRAS

223 | CAMINHOS DO ASSOCIATIVISMO NEGRO EM PELOTAS DA DIÁSPORA À ACADEMIA DO SAMBA

224 | CIDADE LEGAL X CIDADE ILEGAL: PROBLEMATIZANDO A PACTUAÇÃO DA PAZ EM PELOTAS

225 | COMO PROTEGER O PAÍS DOS NEGROS

228 | EXPERIMENTAÇÕES, VENTANIAS E ANDANÇAS COM CRIANÇA: UM XIRÊ COM O SACO DA EXISTÊNCIA NUM TERREIRO DE OYÁ

232 | A CONSTRUÇÃO TEÓRICO PRÁTICA DA PREVENÇÃO NO CENÁRIO DE SÍNTESE DA FACULDADE DE ENFERMAGEM

233 | A IMPORTÂNCIA DOS COLETIVOS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: A PERCEPÇÃO DE UM ESTUDANTE NEGRO

234 | ADVOCACIA NEGRA: DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS DA COSTA DOCE

235 | AS CRIANÇAS NOS TERREIROS: IMAGENS QUE NARRAM

236 | EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INFANTIL: EM DEFESA DO PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS

237 | JOGOS E BRINCADEIRAS AFRODESCENDENTES NO CONTEXTO ESCOLAR

238 | O QUE PODEM AS CRIANÇAS EM ESTADO DE INFÂNCIA?

242 | AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE: CONCEITOS BÁSICOS

243 | APONTAMENTOS BÁSICOS ACERCA DE UMA NEGRO LINGUÍSTICA APLICADA

244 | ÉTICA NA COMPUTAÇÃO: DESAFIOS E REFLEXÕES

248 | GENTRIFICAÇÃO E HABITAÇÃO: RAÇA E PERIFERIA URBANA EM PELOTAS/RS

249 | “NÃO SE CORTA COM FACA, SE CORTA COM PALAVRAS!” CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DE PRÁTICAS DE BENZIMENTOS COM FINALIDADE DE CURA.

250 | SERVIÇO SOCIAL E RACISMO ESTRUTURAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO COMBATE AO RACISMO

SAMANA



MESTRA GRIÔ SIRLEY AMARO

Mestra Griô Sirley da Silva Amaro (1936-2020) Sirley da Silva Amaro nasceu em Pelotas em 12 de janeiro de 1936 e faleceu na mesma cidade em 28 de outubro de 2020. Filha de um pai cozinheiro e folião e de uma mãe que inventava pomadas e ungimentos com ervas e temperos, teve uma infância muito rica e viveu intensamente os conhecimentos tradicionais transmitidos em família. Além de acompanhar o carnaval, colaborou na organização de vários festejos na sua comunidade. Desde cedo começou a costurar, mostrando criatividade na criação dos seus famosos "fuxicos" e de bonecas e adereços com restos de panos. Trabalhou em escola, deu aulas de costura. Transmitia com alegria suas memórias da negritude. A caminhada como Mestre Griô começou em 2007, quando foi reconhecida pelo Programa Cultura Viva do extinto Ministério da Cultura. Como Mestra passou a ministrar oficinas de contação de histórias e de narração de vivências que a tornaram conhecida e premiada nacionalmente. Em 2013, foi agraciada com o Prêmio Culturas Populares, 100 anos de Mazzaropi. Em abril de 2017, a Biblioteca Comunitária do Quilombo do Sopapo, em Porto Alegre, foi rebatizada com o nome "Biblioteca Comunitária Mestra Griô Sirley Amaro" em reconhecimento ao seu trabalho formativo no espaço. Para reverenciar o legado e a trajetória de lutas da Mestra, a 20 de novembro de 2019 e 2020 no Dia da Consciência Negra de Pelotas ocorreu a "Marcha Mestra Griô Sirley Amaro: Pela nossa história e ancestralidade". Também póstumo, em dezembro de 2019, recebeu o título de Doutora Honoris Causa da Universidade Federal de Pelotas, sendo a primeira mulher negra a receber a honraria na história da UFPel. Em 2021 foi homenageada ao dar nome ao Prêmio Trajetórias Culturais – Mestra Sirley Amaro, executado pela Secretaria de Estado da Cultura (SEDAC) e pelo Instituto Trocando Ideia.

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK

ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA DOS ESTUDANTES SURDOS AOS TERMOS TÉCNICOS ESPECÍFICOS DA MODA NA LIBRAS

Aline Maria Rodrigues Machado

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense Câmpus Pelotas Visconde da Graça - alinemachado@ifsul.edu.br

Para haver a inclusão das pessoas surdas é necessário assegurar-lhes a autonomia por meio da comunicação, apreensão e compreensão do conhecimento. Na área do vestuário e moda, existem termos técnicos específicos que não fazem parte do vocabulário comum e resultam em dificuldades apresentadas pelos estudantes surdos e por seus intérpretes. Este projeto de pesquisa buscou construir um glossário virtual de sinais na Libras para os termos técnicos específicos da moda, com o objetivo de contribuir no que se refere à acessibilidade comunicativa dos estudantes surdos aos cursos Técnicos e Superiores das áreas de vestuário e moda. O projeto foi desenvolvido em três fases: fase 1 (edital Proex 06/2020), fase 2 (edital Proex 04/202) e fase 3 (edital Proex 09/2022). O Glossário foi construído seguindo os passos elaborados por MACHADO (2013) na dissertação: "Proposta de método de criação de sinais na Libras para os termos técnicos específicos do design de moda" (Programa de pós graduação em Design do Centro Universitário Ritter dos Reis UNIRITTER). O método desenvolvido obteve a sua validação no projeto de pesquisa: "O design de moda na Libras e o uso das tecnologias da infor-

mação na acessibilidade comunicativa dos surdos no ensino superior" (IFRS – campus Erechim – P&I Pesquisa e Inovação). A metodologia adotada é a pesquisa-ação educacional. Como resultados obtemos a criação e catalogação de mais de 250 termos da moda na Libras e como impactos espera-se que o desenvolvimento do glossário dos termos de moda na Libras possibilite a assimilação de novos conceitos pelos alunos surdos e possa ser utilizado como uma ferramenta de apoio aos tradutores e intérpretes de Libras.

Palavras-chave: Libras; Glossário virtual; Moda

A GRAFIA DE SÍLABAS COMPLEXAS POR CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Yasmin Eduarda Machado De Campos

*Universidade Federal de Pelotas
yasmineduarda1@live.com*

Ana Ruth Moresco Miranda

*Universidade Federal de Pelotas
anaruthmmiranda@gmail.com*

Este é um estudo exploratório que tem como objetivo descrever e analisar as grafias de sílabas complexas de crianças da primeira etapa do Ensino Fundamental. A aquisição da escrita é um processo complexo que envolve o domínio de diversas habilidades linguísticas e cognitivas, dentre as quais se destaca a escrita de sílabas complexas, tarefa que se configura como um desafio para muitas crianças, principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental. As sílabas complexas abordadas neste estudo são aquelas constituídas por duas vogais no ataque CCV, os chamados encontros consonantais, e aquelas com a posição pós vocálica preenchida VC, ou seja, sílabas com coda. Para alcançar o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e empírica com a finalidade de aprofundar o conhecimento teórico sobre o processo de aquisição da escrita e identificar as principais tendências das crianças para a grafia de estruturas complexas. A base empírica constitui-se em uma amostra de dados produzidos por 122 alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, os primeiros cinco anos, tendo sido descartados aqueles ditados que apresentavam um nível pré-alfabético de escrita.

Nas palavras analisadas, o menor índice de erros é relativo às grafias da nasal, na palavra "gente", e da rótica, na palavra "exército"; e os maiores, nas palavras "cambalhota" e "extra". Nos resultados deste estudo, a nasal ocupa o primeiro e o último lugar numa escala de menor a maior percentual de erros. Para estas palavras específicas, pode-se pensar sobre o efeito do tamanho da palavra, em "cambalhota", como sendo um complicador; e na alta frequência da palavra "gente" como potencial facilitador para a grafia correta. Os resultados da presente pesquisa, têm implicações para a pedagogia e a educação linguística, destacando a necessidade premente de abordagens específicas e eficazes para o ensino de sílabas complexas.

Palavras-chave: Aquisição da escrita; Sílabas complexas; Coda; Encontro consonantal

CUR(AR) - UMA ARTESCREVÊNCIA NO PASSO DOS NEGROS - RS - BR, AO SOM DE GIAMARÊ E GIBA GIBA

Ana Paula Siga Langone

Produção, direção e roteiro

Ao caminhar pelas encruzilhadas da cidade de Pelotas, encontrei o Passo dos Negros. A cada passo dado nesse território, comuniquei as assertividades dos povos negros através de seus conhecimentos e trabalhos, para além dos rastros das violências e traumas promovidos pela branquitude. A videoarte "Cur(ar)" dança a autoestima ao incorporar nossa própria história, no espiralar das ancestralidades. A performance busca restituir os devires negros através da (ar)te, como um tear de fios, ao conectar pessoas e suas histórias através de uma narrativa polifônica. A personagem afro-futurista, vestida de amarelo como OXUM, rompe o discurso hegemônico e adota uma perspectiva afrocentrada. Nessa gira, potencializamos nossas existências e produzimos as imagens de como nos vemos e queremos ser vistos. Fazemos o movimento de amar a negritude, ao imaginar novas prospecções de futuros possíveis que acabam por reverberar em todos os povos amefricanos.

Ana Langone (arte gráfica, figurino, montagem, performer, prod de conteúdo), Seu Pedro (prod, conteúdo), Seu Aniba (prod, de conteúdo), Simone Fernandes (prod, de conteúdo) Bruna Moreira da Silva (produção), Daniela Xu (imagem), Joana Leon (figurino, produção), Josekler Silva (imagem), Marta Bonow Rodrigues (produção), Roberta Silva (produção, figurino), Thiago Madruga (arte gráfica), Wagner Previtali (imagem)

Autores e participantes

Duração: 10 minutos

Link:

www.youtube.com/watch?v=z2IXUgV6T2o

GREENWASHING E SUA INFLUÊNCIA NA TOMADA DE DECISÃO DO CONSUMIDOR

Daniela Colares Conceição

Engenheira Agrônoma FAEM - UFPel. Msc em Produção Vegetal FAEM - UFPel. Especialização em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável UNINTER. Especialização em Direito Ambiental FADERGS

O tema deste artigo é GREENWASHING e sua influência na tomada de decisão do consumidor. Investigou-se a vulnerabilidade do consumidor diante a propaganda enganosa, quando o assunto em voga é a sustentabilidade. Ele conceitua Greenwashing, suas implicações e práticas utilizadas pelas empresas, assim como as diferenças entre publicidade e propaganda, conceitos esses importantes para entendermos o que é a prática do Greenwashing. O artigo agrupa a sociedade pelo fato de alertar o consumidor, da manipulação realizada pelas empresas repassando falsas informações sobre serviços e produtos verdes com as falsas rotulagens, quando se auto declara sustentável, beneficiando-se da vulnerabilidade do consumidor e da sua consciência ambiental, causando uma confusão verde e levando-o às vezes a compra de um produto ou serviço equivocado. Metodologia: A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica, foi realizado um levantamento de informações a partir de materiais bibliográficos e pesquisa exploratória. Conclusão: Como as empresas se beneficiam aproveitando-se da vulnerabilidade do consumidor, como a influência do Greenwashing interfere na interpreta-

ção correta dos consumidores sobre os aspectos ambientais de um serviço ou produto.

Palavras-chaves: Greenwashing; Consumidor; Vulnerabilidade

LANCEIROS NEGROS (Revolução Farroupilha)

Oliveira Silveira

Autora

Grupo Desagravo

Intérprete

Vladimir Rodrigues

Adaptação musical

Glênio Rissio

Captação de som e áudio

A música lanceiros negros é baseada no poema homônimo de Oliveira Silveira, que expõe a dura realidade da Revolução Farroupilha, na qual os escravizados negros foram para o campo de batalha e pelearam em busca da liberdade prometida ao final do conflito. O poema retrata a triste incoerência de uma luta em meio ao horror da escravidão, onde a verdadeira alforria foi a morte.

Palavras-chave: Oralidade; Mulheres Negras; Escrita Curativa

Duração: 4:48 | **Formato:** apresentação musical ao vivo



NOSSO COTIDIANO, CONTAR AS COISAS QUE CONTAM

Maria heloisa martins
Helô miléo martins

Comunidade Externa
mariaheloisam@gmail.com

Transpor para o papel as coisas que contam a partir das vivências do dia a dia, parece um desafio, algo irrelevante, intangível para nós mulheres de cor, frente as múltiplas tarefas cotidianas que o sistema capitalista nos impõe enquanto mulheres negras com família, casa, animais domésticos, trabalho fora de casa para prover necessidades, a sobrevivência. O hábito da escrita, a partir da forma que falamos, uma escrita direta cotidiana “sem as tolices esotéricas e pseudo-intelectualizadas que a lavagem cerebral da escola forçou em minha escrita” conforme Glória Anzaldúa, torna-se uma alternativa para contar dores, protestar sobre o que não aceitamos, falar das alegrias. A proposta, a ideia é justamente provocar, motivar através das leituras de mulheres negras nas rodas de conversas, que escrevemos. Tomando para nós o desafio, a ideia de Anzaldúa, de Carolina Maria de Jesus, entre outras, que colocaram na escrita uma potente ferramenta de transformação e luta. Somos diuturnamente ameaçadas pela violência do Estado, nunca tivemos nenhum privilégio, por outro lado somos invisíveis, escrever, narrar nossas histórias não nos colocará em perigo maior do que já vivemos.

Nosso discurso popular – “senso comum, ignorante”, para muitos irrelevantes, não é ouvido, somos imperceptíveis aos saberes intelectualizados, opressores, brancos e também de cor. Escrevemos nossas histórias, ancestralidades como uma resistência ao sistema e como uma nova proposta epistemológica.

Palavras-chave: Oralidade; Mulheres Negras; Escrita Curativa

O TAPETE DE LADRILHOS DO HALL DO MUSEU DO DOCE / PELOTAS/RS: REPRESENTAÇÕES LÚDICAS COMO CONVITE A SUA INTERPRETAÇÃO

Aline Da Costa Ferreira

Universidade Federal de Pelotas
aline14.ferreira22@gmail.com

Karine Chalmes Braga

Universidade Federal de Pelotas
chalmes-karine@hotmail.com

Adriane Borda

Universidade Federal de Pelotas
adribord@hotmail.com

O presente estudo tem como objetivo produzir e compartilhar conhecimentos sobre um bem integrado ao Casarão 8: o tapete de ladrilhos do hall de entrada. Este casarão, edificado no final do século XIX na cidade de Pelotas, é reconhecido pelo IPHAN e sedia o Museu do Doce. As regras compostivas que estruturam o tapete harmonizam com as regras aplicadas no todo da edificação, as quais estão apoiadas em proporções clássicas, como as de raízes e áurea, para determinar as formas e os lugares geométricos das figuras decorativas. Este tipo de estratégia, para ser explicitada e compartilhada, exige ser traduzida em uma linguagem acessível, quiçá lúdica, para ser compreendida. O Museu detém de um tipo de interface tangível: uma mesa que em seu interior tem um sistema digital preparado para detectar e reagir (com imagens projetadas e/ou sons) à colocação de objetos físicos sobre o seu tampo. Neste contexto, foram desenvolvidos recursos lúdicos, relativos à interpretação do tapete, disponibilizados para o uso no ambiente do Museu. Para isto, foram consideradas as narrativas já construídas sobre o tapete e realizada uma investigação sobre as regras estruturantes do desenho do todo

deste elemento e de cada um dos ladrilhos que o compõe, além da apropriação de tecnologias de representação e fabricação digital e das técnicas para o uso da mesa tangível (reconhecimento da plataforma EDUBA). Foram realizados testes com quatro tipos de recursos lúdicos por meio de ações de extensão no Museu. O estudo ampliou o repertório de recursos, de caráter lúdico, para ser explorado pela equipe educativa do Museu, tendo-se em conta a percepção do potencial dos mesmos em provocar um olhar atento dos visitantes para o elemento em questão e motivar a sua interpretação e valoração como registro de um saber fazer construtivo, simbólico e estético.

Palavras-chave: Ações de extensão; Museu do Doce; Interface Tangível; Abordagem Lúdica

SAIA 02



MESTRE MOA DO KATENDÊ

Romualdo Rosário da Costa nasceu em Salvador, em 1954, no dia 29 de outubro, mês de Oxalá, Orixá da fecundação, fertilidade e criação. Mestre Moa do Katendê foi criador, compositor, percussionista, artesão, educador e mestre de capoeira, hoje ancestral. Entre os grandes mestres de Capoeira Angola, iniciou-se antes dos oito anos, no terreiro de sua tia, o Ilê Axé Omin Bain. Em 1978 fundou o afoxé Badauê, que levou às ruas uma versão mais popular do Ilê Aiyê e Filhos de Gndl. Em 1995 criou os Amigos de Katendê, com representações na Bahia, São Paulo e Porto Alegre. Defendia a reafricanização da juventude baiana e do carnaval. Educador popular na capoeira, visitou o Rio Grande do Sul diversas vezes, ao menos cinco em Pelotas, para divulgar a Capoeira Angola. Suas músicas foram gravadas por artistas como Caetano Veloso e Gilberto Gil. Em 8 de outubro de 2018, no Dique Pequeno, seu bairro de origem, Moa foi assassinado com treze facadas após declarar voto em um candidato popular e ser atacado por um apoiador do candidato fascista Jair Bolsonaro. Doze golpes atingiram Moa e um seu primo, Germino Pereira, que tentou defendê-lo. O corpo foi sepultado no Cemitério Quinta dos Lázarios, em Salvador, e sua missa de sétimo dia ocorreu na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Em sua comunidade, ergueu o Instituto Mestre Moa do Katendê, mantido por mestres de capoeira, sem apoio governamental. O Colégio Estadual Victor Civita foi renomeado em sua homenagem, por vontade da comunidade do Engenho Velho de Brotas e do movimento negro. No pensamento e na lembrança, Moa é ancestral. Moa vive! Sua inspiração no Ayê, terra, reforça nossa ligação com o Orum, o mundo espiritual. Moa está conosco, mostrando o caminho da (Ciência) Sabedoria (Preta) Ancestral.

**TEM
CIÊNCIA
PRETA
AQUI
EBOOK**

CAPOEIRA TERRA - A EDUCAÇÃO MUSICAL ATRAVÉS DA ORALIDADE

Paulo Saulo Alves Bernardes

Universidade Federal de Pelotas
sabiasab93@gmail.com

Dr. Felipe Da Silva Martins

Universidade Federal de Pelotas
felipedasmartins@hotmail.com

Priscila Ferreira

FURG-Campus São Lourenço
priscilaferreira@gmail.com

Introdução: O presente trabalho apresenta uma perspectiva de caminho a partir dos processos de Educação Musical no grupo Capoeira Terra. A pesquisa tem como objetivo investigar os processos de ensino do grupo, que surge no contexto acadêmico dentro do PEPEU - Programa de Extensão de Percussão da UFPel. O Capoeira Terra se fundamenta na oralidade como principal metodologia de ensino, já presente também no universo da capoeira. Metodologia: Para metodologia de pesquisa, foi escolhido como pilar a etnografia surrealista, se relacionando com o estudo de caso e a observação participante, conversando com trabalhos de autores do campo da Educação Musical, Mestres da Cultura popular e de anciões que tive a oportunidade de conhecer ao longo de minha trajetória. Resultados: A pesquisa está em andamento. Até então, o trabalho comprehende a relevância da oralidade nos processos de Educação Musical, a partir da percepção de sua ausência dentro das práticas didático-pedagógicas em música no contexto acadêmico, propondo a reflexão sobre os espaços e atuações da oralidade no fazer musical. As práticas do grupo Capoeira Terra durante minha trajetória acadêmica me leva-

ram a transitar entre Tekohá's, Kilombos e Escolas, podendo ser interpretadas como meio para refletir e inspirar outras abordagens pedagógicas no campo da Educação Musical, valorizando nossa cultura como maior professora que sempre nos ensina. Conclusão: Acredito que a Oralidade, presente na capoeira, se aplicada nos processos formais de Educação Musical, torne possível a construção de conhecimento em que, a formação do indivíduo, também a partir de uma educação musical, seja sempre emancipadora, estimulando a potencialidade e a capacidade de reflexão através da oralidade, da circularidade, da memória e da ancestralidade. Não pretendo afirmar aqui, através destas palavras, que tal processo seja igual a todo e qualquer sujeito que tome encontro com a capoeira, mas, acredito, a partir das observações, estudos e reflexões até aqui realizados, que a Capoeira pode sim ser a motriz de potentes conhecimentos musicais, tão relevantes na formação dos sujeitos.

Palavras-chave: Educação Musical; Oralidade; Capoeira

CATALOGAÇÃO DE ESCRITORES E ESCRITORAS NEGRAS NA BIBLIOTECA PÚBLICA ELIDA FRÖMMING SCHILD

Este trabalho advém da necessidade de catalogação de escritores negros na referida biblioteca, dado que, até o início da presente pesquisa, não havia informações atinentes a essa categoria no processo de indexação que constitui o sistema da instituição – aspecto que invisibiliza a busca, consulta e leitura de tais autores. O objetivo do projeto é realizar a inserção das palavras-chave no sistema, o que facilitará a busca diante das pesquisas a serem feitas pelos usuários. A autora deste projeto, que é graduada em Biblioteconomia, ao iniciar algumas pesquisas no sistema, notou a alta relevância de escritores brancos no acervo e nenhum resultado na busca por autores negros. A partir disso, realizou uma pesquisa em toda área de literatura e mais algumas obras nas áreas de sociologia e história, buscando cada autor e sua respectiva raça. Foram pesquisados em torno de 2.000 escritores e nesta pesquisa foram encontradas menos de 1% de obras com protagonismo negro. Mas o que mais chamou atenção da pesquisadora é que no sistema anterior, o processo de catalogação não foi realizado nessas obras. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo, onde reúnem-se informações concretas a serem

documentadas e o pesquisador vai até o ambiente do seu objeto de estudo. Este trabalho visa promover principalmente a divulgação da literatura negra, e também a ocupação de escritores negros em outras áreas como sociologia e história. A inserção das palavras-chave no sistema é de suma importância para a disseminação destas obras na biblioteca pública municipal. A pesquisadora acredita que as pessoas não negras também devem conhecer as obras, os autores e suas histórias, fazendo com que a visibilidade destes autores aumente. Espera-se que a comunidade possa conhecer um pouco mais da história dos negros, que também contribuíram muito para a formação e desenvolvimento de São Lourenço do Sul.

Palavras-chave: catalogação; biblioteca pública municipal; museu municipal; escritores negros; autores negros.

EPIDEMIA SILENCIOSA: A ESCALADA DE VIOLENCIA CONTRA MULHERES NEGRAS NO BRASIL

Juciara Silva Corrêa Fonseca

Universidade de Pelotas
Juciarafonseca38@gmail.com

Segundo informações publicadas pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), 75% das mulheres negras no Brasil foram vítimas de feminicídio no primeiro semestre de 2023, um aumento de 2,6% em relação ao mesmo período de 2022. E um aumento de 14,4% desde o início de 2019. A análise mostra que pessoas que vivem nas áreas periféricas, são adolescentes e mães totalmente dependentes economicamente aos seus maridos, e essa é uma das razões que as mantêm presas no ambiente de violência. De acordo com o Departamento para a Mulher e Igualdade Racial (2023), as mulheres negras sofrem violência durante uma média de 10 anos antes de serem denunciadas por algum parente da família. A violência começa com assédio sexual, assédio patrimonial até chegar a violências físicas. O objetivo deste estudo é fornecer à sociedade dados sobre as causas da violência contra as mulheres negras na sociedade, dados esses que aumentam a cada ano. A metodologia utilizada é baseada em artigos, livros digitais, pesquisas bibliográficas, artigos científicos e materiais digitais. No primeiro semestre deste ano foram registrados 34 mil estupros e estupro vulnerável contra mulheres ne-

gras, um aumento muito significativo desde 2022. Dos 34 mil casos, 74,5% dos estupros estão entre a população negra. Aos 14 anos, a violência começa na sua própria casa. Ao denunciar, as mulheres devem lembrar que não estão sozinhas e que existem profissionais e organizações que podem apoiá-las nesta decisão. O desenvolvimento de políticas públicas são fundamentais para o combate à invisibilidade de morte de mulheres negras, apoio de projetos e programas que possam auxiliar o enfrentamento da violência contra meninas e mulheres negras.

Palavras-chave: violência, mulheres, negras, denunciar, enfrentamento

O BRINCAR LIVRE E A LITERATURA INFANTIL ANTIRRACISTA: PRÁTICAS HUMANIZADORAS NO CONTEXTO DO PIBID EDUCAÇÃO INFANTIL

Fernanda Dutra Silveira

Universidade Federal de Pelotas
ffernanda.silveira@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho analisa as problemáticas e potencialidades relacionadas ao brincar livre e à construção de uma literatura infantil antirracista no contexto da Educação Infantil, com base em práticas pedagógicas desenvolvidas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). A pesquisa foi realizada em uma escola municipal e estruturada em dois eixos principais: o uso de brinquedos não estruturados e a leitura de obras literárias que promovem a representatividade de protagonistas negros e indígenas. As atividades com materiais não convencionais, inspiradas nos princípios do cesto de tesouros, estimularam a criatividade, a autonomia e a ressignificação de objetos, favorecendo o protagonismo infantil. Paralelamente, a literatura infantil antirracista demonstrou ser uma ferramenta poderosa na desconstrução de estereótipos raciais, promovendo autoestima, senso de pertencimento e empatia entre as crianças. Os resultados reforçam a relevância de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade étnico-racial desde a primeira infância, contribuindo para a construção de ambientes educativos mais inclusivos, equitativos e culturalmente significativos. Conclui-se que tanto o brincar livre quanto a literatura infantil antirracista são estratégias fundamentais para a promoção de uma educação humanizada e antirracista, que respeite as singularidades e celebre as múltiplas identidades presentes na escola. Assim, o estudo reafirma o papel do educador como mediador de práticas transformadoras, alinhadas à formação de sujeitos críticos e engajados socialmente.

Palavras-chave: Brincar Livre, Literatura Infantil Antirracista, Educação Infantil, PIBID, Diversidade Étnico-Racial.

| Texto completo

APRESENTAÇÃO

A trajetória acadêmica e pessoal, enquanto mulher negra retinta, mãe e estudante de Pedagogia na Universidade Federal de Pelotas, é marcada pelo compromisso com a luta antirracista e pela construção de práticas pedagógicas voltadas à humanização e ao empoderamento de crianças negras, especialmente na Educação Infantil. Reconhecendo a educação como instrumento de transformação social, busca-se articular saberes teóricos e práticos que fomentem a valorização de identidades historicamente marginalizadas, enfrentando paradigmas desumanizadores que afetam crianças negras e indígenas.

A experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) proporcionou contato com a literatura infantil antirracista e o brincar livre, elementos essenciais para uma prática pedagógica decolonial. Essa abordagem desafia o eurocentrismo e possibilita a construção de práticas educativas que valorizam a pluralidade cultural e promovem espaços educacionais equitativos.

Adotar uma postura pedagógica antirracista requer o reconhecimento das histórias, culturas e identidades de cada criança, assegurando um ambiente acolhedor e justo. Orientada por uma postura crítica e reflexiva, essa prática reafirma o papel da educação na transformação social e na construção de uma sociedade plural, comprometida com o respeito à diversidade e o enfrentamento das desigualdades estruturais que marcam as infâncias.

Assim, reafirmo meu compromisso com a luta antirracista, tanto no ambiente escolar quanto no âmbito comunitário, desenvolvendo práticas educativas que desafiem as desigualdades e promovam o reconhecimento e a valorização das múltiplas infâncias.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil desempenha um papel essencial no desenvolvimento integral das crianças, especialmente na construção de valores, identidade e senso de pertencimento (Sarmento; Tomás, 2020). Nesse contexto, práticas como o brincar livre e a literatura infantil antirracista emergem como instrumentos fundamentais para a promoção de uma educação equitativa e culturalmente significativa, ao valorizar as subjetividades infantis e fomentar um ambiente inclusivo e plural.

O brincar livre, fundamentado no uso de brinquedos não estruturados, promove autonomia, criatividade e protagonismo infantil, além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo (Ferreira et al., 2022). Essa abordagem respeita as vivências singulares das crianças, consolidando suas subjetividades no processo educativo. Por outro lado, a literatura infantil antirracista desempenha um papel crucial na desconstrução de estereótipos raciais e na valorização da representatividade. Narrativas com protagonistas negros e indígenas fortalecem identidades não brancas e promovem a empatia e o respeito à diversidade étnico-racial entre crianças brancas (Ribeiro, 2019; Evaristo, 2016).

Ao serem implementadas no âmbito do PIBID Educação Infantil, essas práticas pedagógicas destacam-se como estratégias transformadoras para a construção de uma pedagogia inclusiva e decolonial. Elas promovem um ambiente educativo que valoriza diversidade, respeita identidades plurais e fomenta o senso de pertencimento, consolidando-se como ferramentas alinhadas aos princípios de justiça social.

Este trabalho busca analisar as contribuições do brincar livre e da literatura infantil antirracista na construção de uma pedagogia equitativa e culturalmente significativa, evidenciando seu impacto no fortalecimento das identidades infantis, na desconstrução das desigualdades raciais e na promoção de uma educação inclusiva e transformadora.

METODOLOGIA

O presente estudo foi conduzido na Escola Municipal de Educação Infantil Mário Osório Ma-

galhães, localizada em Pelotas/RS, com turmas do maternal, atendendo crianças de dois a três anos. A metodologia adotada foi estruturada a partir de dois eixos principais: o brincar livre com materiais não estruturados e a leitura de literatura infantil antirracista. Ambos os eixos se fundamentaram em princípios teóricos e práticos que privilegiam a autonomia, a criatividade e a valorização das identidades culturais das crianças no processo educativo, com enfoque na construção de uma pedagogia inclusiva e equitativa.

No primeiro eixo, as atividades foram organizadas com materiais não convencionais, incluindo rolos de papel, caixas de diversos tamanhos e tecidos variados. Essa abordagem foi inspirada nos princípios do "cesto de tesouros", propostos por Goldschmied e Jackson (2006), que destacam a importância da exploração sensorial e da criatividade infantil. O uso de brinquedos não estruturados permitiu que as crianças ressignificassem os objetos disponíveis, promovendo brincadeiras autônomas e carregadas de significados próprios. Essa prática valorizou a expressão das subjetividades infantis e ampliou as possibilidades de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

O segundo eixo consistiu na leitura de obras literárias antirracistas, com foco em narrativas protagonizadas por personagens negros e indígenas. A seleção dos textos foi guiada pelos estudos de Ribeiro (2019) e Evaristo (2016), que ressaltam a relevância da representatividade e do enfrentamento aos estereótipos raciais na literatura infantil. Durante as sessões de leitura, promoveu-se a participação ativa das crianças, incentivando o diálogo, a interação e a construção coletiva do significado das histórias. Essa abordagem está em consonância com o conceito de letramento literário como prática cultural, conforme definido por Cosson (2014), e reforça a importância de inserir perspectivas antirracistas na formação infantil.

As intervenções foram sistematicamente registradas por meio de diários de campo, fotografias e vídeos, permitindo um acompanhamento minucioso das atividades e das interações das crianças. A análise dos dados seguiu uma abordagem qualitativa, fundamentada nos referenciais de Zabalza (2004). Esse autor enfatiza a importância da interpretação das práticas educativas no contexto em que ocorrem, garantindo uma compreensão aprofundada e contextualizada das experiências pedagógicas desenvolvidas.

Assim, o estudo buscou integrar práticas inovadoras que alinham o brincar livre e a literatura antirracista à construção de uma educação infantil

culturalmente significativa e inclusiva. As evidências obtidas demonstram que essas práticas não apenas favorecem o desenvolvimento integral das crianças, mas também promovem a valorização da diversidade étnico-racial, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, conscientes e empáticos desde os primeiros anos de vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo evidenciaram a relevância do brincar livre como prática pedagógica que valoriza a autonomia, a imaginação e a criatividade das crianças na Educação Infantil. Durante as atividades, o engajamento das crianças foi expressivo, destacando-se o uso criativo de materiais não estruturados, como potes, tecidos e pedaços de madeira. Esses objetos foram ressignificados pelas crianças de maneiras variadas, como em simulações de refeições ou instrumentos musicais improvisados, corroborando os estudos de Ferreira et al. (2022) sobre a capacidade dos "brinquedos não brinquedos" de estimular novas formas de interação lúdica. Essa prática reflete os princípios defendidos por Goldschmied e Jackson (2006), que ressaltam a importância de oferecer materiais que ampliem as experiências sensoriais e criativas na primeira infância.

A abordagem do brincar livre também se alinha aos pressupostos da abordagem Reggio Emilia, como descrito por Edwards, Gandini e Forman (2016), ao valorizar as "cem linguagens da criança". Nesse contexto, as crianças demonstraram protagonismo na condução de suas brincadeiras, explorando materiais de maneira significativa e autônoma. Observou-se que as brincadeiras possibilitaram interações sociais ricas, nas quais as crianças negociavam significados, colaboravam entre si e expressavam suas subjetividades. Esses resultados dialogam com os apontamentos de Silva et al. (2024), que destacam a importância do lúdico como ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais, especialmente em contextos inclusivos.

Em relação ao eixo da literatura infantil antirracista, as leituras realizadas mostraram-se fundamentais para a promoção de um ambiente inclusivo e representativo. As narrativas escolhidas, que destacavam protagonistas negros e indígenas, proporcionaram às crianças não brancas a oportunidade de se reconhecerem nas histórias, fortalecendo suas identidades e autoestima. Conforme discutido por Ribeiro (2019) e Evaristo (2016), a representatividade é uma ferramenta poderosa para a desconstrução de estereótipos raciais e

para a valorização da diversidade cultural. Durante as atividades, observou-se

um envolvimento emocional das crianças com os personagens, o que reforça a relevância dessas obras na formação de valores antirracistas desde a primeira infância.

O impacto das práticas de leitura literária também foi ampliado pela abordagem de letramento literário como prática cultural, conforme preconizado por Cosson (2014). As crianças participaram ativamente das narrativas, seja fazendo perguntas, seja relacionando as histórias com suas próprias experiências. Esse envolvimento promoveu a construção de um espaço de diálogo e aprendizagem, no qual as crianças puderam explorar questões relacionadas à diversidade étnico-racial de maneira lúdica e reflexiva. Tais práticas demonstram o potencial da literatura infantil antirracista para fomentar o senso de pertencimento e a empatia entre as crianças.

A análise dos dados, fundamentada nos registros de campo e nos referenciais de Zabalza (2004), permitiu compreender como essas práticas pedagógicas dialogam com a constituição de um "inventário sensível" na Educação Infantil, conforme sugerido por Carvalho e Lopes (2022). Tanto o brincar livre quanto a literatura infantil antirracista foram práticas que promoveram a valorização das subjetividades infantis e o respeito às múltiplas identidades presentes no grupo. Além disso, essas abordagens evidenciaram o papel do educador como mediador de experiências que priorizem a equidade e a inclusão, alinhando-se aos princípios da educação humanizadora defendidos por Sarmento e Tomás (2020).

Por fim, os resultados obtidos reforçam a importância de práticas pedagógicas que promovam a representatividade e a valorização da diversidade cultural na Educação Infantil. Seja por meio do brincar livre, que amplia as possibilidades criativas das crianças, ou da literatura antirracista, que desconstrói estereótipos e fortalece identidades, essas abordagens demonstraram ser essenciais para a construção de uma educação equitativa e culturalmente significativa. Assim, este estudo reafirma a relevância de integrar essas práticas ao cotidiano escolar, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, empáticos e conscientes de seu papel na construção de uma sociedade mais justa e plural.

CONCLUSÕES

As atividades realizadas no âmbito do PIBID Educação Infantil demonstraram que o brincar li-

vre e a literatura infantil antirracista são práticas pedagógicas eficazes para a construção de uma pedagogia inclusiva e equânime. O brincar livre, por possibilitar a exploração criativa e autônoma de materiais não estruturados, promoveu o desenvolvimento da imaginação e da independência das crianças. Essas atividades permitiram às crianças ressignificar objetos cotidianos, ampliando suas experiências sensoriais e sociais em um ambiente educativo que valoriza a subjetividade infantil.

De forma complementar, a literatura infantil antirracista revelou-se uma ferramenta poderosa para promover a representatividade e combater estereótipos raciais na Educação Infantil. Ao apresentar protagonistas negros e indígenas, essas narrativas possibilitaram que crianças não brancas se reconhecessem nas histórias, fortalecendo suas identidades e autoestima. Além disso, a inclusão de obras literárias com diversidade étnico-racial incentivou o diálogo sobre respeito e empatia, contribuindo para a formação de um ambiente mais acolhedor e culturalmente sensível.

Essas práticas pedagógicas também evidenciaram o potencial de transformar as relações raciais no ambiente escolar, promovendo o respeito às diferenças desde os primeiros anos de vida. O brincar livre e a literatura antirracista, quando integrados ao currículo da Educação Infantil, criam oportunidades de aprendizagem que valorizam as múltiplas identidades e vivências das crianças. Essa abordagem vai ao encontro de uma educação humanizadora, que prioriza a equidade e o respeito às singularidades culturais e individuais.

Concluo, portanto, que o brincar livre e a literatura infantil antirracista ampliam significativamente o potencial pedagógico da Educação Infantil. Essas práticas, ao reconhecerem e valorizarem a diversidade étnico-racial, contribuem para a construção de um ambiente educativo equitativo e culturalmente significativo. A promoção dessas abordagens reforça a importância de uma educação que respeite e celebre a singularidade de cada criança, fortalecendo a formação de sujeitos críticos e socialmente engajados.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, R. S.; LOPES, A. O. Ateliê, arte contemporânea e docência com crianças de 2 a 3 anos na educação infantil: narrativas que constituem um inventário sensível. In: CUNHA, S. R. V.; CARVALHO, R. S. **Linguagens da Arte**: percursos da docência com crianças. Porto Alegre: Zouk, 2022.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

EDWARDS, C; GANDINI, L; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FERREIRA, A.C.; DANIEL, C; MALAVOLTA, G. A.; SILVA, M. O. **Brincando com brinquedos não brinquedos**. Porto Alegre: Bestiário, 2022.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche; Tradução: Marlon Xavier. Porto Alegre: Grupo A, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÁS, Catarina. A infância é um direito?

Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 15-30, 2020.

SILVA, Clodoaldo Matias [et al.]. O Lúdico e sua contribuição na aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **MARUPIARA - Revista Científica do Centro de Estudos Superiores de Parintins**, ano 9, n. 13, p. 52-71. 2024.

ZABALZA, M. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

O CHARME (BLACK MUSIC) COMO CULTURA E RESISTÊNCIA: AS VIVÊNCIAS NEGRAS EM PELOTAS

Adriana De Souza Gomes

UFPEL-PPGS

adrianasecretariado@gmail.com

Esta pesquisa é resultado do Mestrado em Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas, desenvolvido com o objetivo de compreender as cenas do Movimento Cultural Charme, enquanto um espaço de fortalecimento da cultura, de identidade e de resistência negra a partir da diversidade de imagens, símbolos e significados afrodiáspóricos. Investigou-se como os frequentadores das cenas de cultura Charme da cidade de Pelotas percebem a construção de suas identidades, a partir do repertório de elementos presentes nas cenas da *Black Music* pelotense, e como eles experienciaram ao longo do tempo o direito à cidade na realização dos eventos envolvendo a musicalidade negra norte-americana. A pesquisa, metodologicamente ancorada na abordagem qualitativa, de viés sociológico, articulou a observação do campo à entrevista conversacional em um universo de entrevistados constituído por dezesseis participantes, divididos entre três grupos, partindo de narrativas de sujeitos/as que vivenciam a cultura *black* durante os anos 70, 80, 90 e 2000 na cidade de Pelotas. A análise permitiu compreender como, geracionalmente, percebem suas experiências, em seus espaços de socialização, a ocupação

dos espaços na cidade, pelo envolvimento com a *Black Music*, assim como o caminho percorrido em suas lembranças até o período compreendido entre 2016 a 2018, quando o movimento Charme fez parte da agenda cultural no revitalizado Mercado Público de Pelotas até ser encerrado, de forma unilateral em 2018 pelo poder público local. A musicalidade, a dança, a linguagem, os símbolos encontrados nas Charmeiras se apresentaram como uma potente manifestação da cultura negra que ainda atrai os iguais, une e fortalece a identidade dos grupos.

Palavras-chave: Charme; Resistência; Identidade Negra

SISTEMAS DE CUIDADO À SAÚDE: REVISÃO DE LITERATURA

Andriele Ferreira Falcão
Universidade Federal de Pelotas
andrieleffalcao@gmail.com

Fernanda Eisenhardt De Mello
Universidade Federal de Pelotas
fernandaemello@hotmail.com

Stefanie Griebeler Oliveira
Universidade Federal de Pelotas
stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

Os sistemas de cuidado à saúde são divididos em popular, folk e formal. O popular são os saberes tradicionais que são passados através de relações familiares e comunidade. O folk abrange diversas maneiras de cura, passadas por pessoas que têm o conhecimento, como benzedores e curandeiros. Já o profissional é o saber legitimado, incluindo médicos e especialistas. Assim, o objetivo deste trabalho é conhecer os sistemas de cuidado à saúde utilizados por mulheres com câncer. Dados parciais de um Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Sistemas de cuidado à saúde utilizados por mulheres em tratamento de câncer: revisão integrativa". Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Foram lidos títulos e resumos de 84 artigos e selecionados 21 para serem lidos na íntegra. Neste trabalho utilizou-se dados de 13 artigos, que foram extraídos dos dados até o momento. Todas as pesquisas analisadas foram realizadas com mulheres. Em três artigos foi informado a raça das mulheres, sendo dois com predomínio pretas ou pardas e um com predomínio de mulheres brancas. Até o momento, 12 artigos relatam que as mulheres acessaram o sistema de cuidado à saúde popular,

como ir à igreja, ter fé em Deus, realizar orações, uso de chás, entre outros. Três artigos mostram o acesso das mulheres a sistemas folk, sendo eles a prática de garrafadas, idas em benzedeiras e a utilização de ervas naturais para alívio de náuseas e fortalecimento de sistema imunológico. Além disso, tantos estudos apontam que as mulheres acessaram sistemas formais, como aromaterapias, yoga, acupuntura, braquiterapia, quimioterapia, radioterapia, entre outros. É possível concluir que, mesmo que a maioria das mulheres utilizem o sistema formal, complementam o tratamento com práticas do sistema popular. Esses saberes são passados por gerações e continuam presentes no cotidiano das pessoas.

Palavras-chaves: Mulheres; câncer; sistemas de cuidado à saúde

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK

SAMAO



DONA IVONE LARA

Dona Ivone Lara, nascida Yvonne Lara da Costa (Rio de Janeiro, 13/04/1921 – 16/04/2018), foi a primeira mulher a integrar a ala de compositores de uma escola de samba, o Império Serrano, e a assinar um samba-enredo. Conhecida como Rainha do Samba, teve sua trajetória marcada pelo enfrentamento ao machismo nas rodas de samba, só assumindo plenamente sua carreira artística após ficar viúva.

Formada em Enfermagem e Serviço Social, atuou por mais de 30 anos na reforma psiquiátrica ao lado da médica Nise da Silveira, na Colônia Juliano Moreira, sendo referência na terapia ocupacional. Também foi uma das primeiras assistentes sociais negras diplomadas do Brasil.

Sua contribuição foi tão marcante que o dia 13 de abril, data de seu nascimento, foi instituído como o Dia das Mulheres do Samba. Em 2016, seu legado no Serviço Social foi reconhecido academicamente no artigo: "Serviço Social e Dona Ivone Lara: o lado negro e laico da nossa história profissional", de Graziela Scheffer (UERJ).

CUIDADOS INFORMAIS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS: UMA REVISÃO NARRATIVA

Dákiny Dos Santos Machado

Universidade Federal de Pelotas
daknymachado@gmail.com

Michele Mandagará De Oliveira

Universidade Federal de Pelotas
mandagara@hotmail.com

As comunidades quilombolas enfrentam condições precárias e de vulnerabilidade, os mesmos passam frequentemente por situações de discriminações e desigualdade relacionada ao sistema de saúde. As comunidades quilombolas se declaram como remanescentes de quilombos com identidade própria, base nas raízes de sua ancestralidade mantendo um grande vínculo com a terra. Com isso pessoas negras, de comunidades quilombolas tem tendência de desenvolverem Transtornos Mentais Comuns (TMC) por serem consideradas “diferentes”, menosprezadas por sua cor e condições econômicas, podem ter de forma direta impactos negativos e perturbaadores em seus emocionais, sendo fatores nocivos à saúde mental. O objetivo do resumo é identificar os principais cuidados utilizados pelas comunidades quilombolas diante aos problemas de saúde mental no seu convívio. Método: revisão narrativa as buscas foram realizadas em bases de dados, foram selecionados total de sete artigos, utilizada a análise temática para a sínteses de dados. Como resultados se observa que há índices elevados de TMC em comunidades quilombolas sendo como fator contribuintes: a vulnerabilidade ocasiona-

da pela desigualdade social, econômica, étnica, opressão e racismo. Os agravos psicológicos identificados são agitação, mudança de comportamento, baixa autoestima, depressão, estresses entre outros, esses sintomas ocasionam a esses povos o sentimento de inferioridade, insegurança e até mesmo a recusa da identidade negra. Por ser uma população que pouco aciona o serviço de saúde foi abordado sobre os cuidados que esses povos utilizam para saúde mental. Cabe-se ressaltar que as mulheres são responsáveis pelo cuidar do familiar. Os cuidados que as comunidades utilizam não formais são passados de geração em geração como utilização de ervas medicinais, benzeduras e religiosidade, levando em consideração os cuidados de alimentações, higiene e repouso. Concluímos que essa população ao se organizar para o cuidado da saúde mental procuram apoio em saberes orais, práticos e crenças passada dos antepassados, e compromissos com a parte física.

Palavras chaves: Saúde Mental; Comunidade Quilombolas; Cultura Afro Brasileiro; Igualdade Racial

NOSSO COTIDIANO, CONTAR AS COISAS QUE CONTAM

Luciano Lopes Gomes Junior
Thales Gabriel Torres de Souza

Autores e participantes

Darla Tavares
Thales Gabriel Torres de Souza

Direção e roteiro

Adágio Escola de Dança

Produção

A performance interpretada pelos bailarinos ressoa como metáfora do caminho de libertação negra. Os movimentos iniciais, contidos, simbolizam a escravidão e o medo. À medida que o ritmo avança, os dançarinos erguem braços, arqueiam os troncos e se lançam em amplas expansões, expressando a quebra das correntes e o despertar para a liberdade. Essa progressão traduz a coragem de Harriet Tubman ao conduzir escravizados rumo à emancipação. A coreografia representa a passagem da submissão à resistência, reforçando que a libertação preta é física, espiritual e coletiva. No final, os corpos livres irradiam ao encontrar seu “lugar preparado”.



Duração: 3:09 | **Formato:** Artístico-performativo

ORGANIZAÇÃO DO TEMPO E FINANCEIRA DE MULHERES NEGRAS UNIVERSITÁRIAS PARA DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS

Robson Monckes

Universidade Federal de Pelotas
robs.barbosa008@gmail.com

Fernando Eisenhart De Mello

Universidade Federal de Pelotas
fernandaemello@hotmail.com

Vanessa Dutra Chaves

d.chavesvanessa@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas

Stefanie Griebeler Oliveira

Universidade Federal de Pelotas
stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

Introdução: Este estudo busca compreender as diferentes realidades financeiras e realidade de mulheres negras universitárias, analisando como esses aspectos impactam sua experiência acadêmica. A pesquisa aborda tanto aquelas que contam com o suporte financeiro familiar quanto as que enfrentam desafios socioeconômicos durante a graduação. Metodologia: Pesquisa qualitativa com mulheres negras universitárias, desenvolvida em setembro de 2022, contemplando aquelas que recebem auxílios da Pró Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e as que não contam com esses benefícios. A coleta de dados, por meio de entrevistas, explorou suas rotinas diárias, proporcionando uma compreensão abrangente das experiências vividas. Resultados: Os relatos revelam diferentes realidades entre os participantes. Aquelas sustentadas por suas famílias e beneficiadas pela PRAE desfrutam de uma situação financeira mais tranquila, possibilitando maior dedicação aos estudos. Aquelas que trabalham e estudam relatam uma rotina intensa, enfrentando dificuldades para conciliar ambas as atividades. A análise também destaca a importância da interseccionalidade, evidenciando como ser

uma mulher negra impacta diversas áreas da vida acadêmica. Os resultados destacam a diversidade de experiências entre as mulheres negras na universidade, influenciadas por fatores socioeconômicos e culturais. A necessidade de trabalhar durante a graduação, em alguns casos, impõe desafios adicionais, como a falta de tempo para lazer e descanso. A interseccionalidade de gênero, raça e classe é um aspecto central na compreensão das barreiras enfrentadas por esses estudantes. Conclusão: A reflexão sobre essa experiências é crucial para desenvolver estratégias de apoio que promovam a equidade e a inclusão no ambiente acadêmico.

Palavras-chave: Universidades; Classe Social; Pobreza; Mulher Negra; Racismo

PRÁTICAS ALIMENTARES DE ESCRAVIZADOS NA CHARQUEADA SÃO JOÃO: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA

Gabriela Oliveira Lima

Universidade Federal de Pelotas
ga6161bi@gmail.com

Acharqueada São João, cuja construção foi finalizada em 1810 e é considerada uma das charqueadas mais bem preservadas, concentra parte da cultura material em análise laboratorial atualmente. Tal cultura material advém de escavações arqueológicas realizadas em 2015 e 2016, a partir do projeto de pesquisa "O Pampa Negro: Arqueologia da Diáspora Africana em Pelotas". Esta pesquisa tem como objetivo, a partir do trabalho arqueológico, fontes documentais, e a interpretação das materialidades, compreender a história da vida cotidiana, ações sociais, expressões e ressignificações culturais de africanos e afrodescendentes escravizados nas charqueadas de Pelotas. A partir das escavações foi revelado estruturas de uma senzala associada a uma área de refugo, ou "lixeira arqueológica", de onde provém a maioria do material ósseo associado à alimentação, estas evidências podem revelar, quando contextualizadas, práticas alimentares e formas de socialização das populações escravizadas (Symanski e Morais Junior, 2016). Deste modo, pretendemos identificar as espécies consumidas, suas condições tafonômicas a partir da zooarqueologia que irá delinear a análise e o levanta-

mento de dados, e, na etapa seguinte a arqueologia da diáspora africana ajudará na interpretação e compreensão das práticas alimentares, mostrará como os africanos e seus descendentes construíram suas vidas sociais, suas noções de ancestralidade e cosmologias. Também, esta pesquisa, pode ser promissora não só no que se refere às práticas alimentares, mas também no que tangencia às relações com o meio-ambiente, consumo, produção, e política, a fim de se perceber a diáspora africana "como um movimento transformador" (Ferreira e Symanski, 2023).

Palavras-chave: Práticas Alimentares; Africanos e Afrodescendentes; Arqueologia da Diáspora Africana; Charqueadas; Zooarqueologia

TURBANTE-SE COM GABRIELE COSTA: PARA ALÉM DA SALA DE AULA

Gabriele Costa Pereira

*Universidade Federal do Rio Grande
gabrielecp86@gmail.com*

O presente trabalho centra-se nos estudos decoloniais antirracistas a partir da oficina de turbantes, para além da sala de aula formal, como um ato de educação antirracista e transgressora. O Movimento Negro no Brasil, atua na pauta da educação, em que por meio dos professores ativistas estão desenvolvendo ao longos dos anos, uma ciência a valorização da sua estética e intelectualidade negra; assim como também através das suas conquistas na legislação como a Lei de nº 10.639/03. Os estudos decoloniais antirracista apresentam a valorização das vozes de intelectuais negros, segundo Gomes (2018) "... só é possível descolonizar os currículos e os conhecimentos se descolonizarmos o olhar sobre os sujeitos, suas experiências, seus conhecimentos e a forma como os produzem". Neste sentido foi criado projeto o qual este presente há nove anos para além da sala de aula, para o combate aos diversos tipos de racismos e de intolerância religiosa. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico no qual serão analisados as obras: Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade de Bell Hooks (2017), Pedagogia do Esperançar (1992) de Paulo Freire, O Movimento Negro e a in-

telectualidade negra descolonizando os currículos de Nilma Gomes(2018) e Intolerância Religiosa de Sidnei Nogueira. O turbante traz consigo a ancestralidade negra no Brasil, a importância do pano na cabeça não somente como moda, mas como um ato de fé e de resistência. O objetivo proposto deste trabalho é apresentar a trajetória deste projeto em meio à prática de ensino através destes conceitos: educação transgressora, esperança e ancestralidade. A justificativa deste trabalho é apresentar este projeto onde no ano de 2020 tornou-se uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande.

Palavras-chave: Turbantes, educação antirracista, ensino

UMA BREVE ANÁLISE SOBRE SITUAÇÃO RACIAL NO ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO (DRT-RS)

André Alves Da Silva

*Universidade Federal de Pelotas
andrealves828@gmail.com*

O presente trabalho busca realizar uma breve análise de como a situação racial brasileira se projeta no mundo do trabalho, a partir do acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (DRT-RS), tendo em vista alguns fatores fundamentais: a cor, o sexo, o grau de escolaridade e a função exercida. A metodologia centra-se na análise de dados, servindo-se de pesquisas no acervo da Delegacia Regional do Trabalho (DRT/RS), do Núcleo de Documentação Histórica, que conta com um banco de dados que permite o cruzamento de informações, de modo a selecionar determinados campos e estruturá-las de forma numérica e percentual. De maneira geral, foram localizadas 2.479 fichas de qualificação em que o registro de cor constava como "preta". Esses trabalhadores estão distribuídos em 24 principais profissões, que empregam aproximadamente 60% desses profissionais, totalizando 1415 trabalhadores. Os demais estão dispostos em diversas funções com frequência de trabalhadores abaixo de cinco. Dentro desse universo, é notável algumas diferenças de gênero, algumas profissões têm preponderância de homens ou mulheres. No âmbito racial, o legado do "imediato

pós-abolição" é extremamente desfavorável à população negra. Ao fazer um recorte específico (no caso os trabalhadores registrados cujas as fichas, no campo cor, anotaram como sendo "preta"), o acervo da DRT/RS revela que essa população enfrenta diversas barreiras na sua inserção social nos anos 1930 e 1940.

Palavras-chave: preto; trabalhadores; exclusão; gênero; raça

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK



SALVADOR

MIGUEL RITA DIAS

Miguel Rita Dias nasceu em 11 de abril de 1973, em Pelotas. Professor de Filosofia e ativista do Movimento Negro teve pertencimento e foi criador do grupo Lanceiros Negros na UFPel. Deve-se a ele a discussão e o debate qualificado em torno do "o 20 o ano inteiro", que foi uma alusão à necessidade de ultrapassar o 20 de Novembro como único dia a empretecer o pensamento. Faleceu em 15 de outubro de 2017, precocemente, aos 44 anos. Quando esteve na ativa prestou Mestrado em Educação, no IFSUL-Pelotas e foi professor concursado e coordenador pedagógico da área de Filosofia na Rede Pública em São Lourenço do Sul.

ENFERMEIRAS NEGRAS: CONTRIBUIÇÕES INVISIBILIZADAS E O RESGATE DA HISTÓRIA

Giovana Machado Xavier

Universidade Federal de Pelotas
giovanaxavier90@gmail.com

Vanessa Dutra Chaves

Universidade Federal de Pelotas
d.chavesvanessa@gmail.com

Stefanie Griebeler Oliveira

Universidade Federal de Pelotas
stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

Introdução: Ao longo da história da enfermagem o papel fundamental das enfermeiras negras muitas vezes foi apagado ou subestimado. Embora tenham desempenhado papéis significativos desde os primórdios da prática de cuidados de saúde, suas contribuições frequentemente não foram devidamente reconhecidas, atualmente faz-se um movimento para que seus nomes e feitos sejam de conhecimento público. O estudo foi baseado em uma publicação do Conselho Federal de Enfermagem (COFen) na rede social do Instagram feita no dia 23 de novembro de 2023. Essa publicação apresenta 11 enfermeiras negras que contribuíram para a história da enfermagem. O presente resumo tem como objetivo apresentar algumas enfermeiras negras que fizeram parte da história da enfermagem. Metodologia: Trata-se de uma revisão narrativa, buscada em: Google Acadêmico, Scielo, Pubmed e Site do Cofen. Resultados: As enfermeiras citadas na publicação foram: Mary Jane Seacole, Mary Elisa. P Mahoney, Maria Jose Barroso, Rosalda Paim, Isabel Santos, Maria Stela de Azevedo dos Santos, Dona Ivone Lara, Lydia das Dores Matta, Josephina De Melo, Maria de Lourdes Almeida, Lucia Conceição. Além dos no-

mes citados na publicação do COFen nas buscas foi possível encontrar outros nomes como: Maria Benedicta Júlia, Olímpia Novaes Taques, Maria Colodina e Alzira Rufino. Todas essas mulheres além de contribuírem para a ciência, quebraram o paradigma racial e a exaltação de mulheres brancas na enfermagem. Conclusão: O reconhecimento das enfermeiras negras na história da enfermagem é um passo essencial para uma narrativa mais inclusiva e verdadeira. A iniciativa do COFen ao destacar algumas é um marco de visibilidade. Essas mulheres não apenas influenciaram o campo da enfermagem, mas desafiaram os limites raciais e contribuíram para desmantelar a exaltação exclusiva de mulheres brancas na história da enfermagem. Por conta do apagamento da história dos negros, essas mulheres se tornaram raramente citadas ou até mesmos esquecidas.

Palavras-chave: Enfermagem; História; Racismo; Mulheres; População negra

IMPACTOS AMBIENTAIS CAUSADOS PELA INCREMENTAÇÃO DO PORTO DE PELOTAS

Vagner Lemos Borges

Universidade Federal de Pelotas
vagnerlemos1975@gmail.com

O Porto de Pelotas surge com o crescimento do município de São Francisco de Paula, atualmente município de Pelotas, por conta do crescimento da sua porção urbana e indústria salaril, período de efervescência mercantil do charque na década de 1830, pois a forma mais rápida de distribuir para outras regiões era via navegação fluvial. O Porto Organizado de Pelotas atualmente tem área total de 749.054,012m², dividida em oito áreas: área da "Chácara da Brigada", área do "CADEM", área da Administração do Porto, cais contínuo, garagem e antiga administração, CIBRAZEM, doca fluvial e terminal da CIMPOR atual Intercement Brasil(ANTAQ,2017). Este estudo tem como objetivo identificar o impacto ambiental causado pela incrementação do Porto de Pelotas, relativo às atividades madeireiras e de outros empreendimentos, localizados no cais do Porto de Pelotas e região, tendo como objeto de estudo o trajeto dos veículos pesados até o cais do porto e seus impactos para a comunidade que se encontra nessa rota. A pesquisa foi avaliar a perspectiva dos moradores e comerciantes do entorno da região, utilizamos as metodologias de pesquisa quantitativa e qualitativa, pesquisa explorató-

ria, pesquisa documental e entrevista, aplicando questionários para mensurar quais os impactos positivos ou negativos causados pela incrementação portuária na comunidade do entorno. A pesquisa revelou algumas desconformidades relativas às licenças ambientais dos empreendimentos aqui estudados, trouxeram alguns impactos positivos para comunidade portuária e no seu entorno, mas também trouxeram impactos negativos que devem ser revistos pelos empreendimentos e pelos órgãos públicos responsáveis.

Palavras-chave: impactos ambientais; incrementação; porto

O ACESSO E PERMANÊNCIA DE ALUNOS NEGROS LGBTQIAP+ NAS UNIVERSIDADES

Abima Dos Santos Lobo
Universidade Federal de Pelotas
abimalobo@gmail.com

Luciano Lopes Gomes Junior
Universidade Federal de Pelotas
opes.luciano3020@gmail.com

Júlia Madail
Universidade Federal de Pelotas
julia.madail.b@gmail.com

Simone Gonçalves Da Silva
Universidade Federal de Pelotas
silva.simonegon@gmail.com

O presente resumo objetiva relatar a experiência de elaboração de um projeto de pesquisa, realizado como uma das atividades da disciplina de Pesquisa em Educação I. Queremos desmistificar a visão tradicionalista em relação ao professor, que é visto apenas como um "objeto" de ensino, e salientar a importância do professor como pesquisador, mesmo ainda enquanto discente, a ser estimulado pelo desejo e pela importância do ensino-pesquisa. A temática escolhida para a pesquisa foi "o acesso e permanência de alunos negros LGBTQIAP+ nas universidades". Durante a construção do projeto, percebeu-se a falta de informações que se tem sobre essas comunidades, e surgiram questionamentos como: o por quê dos negros LGBTQIAP+ não chegam às universidades? Dos que chegam, por que grande parte não permanece na vida acadêmica? E, quais meios garantem a permanência destas pessoas dentro da universidade? Tomamos por base metodológica a pesquisa qualitativa, numa revisão bibliográfica de trabalhos que tratam sobre o tema. Nas contribuições de Sandra Mara Corazza (2011), no artigo "A formação do professor-pesquisador e a criação pedagógica", observa-se uma crítica ao

sistema educacional tradicional, que marginaliza e opõe as pessoas negras, reforçando estereótipos e perpetuando desigualdades. No livro "Ensino a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade", de bell hooks (2013), e no artigo "LGBT+ Negras: conhecimentos e políticas em revista", de Joilson Marques Jr (2016), é ressaltada a necessidade de combater a discriminação relacionada ao racismo e à LGBTfobia, para alcançar o combate a todas as formas de opressão. Tendo em vista que falar sobre a comunidade negra é abrangente e colocar a comunidade LGBTQIAP+ em pauta exige uma maior complexidade, e que é difícil alcançar todas estas pessoas - espalhadas por toda a universidade, pretende-se traçar estratégias para divulgar a pesquisa, alcançar o público-alvo e obter respostas para os questionamentos surgidos na elaboração do projeto.

Palavras-chave: Professor-pesquisador; Universidade; Negros LGBTQIAP+; Desigualdade social; Racismo estrutural

POR UMA "NOVA NOVA" IDADE MÉDIA: A ALTERNATIVA DECOLONIAL EM PRÁTICAS DE HISTÓRIA PÚBLICA DO POLO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO MEDIEVO E ANTIGUIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (2018-2023)¹

Laura Bergozza Pereira

Universidade Federal de Pelotas
laurabergozzap@gmail.com

Gregory Ramos Oliveira

Universidade Federal de Pelotas
gramosolv@gmail.com

Resumo: O presente resumo se debruça sobre as aplicabilidades da abordagem decolonial em práticas de História Pública, a partir de estudos relacionados à História Medieval realizados sob contexto sul-globalista. Nesse sentido, pauta-se nos exemplos de conteúdos divulgados tanto no perfil do Instagram² quanto no Blog³ do Polo Interdisciplinar de Estudos do Medievo e da Antiguidade (POIEMA-UFPel), coordenado pela Professora Drª Daniele Gallindo-Gonçalves⁴, os quais vão ao encontro com a preocupação com a descentralização da Eurásia Ocidental nos estudos sobre os séculos V-XVI EC, bem como de suas recepções. Busca-se, dessa forma, superar a abordagem "tradicional" do medievo, que por vezes é apropriado na reafirmação de mitos relacionados à ordem colonial, para tanto, ampara-se nos debates propostos por Fanon (2020), Pinto (2020), Torres-Ayala, (2019) e Ballestrin (2013). Palavras-chave: História Pública; Sul Global; Decolonialidade.

Palavras-chave: História Pública; Sul Global; Decolonialidade

| Texto completo

APRESENTAÇÃO

O presente resumo atravessa uma preocupação latente das pesquisas de seus autores: uma abordagem antirracista da produção histórica. Laura Bergozza Pereira⁴ é bacharelanda

em História (UFPel) e pesquisa sobre feminismos africanos, em que se volta à construção de gênero em África e feminismos africanos. Também é integrante do Polo Interdisciplinar de Estudos do Medievo e Antiguidade (POIEMA-UFPel)⁵ desde 2022, onde se debruça sobre os estudos relacionados ao continente africano, pensando sobre as práticas de epistemicídio de embranquecimento dos conteúdos. Gregory Ramos Oliveira⁶ é bolsista CAPES, mestrando em História (PPGH-UFPel), ba-

¹ O título deste trabalho toma empréstimo da expressão usada por Amanda Basílio Santos (2015) para definir as influências de Bloch, Ginzburg e Chartier na renovação dos estudos de História Medieval.

² Disponível em: <https://www.instagram.com/poiemaufpel/?hl=pt-br>. Acesso em: 06 dez. 2024.

³ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/poiema/>. Acesso em: 06 dez. 2024.

⁴ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7565160982415221>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8801-7641>.

⁵ Referido, doravante, como Polo.

⁶ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3076091178265654>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1617-6193>.

charel em História (UFPel), professor de História em formação pelo curso de Formação Pedagógica para Graduados Não Licenciados (IFSul Câmpus Pelotas), e pesquisa, no mestrado, o processo de reinvenção das Cavalhadas de Pirenópolis a partir da agência dos subalternos do empreendimento colonial. Desde 2019, integra o conjunto de pesquisadores do Polo, dedicando-se às temáticas ligadas à Recepção do Medievo (Mittelalterrezeption) e seu papel na invenção das tradições.

INTRODUÇÃO

Para além de um período histórico, o Medievo foi construído como uma “marca”, em que uma série de associações, imagens, conceitos e expectativas estão envolvidas (Macedo, 2021, p. 37), as quais por vezes são sequestradas por discursos supremacistas brancos, haja visto a tendência de universalização das experiências europeias, que tocam tanto a produção de conhecimento quanto a consciência histórica popular (Pinto, 2023, p. 303). À contramão deste comportamento, busca-se demonstrar as aplicabilidades da alternativa decolonial e de novos aportes epistemológicos na produção de conteúdos divulgados nas redes do Polo, traçando brevemente sua uma trajetória ao longo dos anos 2018 a 2023.

Para tanto, através dos exemplos utilizados, pretende-se tornar tangível que os estudos sobre Idade Média, bem como de suas recepções, podem sim ser realizados pelo Sul Global: preocupando-se também com a desconstrução das ideias que afirmam que o período atravessado pelos séculos V a XVI E.C. foram exclusivamente fundamentalistas religiosos, misóginos e eurocentrados, compreendendo, não obstante, que estas noções foram frutos de interpretações dos séculos XIX e XX, os quais findavam a legitimação da construção dos nacionalismos, a partir da mitificação ou demonização do medievo. Não se distancia das discussões propostas, reiterar a conjuntura de origem da produção de conhecimento tratada no Polo, em que se fala a partir do Sul Global, espaço definido pelas violências, as quais atravessam desde o empreendimento colonial ao epistemônio, penetrando não apenas as relações culturais interpessoais, mas também as desigualdades entre Sul e Norte Global (Díaz, 2017, p. 160). Vê-se, nesse sentido, o processo histórico colonialista e imperialista, que posicionou o saber ocidental como orientador de uma “nova consciência”, em que imagens, auto-imagens e estereótipos passaram a ser atravessadas pelo “olhar imperial” (Hernandez, 2005, p. 18). Esta ótica imperialista opera,

dentro de seus sistemas o embranquecimento não apenas dos sujeitos e de suas culturas, mas de seus conteúdos também, pautando um processo de inferiorização de tudo que se distancia do ideal de branquitude (Fanon, 2020, p. 25).

À vista disso, as teorias decoloniais surgem como alternativa de aporte metodológico, em que as lacunas, deixadas por um tradicionalismo histórico, passam a ser preenchidas a partir de um olhar plural, que visa se desvincular do jugo colonial. Nos estudos sobre Idade Média, vê-se a importância dessa perspectiva para a superação do mito de que os estudos sobre este período servem a um espaço misógino, monoétnico e fundamentalista, operando sobre a lógica da Cristandade. Demonstra-se, nessa perspectiva, que as abordagens plurais sobre o passado são uma alternativa à eliminação do ensino de Antiguidade e Medievo, entendendo que a sua exclusão contribui na cristalização dos mitos legitimadores de discursos supremacistas da extrema-direita. Não apenas isso, preocupa-se com as práticas de História Pública, que tocam um fazer dos saberes para além dos muros acadêmicos, atentando-se aos revisionismos e negacionismos históricos que ameaçam a construção do conhecimento (Avila, 2021).

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do trabalho, inicialmente apropriamo-nos das discussões relacionadas ao embranquecimento epistemológico, amparando-se nas ideias de Fanon (2020), que traz à luz discussões sobre o embranquecimento como uma idealização construída a partir do imperialismo, reiterando não apenas os aspectos políticos, mas também as suas operações socioculturais e subjetivas (Fanon, 2020, p. 24-25). Também fez-se uso das ideias de Pinto (2023), que trata sobre a universalização das experiências e conteúdos europeus com relação aos estudos acerca do medievo, evidenciando os símbolos e signos abarcados na ideia de Idade Média (Pinto, 2023, p. 303). Para além, perscrutamos debates propostos pelas teorias decoloniais, que também se entende como um movimento pautado na reflexão, problematização e transformação das heranças colonizadoras e imperialistas (Reis; Andrade, 2018, p. 3). Fundamenta-se, portanto, na compreensão de que as práticas da colonialidade continuam permeando, político-socialmente, as relações entre os países do Sul e Norte Global, envolvendo-os em um elo de soberania e subalternidade (Gomes, 2018, p. 12)⁷. A fim de exemplificar as discussões propostas, lançamos mão de alguns

exemplos de conteúdos presentes nas redes do Polo. Analisamos, por tanto, o perfil do Instagram do Polo, cujas postagens são feitas por seus integrantes da graduação e pós-graduação dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Pelotas. Mas também se volta aos conteúdos do Blog do Polo, que são produzidos tanto por seus membros da pós-graduação quanto por demais pesquisadores da área dos estudos do medievo e de suas recepções que são convidados a colaborar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Importa explicitar que a “tradução” dos saberes adquiridos nas universidades para a comunidade não se apresenta apenas como um novo aprendizado daqueles(as) que ocupam os ambientes acadêmicos, mas também evidencia o compromisso ético da produção de conhecimento e combate aos negacionismos. Atenta-se, assim, para as práticas de História Pública, as quais podem ser traçadas entre História feita com o público, para o público, pelo público e na relação entre História e Público (Torres-Ayala, 2019, p. 231)⁸. Atravessando essas perspectivas, pode-se observar que, especialmente, durante o primeiro biênio da pandemia de COVID-19, páginas como a do Polo passaram a se preocupar com a divulgação de resultados de estudos, contribuições de outros(as) pesquisadores(as) e realizaram lives sobre Idade Média e sua recepção. Em atividade desde 2018, sob a coordenação da Profª. Drª. Daniele Gallindo-Gonçalves, o Polo centra as suas produções de conteúdo em dois campos principais: a publicação de textos de historiadores(as) brasileiros(as) e estrangeiros(as) no Blog ; e a postagem de cards e reels na página do Instagram do Polo. O Polo, portanto, possui como premissas fundamentais a análise interdisciplinar da História, bem como a adoção de linguagem e imagética que busque reduzir a cisão entre academia e sociedade.

Com isso, a partir de uma perspectiva plural de temáticas, pode-se observar a superação da

abordagem ocidentalizante em textos publicados no Blog, como no caso do texto *Humores, Clima e Cores: Reflexões médico-fisiognômicas medievais sobre os negros etíopes*, do Prof. Dr. Bruno Uchôa Borgongino (UFPE)⁹ Ou ainda no texto *Um Caso de Amor Vil: O nacionalismo de direita e a Idade Média*, do Prof. Andrew Elliott, traduzido por Luiz Guerra¹⁰. A publicação de um texto no Blog realiza-se a partir de etapas conduzidas pela comissão editorial do Polo. Inicialmente é feita uma filtragem por pesquisadores medievalistas, após é enviado convites aos possíveis autores, já com um modelo de texto a ser seguido. Do contato e data para o envio, a etapa seguinte decorre do recebimento do texto, edição e eventual publicação, de acordo com o calendário de publicações nas páginas do Polo. Já com relação às postagens no perfil do Instagram do Polo, estas abarcam, em 2023, quatro naturezas principais: a série Desmistificando o Medievo ; cards alusivos aos textos do Blog; cards de conteúdo; a série POIEMA Recomenda, que inclui também o uso de vídeos. Os conteúdos, portanto, atravessam múltiplas temáticas e abordagens que vão desde a divulgação científica e eventos à problematizações relacionadas ao medievo e a sua recepção. Todas as postagens são produzidas por membros do Polo, que, após selecionarem um objeto para análise, constroem materiais dentro de uma linguagem adaptada ao público (sem perda de rigor e qualidade de produção do conhecimento), submetendo a postagem à revisão da coordenadora do Polo e enviando para publicação na página.

Nesse sentido, os conteúdos versam sobre novos panoramas, trazendo referências que tocam problematizações propostas por Fanon (2020), que trata do embranquecimento político, social e cultural, Said (1990), cuja análise se volta ao orientalismo e Butler (2023), que trabalha com questões de gênero. A exemplo cita-se as seguintes postagens: *Mulheres, pobres e santas: Catarina di Siena*, por Gabriela Dallazem e Francine Sedrez, em que se desconstroi a ideia de um medievo exclusivo

⁷ O pensamento decolonial, assim, apresenta-se como um movimento contra-hegemônico, cuja origem remonta às independências dos países africanos e asiáticos, no século XX, tendo como objeto principal de análise o modernismo eurocentrico e a sua influência na formação das identidades dos países oprimidos (Ballestrin, 2013, p. 90-91).

⁸ Compreende-se, dessa forma, o campo da História Pública como uma possibilidade de “[...] construção do conhecimento histórico que dialoga entre acadêmicos e não acadêmicos, rompendo com a lógica do historiador profissional como produtor e o público como consumidor do conhecimento histórico (Torres-Ayala, 2019, p. 238, tradução nossa).”

⁹ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/poiema/texto-humores-climas-e-cores-reflexoes-medico-fisiognomicas-medievais-sobre-os-negros-etíopes/>. Acesso em: 05 dez. 2024.

¹⁰ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/poiema/texto-um-caso-de-amor-vil-o-nacionalismo-de-direita-e-a-idade-media1/>. Acesso em: 05 dez. 2024.

vamente masculino¹¹; Cinema, negritude e medievalismo: a Idade Média que contempla dragões, mas não admite pessoas negras, de Laura Bergozza Pereira (2023), que traz ao debate discussões sobre racismo e medievalismo¹²; O interrogatório de Eleanor Rykener: pensando uma vivência trans no medievo, de Alexia Demari (2023), que problematiza a ideia de medievo heterocisnormativo¹³.

CONCLUSÕES

A pluralização dos conteúdos e métodos de análise, ancorada sob a perspectiva decolonial, bem como por outros horizontes teóricos permitem a análise do milênio compreendido como Idade Média para além dos mitos e trevas, predominantes não apenas no discurso acadêmico, como também presentes nas narrativas negacionistas e supremacistas. Permitir que novas abordagens enriqueçam o campo é perceber que se faz preciso a inclusão de novos olhares, é perceber que a construção de uma nova maneira de interpretar o passado e os sonhos construídos a partir deles não é apenas o ponto de chegada de nossa produção, mas é, principalmente, o ponto de partida para horizontes cada vez mais libertos das amarras impressas pela violência colonial, patriarcal, cultural de uma epistemologia centrada na experiência de outro canto que não do lado Sul Global.

REFERÊNCIAS

- AVILA, A. L. de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 41, n. 87, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-09>. Acesso em: 04 dez. 2024.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, [s.l.], n.11, 2013, p. 89-117. Disponível em:<https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. Acesso em: 30 nov. 2024.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 24.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.
- FANON, F. O. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu edi-
- tora, 2020.
- GOMES, G. A. **Decolonialismo e crítica à história única:** possibilidades para a historiografia sobre os povos originários do Brasil. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2018.
- HERNANDEZ, L. L. **A África na sala de aula:** visita à História Contemporânea. Selo Negro: São Paulo, 2005.
- MACEDO, J. R. **Antigas Sociedades da África Negra.** Contexto: São Paulo, 2021.
- PERES DÍAZ, D. Feminismo poscolonial y hegemonía occidental: uma deconstrucción epistemológica. *Dossiers Feministes*, [s.l.], n. 22, 2017, p. 157-177. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6084959>. Acesso em: 29 nov. 2024.
- PINTO, O. L. V. A águia de pedra e o rinoceronte de ouro: história, cultura e arqueologia das sociedades do sudeste africano (séculos VI-XVI). In: BORGONGINO, B. U. (Org). **Para além do Ocidente cristão:** outras Idades Médias? Recife: Ed. UFPE, 2023, p. 302-323.
- REIS, M. de N; ANDRADE, M. F. de. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 17, n. 202, 2018. p. 1-11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070>. Acesso em: 02 dez. 2024.
- SAID, E. W. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANTOS, A. B. Por uma nova Idade Média: Algunas aproximações entre Marc Bloch, Carlo Ginzburg, Roger Chartier e a Medievalística. *História e Culturas*, v. 3, n. 5, 2015, p. 28-40. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistahistoriaculturas/article/view/434/731>. Acesso em: 07 dez. 2024.
- TORRES-AYALA, D. Historia Pública. Uma apuesta para pensar y repensar el quehacer histórico. *Historia y Sociedad*, [s.l.], n. 38, 2020, p. 229-249. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15446/hys.n38.80019>. Acesso em: 02 dez. 2024.

¹¹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CmZNzIHswZk/?hl=pt-br&img_index=2. Acesso em: 05 dez. 2024.

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/poimaufpel/p/CtjzTM7A8su/?hl=pt-br&img_index=1

¹³ Disponível em: https://www.instagram.com/poimaufpel/p/CyOPm21hlUs/?hl=pt-br&img_index=1. Acesso em: 05 dez. 2024.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO DE PESQUISA: ANÁLISE DE FLUXO DAS PAUTAS NO CONSELHO MUNICIPAL DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE PELOTAS/RS

Andriele Pereira De Deus

Universidade Federal de Pelotas
andrielepdp@gmail.com

Gabriela Lobato De Souza

Universidade Federal de Pelotas
gaby_lobato@yahoo.com

Valéria Cristina Christello Coimbra

Universidade Federal de Pelotas
valeria.coimbra@ufpel.edu.br

A participação social na saúde visa a democratização das decisões que impactam a saúde da população. Essa participação resultou no sistema de controle social na saúde, que é um dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), garantido pela lei federal 8.142 de dezembro de 1990. Este princípio busca assegurar a participação ativa da sociedade no monitoramento e avaliação das políticas de saúde. Atualmente, os conselhos municipais de saúde (CMS) são os principais locais para a prática da participação e controle social. Nesses conselhos, a sociedade busca garantir que a saúde permaneça sendo um direito de todos e um dever do Estado. Os conselhos são compostos por representantes de usuários, trabalhadores da saúde, gestores públicos e prestadores de serviço. Além disso, eles são responsáveis pela fiscalização e proposição da política de saúde municipal. Nesse contexto, é necessário analisar as questões pautadas e seus encaminhamentos no CMS e sua interface com a participação democrática na política de saúde municipal. O projeto de pesquisa tem como objetivo analisar o fluxo das pautas discutidas no CMS do município de Pelotas. Ele pode contribuir com a produção de

conhecimentos sobre o tema, oferecendo subsídios para colaborar com o exercício do controle social com foco na participação popular democrática. Trata-se de um estudo qualitativo, analítico, descritivo, exploratório e documental. Com essa pesquisa, busca-se colaborar com a organização, expansão, consolidação e fortalecimento das políticas públicas de saúde municipais, bem como fortalecer o controle social democrático na saúde. Como resultados obtidos, a pesquisa está na etapa de coleta de dados. Os dados estão sendo obtidos através da participação das alunas nas reuniões das plenárias do CMS e nas reuniões da comissão de saúde mental. Posteriormente, o projeto passará para a análise dos dados coletados.

Palavras-chave: Participação Popular; Controle Social; Conselho de Saúde

UMA ARQUEOLOGIA DA MÃO DE OBRA OLEIRA NEGRA NA CONSTRUÇÃO DE PELOTAS: A CONTRIBUIÇÃO NEGRA NO DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE “PELOTAS, RS”

Leonardo Pinto Oliveira

leonardopinto062@gmail.com

Gustavo Peretti Wagner

gustavo.wagner@ufpel.com.br

Lúcio Menezes

Ferreira-luciomenezes@uol.com.br

A produção de carne salgada (charque) para exportação foi um dos pilares da economia do Rio Grande do Sul no século XIX. Essa produção teve suma importância para o desenvolvimento estrutural da cidade de Pelotas. Ela esteve associada a outras produções, como as olarias, que existiram no interior das charqueadas e ajudaram a movimentar a economia local. O trabalho nessas olarias esteve a cargo de pessoas escravizadas, que produziram tijolos para a construção dos casarões e edifícios de Pelotas. O centro histórico de Pelotas foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em maio de 2018. No entanto, a urbanização da cidade e seus belos edifícios só foram possíveis porque escravizados, com suas mãos e pés, retiravam barro da beira do Canal São Gonçalo e do Arroio Pelotas e modulavam a massa que gerou tijolos e telhas. O objetivo dessa apresentação é enfatizar, usando como base documentos históricos e o registro arqueológico, como essas olarias funcionavam e as mudanças históricas em sua cadeia operatória. Será dada maior ênfase nos processos artesanais de fabricação de tijolos e telhas, lançando luz sobre aqueles que eram os

artesãos — a população escravizada — cujo trabalho não está refletido no processo de tombamento do centro histórico de Pelotas.

Palavras-Chaves: Olarias, Escravidão, Charqueadas

SALVADOR



**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK

HELENA DO SUL

Maria Helena Vargas da Silveira, mais conhecida como Helena do Sul, nasceu em Pelotas em 4 de junho de 1940 e faleceu em Brasília em 17 de janeiro de 2009. Formada em Pedagogia pela UCPel (1959) e pela UFRGS (1966–1971), atuou como professora de ensino básico e posteriormente servidora da Fundação Cultural Palmares, com trabalho de destaque em educação anti-racista e políticas de diversidade. Autora do romance *É Fogo!* (1987) e de outras dez obras — contos, crônicas, poemas —, Helena foi reconhecida como patrona da Feira do Livro de São Lourenço do Sul (1995) e membro da Academia Pelotense de Letras (2000). Sua escrita denuncia o racismo e valoriza referências da cultura iorubá, consolidando-se como precursora da literatura afrofeminista no RS. Servindo como técnica na Coordenação-Geral de Diversidade e Inclusão Educacional (MEC), participou da elaboração do relatório Programa Diversidade na Universidade (2007). O legado de Helena do Sul permanece vivo na educação, na literatura e na luta pela igualdade racial, sendo reverenciado pela comunidade pelotense e brasileira.

A PRESENÇA NEGRA NO MARGS E AS PRESENÇAS NEGRAS NA UFPEL: UM ENCONTRO NO PROEDAI

Maik Conceição Dias

Universidade Federal de Pelotas
maikdias02@gmail.com

Julia Lopes Rodrigues

Universidade Federal de Pelotas
julia.lopesrodrigues@hotmail.com

Adriana de Souza Gomes

Universidade Federal de Pelotas
adriana.cearte@gmail.com

COLETIVO HILDETE BAHIA: NOSSA HISTÓRIA

Rafaela Victória Silva

Universidade Federal de Pelotas
rafaelavictoria@gmail.com

Vanessa Dutra Chaves

Universidade Federal de Pelotas
d.chavesvanessa@gmail.com

Marina Soares Mota

Universidade Federal de Pelotas
msm.mari.gro@gmail.com

Taís Alves Farias

Universidade Federal de Pelotas
alves15@hotmail.com

Este trabalho objetiva refletir sobre uma atividade de extensão desenvolvida pelo Projeto Exatas Diversidades Afro Indígenas (ProEDAI). O ProEDAI busca integrar estudantes cotistas à UFPel, acolhendo e expandindo a experiência de negros, indígenas e quilombolas no ambiente universitário. A atividade principal foi a visita à exposição “Presença Negra no MARGS” (Museu de Artes do Rio Grande do Sul). Essa exposição coletiva promove o debate e a reflexão sobre a presença e representatividade negra no campo das artes visuais, a partir de uma perspectiva do Sul do Brasil. O trabalho busca fortalecer a experiência universitária preta em meio à branquitude, que é definida como a estrutura que organiza e define a sociedade. A experiência afrodiáspórica, resultante da escravidão e retirada de povos africanos, é abordada como um universo híbrido presente em muitas partes do mundo. Os autores se referem a essa experiência como a “atlântica”, conceito nomeado por Beatriz Nascimento (1989).

Palavras-chave: presença negra; arte, antirracismo acadêmico

O Coletivo Hildete Bahia foi fundado em 2019 por estudantes e docentes da Faculdade de Enfermagem (FEN/UFPel). Seu propósito principal é abordar questões fundamentais ligadas a comunidades marginalizadas, como mulheres, comunidade negra e LGBTI+. Ele se orienta pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Enfermagem, priorizando a atenção à saúde pública e garantindo a integralidade da assistência e qualidade no atendimento. As atividades compreendem educação em saúde sobre diversidade e saúde, debates sobre práticas sociais e de saúde ligadas a mulheres, população negra e comunidade LGBTQIAPN+. As ações são realizadas em formatos remotos e presenciais, incluindo rodas de conversa, grupos de estudo, apresentações e redes sociais. O coletivo foca na produção de trabalhos científicos e apresentações em âmbito nacional e internacional, visando expandir o conhecimento acadêmico nessas áreas. Seu nome é uma homenagem à Professora Hildete Bahia da Luz, mulher negra e nordestina que cofundou o curso de Enfermagem na UFPel em 1976. Ela é uma referência contra o racismo e o sexism, e a homenagem visa reparar o silenciamento de sua

história após suas contribuições pioneiras. O Coletivo tem desempenhado um papel vital na promoção de discussões e ações relacionadas à saúde e diversidade.

Palavras-chave: Projeto de extensão; saúde e diversidade; pessoas vulnerabilizadas

CRIANÇAS, TERREIROS E SAMBA: EPISTEMOLOGIAS NEGRAS NUMA ENCRUZILHADA EDUCATIVA

Josiane Cristina Farias Dias

EMEF Nossa Senhora do Carmo
josifariasd@gmail.com

Everton Cunha Maciel

Universidade Federal de Pelotas, CEARTE
evertonmaciel365@gmail.com

Este trabalho apresenta a pesquisa Culturas Infantis de Terreiro, detalhada em uma ação de ensino e extensão, e busca responder o que é e por que é necessária uma epistemologia negra. O relato se passa na Vila Castilhos, um lugar de batuques da afrodiáspora, e aborda a história de um terreiro umbandista incrustado há mais de cinquenta anos, apoiado em duas mulheres: D. Maria da Conceição Pereira Amaro e sua filha Telinha. O estudo também envolve um samba que se fez ludicidade. Essas três vias se cruzam no tempo espiralar de Leda Martins (2021), destacando o encontro com a história de uma mulher negra que produz encantamento transformador das ações educativas. O trabalho propõe uma reflexão com Abdias Nascimento (1980) e Beatriz Nascimento (1980; 1985) sobre quilombismo, rupturas epistemológicas e a necessidade de constituir quilombos. O relato busca contar sobre essas encruzilhadas encantadas que produzem esperança e respeito às mulheres de terreiro, que são invisibilizadas, temidas e confrontadas pela branquitude devido à dificuldade em reparar a dívida histórica do racismo.

Palavras-chave: culturas infantis de terreiro; currículo escolar; samba, mulheres de terreiro

DEVOLUTIVAS DE PESQUISA SOBRE MULHERES NEGRAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Clara Marcelina das Neves Chagas

Universidade Federal de Pelotas
maclara.nchagas@gmail.com

Vanessa Dutra Chaves

Universidade Federal de Pelotas
d.chavesvanessa@gmail.com

Stefanie Griebeler Oliveira

Universidade Federal de Pelotas
stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

Com a Lei 10.639/03, aumentou a discussão sobre a “educação das relações étnico-raciais”. Contudo, é fundamental expandir o debate para efetivar uma Educação Antirracista. Este resumo relata a experiência de devolutivas de resultados de pesquisa com a temática mulheres negras, realizadas por meio de lives no YouTube pelo projeto de extensão “Um olhar sobre o cuidador: Quem cuida merece ser cuidado. As duas devolutivas analisaram a situação das mulheres negras em diferentes contextos de cuidado e saúde. A mais popular abordou a solidão enfrentada por mulheres negras no ambiente acadêmico e a importância do cuidado de si, explorando pressões, desafios e discriminações. A segunda tratou das mulheres negras como cuidadoras familiares, explorando as intersecções entre fatores socioeconômicos, adversidades psicossociais e barreiras sociais como o racismo e o patriarcado estrutural. A conclusão ressalta a importância de sensibilizar o ambiente acadêmico e promover discussões que transcendam barreiras disciplinares. Devolutivas de pesquisa são formas de compartilhar conhecimento e promover diálogos entre pesquisadores e a comunidade.

Palavras-chave: Universidade; Mulheres negras; Mulheres; População negra

DIÁLOGOS DE SABERES: FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE PRETA ENTRE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Victoria Dos Santos Monteiro

Universidade Federal do Rio Grande
vicdosantosmonteiro@gmail.com

Niely Galeão Da Rosa Moraes

Universidade Federal do Rio Grande
niely.galeao08@gmail.com

Júlia Oliveira Penteado

Universidade Federal do Rio Grande
julia-penteado@hotmail.com

Dante da crescente demanda por uma sociedade mais inclusiva e igualitária, o grupo de diversidade étnico-racial surgiu a partir do projeto da Universidade Federal do Rio Grande. O grupo realiza encontros online semanais para discutir temas relacionados à diversidade étnico-racial e, além do ensino, implementa atividades extensionistas em escolas da rede pública da cidade do Rio Grande/RS. O objetivo dessas ações é informar e sensibilizar estudantes de todas as faixas etárias para a adoção de uma postura antirracista. Foram realizadas ações no Dia da Consciência Negra, abrangendo estudantes do ensino fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para garantir a participação e interação de todos, as atividades foram adaptadas conforme a faixa etária. Para as séries iniciais, foi conduzida uma dinâmica de origem africana, utilizando instrumento musical para explorar aspectos culturais e promover interação social. Além disso, propôs-se uma atividade artística com tinta, proporcionando às crianças uma forma de expressar respeito à diversidade. Já para os estudantes do EJA, as ações foram direcionadas à contextualização da história do Dia da Consciência Negra, à discussão das per-

sistentes desigualdades em nossa sociedade e à análise de músicas de artistas que denunciam o racismo em suas letras. Essas atividades buscaram estimular uma reflexão crítica sobre questões raciais e éticas. A extensão foi implementada em seis turmas do ensino fundamental, abrangendo um total de 120 crianças de 6 a 9 anos, e duas turmas de EJA com 20 adultos com idade superior a 18 anos. Ao articular elementos culturais, históricos e atuais, essas práticas visam aprofundar a consciência racial, promover a equidade e suscitar análises críticas sobre questões éticas e raciais na sociedade. Assim, o grupo visa contribuir para a construção de uma sociedade mais diversa e equitativa, utilizando de intervenções como meio para fortalecer o diálogo e incentivar a igualdade.

Palavras-chave: Diversidade Étnico-Racial; Extensão Educacional; Conscientização Racial

JOGOS E BRINCADEIRAS AFRODESCENDENTES NO CONTEXTO ESCOLAR

Josiane Ferreira Soares

Universidade Federal de Pelotas
ferreirasoaresjosiane@gmail.com

Luara Trindade Carneiro Bianchini

Universidade Federal de Pelotas
trindadeluara97@gmail.com

Fátima Cavalheiro Costa

Universidade Federal de Pelotas
cavalheirofati@gmail.com

O trabalho tem como proposta relatar a execução de duas atividades afrodescendentes, realizadas de forma lúdica no contexto escolar, com a finalidade de exaltar o reconhecimento e a valorização da cultura afro, a qual não é muito discutida nos espaços educacionais. É essencial que os docentes proponham em seus planejamentos uma educação libertadora e antirracista. Entretanto, essas práticas educativas podem ser efetuadas para além do contexto escolar, salvo dos estereótipos eurocêntricos. As brincadeiras realizadas foram a "Amarelinha africana" e a "Capoeira", são jogos tradicionais afrodescendentes carregados de significados e nuances uma vez que sua execução, realizada no contexto escolar, podem ser aplicadas inúmeras atividades interdisciplinares em torno da exaltação e reconhecimento da cultura preta, como por exemplo, através da musicalidade, historicidade dos jogos e brincadeiras, localidade de origem, ancestralidade negra e muito mais. A Amarelinha africana, consiste em uma coreografia simétrica, articulada sobre um tipo de tabuleiro desenhado ao chão contendo 4x4 quadrados, é realizada a partir de determinado ritmo (Minuet) e simultaneamente

pelos jogadores, podendo haver variações. A capoeira, é uma manifestação cultural trazida pela áfrica, com suas danças, cantigas e movimentos os negros criaram e praticavam a luta de capoeira, um ato de defesa e liberação. O jogo da capoeira é realizado em roda, onde dois parceiros executam os movimentos de ataque, defesa, e esquiva, simulando uma luta. Para jogar capoeira é preciso ter habilidade e força, além de integração e respeito entre os participantes. A capoeira é de grande relevância para o desenvolvimento dos alunos em sua totalidade nas diferentes faixas etárias, por comportar vários componentes como, a dança, a cultura, a história, geografia, a música, a luta, o artesanato, a recreação e o lazer, permite que o aluno interaja de forma particular e coletiva com os conhecimentos. As atividades ressaltadas acima, foram executadas a partir de intervenções realizadas pelas autoras em uma turma do 3º ano do EF, onde obtiveram êxito em realizá-las no intuito de evidenciar a cultura Afro-Brasileira no contexto escolar, de forma lúdica e necessária.

Palavras-chave: Jogos; Cultura Afro-Brasileira; Contexto escolar.

MUSEU SANKOFA MEMÓRIA E HISTÓRIA DA FAVELA DA ROCINHA/RJ

Fernando Ermíro da Silva

Universidade Federal de Pelotas
fernando.urucu@gmail.com

Resumo: O presente trabalho relata a experiência de criação de um museu de favela, por parte dos moradores da Rocinha, no estado do Rio de Janeiro. Como metodologia utiliza parte das contribuições do filósofo Paul Ricoeur e do Cientista Social James Scott, através dos conceitos de Dever de Memória, o dever de não esquecer e Resistência Cotidiana, as negociações possíveis, porém, não reconhecidas no cânone das resistências da historiografia tradicional. Os resultados apresentam a disputa pelo direito à memória de populações de favelas, em sua maioria negras. Em conclusão, ressalta a importância da identificação de formas de resistência cotidiana que possibilitam ações de memória de um museu de favela, assim como evidencia que a tomada de posição política do pesquisador deva pôr em xeque a suposta neutralidade da ciência quando se trata de desenvolver a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Favela, Memória, Patrimônio Cultural, Museu

| Texto completo

APRESENTAÇÃO

Sou nascido e criado na gigantesca favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Atravessei o tempo dos barracos de madeira, por isso mesmo, joguei pião e bola de gude quando os caminhos ainda eram de barro. Me graduei em História, ministrei aulas no pré vestibular comunitário à época chamava-se Pré Vestibular para Negros e Carentes -, integrei a Associação de Moradores da Rocinha. Sou membro da coordenação do Museu Sankofa Memória e História da Rocinha, desde sua fundação em 2007. Hoje sou doutorando em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas, com mestrado em História. Em minha trajetória universitária, sempre em transformação, busco perguntas que estão fora das pesquisas: Na História, onde estão as pessoas que são pobres, domés-

ticas, pipoqueiros, pedreiros? O que é privilégio branco? O racismo é reserva de mercado? Quem são os grupos racializados e essas pessoas têm Memória? O que é Patrimônio Cultural? A Justiça Social é o meu objetivo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar a possibilidade de construção de uma contra narrativa, das ações de memória realizadas por um museu de favela, o Museu Sankofa Memória e História da Rocinha, no Rio de Janeiro, constituído pelos moradores da favela da Rocinha em um cenário de disputas pelo direito à memória. A partir das perguntas se as ações do museu podem contribuir para a construção das memórias da favela da Rocinha, buscou-se utilizar conceitos da Filosofia e das Ciências Sociais, tais quais, o Dever de Memória, de Paul Ricoeur e o conceito de Resistência Cotidiana de James Scott, a fim de ressignificar em uma nova perspectiva. Uma vez que as ações de memória sobre o passado e as narrativas his-

tóricas também envolvem esquecimento direcionado, o Museu Sankofa Memória e História pode ser um espaço de contestação e de reflexão sobre a história do processo de ocupação local? Qual a história da formação do Museu Sankofa e quais são os critérios de seleção que definem suas ações de memória, que colocam a favela como lugar de direito à memória? Quais os principais projetos e ações desenvolvidos e sua relação com o público? E quais serão as implicações das ações de memória nas narrativas da relação entre o Museu e a sociedade?

METODOLOGIA

A construção do processo metodológico parte das contribuições de Paul Ricoeur (2007), acerca do dever de memória, o dever de não esquecer, tal instrução pode ser lida como uma obrigação para com seus ancestrais. O conceito de resistência cotidiana de James Scott, que narra as formas de permanência no território, mas que não estão no cânone das formas de resistência heroicas da historiografia tradicional. Tal narrativa não permite interpretar atos de resistência fora de uma régua predeterminada, uma espécie de lista a ser preenchida com ações tradicionalmente aceitas, e talvez por isso tenha havido relativamente menos rebeliões do que desejariam os historiadores (Scott, 2002). A busca pela noção de memória em disputa, dentro de um discurso autorizado (Smith, 2009), é associada à salvaguarda, ao reconhecimento, à preservação e à fruição do modo de vida em favelas. Toma para a análise as ações de memória do Museu Sankofa Memória e História da Rocinha, consideradas parte da construção de uma contra narrativa acerca da imagem dos moradores, formas com as quais se difundem publicamente as informações e conhecimentos produzidos através dos processos de pesquisa baseados na memória local. Esta pesquisa se utiliza das fontes documentais relativas aos atos de fundação e modificação do estatuto do Museu Sankofa e também terá como corpus os documentos de criação do museu, além de atas, regulamentos, projeto de criação e os estatutos tanto originais, quanto os modificados pelos membros do museu, e os documentos que narram os principais projetos fundadores do museu. Apresenta, ainda, um estudo da arte dos estudos relativos à memória social no Brasil, sobretudo, acerca da temática da Favela, Memória e Favela da Rocinha, nos últimos 30 anos. A fim de realizar um balanço da produção da área acadêmica vinculada à temática, inclui uma discussão sobre os possíveis diálogos entre as

pesquisas já realizadas e as novas orientações de investigação (Ferreira, 2002), cujo objetivo é identificar as diferentes abordagens sobre o tema, de modo a construir conhecimento sobre o que tem sido foco dos estudos. Corroborando o estudo serão realizadas entrevistas com fundadores, diretores e coordenadores do museu Sankofa, para problematizar as implicações das ações do Museu na construção da memória da favela da Rocinha, além dos responsáveis pelo museu, serão ouvidos também outros moradores, representantes de instituições da favela. Além de análise e interpretação de dados que poderão ser cotejados com as narrativas dos fundadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto de pesquisa versa sobre o direito à memória de pessoas moradoras em favelas, em sua esmagadora maioria negras residindo em verdadeiras zonas de exclusão permanente de direitos básicos (Agamben, 2004). Tendo em vista que a escolha deliberada em abordar tal assunto, significa contribuir para colocar as histórias das pessoas de favelas e periferias em pauta, além de abrir possibilidades de se pensar outras formas de produção de conhecimento e cultura sobre o tema favela. A falta de pesquisas sobre a auto representação dos habitantes da favela influiu na decisão sobre a escolha do tema, dado que, quando são verificadas pesquisas sobre o tema, nota-se uma tendência conservadora e canônica de modo de pesquisar. Tais investigações destacam a violência e sugerem que estes territórios estão submetidos a este estigma, em um reforço daquilo que afirma Hartman (2020) dos arquivos como lugares de violência (Hartman, 2020). Corroborando com a ideia de que a favela lutasse com a impossibilidade de descobrir qualquer coisa sobre ela que já não tenha sido afirmada. Como resultado, ocorre a denúncia da manutenção de uma estrutura de poder da sociedade na forma de pensar e pesquisar, tal qual uma sobrevivência do passado persistente, com o qual se topa a cada passo (Costa Pinto, 1953). A seleção do tema busca explicitar a necessidade da passagem de objeto para sujeito de pesquisa, colaborando com as iniciativas de urgência de sujeitos/objetos de sua própria investigação através do museu local, questionamentos vão surgindo sobre variados assuntos: Porque os favelados não estão nos livros de história? É possível narrar a si mesmo a partir de suas memórias? Quais seriam os critérios de seleção daquilo que se entende como memórias e patrimônios públicos válidos e por quê e quem os

valida a partir de quais critérios?

CONCLUSÕES

O trabalho desenvolvido visa salientar a importância da identificação de formas de resistência cotidiana, que tornam possíveis as ações de memória de um museu de favela, assim como de suas populações. O entendimento significativo e contextualizado dos conceitos trabalhados permite refletir de maneira crítica, pautado nas vivências cotidianas dos moradores de modo a formarem uma rede de significados. Num movimento de ação reflexão foram desconstruídas teorias e procedimentos para reconstruí-los atualizando novos conhecimentos e concepções sociais, que buscam evidenciar que a tomada de posição política do pesquisador deva pôr em xeque a suposta neutralidade da ciência, quando se trata de desenvolver a sociedade como um todo. Dessa forma, a perspectiva tradicional do objeto de estudo como algo sem influência sobre a investigação é desfeita, reconhecendo que ele envolve seres humanos, examinados dentro de um cenário urbano.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. **O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953.

FERREIRA, N. S. de A. 2002. As pesquisas denominadas "Estado da Arte". **Educação & Sociedade**, Campinas, 23 (79): 257-272. (<https://www.scielo.br/j/es/a/4xJ48FfrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt>). Acesso em: 15/12/2024.

HARTMAN, S. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, [S. I.], v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27640. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 13 set. 2024.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SCOTT, J. C.; MENEZES, M. A. de; GUERRA, L. Formas cotidianas da resistência camponesa. Raízes: **Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, [S. I.], v. 21, n. 1, p. 10-31, 2002. DOI: 10.37370/raizes.

2002.v21.175. Disponível em: <https://raizes.revis tas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/175>. Acesso em: 22 jan. 2025.

SMITH, L. (2009). Class, Heritage and the Negotiation of Place. In Conferencia presentada en "Missing Out on Heritage: Socio-Economic Status and Heritage Participation" Conference (pp. 1-11). English Heritage. **Sociedade**, Campinas, 23 (79): 257-272. (<https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJ48FfrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt>). Acesso em: 15/12/2024.

REFLEXÕES ACERCA DA LITERATURA: SAÚDE DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL

Taís Alves Farias

Universidade Federal de Pelotas
tais.alves15@hotmail.com

Kiara Teixeira Pinheiro

Universidade Federal de Pelotas
kiaratp2001@gmail.com

Renata Vieira Avila

Universidade Federal de Pelotas
erreavila@hotmail.com

Adrize Rutz Porto

Universidade Federal de Pelotas
adrizeporto@gmail.com

Asaúde não é mais entendida como inexistência de doenças, tendo a necessidade de considerar a transversalidade com aspectos como a pobreza, racismo, particularidades de gênero, desigualdade e violência. Em resposta às demandas da população negra em relação à saúde, foi elaborado pelo Estado brasileiro a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), aprovada em 2007, mas ainda é pouco específica ao não considerar gênero, raça e vulnerabilidades, pois trata mulheres e homens da mesma forma, e é sabido que cada um tem suas especificidades, além das questões raciais que devem ser levadas em consideração quando falamos de mulheres negras. Refletir o que a literatura apresenta sobre o contexto da saúde de mulheres negras no Brasil. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura do período de agosto de 2021 até março de 2022, nessas buscas foram utilizadas palavras-chaves como: Saúde da Mulher Negra e Mulheres Trabalhadoras efetuadas no Google Acadêmico, plataforma Scientific Electronic Library Online, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência da Saúde e Biblioteca Virtual em Saúde. A saúde da mulher negra, tem

especificidades que o Estado deve considerar ao planejar as políticas de saúde. Estudos mostram que as mulheres negras são mais acometidas por miomas uterinos, doença falciforme, Diabetes Mellitus, violência doméstica e no trabalho, risco de abortamento e complicações durante o parto precisando de um acompanhamento de pré-natal específico e intensivo, entre tantos outros agravos. Tais publicações ressaltam a necessidade de implantação de políticas de saúde em todos os níveis de complexidade, que atendam às especificidades das mulheres negras. As vulnerabilidades a que mulheres negras estão sujeitas decorrem de desigualdades sociais, relacionadas ao racismo, à classe social e ao sexism. Para melhoria dessa situação é necessário a integração das mulheres negras na formulação e aplicabilidade das políticas públicas no sistema de saúde brasileiro.

Palavras-chave: Saúde; Mulheres Negras; Brasil; Enfermagem.

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK



MISTER PELÉ

Vilson Couto (1949–2017), conhecido como Mister Pelé, foi uma figura central no cenário cultural de Pelotas/RS, especialmente no movimento Black Music e samba local. Pioneiro na promoção da cultura negra na "Princesa do Sul", ele foi o inspirador do projeto que resultou na criação do Espaço Cultural Municipal "Vilson Couto (Mr. Pelé)", instalado na antiga Viação Férrea, aprovado pela Câmara em 2022.

Como dançarino e agitador cultural, Mister Pelé difundiu o estilo Black Music nos bairros da cidade, articulando iniciativas inclusivas que abraçavam jovens e adultos na promoção da autoestima negra. Seu legado de fomento à cultura negra permanece vivo e inspira novos agentes culturais em Pelotas.

Esta homenagem na sala do Tem Ciência Preta Aqui celebra sua memória, evidenciando sua contribuição para os saberes e expressões artísticas negras em nossa cidade.

SAMAVOC

DESAFIOS E INVISIBILIDADE: MULHERES NEGRAS NA FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Kelen Ferreira Rodrigues

*Universidade Federal de Pelotas
ferreirajamir362@gmail.com*

Vanessa Dutra Chaves

*Universidade Federal de Pelotas
d.chavesvanessa@gmail.com*

Stefanie Griebeler Oliveira

*Universidade Federal de Pelota
stefaniegriebeleroliveira@gmail.com*

Igor Furtado

Octávio Furtado

Autores e participantes

Dentro da disciplina de Corpos, Gêneros e Sexualidade do curso de Educação Física, foi proposta uma atividade com a temática Queer, que consiste em desconstruir algo para compreender seu início, meio e possível fim. Cada aluno poderia escolher o tema, mas era necessário que fosse algo que impactasse significativamente a sociedade em que vivia. Nesse contexto, foi escolhido o tema "Mulheres Negras na Academia de Enfermagem", que aborda as experiências, a partir de uma conversa informal com 12 mulheres negras, entre graduandas e/ou já formadas pela Faculdade de Enfermagem/UFPel com o objetivo de entender a trajetória dessas dentro desse ambiente acadêmico e profissional. A conversa teve questões como: "Como é ser uma mulher preta no curso de enfermagem, que tem uma predominância branca?"; "Você se sente acolhida dentro do curso pelos docentes, alunos e demais membros da universidade?"; "Você acha necessário ter um ídolo negro dentro da graduação de enfermagem para que o encoraje a continuar lutando pela voz negra dentro e fora da faculdade?". As mulheres foram informadas que seus depoimentos seriam discutidos em disciplina da universidade, com a preser-

vação de suas identidades. Com estas conversas identificou-se que a maioria enfrentava situações raciais semelhantes, como a entrada na vida acadêmica sendo a única mulher negra ou uma das poucas, dentre esses colegas, por vezes, tinham visões diferentes do curso ou enfrentavam barreiras econômicas que dificultavam a comunicação e compreensão entre eles. Além disso, a maioria dos docentes eram predominantemente brancos, fazendo com que muitas se sentissem deslocados e sem orientação em questões de discriminação vivenciadas relacionadas pelos próprios professores e colegas que não os comprendiam, gerando situações de constrangimento e deslocamento. Assim, compreende-se que as mulheres negras não têm espaço dentro da Faculdade de Enfermagem, sendo notadas após um longo período e devido ao esforço contínuo, sendo associado à sua situação socioeconômica.

Palavras-chave: Mulheres; População Negra; Universidades; Enfermagem.

NOIR, NÃO ESTACIONE pt.1 e SOBRE CINZAS

Somando forças, Igor e Octávio utilizam do rap para expressar suas experiências quanto juventude periférica na cidade de Pelotas, investindo na relação micro e macro da vivências de pessoas pretas, ambos buscam ampliar suas histórias e conectar com quem possa interessar. A performance contou com 3 músicas: 'NOIR', 'NÃO ESTACIONE pt.1' e 'Sobre Cinzas', cada uma aborda uma perspectiva diferente sobre o que é ser negro no Brasil, tanto para valorizarmos nossas raízes e individualidades quanto para coletivamente preservarmos nossas referências, para que elas não sejam apagadas ou embranquecidas. Todas as faixas citadas estão disponíveis no YouTube e Spotify.

Duração: 15 minutos | **Formato:** Performance Artística



PRÁTICAS ANTIRRACISTAS COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DE LEITURAS

Márcia Eliane Oliveira

Universidade Federal de Pelotas
marciaelianesilvaoliveira@gmail.com

Rafaela Lemos da Luz Furtado

Universidade Federal de Pelotas
rafaelalemosfurtado@gmail.com

Sthefanie Lautenschlager Peverada

Universidade Federal de Pelotas
sthefanie221112@gmail.com

PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID

Vanice Valim Garcia

Universidade Federal de Pelotas
vanicevg@hotmail.com

Kethlen Oliveira

Universidade Federal de Pelotas
kethlen.o.bohm@gmail.com

O presente resumo relata uma contação de história, com temática antirracista, realizada em uma turma de maternal em uma Escola Municipal de Educação Infantil localizada no município de Pelotas/RS, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Os objetivos eram que as crianças pudessem perceber a representatividade negra na literatura infantil, compreender a família para além da cor, proporcionar uma reflexão crítica sobre a temática fazendo com que as crianças percebessem as diferenças entre si e o fortalecimento da construção da identidade e da autovalorização para as crianças negras. A metodologia do trabalho envolveu a leitura da história Flavia e o bolo de chocolate da autora Miriam Leitão (2015), com ilustrações de Bruna Assis Brasil. Foram realizadas duas sessões com crianças de dois a três anos, buscando estimular a participação ativa das crianças. Utilizamos as ilustrações como recurso visual para enriquecer a experiência. Os resultados mostraram um aumento significativo no envolvimento das crianças, demonstrando a eficácia da abordagem no compartilhamento da mensagem e valores presentes na história, proporcionando uma cone-

xão emocional com o conteúdo evidenciada pela compreensão. O livro retrata uma criança negra que não gostava do seu tom de pele, pois ele não era branco como o da sua mãe. Como ela não estava feliz com sua cor, sua mãe determinou que qualquer coisa marrom seria proibida em casa, consequentemente, bolo de chocolate!. Com a contação, as crianças fizeram uma comparação de cores entre elas, alegando que todas têm cores diferentes, sendo cada uma única. Desse modo, conseguimos compreender a relevância de apresentar histórias que representem as crianças negras, e que dialoguem com a temática antirracista, para que as crianças percebam suas diferenças, mas também suas semelhanças, respeitando uns aos outros e trabalhando para a construção de uma sociedade antirracista de forma lúdica.

Palavras-chave: Leitura; Educação Infantil; Antirracismo.

O presente trabalho apresenta um relato de experiência de duas acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - Educação Infantil. É uma prática constante escolher livros infantis com personagens, protagonistas e autoras negras, no mês de novembro, especialmente em função do dia da Consciência Negra, o professor/orientador do PIBID orientou que fossem realizadas intervenções temáticas com as crianças através da música, história, arte, culinária ou dança. Como futuras educadoras, é importante ressaltar a importância dos esforços da educação antirracista na Educação Infantil, incluindo a leitura de obras que possuem personagens, protagonistas e foram criadas por autoras/es e ilustradoras negras/os. Pode-se notar pelas intervenções deste projeto que a representação dos livros infantis lidos para as crianças, além do seu contato com a literatura, permite-lhes ter uma visão mais realista do mundo, das suas experiências e da sua cultura. Esses livros podem ou não tratar de questões raciais, muitos tratam de situações cotidianas, assim como o livro que foi levado para a intervenção

do dia, pois a ideia é promover acesso a representações etnicamente diversas e em contextos distintos. Após conversas com o orientador, as acadêmicas resolveram escolher sua proposta de intervenção através da história e da arte, para isso, deu-se a necessidade de realizar pesquisas sobre o assunto e estudar a cultura africana. dessa forma, foi proposta uma intervenção feita com argila, uma matéria-prima ancestral, muito utilizada no desenvolvimento de máscaras, uma prática muito comum e repleta de significados. Além disso, realizou-se também a leitura do livro intitulado "Corpo, corpinho, corpão", dos autores/ilustradores Mey Clerici e Ivanke (2023). A proposta permitiu às crianças explorarem seu próprio corpo, reconhecendo que cada corpo é único, reforçando a importância da diversidade.

Palavras-chave: Educação Antirracista: Intervenção Temática; Consciência Negra na Educação; Representatividade na Literatura Infantil; Cultura Africana e Educação.

VIVÊNCIA DE CAPOEIRA ANGOLA

Cláudio Baptista Carle

ICH & CArte-UFPel
cbcarle@gmail.com

A vivência de Capoeira Angola promove o envolvimento da comunidade em assistência na interação com os instrumentos, cantos, músicas e corporeidade dos movimentos de capoeira. O envolvimento na Capoeira Angola pode ser efetivado por qualquer pessoa em qualquer idade da vida, sendo uma ação de resistência cultural afrocentrada. A Capoeira que é uma criação de africanos no Brasil, a partir de manifestações culturais africanas. A capoeira que foi identificada no século XX como Capoeira Angola, foi criada a partir de manifestações culturais dos africanos de fala Bantu, sequestrados na região africana das lideranças N'Gola. Criada como forma de envolver os/as negros/as num processo de resistência física aos sequestradores, possibilitando adestramento na luta com o uso exclusivo do corpo, sem armas, sendo que possibilitou criar grupos de lutadores e lutadoras que atuaram em diversos conflitos no Brasil e fora dele. Hoje ela é reconhecida legalmente como patrimônio negro brasileiro no contexto nacional e mundial.

Palavras-chave: vivência, ancestralidade, resistência

VOZES NEGRIAS OUVIDAS NO IFSUL-RIO-GRANDENSE

Dayane Pereira Batista

Instituto Federal Sul-rio-grandense
dayanebatista@ifsul.edu.br

Ingrid Simões Gross

Instituto Federal Sul-rio-grandense
ingrid.gross@gmail.com

Raquel Martins Fernandes

Instituto Federal Sul-rio-grandense
raquelfernandes@ifsul.edu.br

Sabemos que é necessário ouvir, dialogar e pesquisar sobre os negros e negras nas escolas do Rio Grande do Sul para minimizarmos a perpetuação de preconceitos étnico-raciais. Assim, a pesquisa "Violação dos Direitos Humanos e Bullying no contexto escolar: diagnóstico e proposta de intervenção com base no empoderamento dos alunos" foi aplicada em 2023 a 1732 estudantes do IFSul (de vários níveis de ensino, predominando o ensino técnico integrado) por meio de um questionário individual. Com a análise das respostas objetivamos: explicitar a diversidade étnica no contexto escolar ; evidenciar a discussão sobre questões étnicas ; propor reflexões e intervenções para uma escola verdadeiramente não racista. Para tal, em nossa pesquisa, houve uma pergunta em que os alunos e alunas puderam explicitar se já haviam recebido algum insulto devido à sua cor de pele. E como resultado notamos 47 respostas sinalizando que receberam ofensas devido à sua cor do total de 331 pessoas que se autodeclararam negros ou negras. Tais dados apontam a necessidade de confronto a essa grave violação dos Direitos Humanos com atividades pontuais e a

necessidade de dar voz e vez aos negros e negras do IFSul diante da reflexão sobre um possível silenciamento devido aos resquícios de uma sociedade escravagista no Brasil.

Palavras-chave: Vozes negras; Etnia; Diversidade.

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK



SALVADOR

ERNESTINA PEREIRA

Nascida no Quilombo do Algodão, interior de Pelotas, Ernestina Pereira iniciou seus estudos apenas aos 13 anos, conciliando desde cedo a dura realidade do trabalho doméstico. Ao longo de mais de 35 anos de atuação na área, teve apenas 13 anos com carteira assinada, vivência que lhe deu a dimensão exata da informalidade, exploração e invisibilidade enfrentadas por milhares de mulheres negras no Brasil.

Sua trajetória de luta começou nas associações comunitárias, ainda nos anos 1980, até alcançar um papel de destaque como presidente do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas, cargo que exerce até hoje de forma voluntária, mesmo após a aposentadoria. Também atuou na direção da FENATRAD — Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas —, levando a pauta da categoria a espaços nacionais de reivindicação e formulação de políticas públicas.

Durante a pandemia, Ernestina denunciou a precarização agravada das condições de trabalho, como demissões em massa, suspensão de salários e desrespeito aos direitos mínimos. Sua atuação se estende também ao uso de ferramentas digitais para promover informação e autonomia, como na disseminação do aplicativo Laudelina, voltado à orientação de trabalhadoras e empregadoras sobre legislação trabalhista.

Além do movimento sindical, Ernestina tem marcada presença em conselhos e eventos públicos, como o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, onde sua atuação articula raça, classe e gênero com firmeza e sensibilidade.

A ODONTOLOGIA PARA UMA POPULAÇÃO ESCRAVIZADA, UM OLHAR PARA A SAÚDE BUCAL DA MULHER PRETA: REVISÃO DE ESCOPO

Nathalia Machado Lins Brum

Universidade Federal de Pelotas
nathaliamlbrum@gmail.com

Luciane Giannini Pena dos Santos

Universidade Federal de Pelotas
geaninipena@hotmail.com

Introdução: A determinação do valor comercial dos indivíduos escravizados ocorria pela análise do corpo e dos dentes (1). A desumanização segue pelo menor acesso ao serviço de saúde bucal (SB). A mulher negra enfrenta maiores vulnerabilidades (2). Objetivos: Retratar as consequências da exclusão histórica sobre a SB da população negra, com ênfase na perspectiva de gênero, nos períodos de escravidão e pós escravidão no Brasil. Metodologia: Foi realizada busca no *Google Scholar* em novembro de 2022, utilizando como termos: "odontologia", "escravidão" e "saúde da mulher preta". Os estudos foram selecionados de acordo com critérios predeterminados para inclusão, abordar: odontologia, raça, gênero e as consequências históricas da escravidão no Brasil. Resultados: Foram incluídos 15 estudos que demonstram que a arcada dentária dos indivíduos escravizados era utilizada como instrumento de classificação, sendo a higiene bucal realizada com os dedos através de peles de fumo e raspas de juá (3). A dieta rica em açúcares das mulheres que trabalhavam nas cozinhas das casas grandes, induzia nesse predomínio de cárie em relação aos homens, resultando em qualidade bucal mais pre-

cária (4). Esse aspecto permeia a atualidade, pois as mulheres negras são as que mais sofrem com a perda dentária, apresentando perda de estrutura dentária 14% maior que os homens pretos. Em relação às mulheres brancas a percentagem é ainda maior, aproximadamente 26%. As mulheres pretas são vulneráveis à desigualdade racial, de gênero e socioeconômica, influenciando na SB (5). O corpo reflete costumes e tradições que representam a cultura e a sociedade ao qual o indivíduo pertence (6). Conclusão: as mulheres negras são os indivíduos com menor acesso à SB, herança de um país escravocrata e misógino. É urgente a reparação social por meio da implantação de políticas públicas voltadas à essa população.

Palavras-chave: Odontologia, Escravidão, Saúde da mulher preta.

O FUTURO COM CONTORNOS DO PASSADO? PERSPECTIVAS SOBRE AS RELAÇÕES BRASIL - ÁFRICA A PARTIR DO NOVO GOVERNO LULA (2023)

Mateus José da Silva Santos

Universidade Federal de Pelotas
mateus.santos29091997@gmail.com

Esta comunicação analisa os desafios de reativação da dimensão estratégica das relações Brasil - África no interior dos esforços de mudança na inserção internacional do país com o início do Governo Lula. Ao ativar a memória da chamada Política Externa Alta e Ativa enquanto um vetor de transformação das relações exteriores do Brasil após mais de uma década de retração na atuação internacional, a perspectiva de reinserção competitiva do país no continente africano enfrenta diferentes dilemas, tais como o desengajamento ocorrido ao longo dos últimos anos envolvendo antigas variáveis históricas de aproximação, a exemplo da cooperação, o comércio e a construção discursiva sobre tais relações. Além disso, argumenta-se que aspectos como a crise sistêmica e o quadro de competição geopolítica envolvendo potências emergentes e potências globais no continente africano, somado às características do cenário doméstico, como a necessidade de reaproximação entre o governo e determinados grupos de interesse (agronegócio e militares), além da mobilização de recursos para a afirmação de uma nova política africana apontam para a necessidade de uma reconfiguração das estratégias brasileiras

em se reaproximar da África.

Palavras-Chave: Relações Brasil - África; Política Externa Brasileira; Governo Lula.

O USO DA HQ ANGOLA JANGA PARA AULAS MULTIDISCIPLINARES UTILIZANDO A PEDAGOGINGA

Felipe Cardoso Leite

Universidade Federal de Pelotas
felipec.zero@gmail.com

Maíra Camara Neiva

Universidade Federal de Pelotas
maira.camara.neiva@gmail.com

Este foi um projeto utilizando da HQ Angola Janga de Marcelo D'Salete, para os alunos aprenderem sobre o período Colonial numa perspectiva negra e indígena, propondo as crianças criarem suas próprias HQs, relacionando seus cotidianos com a História do Brasil. Foi um trabalho multidisciplinar, unindo as aulas de História e Artes para realização da proposta. Este é um relato de um projeto feito no estágio da escola E.E.E.M Dr. Augusto Simões Lopes, do bairro Simões Lopes em Pelotas, realizado no 7º ano do fundamental. Foi dado um enfoque em algumas perspectivas de ensino como a pedagoginga de Alan Rosa e o multiculturalismo crítico do Evandro Braga, na metodologia das aulas, com as quais, buscávamos alcançar uma maior autonomia dos alunos e sensibilização com os temas estudados, assim podendo relacionar na vida prática em seus futuros, acreditando que o ensino de história oferece um marco de referência para entender os problemas sociais e também sobre sua própria vida e passado, utilizando as artes como meio de expressão. Destacando a importância de "um aprofundamento do conhecimento histórico que faz-nos refletir sobre o presente enquanto consequência, com o

cuidado de não cair na pedagogia do consenso que já é hegemônica" (BRAGA, 2020, p. 159). Esta didática de trabalhar uma perspectiva não colonizadora sobre os povos viventes no Brasil durante o período colonial tem amparo e urgência de serem propostos em sala de aula, a partir das leis 10639/2003 e 11645/2008 que tornou obrigatório o ensino sobre a história da África, história afro-brasileira e indígena, sobre suas lutas, cultura e contribuições à História do Brasil.

Palavras-chave: História em Quadrinhos; Multidisciplinaridade; Brasil Colonial; Pedagoginga; Autonomia.

PANCS DO BRASIL

Júlia Santos da Silva

Instituto Federal Sul-rio-grandense
Câmpus Pelotas
juliasantos.ds06@gmail.com

Olívia Borges Sias

Instituto Federal Sul-rio-grandense
Câmpus Pelotas
oliveralastairso@gmail.com

Oliver Alastair dos Santos Oliveira

As Plantas Alimentícias Não Convencionais apresentam diversos benefícios à alimentação, mas ainda são pouco utilizadas fora de comunidades indígenas. No trabalho, de nível médio, feito para uma feira de ciências, é realizada uma análise dos benefícios alimentares do consumo das PANCs e sua relação com os povos originários. Tem como objetivo trazer mais visibilidade à essa discussão, através do método de revisão teórica. Concluímos que as PANCs apresentam grande potencial nutritivo, econômico e cultural.

Palavras-chave: PANCs; alimentação; indígenas; povos originários; resgate cultural.

PATRIMÔNIO AFROCENTRADO DA CIDADE DE PELOTAS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO E MUSEOLÓGICO DO TERRITÓRIO DO PASSO DOS NEGROS

Patrícia Fernandes Mathias

Programa de Pós-graduação em
Antropologia -UFPEL
patriciamoralespel@gmail.com

Simone Fernandes Mathias

Programa de Pós-graduação em
Antropologia -UFPEL
simonefernandezpel@gmail.com

Cláudio Baptista Carle

Departamento de Antropologia e
Arqueologia-UFPEL
cbscarle@gmail.com

Resumo: Este trabalho visa apresentar o território do Passo dos Negros, a partir as memórias e dos objetos que constituem a história negra de Pelotas, sendo este local o lugar mais antigo da cidade. No Passo dos Negros foram instaladas as primeiras charqueadas, lugar de historicidade negra e indígena no contexto histórico. Há alguns anos, o território vem sofrendo com a especulação imobiliária, que tem invadido o lugar e com isso vem mudando a paisagem e apagando a história e a memória do Passo dos Negros, somando-se, ainda mais ao projeto de invisibilização histórica negra na cidade. A pesquisa toma como ponto de partida a possibilidade de pensar os patrimônios culturais locais como um museu a céu aberto vivo, assim a proposta é explorar o potencial patrimonial e suas múltiplas dimensões sociais e simbólicas que o Passo dos Negros oferece, trazendo para dentro da antropologia novos conceitos para se pensar território no contexto da modernidade. Museologicamente o Passo dos Negros tem elementos simbólicos que estabelecem pontes com o passado e o presente, mortos e vivos que vivem juntos nesse lugar. Por isso a importância de pensar o território e os patrimônios em termos etnográficos e museológicos, analisando o fato social que esse museu a céu aberto vivo vai proporcionar para esse lugar e para os moradores que cuidam e que fazem parte deste museu, a partir da memória viva e social.

Palavras chaves: Patrimônio afrocentrado material e imaterial, memória, identidade e museu.

| Texto completo

APRESENTAÇÃO

O trabalho que apresento é de uma mulher negra, um perfil ainda invisibilizado nos espaços acadêmicos em geral. O exercício etnográfico começa comigo mesma, e aqui estou para compartilhar um pouco da minha trajetória de vida e acadêmica. Sou mulher negra, mãe, e venho de uma família interracial composta por negros, indígenas e brancos. Sou a sexta filha de Francisco de Paula e Miriam Helem, ambos negros. Quando afirmo “aqui estou eu”, trago co-

migo a memória ancestral de minha família: uma menina negra com traços indígenas herdados de minha bisavó, Máxima Monçon Fernandes.

Minha caminhada acadêmica começou em 2010, quando prestei o vestibular pela primeira vez, mas não fui aprovada. No ano seguinte, inscrevi-me no cursinho pré-vestibular Desafio, acompanhada por minha mãe e meu filho. Trabalhava como empregada doméstica. Em 2011, com a adoção do ENEM como forma de ingresso nas universidades públicas, consegui finalmente uma vaga na Universidade Federal de Pelotas. Durante os anos de graduação, vivi um período de intenso aprendizado e experiências transformadoras.

Sendo de uma família negra, é natural que mi-

nhas pesquisas acadêmicas sejam voltadas para meus ancestrais. Sempre questionei a maneira como a história da população negra era apresentada nos livros escolares, uma narrativa que me parecia incompleta e enviesada. Ao ingressar na universidade, comprehendi que a história possui múltiplas versões (Morales, 2015). No entanto, as versões ensinadas nas escolas jamais refletiram o conhecimento que herdei de meus ancestrais. Formei-me em Museologia, uma trajetória marcada pela sensação de não ser compreendida pela academia. No meu trabalho de conclusão de curso, investiguei como os negros são representados nos museus de Pelotas. Descobri que a luta contra o sistema escravagista, ainda persistente em nosso presente, está ausente tanto na cidade quanto em suas instituições museológicas (Morales, 2015). A representação da presença negra na vida social de Pelotas permanece restrita ao período colonial e imperial, limitada à servidão. Os negros não são retratados como protagonistas históricos: os quilombos e comunidades indígenas são invisibilizados, os negros livres são ignorados tanto no passado quanto no presente. A vida social do negro pelotense, segundo essas narrativas museal, é confinada ao cativeiro. Essa distorção histórica perpetua falsas verdades sobre a população negra nos espaços museais, acadêmicos e culturais da cidade. Entretanto, como mulher negra, acadêmica e museóloga, concluo que essa versão que se diz oficial não é verdadeira.

Meu trabalho de conclusão de curso demonstrou que a ciência, ao tratar da verdade, deve expor essas narrativas incompletas e dar voz às histórias silenciadas. A construção de novas memórias e saberes é essencial para combater a perpetuação de um sistema que desumaniza e apaga a riqueza da contribuição negra à sociedade. A gravidade dessa percepção revela não apenas a omissão da vida social do negro pelotense, mas também a reafirmação da ideia de que essa população foi e continua sendo vista exclusivamente como cativa. Trata-se de uma negação da humanidade negra em Pelotas, de seu valor humano na sociedade, na cultura e em todas as esferas da vida. Essa invisibilização não só perpetua uma narrativa distorcida, como também reforça as estruturas de exclusão no espaço social. Embora seja um estudo inicial, os resultados baseados em evidências museológicas demonstram o nível alarmante de racismo ainda presente na cidade. Essa realidade é ainda mais marcante quando consideramos que, desde sua formação como vila no século XVIII, a população negra de Pelotas sempre

superou numericamente a população branca.

Para nós, pesquisadores negros, que temos o direito de fala e escrita, nossas palavras carregam outra perspectiva, uma forma diferente de narrar o mundo, que muitas vezes é questionada ou desacreditada. Doutores e doutoras não negros podem até escrever sobre nós, mas jamais compreenderão plenamente o que vivemos, sentimos e enfrentamos. Em nossas pesquisas, a ancestralidade ganha voz, compartilhando suas dores, encorajando-nos a seguir em frente e revelando os acontecimentos silenciados de épocas passadas.

Minha luta ancestral levou-me a enxergar o território do Passo dos Negros como um espaço de estudo e de visibilidade da história negra na cidade de Pelotas. Perguntei-me, como esse lugar permanece na memória dos habitantes. A resposta veio por meio daquilo que a voz ancestral me indicava: o Passo é um museu vivo da ancestralidade negra. Retomei minha jornada de combate contra a invisibilidade, algo que havia sido drasticamente reafirmado durante o mestrado. Meu lugar era na academia, e voltei a ela com alegria, guiada pelo ensinamento de meus ancestrais. Voltei para falar de mim, de nós e do nosso lugar original na cidade. Nós, negros e negras, chegamos a Pelotas e nos estabelecemos por meio do Passo dos Negros. E novamente me pergunto: como essa memória pode ser preservada?

A pesquisa da tese de doutorado esta na sua fase inicial, concentrasse no reconhecimento e na preservação do Território do Passo dos Negros e da comunidade que o habita. A ação museológica e expográfica é guiada pela antropologia, que orienta os caminhos da investigação, ao mesmo tempo em que mobiliza e engaja a militância da museóloga e antropóloga.

INTRODUÇÃO

A pesquisa de Tese de doutorado em Antropologia esta na sua fase inicial, a mesma fundamenta-se em um exercício de trabalho antropológico e museológico, com o objetivo de mapear os patrimônios materiais e imateriais do território do Passo dos Negros. Esse mapeamento busca levantar a memória e a oralidade que a comunidade local compartilha sobre esses patrimônios. O objetivo desta pesquisa é contribuir para o reconhecimento, preservação e valorização da história e memória do território do Passo dos Negros, considerando sua grande importância na formação da cidade de Pelotas e de toda a região. A partir desse esforço, o conceito de um museu a céu aberto está sendo desenvolvido, amadurecendo gradualmente à

medida que a investigação avança.

Apesar de existir um movimento imobiliário de olho no território do Passo, a estratégia dos mesmos é silenciar esse lugar e a presença negra que ele representa. O Passo permanece como um dos lugares de produção de memória e identificação do cidadão com a história nacional. Esse silenciamento é parte de uma estratégia maior de invisibilizar a presença negra, algo notável ao longo dos diversos períodos históricos da cidade de Pelotas e também em seus museus. Estes, frequentemente imbuídos de uma perspectiva evolucionista e marcados pela crença em uma suposta e inevitável aculturação, relegam ao negro um papel subalterno, desumanizando sua história e suas contribuições para a cidade.

A investigação incorpora novos conceitos antropológicos para pensar o território no contexto de uma modernidade afrocentrada. Museologicamente, o Passo dos Negros é rico em elementos simbólicos que estabelecem conexões entre passado e presente, entre vivos e mortos, que convivem em um mesmo espaço carregado de significado.

METODOLOGIA

A metodologia se divide num exercício etnográfico e também museológico, ambos nos permite demonstrar e mostrar narrativas de memória e de identidade sobre o território do Passo dos Negros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Passo dos Negros, a presença negra aparece pela primeira vez vinculada aos viajantes espanhóis que exploravam a região antes da chegada dos portugueses na região. Posteriormente, os portugueses instalaram as charqueadas e o contingente negro no território se estabeleceu significativamente. Contudo, o objetivo desta pesquisa é contribuir para o reconhecimento, preservação e valorização da história e memória do território do Passo dos Negros, considerando sua grande importância na formação da cidade de Pelotas e de toda a região.

CONCLUSÕES

A pesquisa do espaço do Passo dos Negros é construído a partir de um estudo etnográfico e museológico que valoriza as memórias e os objetos, fixos ou móveis, que compõem a história do lugar. Essa história é fundadora da narrativa negra em Pelotas, sendo o Passo o espaço mais antigo. Esse espaço de profunda historicidade negra e indígena marca o início do estabelecimento da cidade que, até hoje, leva o nome de

Pelotas. No entanto, nos últimos anos, o território tem sido ameaçado pela especulação imobiliária. Moradias e edifícios de alto padrão estão sendo erguidos, contrastando com as habitações simples dos moradores ancestrais, alterando a paisagem e apagando a história e a memória do Passo dos Negros. Esse processo aprofunda ainda mais o projeto de invisibilização da história negra da cidade. A pesquisa busca explorar os patrimônios culturais locais a partir da ideia de um museu a céu aberto vivo. Essa proposta visa destacar o potencial patrimonial do território e suas múltiplas dimensões sociais e simbólicas. O Passo dos Negros oferece um manancial de conhecimento que pode ser analisado por meio dos remanescentes vivos de diferentes tempos históricos presentes no local.

A reflexão sobre o território e os patrimônios, a partir de perspectivas etnográficas e museológicas, revela o "fato social total" que é o Passo dos Negros. Essa abordagem reforça a ideia de um museu a céu aberto vivo, permitindo que o lugar e seus moradores, que cuidam desses objetos e memórias, preservem e deem continuidade a essa história. Os moradores, juntamente com os objetos simbólicos, tornam-se parte essencial desse museu, fundado em uma memória viva e social.

REFERÊNCIAS

- BRULON, Bruno. **Passagens da Museologia:** a musealização como caminho. *Museologia e Patrimônio*, v. 11, n. 2, p. 189-210, 2018.
- CARLE, Cláudio. **O imaginário do espaço arqueológico do Passo dos Negros.** *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 5, n. 1, p. 205, 2017.
- MATHIAS, Simone Fernandes. **Passo dos Negros: Entre Narrativas, Etnografias e Conflitos.** 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.
- MEDEIROS, Marielda Barcellos. **"Pelotas pequena África: territorialidade negra a partir das Festas Black".** 2022. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pelotas.
- MORALES, Patrícia Fernandes Mathias. **A Representação do Negro nos Museus de Pelotas (RS) Entre os Integrantes do Clube Fica Ahi Pra Ir Dizendo.** Universidade Federal de Pelotas. Trabalho de Conclusão de curso, Museologia, 2015.

PESQUISA E EXTENSÃO COMO FERRAMENTAS DE COMBATE AO RACISMO

Aline de Mesquita Duarte

Universidade Católica de Pelotas
alinemesqd@hotmail.com

Carla Silva de Ávila

Universidade Católica de Pelotas
carla.avila@ucpel.edu.br

Caroline Garcia Lapuente

Universidade Católica de Pelotas
caarollafuente@hotmail.com

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um relato de experiência vivenciado no Núcleo de Extensão, Ensino e Pesquisa Relações Étnico Raciais (NEEPRER) da Universidade Católica de Pelotas. O programa de extensão objetiva propiciar ações referentes à promoção da Igualdade Racial através da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, no que tange o contato com a produção intelectual negra e, também, com a comunidade negra organizada. O Programa promove ações que buscam estimular uma formação antirracista, através de espaços de reflexão sobre as práticas profissionais em diferentes áreas, sendo dividido em 5 eixos de ação: Racismo e a Saúde, Racismo e o Estado, Racismo e a Cidade, Racismo e Educação e Empreendedorismo Negro. Neste sentido, o Projeto promove cursos de extensão e formação continuada relacionados aos diferentes eixos de ação, convidando extensionistas, demais estudantes e a comunidade em geral para as suas atividades. Promove, também, no mês de novembro a "Consciência Negra UCPel: Amplie a sua!", proporcionando mais um espaço de reflexão e articulação entre discentes, docentes e comunidade, em busca de uma sociedade

mobilizada no combate ao racismo. Contando também com diversos parceiros que contribuem com as ações desenvolvidas, e que recebem essas atividades em seus espaços. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva apresentar um relato de experiência como extensionista de uma das ações realizadas no programa, o projeto "Vamos ler junxs?", que propõe a leitura de obras com temática racial, tendo em 2023 como subsídio para reflexão o livro "Famílias Interraciais -Tensões entre cor e amor", de Lia Schucman. A leitura traz reflexões sobre as subjetividades no interior de famílias interraciais no Brasil. Aborda as dinâmicas e desafios enfrentados por famílias compostas por membros de diferentes raças, explorando temas como identidade racial, preconceito, na tentativa de responder se o afeto é capaz de desconstruir o racismo ou perpetuá-lo.

Palavras-chave: Racismo, famílias interraciais, educação antirracista.

REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA DISCIPLINA DE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS

Danielle Boeira

Universidade Federal de Pelotas
danielle.sboeira@gmail.com

Fernando Ripe

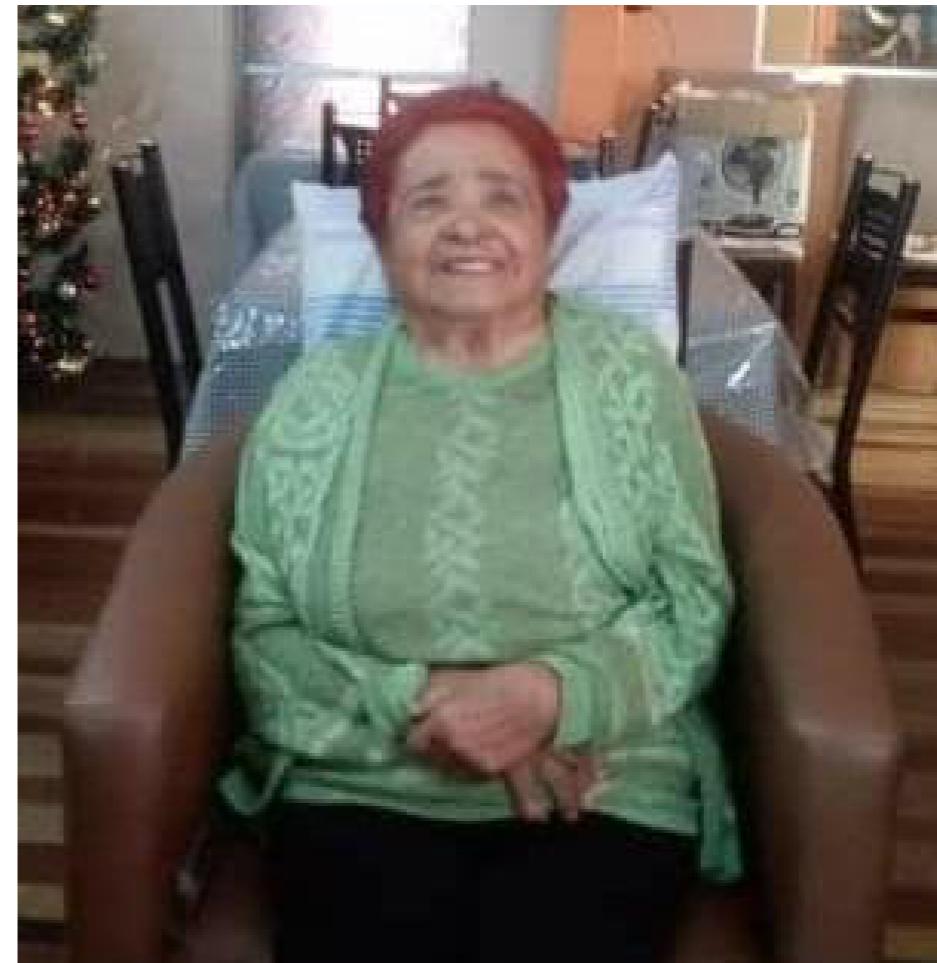
Universidade Federal de Pelotas
fernandoripe@yahoo.com.br

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise sobre uma prática pedagógica desenvolvida no âmbito da graduação acadêmica na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) na disciplina Educação Brasileira: organização e políticas públicas (EBOPP). O contexto é uma turma noturna composta por 37 alunos matriculados no segundo semestre do ano de 2022 onde a autora atuou como monitora. A disciplina tem por finalidade estudar o Estado e suas relações com as políticas públicas educacionais no percurso da história da educação brasileira; organização e funcionamento da educação básica no Brasil; legislação, sistemas educacionais e a organização da escola; a profissionalização docente e o financiamento da educação; políticas públicas atuais e o desmantelamento da educação. Nesse sentido, foi realizada uma atividade avaliativa, cujo principal objetivo foi a leitura crítica de uma charge relativa à Reforma do Ensino Médio. A justificativa do uso de charges em sala de aula, como possibilidade de mobilização de pensamentos reflexivos, se deu pelo fato de as ilustrações abordarem potencialmente questões sociais, políticas e até mesmo culturais da atualidade, fomentando

debates saudáveis e formando posturas cidadãs, críticas e conscientes. A exposição das argumentações ocorreram no E-aula, atual ambiente virtual de aprendizagem da UFPel, onde foi possível perceber um conjunto de respostas similares que possuíam convergência discursiva. Dentre as respostas analisadas identificamos, majoritariamente, a enfatização das problemáticas estruturais e financeiras decorrentes da Reforma do Ensino Médio, a qual pretendia promover mudanças significativas no currículo e na estrutura escolar. Em síntese, os alunos atingiram positivamente a finalidade da atividade, bem como reconheceram a atual situação da Educação no país, inclusive, descrevendo possíveis melhorias que já deveriam ter sido feitas, antes mesmo de uma reforma como essa. Portanto, além de desenvolverem pensamentos críticos, também argumentaram sobre as fragilidades que a Reforma do Ensino Médio tem e pode causar no Brasil.

Palavras-chave: Monitoria; Políticas Educacionais; Reforma do Ensino Médio; Charge; Reflexão Crítica.

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK



MÃE MARIA DA CASTILHO

Dona Maria da Conceição Pereira Amaro, mulher negra de terreiro, atuou por mais de cinquenta anos na Vila Castilhos, em Pelotas, sendo referência na religiosidade afro-brasileira e no carnaval local. Como cacica de terreiro, exerceu uma liderança respeitada, guiando espiritualmente sua comunidade e oferecendo apoio a famílias em situação de vulnerabilidade.

Seu terreiro foi espaço de fé, acolhimento e resistência, onde crianças, jovens e idosos encontravam cuidado e proteção. Também foi figura marcante na cultura popular, atuando ativamente nas escolas de samba da cidade.

Dona Maria deixou um legado de fé, solidariedade e luta, sendo reconhecida como símbolo da força e da ancestralidade negra em Pelotas.

SAMAO&

AUSÊNCIA DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Íria Ramos Oliveira

Faculdade de Enfermagem UFPel
iriaoliv@hotmail.com

Marina Soares Mota

Faculdade de Enfermagem UFPel
msm.mari.gro@gmail.com

Adrize Rutz Porto

Faculdade de Enfermagem UFPel
adrizeporto@gmail.com

Resumo: Trata-se de uma reflexão a partir dos resultados de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório sobre a não implementação da educação étnico-racial no currículo da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. A falta de percepção dos docentes brancos sobre a relevância dessa temática para a formação profissional foi uma das principais justificativas para a não implementação da política. A ignorância quanto ao fato de serem racializados, somada aos seus privilégios materiais e simbólicos e à crença de que a ascensão social ocorre exclusivamente por mérito individual, resulta na abstenção de prestação de contas e na ausência de responsabilidade pela reparação histórica. Portanto, a branquitude é a principal barreira para uma educação antirracista e desempenha um papel central na formação em enfermagem. Espera-se que trabalhos como este alertem sobre o cumprimento das obrigações legais pelas Instituições de Ensino Superior de Enfermagem e ampliem as discussões científicas sobre letramento racial na área.

Palavras-chave: Universidades, Enfermagem, Educação Antirracista, População Negra, Comunidade acadêmica.

| Texto completo

APRESENTAÇÃO

Sou uma mulher negra, formada em Enfermagem pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 2010. Naquela época, mesmo moldada para ensinar a partir das diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), a Instituição de Ensino Superior (IES) não discutia as questões de raça/cor da sociedade. Ao retornar em 2020, observei que as discussões étnico-raciais ainda permaneciam em um não lugar, mesmo com a obrigatoriedade legal. A mim não faz sentido formar profissionais que irão atuar principalmente no SUS sem que estes compreendam as especificidades em saúde da maioria da população brasileira. Desde então,

dedico-me a estimular e provocar debates sobre a educação antirracista na formação do profissional enfermeiro, principalmente dentro da instituição a qual ainda faço parte, agora como Doutoranda em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGEnf) da UFPel.

INTRODUÇÃO

Mesmo com a Lei nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos de toda a Rede de Ensino (Brasil, 2003); e a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), Portaria nº 992/2009, que prevê, entre suas diretrizes gerais, a inclusão da temática racial e da saúde da população negra nos processos de formação e especialmente as da área de Saúde, afirmam desconhecer tais obrigatoriedades legais,

apresentando, assim, pouca atividade curricular que aborde a temática racial (Monteiro; Santos; Araújo, 2021). Para além das legislações, os gestores educacionais e os docentes desses cursos precisam reconhecer que a população negra é a que mais utiliza o SUS. Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde de 2019, apenas 21,4% das pessoas pardas e 20,1% das pessoas pretas que participaram do levantamento — realizado com 209,6 milhões de moradores de domicílios particulares permanentes — possuíam plano de saúde médico ou odontológico. Ou seja, para mais da metade da população negra, o SUS é a única forma de acesso aos serviços de saúde (IBGE, 2020). Ao desagregar a população brasileira por raça/cor, é possível observar que as desigualdades raciais impactam diretamente a saúde das pessoas negras, como evidenciado pela maior magnitude das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) nessa parcela da população (Saraiva; Campos, 2023). Considerando a proposta de formação em que o perfil do profissional enfermeiro egresso deve ser crítico, reflexivo, capaz de identificar e intervir em situações/problemas de saúde, além de atuar com senso de responsabilidade social e cidadania (Brasil, 2001), as IES em Enfermagem têm o compromisso de orientar seus discentes quanto às especificidades da população negra. E mesmo com a PNSIPN, desde 2009, as pessoas negras vivenciam discriminação nos serviços de saúde e falta de acesso (Brasil, 2017). Sendo assim, este resumo tem como objetivo refletir sobre a não implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) no currículo de enfermagem da Faculdade de Enfermagem (FE) da UFPel, com base nos resultados encontrados na dissertação intitulada “A visão de enfermeiros-docentes do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais no currículo de formação do profissional enfermeiro”, defendida em agosto de 2022.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo reflexivo baseado nos resultados de uma pesquisa qualitativa apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestra em Ciências, concluído em 2022. O estudo, de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, contou com a participação de 12 enfermeiras-docentes entrevistadas remotamente pela pesquisadora entre março e abril de 2022. A aplicação do questionário semiestruturado foi realizada somente após a submissão do projeto na Plataforma

Brasil, aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa e registro sob o número 54227621.5.0000.5339 e seguiu todos os preceitos éticos obrigatórios em pesquisas envolvendo seres humanos. Os dados foram tratados por meio da proposta operativa de análise de conteúdo.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Até a produção deste resumo, o currículo da FE/UFPel ainda não apresenta conteúdos que abarquem as especificidades e o reflexo do racismo na saúde da população negra (Porto; Mota; Oliveira, 2022). Entre as justificativas para a ausência da ERER no currículo da FE/UFPel, as enfermeiras-docentes apontaram a falta de percepção, por parte dos docentes brancos, sobre a relevância dessa temática para a formação profissional. Sendo protagonistas, os docentes brancos são os que ditam o que deve ou não ser pauta, ao não se reconhecerem como pessoas racializadas ignoram a importância da inserção da temática no currículo do curso (Oliveira, 2022) e também a singularidade do cuidado às pessoas negras. A falta de autoconhecimento da pertença a um grupo racial, do privilégio material e simbólico que recebem por serem pessoas brancas, aliado à crença de que a ascensão social ocorre exclusivamente por mérito individual, resulta na abstenção de prestação de contas e na ausência de responsabilidade pela reparação histórica por meio de políticas públicas (Bento, 2002a; Delgado; Stefanic, 2021). Portanto, a branquitude é a principal barreira para uma educação antirracista e desempenha um papel central tanto na teoria quanto na prática da formação em enfermagem (Bell, 2024). A enfermagem tem seu nascedouro em um período histórico, político, social e científico onde pseudociências, teorias raciais e eugenistas tinham grande influência na construção da nação brasileira, tornando-se assim uma fonte de transmissão da cultura dominante (Ferreira; Caitano de Jesus; Pinto, 2021). Mesmo com os dispositivos legais, o currículo mantém seu papel de proteger o *status quo* dominante, promovendo a neutralidade racial e a indiferença, que limita as discussões sobre as diferenças e as discriminações raciais, além de silenciar e apagar as histórias e narrativas negras, como por exemplo, o protagonismo das enfermeiras negras Mary Jane Seacole, Maria Jose Barroso, Lydia das Dores Matta e Hildete Bahia da Luz, fundadora do curso da FE/UFPel (Ladson-Billings, 1998; SILVA et al., 2023). É necessário que as IES implementem políticas reparatórias, respeitando o princípio de equidade

e as legislações estabelecidas, além do desenvolvimento da consciência crítica e do rompimento de privilégios (Almeida; Ventura; Rosa, 2024). Para transformar essas instituições, é crucial que se leve em consideração o medo dos professores em mudar seus paradigmas, a mudança ocorrerá somente se eles assumirem os riscos necessários para desafiar o status quo. Para tanto, é essencial investir em formação continuada, de modo que os docentes tenham a oportunidade de expressar esses temores e, ao mesmo tempo, aprendam a criar estratégias para a transformação de suas práticas nos ambientes educacionais (Mayoum et al., 2022; Hooks, 2017). Além disso, é nítido que mesmo com a política de cotas para garantir diversidade na carreira docente nas universidades federais, o racismo institucional impede que o privilégio branco seja rompido através de estratégias que visam burlar os dispositivos legais (Santos et al., 2021), sendo importante que haja maior empenho do Estado para aplicação da norma.

CONCLUSÕES

Espera-se que, mesmo diante das dificuldades impostas pela branquitude, seja possível implementar de forma eficaz atividades de ensino que abordem a temática racial na formação em enfermagem. Dessa forma, o profissional egresso da FE/UFPel poderá exercer seu papel na sociedade de acordo com o proposto em sua formação, compreendendo as especificidades da população negra, o impacto do racismo na saúde e as estratégias de cuidado voltadas para essa parcela da população. Trabalhos como este são fundamentais para alertar sobre o cumprimento das obrigações legais pelas IES de Enfermagem e, ao mesmo tempo, ampliar as discussões científicas sobre letramento racial no contexto da área.

REFERÊNCIAS

BELL, Blythe Victoria. "We'd really love to but we're really busy": Silence, precarity and resistance as structural barriers to anti-racism in nursing education. *Journal of Advanced Nursing*, v. 80, i.1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jan.15795>. Acesso em 15 ago. 2024.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações e no poder público.** 2002 Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.47.2019.tde-18062019-181514>.

Acesso em: 21 abr. 2024.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº3, de 7 de Novembro de 2001. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. **Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.** Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 09 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra:** uma política para o SUS. 3 ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017.

DELGADO, Richard; STEFANIC, Jean. **Teoria crítica da raça: uma introdução.** São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.

FERREIRA, Suiane Costa; CAITANO DE JESUS, Luane; PINTO, Alisson Jones Cazumbá Cerqueira. A produção do saber-cuidar em Enfermagem a partir das interseccionalidades étnico-raciais, de classe e de gênero no Brasil. *Cenas Educacionais*, v. 4, p. e11858, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11858>. Acesso em: 31 jan. 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade;** tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde: 2019: informações sobre domicílios, acesso e utilização dos serviços de saúde: Brasil, grandes regiões e unidades da federação.** Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101748.pdf>. Acesso: 23 jan. 2025.

LADSON-BILLINGS, Gloria. Just what is critical race theory and what's it doing in a nice field like education? *International Journal of Qualitative Studies in Education*, v.11, n.1, 1998. DOI: 10.1080/095183998236863 Disponível em: <https://doi.org/10.1080/095183998236863> Acesso: 31 mai. 2024.

MAYOUM, Akech et al. Having Hard Conversations About Racism Within Nursing Education: A Collaborative Process of Developing an Anti-racism Action Plan. *Journal of Nursing Education*, v.61, n.8, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3928/01484834-20220602-07>. Acesso em 19 nov. 2022.

MONTEIRO, Rosana Batista; SANTOS, Márcia Pereira Alves dos; ARAÚJO, Edna Maria de. Saúde, currículo, formação: experiências sobre raça, etnia e gênero.

Interface (Botucatu), v.25: e200697, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200697>. Acesso em: 09 nov. 2023.

OLIVEIRA, Íria Ramos. **A visão de Enfermeiros-docentes do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais no currículo de formação de profissional Enfermeiro.** Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclu_sao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12553484. Acesso em: 22 abr. 2024.

PORTO, Adriane Rutz; MOTA, Marina Soares; OLIVEIRA, Íria Ramos. Educação das relações étnico-raciais em um curso de enfermagem: análise da matriz curricular. *Anais do I Congresso Internacional Lélia Gonzales*, 2022. Disponível em: DOI: 10.22350/9786559174492. Acesso 12 jan. 2025.

SANTOS, Edmilson Santos dos; GOMES, Nilma Lino; SILVA, Givânia Maria da; BARROS, Ronaldo Crispim Sena. Racismo institucional e contratação de docentes nas universidades federais brasileiras. *Educação & Sociedade*, v. 42, e253647, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.253647>. Acesso em 06 fev. 2025.

SARAIVA, Vanessa Cristina dos; CAMPOS, Daniel de Souza. A carne mais barata do mercado é a carne negra: notas sobre o racismo e a violência obstétrica contra mulheres negras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 28, n. 9, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023289.05182023> Acesso em 12 jan 2025.

SILVA, Luciana Silvério Alleluia Higino da; TAVARES, Cláudia Mara de Melo; FERREIRA, Matheus Marques; SILVA, Thiago Nogueira da. Construindo uma narrativa antirracista para a formação em enfermagem: relato de experiência de uma ação afirmativa em sala de aula. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 25, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/73996>. Acesso em: 25 abr. 2024.

EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INFANTIL: EM DEFESA DO PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS

Nívia Juçara Silveira Dutra

Grupo de Pesquisa Questões Contemporâneas na Área de El.FaE-UFPel - niwiah@hotmail.com

Roberta Gularde Rodrigues

Grupo de Pesquisa Questões Contemporâneas na Área de El.FaE-UFPel - rodriguesroberta92@gmail.com

Apresentamos aqui nossas reflexões sobre o estágio realizado em 2022, em diferentes classes de educação infantil, do berçário ao pré-escolar. Queremos demonstrar o quanto as nossas aprendizagens foram exitosas e, por vezes, surpreendentes, em relação às certezas que tínhamos sobre as crianças da educação básica, na educação infantil. Fazímos estudos baseados nas concepções de infância ligadas às atividades menos estruturadas e tateamos em busca de rupturas com o espaço escolar tomado por idéias adultocêntricas, cujo sentido estava embalado pela idéia de “fazer para” as crianças. Isto pesa sobre o trabalho docente e transforma as rotinas do trabalho com crianças numa mesmice, por vezes, enfadonha e repetitiva. Abandonar essas estruturas não é nada fácil, porque vivenciamos, em nossa sociedade, uma predominância de atividades prontas e já estruturadas para as crianças, mas através do estágio temos conosco uma espécie de liberdade para repreender a docência com crianças e não para elas. Perceber que no berçário há protagonismo infantil, aprender que o maternal, por mais difícil que possa parecer, é um lugar de instabilidades e movimentos entre a vida cole-

tiva e a vida individual. Trazer a compreensão de que a pré-escola também é uma temporalidade da infância e não apenas uma preparação para as agruras do ensino fundamental. A escola precisa se contaminar de infâncias e é isto que desejamos apresentar aqui. Como as crianças podem ser protagonistas na escola infantil? Que experimentações realizamos com as crianças e o que aprendemos com isto?

Palavras-chave: educação infantil; docência; protagonismo das crianças

HIPERTENSÃO ARTERIAL: IMPACTOS DA CONDIÇÃO CLÍNICA RELACIONADOS À MENOR REDUÇÃO DA PRESSÃO ARTERIAL NA POPULAÇÃO PRETA

Kemilyn Britto da Silva Domingues

Universidade Católica de Pelotas kemilynsilvadomingues@gmail.com

Ahipertensão arterial sistêmica, conhecida popularmente como “pressão alta”, é uma condição clínica de elevada incidência no Brasil, estando amplamente relacionada com a ocorrência de doenças cardiovasculares como insuficiência cardíaca e Acidente Vascular Cerebral (AVC). No âmbito geral, estima-se que os tratamentos farmacológicos empregados em pacientes hipertensos apresentam ampla eficácia no controle da pressão arterial; entretanto, diversos estudos têm apontado que a população preta é mais suscetível a dificuldades no controle dessa doença. Com isso, o objetivo do trabalho é elencar os principais fatores envolvidos na menor redução da pressão arterial na etnia negra e qual a influência da terapia medicamentosa nestes fatores e, além disso, evidenciar os impactos da hipertensão arterial sistêmica na qualidade de vida desse grupo por meio da pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: hipertensão arterial sistêmica; população preta; tratamentos farmacológicos; qualidade de vida.

(RE)EXISTÊNCIAS E INSURGÊNCIAS AO RACISMO COTIDIANO NA ENFERMAGEM EM TEMPOS DE COVID-19

Karen Soares Porto
Universidade Federal de Pelotas
profakarensaores@gmail.com

Carolina Gomes Nogueira
Universidade Federal de Pelotas
nogueiracarolina1996@gmail.com

Este resumo é uma síntese do estudo contido na dissertação intitulada "(Re)Existências e Insurgências ao Racismo Cotidiano na Enfermagem em Tempos de COVID-19". O trabalho é motivado pelo desejo de reconstruir e analisar as memórias e experiências de (re)existências e insurgências ao racismo cotidiano vivenciadas por homens e mulheres pretos na Enfermagem, especialmente durante a pandemia da COVID-19. Inspirado pelas teorias de Grada Kilomba e Beatriz Nascimento, o estudo busca ativar uma relação sujeito-sujeito, destacando o lugar político preto. A metodologia, construída na própria caminhada, enfatiza o compromisso ético-político, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPel. A coleta de dados, realizada entre outubro de 2021 e janeiro de 2022, utilizou entrevistas não-diretivas via plataformas online, fundamentadas em narrativasbiográficas. A análise, baseada na proposta de Grada Kilomba, adota a abordagem episódica, identificando e descrevendo episódios de racismo cotidiano. Os resultados revelam quatro eixos interligados: práticas de curas no contexto afrodispórico, o perfil da enfermagem ao longo do tempo, identificação de pares nas narrativas e a importância de locais de reorganização frente ao racismo. As imagens/fotografias, inspiradas na foto-elicitação, potencializam a expressão das memórias. A pes-

quisa evidencia a presença marcante do racismo cotidiano na vida e na atuação profissional dos participantes. A análise espiralar das narrativas destaca a interconexão entre memórias, imagens e corpos como documentos. Além disso, a pesquisa aponta para a relevância da atuação acadêmica na saúde mental das pessoas racializadas. Ao adotar uma perspectiva decolonial, a pesquisa contribui para o entendimento das complexidades do racismo cotidiano na Enfermagem, fomentando a importância de uma abordagem que reconheça a pluralidade de vozes e experiências. O estudo, embora represente um avanço, ressalta a necessidade contínua de reconhecimento e legitimação das produções acadêmicas de pessoas pretas, desafiando a branquitude a sair de sua zona de conforto. As considerações finais apontam para uma continuação dessa conversa necessária, destacando a importância de criar espaços de expressão e acolhimento para pessoas pretas na Enfermagem. O trabalho, como ato político, encerra-se com a perspectiva de novos ciclos de cura e resistência, convocando a academia e a profissão a acolher e valorizar as narrativas e vivências das pessoas pretas.

Palavras-chave: (Re)Existências; Insurgências; Racismo Cotidiano; Enfermagem; COVID-19.

SOLIDÃO DA MULHER NEGRA NO AMBIENTE ACADÊMICO

Vanessa Dutra Chaves
Universidade Federal de Pelotas
d.chavesvanessa@gmail.com

Fernanda Eisenhardt de Mello
Universidade Federal de Pelotas
fernandaemello@hotmail.com

Robson Monckes Barbosa
Universidade Federal de Pelotas
robs.barbosa008@gmail.com

Stefanie Griebeler Oliveira
Universidade Federal de Pelotas
stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

trajetória acadêmica desses estudantes é marcada por um sistema de estratificação social que impõe obstáculos, somando-se ao peso de serem possivelmente a primeira geração familiar a entrada no ensino superior. Lidar com opressões sobrepostas, como o machismo, a dupla jornada entre trabalho e estudo ou o equilíbrio entre vida familiar e acadêmica, torna essa jornada solitária e desafiadora. Conclusão: O estudo revela que a jornada acadêmica da mulher negra é um campo de batalha permeado por desafios, refletindo a necessidade de políticas inclusivas e de suporte para garantir não apenas o acesso, mas também a plena participação e acolhimento dessas mulheres.

Palavras-chave: Solidão; Mulher Negra; Racismo; Interseccionalidade; Ensino Superior.

UM JOGO TANGÍVEL PARA A LEITURA DA ARQUITETURA DO CASARÃO DO MUSEU DO DOCE: CODESIGN E RECURSOS ASSISTIVOS

Karine Chalmes Braga

Universidade Federal de Pelotas
chalmes-karine@hotmail.com

Aline da Costa Fereira

Universidade Federal de Pelotas
aline14.ferreira22@gmail.com

Adriane Borba

Universidade Federal de Pelotas
adribord@hotmail.com

Este estudo descreve um processo colaborativo de qualificação de recursos assistivos disponibilizados junto ao Museu do Doce, Pelotas, RS. Tais recursos são projetados para a inclusão cultural de pessoas com deficiência visual (PcDV), sob a lógica de envolvê-las nas decisões projetuais para que os mesmos possam tanto orientar o percurso de visitação ao Museu como provocar a interpretação da linguagem arquitetônica do casarão que o abriga. Dá-se continuidade aos investimentos no tema de interfaces tangíveis, iniciados em 2019, para atribuir aos modelos táteis existentes a capacidade de conexão com o digital. Foram seguidas as seguintes etapas: revisão bibliográfica; reconhecimento e problematização dos recursos físicos e digitais preexistentes para a representação do casarão; estabelecimento de uma dinâmica de codesign para a qualificação dos recursos; produção dos recursos; e experimentação. Anteriormente, tinha-se a representação do todo da edificação, por meio de um mapa tátil e modelos bi e tridimensionais dos estuques, em diferentes escalas, sob o método da Adição Gradual da Informação (AGI), para ser compreensível ao tato. Agora, foram representadas as tridimen-

sionalidades de cada cômodo como elementos de encaixe no próprio mapa tátil. São modelos físicos que descrevem as proporções destes espaços, que situam aberturas em baixo relevo e explicam o corrugado da ornamentação dos tetos, e, com isto, facilitam a adição das demais camadas de informação. O aplicativo busca integrar todas as informações: o modelo de cada cômodo tem uma fiducial na base, que ao ser encaixado no mapa tátil aciona a audiodescrição para explicar a conexão com as demais representações do estuque e de seus elementos iconográficos. O conjunto inclui a representação da figura humana para explicitar a relação da escala entre pessoa e objeto. O processo de codesign apoiado por PcDVs, provocou o aperfeiçoamento do método AGI aplicado na produção do recurso assistivo relativo à descrição do casarão.

Palavras-chave: Codesign; Modelos táteis; Interface Tangível; Museu do Doce; Patrimônio

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK



SAMBA.ORG

DÉLCIO DA SILVA MENDES

Délcio da Silva Mendes é um dos nomes mais importantes da história do carnaval de Pelotas e região, tendo atuado, desde os anos 1980, como compositor de sambas-enredo para diversas escolas de samba. Autodidata, sensível e criativo, Délcio construiu ao longo das décadas uma obra marcada por uma poética singular, enraizada na experiência da população negra periférica e nos ritmos da ancestralidade afro-brasileira.

Sua trajetória reflete a realidade de muitos artistas negros que, apesar de seu talento e contribuição inestimável à cultura popular, enfrentam o apagamento histórico e simbólico típico de uma sociedade que ainda marginaliza saberes produzidos fora dos espaços hegemônicos. Mesmo com essa invisibilização, suas composições seguem reverberando na memória coletiva do carnaval de rua, onde sua arte foi e ainda é cantada, celebrada e respeitada.

Embora atualmente esteja mais afastado das atividades carnavalescas, o legado de Délcio permanece vivo, como expressão legítima de uma intelectualidade negra popular, que narra, com lirismo e potência, a história de seu povo e sua comunidade.

Homenageá-lo no Tem Ciência Preta Aqui é reconhecer a importância do samba como campo de conhecimento, resistência e criação, e reafirmar que o pensamento negro também pulsa no batuque, na poesia e nas avenidas.

AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS ANOS INICIAIS DA ESCOLARIZAÇÃO: UM ESTUDO EM PERIÓDICOS DE REFERÊNCIA

Maria Leonor Santos Pereira Feijó

Universidade Federal de Pelotas
mariafeijopkn@gmail.com

Lígia Cardoso Carlos

Universidade Federal de Pelotas
ligiac794@gmail.com

Resumo: O trabalho refere-se a um recorte do projeto “Ciências Humanas nos anos iniciais da escolarização: inventário de publicações em periódicos de referência (2011-2021)”. A divulgação do evento “Tem Ciência Preta Aqui”, que ocorreu na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 2023, produziu em nós uma provocação, ou seja, verificar nos dados de pesquisa que tínhamos, como se apresentavam as questões étnico-raciais para os anos iniciais da escolarização. Dessa forma, tomamos como objetivo analisar os trabalhos publicados no período de 2011-2021 em seis periódicos científicos (Qualis A), considerando aspectos teórico-metodológicos e como se apresenta a educação étnico-racial na educação. A proposta metodológica vincula-se ao que se denomina estado do conhecimento. Os resultados mostraram a ocorrência de cinco artigos de um total de 52, indicando certa escassez da produção no recorte investigado. Mesmo assim, revelam contribuições importantes para dar visibilidade e fomentar estudos que trabalhem a problemática da educação étnico-racial na escola.

Palavras-chave: Ciências humanas, História, Geografia, Educação étnico-racial, Anos iniciais.

| Texto completo

APRESENTAÇÃO

Sendo estudante do Curso de Pedagogia do 8º semestre na FaE/UFPel, tive a oportunidade de participar de um projeto de pesquisa, o que contribuiu na minha formação e no pertencimento dentro da universidade. No processo da pesquisa “Ciências Humanas nos anos iniciais da escolarização: inventário de publicações em periódicos de referência (2011-2021)” notei a presença de textos sobre as questões étnico-raciais, tema que me traz diversas inquietações por ser uma mulher preta que demorou a construir essa identidade e esse sentimento de pertença. Assim, propus para a coordenadora um desdobramento

da investigação na perspectiva de poder socializar no evento “Tem Ciência Preta Aqui” a dimensão étnico-racial presente nos dados que já tínhamos, por considerar a questão relevante. Entendo que as lutas antirracistas, manifestas em diversas instâncias, são fundamentais, pois é a partidela que dentro da escola será possível transformar essa identidade étnico-racial vaga ou negativa, em uma identidade de pertencimento a uma cultura ancestral, de uma forma distinta daquela retratada na visão eurocêntrica e assim buscar quebrar com estereótipos comumente retratadas nas salas de aula.

INTRODUÇÃO

A formação da educação étnico-racial está efetivamente acontecendo ou só se torna viável na Semana da Consciência Negra? Mesmo estando

RESUMO

garantida na Lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas do Brasil, ainda é normalizado que a discussão desse tema venha a ser pautada exclusivamente em data “comemorativa”, a partir de uma preocupação sobre como o tema vem sendo tratado ou não em sala de aula. Com estas preocupações foi elaborado um desdobramento da pesquisa do tipo estado do conhecimento em periódicos científicos de referência sobre as Ciências Humanas nos anos iniciais, buscando o tema da educação étnico-racial nos artigos anteriormente selecionados. A partir de um banco de dados criado no projeto “Ciências Humanas nos anos iniciais da escolarização: inventário de publicações em periódicos de referência (2011-2021)” formado de 52 artigos, encontramos cinco que tratam das questões étnico-raciais para os anos iniciais. Com a análise desses achados buscamos mapear as perspectivas teórico metodológicas, dar visibilidade ao tema e fomentar mais estudos na área com a problemática da educação étnico-racial nos anos iniciais.

METODOLOGIA

A proposta metodológica vincula-se ao que se denomina estado do conhecimento (Romanowski; Ens, 2006). Tem caráter bibliográfico e visa inventariar e discutir a produção acadêmica sobre os anos iniciais da escolarização no recorte inicial que denominamos ensino das Ciências Humanas, abrangendo a História e a Geografia, em interface com as Ciências Sociais, para a qual ainda é recorrente a denominação de Estudos Sociais. Na sequência foi feito um novo recorte dos artigos selecionando, aqueles que tratam das relações étnico-raciais. Importante ressaltar que pesquisas do tipo estado do conhecimento não servem para regulação ou otimização de produções acadêmicas. A perspectiva é de conhecimento dos caminhos e dos encadeamentos de ideias na busca de qualificação de processos. O banco de pesquisa foi circunscrito a seis periódicos de representatividade científica na área, no período de 2011-2021, todos com publicação online. Os critérios para a seleção do material foram trabalhos referentes aos anos iniciais e vinculados ao ensino de História e/ou ensino de Geografia e/ou Estudos Sociais. Também foram consideradas temáticas do campo da cultura e das relações sociais associadas aos anos iniciais. O processo de geração do primeiro banco de dados compreendeu dois movimentos para a seleção dos artigos: pré-seleção e seleção e foram utilizados como descritores: séries ini-

ciais, anos iniciais, ensino de História, ensino de Geografia, Estudos Sociais, ensino fundamental. Para o desdobramento da pesquisa foram destacados aqueles artigos que atendiam ao tema das relações étnico-raciais. Selecionado o material, foi feita a leitura das produções com a elaboração de sínteses preliminares para identificação e compreensão do conhecimento produzido e acumulado no recorte estabelecido, bem como de abordagens dominantes e temas emergentes. O tratamento dos dados foi realizado tendo como referência a análise de conteúdo (Franco, 2003) que, através de unidades de análise extraídas do material empírico, permitiu identificar tendências e intencionalidades pedagógicas. Os procedimentos de análise incluíram as seguintes indagações: qual o local de realização e instituição a que esteve vinculado; quais escolhas teóricas e metodológicas se evidenciam, se há vínculos da produção com orientações advindas de políticas curriculares e qual a contribuição proposta para a área.

Como critério para a escolha dos periódicos foram consideradas as especificidades disciplinares, ou seja, periódicos da Educação, da História e da Geografia. Também foi considerada para a seleção a avaliação Qualis Periódicos, estrato A, 2017/2020, incluindo aqueles que abarcam a temática do ensino/educação no campo da História e da Geografia. São eles:

Revista Brasileira de Educação (ISSN 1809 449x/
Qualis A1) Educação &

Sociedade (ISSN 1678 4626/ Qualis A1)

Revista Brasileira de Educação em Geografia
(ISSN 2236 3904/ Qualis

A2) Boletim Goiano de Geografia (ISSN 1984
8501/ Qualis A1)

Revista Brasileira de História (ISSN 1806 9347/
Qualis A1) História Hoje – Revista de História e En-
sino (ISSN 1806 3993/ Qualis A3)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do banco de dados construído no projeto foram encontrados 52 artigos com enfoque nas ciências humanas e, dentro desses 52, apenas cinco com o recorte delimitado como relações étnico-raciais. Dado que mostra uma baixa incidência desta problemática para os anos iniciais da escolarização. Os artigos encontrados foram:

Texto 1: MEDEIROS, Andrea Borges de. Pobreza, relações étnico-raciais e cotidiano escolar. Revista Brasileira de Educação, vol. 16, n.46, 2011.

Texto 2: THEVES, Denise Wildner; KAERCHER, Nestor André. Entre vivências e conhecimentos na aldeia Guarani-Mbyá: os nossos mapas represen-

tam olhares, aprendizagens e sentimentos. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 11, p.114-131, jan./jun., 2016.

Texto 3: VALLADARES, Marisa Terezinha Rosa; FRIGÉRIO, Regina Célia. GRAÚNA: ...voos e cantos de crianças no currículo quilombola de uma comunidadescola...Revista Brasileira de Educação em Geografia,

Campinas, v. 6, n. 11, p.92-113, jan./jun., 2016

Texto 4: FURTADO, Tanara Forte; MEINERZ, Carla Beatriz. Formação continuada de professores e educação antirracista: ensino de história, africanidades e rompimento de estereótipos. Revista História Hoje, v. 9, nº 17, p. 35-57 – 2020.

Texto 5: NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes. Pensar o passado, narrar a história dos afrodescendentes na Bahia: recontando a vida de Maria Felipa de Oliveira no ensino fundamental. Revista História Hoje, v. 8, nº 15, p. 263277 – 2019

Quanto aos procedimentos e estratégias de pesquisa indicados nos textos selecionados, o texto 1 refere-se ao uso de narrativas e os demais resultam de práticas pedagógicas e investigativas vinculadas ao contexto escolar, evidenciando um importante compromisso com as práticas pedagógicas antirracistas.

Nos artigos encontrados foi possível identificar a fragilidade e também a importância social e pedagógica de uma educação étnico-racial para as crianças do ensino fundamental, professores e gestores. Os textos trazem relatos de experiências escolares e pessoais, onde fica evidente que a racialização presente no país afeta as crianças afrodescendentes dentro da escola e que grande parte das vezes essas escolas e também os profissionais não sabem trabalhar para inserir a educação antirracista no currículo escolar. A falta de aproximação da escola com a cultura afro-brasileira não permite que os alunos afrodescendentes construam esse sentimento de pertença ou de continuidade de uma história, não reconhecendo a própria história e tendo dificuldades para encontrar seus lugares no mundo. Trata-se da perpetuação da história contada, ou seja, de uma visão eurocêntrica que faz com que estereótipos e preconceitos sejam reproduzidos.

A dificuldade dos professores em trabalhar com o tema por vezes se encaminha para uma imagem negativa construída de povos pretos, como apresentado no texto 1 (Medeiros, 2011) que apresenta a seguinte situação: “[...] tratar a cor da pele, da mesma forma que tratar a obesidade, fazendo com que assim ter a pele preta esteja comparada a um problema de saúde”. Ademais, a

falta de profissionais capacitados e com uma boa formação para uma educação antirracista dificulta na construção de identidades de crianças afrodescendentes e também no combate ao racismo. Os textos trazem, também, diversas práticas que podem ser usadas para trabalhar o tema, como o uso de recursos tecnológicos e a cibercultura, visitas a locais que expressam a diversidade cultural no intuído de experienciar e ampliar compreensões, desfazer estereótipo e combater o racismo em ações de formação continuada de professores que evidenciem a cultura negra e dos povos originários não demarcadas só por dor e sofrimento mas também por muita luta, pluralidade e saberes. Como lembra Lev Vygotsky (1991, p. 22): “O ser humano só adquire cultura, linguagem, desenvolve o raciocínio se estiver inserido no meio com os outros. A criança só vai se desenvolver historicamente se inserida no meio social”, como anuncia o texto 5 (Nascimento, 2019).

CONCLUSÕES

Conclui-se que o ensino e a aprendizagem de uma educação antirracista acontece quando as relações étnicos-racias são tema recorrente na sala de aula, perpassando por todas as áreas do conhecimento. Os textos selecionados evidenciam que esta não é uma questão conclusa e que permanece como efemeride em datas escolares comemorativas, evidenciando um único ponto de vista, o eurocêntrico. Neste sentido, destaca-se a importância da formação continuada para que os próprios professores não reproduzam estereótipos e preconceitos. Infelizmente esse tema ainda apresenta uma lentidão nas práticas pedagógicas, mas precisa ser cada vez mais trabalhado, pensado, vivenciado e divulgado academicamente para que assim possa acontecer um rompimento dessa estrutura racista ainda presente na escola e que impede sujeitos negros e negras de se reconhecerem e conhecerem diferentes modos viver.

REFERÊNCIAS

- FRANCO, Maria Laura. Barbosa. *Análise de conteúdo*. Brasília, Plano Editora, 2003.
- FURTADO, Tanara Forte; MEINERZ, Carla Beatriz. Formação continuada de professores e educação antirracista: ensino de história, africanidades e rompimento de estereótipos. Revista História Hoje, v. 9, nº 17, p. 35-57 – 2020.
- MEDEIROS, Andrea Borges de. Pobreza, relações étnico-raciais e cotidiano escolar. Revista Brasileira de Educação, vol. 16, n.46, 2011.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes. Pensar o passado, narrar a história dos afrodescendentes na Bahia: recontando a vida de Maria Felipa de Oliveira no ensino fundamental. Revista História Hoje, v. 8, nº 15, p. 263-277 – 2019

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas de estado da arte em educação. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37- 50, set./dez. 2006.

THEVES, Denise Wildner; KAERCHER, Nestor André. Entre vivências e conhecimentos na aldeia Guarani-Mbyá: os nossos mapas representam olhares, aprendizagens e sentimentos. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 11, p.114-131, jan./jun., 2016.

VALLADARES, Marisa Terezinha Rosa; FRIGÉRIO, Regina Célia. GRAÚNA: ...voos e cantos de crianças no currículo quilombola de uma comunidadescola...Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 11, p.92-113, jan./jun., 2016

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

DE CORPOS-SUJEITOS-MEMÓRIAS-INFANTIS AOS TEMPOS DE NARRAR: PRIMEIRAS ENCRUZAS

Karen Soares Porto
Universidade Federal de Pelotas
profakarensaores@gmail.com

Carolina Gomes Nogueira
Universidade Federal de Pelotas
nogueiracarolina1996@gmail.com

A pesquisa tem como objetivo compreender de que modo crianças, na primeira infância, produzem culturas infantis de terreiro e experienciam o racismo e o racismo religioso, em espaços de acesso a políticas públicas de saúde, de assistência e de educação. Para responder a essas inquietações, nos propomos a correr giras e promover encontros com diferentes tradições de matriz africana. Neste pequeno recorte, dialogamos com comunidades tradicionais de terreiro de Umbanda e Batuque, nas cidades de Pelotas e Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul. Para além da observação, operamos no ato de pesquisar com as comunidades de terreiro, mobilizando nossos corpos-sujeitos-pesquisadoras a sentir e vibrar com as vivências, os gestos, as memórias, os cotidianos, os movimentos das infâncias do corpo ali produzidas, inscritas e grafadas – seja no corpo-sujeito-infantil, no corpo-sujeito-entidade-infantil ou no corpo-sujeito-memória-infantil. O que pode, enquanto potência, a criança no terreiro? De que modo a infância opera, se manifesta, vive nas comunidades de terreiro? Como a infância do corpo escorre das memórias das lideranças das comunidades de terreiro? Temos como objetivo alargar nossas compreensões sobre as culturas infantis de terreiro, a partir da problematização de ideias-conceitos de corpo-sujeito-infantil, de

corposujeito-entidade-infantil e de corpo-sujeito-memória-infantil, acompanhadas por EVARISTO (2008, 2020); MARTINS (2003); ALVES (2012); CAPUTO (2008; 2021) e outras.

Palavras-chave: culturas infantis de terreiro, memórias, narrativas

ENFERMEIRAS NEGRAS ESQUECIDAS PELA HISTÓRIA: REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA

Kiara Teixeira Pinheiro
Universidade Federal de Pelotas
kiaratp2001@gmail.com

Marina Soares Mota
Universidade Federal de Pelotas
msm.mari.gro@gmail.com

Renata Vieira Avila
Universidade Federal de Pelotas
erreavila@hotmail.com

Adrize Rutz Porto
Universidade federal de Pelotas
adrizeporto@gmail.com

A história da enfermagem perpetuou-se no Brasil e no mundo dando destaque ao trabalho exercido na profissão pelas mulheres brancas e em contrapartida inviabilizou a trajetória das mulheres negras nessa construção por meio da literatura acadêmica, da mídia e de outros meios de ensino e comunicação. Essa invisibilidade está fundamentada na permanência das relações de poder de gênero e raça ao atender aos interesses de uma sociedade majoritariamente patriarcal, elitista e branca. Sendo assim, por meio de uma revisão narrativa de literatura se objetiva apresentar importantes enfermeiras negras na construção da história da enfermagem. No Brasil é possível destacar nomes de relevantes enfermeiras negras brasileiras, como Maria Stella de Azevedo dos Santos, mulher negra, enfermeira, iyálorixá e baiana que devido a sua vivência acadêmica e religiosa possibilitou por em evidência a discussão acerca do povo negro e sua cultura bem como o combate ao racismo, assim contribuindo com o entendimento e reconhecimento das mulheres negras na enfermagem e na sociedade brasileira. Ademais, deve-se destacar a mulher negra e enfermeira Hildete Bahia da Luz que fundou junto a outras mulheres, negras, nordestinas, a Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), além de também ocupar o primeiro cargo como diretora da mesma. Por fim, destaca-se a enfermeira negra e jamaicana Mary Jane Seacole a qual atuou junto a vangloriada enfermeira branca e inglesa Florence Nightingale durante a guerra da Criméia e que entretanto, não teve seu trabalho igualmente reconhecido e valorizado. Assim, conclui-se a efetividade do sistema patriarcal, elitista e branco em inviabilizar essas personalidades femininas negras na história da enfermagem e a necessidade de reverter essa situação por meio da propagação dessas informações dentro do ambiente acadêmico e na sociedade em geral, visando valorizar a trajetória dessas enfermeiras negras e combater o racismo estrutural.

Palavras-chave: Mulheres negras; Enfermagem; Saúde; Racismo; Brasil.

ESCRIVIVÊNCIAS DO CAROLINA MARIA DE JESUS: SOBREVIVÊNCIA E ATRAVESSAMENTOS DE UM COLETIVO NEGRO

Larissa Gouvêa Soares

Universidade Federal de Pelotas
gslarislena@gmail.com

Nina Cardozo

Universidade Federal de Pelotas
ninaufpel@gmail.com

O Coletivo Negro Carolina Maria de Jesus do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), foi criado em maio de 2022 com o objetivo de acolher os discentes negros; denunciar casos de racismo; espaço de trocas e suporte para o enfrentamento do racismo institucional e estrutural que tem permeado a formação acadêmica.. A articulação da prática, campo e referenciais teóricos da Terapia Ocupacional alinhados com os coletivos negros podem consolidar linhas de resistências e caminhos para a manutenção de uma nova perspectiva a respeito do sujeito negro e suas experiências tanto a nível individual como coletivas dentro do ambiente acadêmico.(FARIAS, 2022; PACHECO; SILVA, 2007). Este trabalho é resultado da necessidade de relatar os desafios e atravessamentos que permeiam a sobrevivência, as ações e atividades do Carolina Maria de Jesus dentro do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas. Escrevivências de Conceição Evaristo foi a metodologia utilizada para dar voz a este resumo. O coletivo observa que os casos de onerosidade relacionados a denúncias de racismo, assim como mudanças de estrutura do coletivo impactaram diretamente no seu funcionamento. Embora as dificuldades vivenciadas pelo Carolina observamos algumas mudanças que atravessam positivamente a vida e futura prática profissional dos estudantes do curso de Terapia Ocupacional, mesmo que aos poucos, pois entendemos que a formação antirracista é fundamental na construção de uma ética profissional e compromissada com a agenda da população negra.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; Coletivo Negro; Escrevivências.

PRINCÍPIO DA PROTEÇÃO À CONFIANÇA LEGÍTIMA: REFLEXÕES ACERCA DA SUA APLICABILIDADE NO DIREITO ADMINISTRATIVO A PARTIR DA ANÁLISE DE JULGADOS DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Katryelen Britto da Silva Domingues

Universidade Federal de Pelotas
katryelensilva@gmail.com

te a vida e futura prática profissional dos estudantes do curso de Terapia Ocupacional, mesmo que aos poucos, pois entendemos que a formação antirracista é fundamental na construção de uma ética profissional e compromissada com a agenda da população negra.

Este estudo tem por objetivo compreender o Princípio da Proteção à Confiança Legítima, propondo-se a elucidar a delimitação conceitual do princípio, os requisitos necessários que ensejam na aplicabilidade do princípio da confiança legítima, bem como, analisar e investigar, através dos julgados proferidos pelo Supremo Tribunal Federal, a posição da Corte Constitucional na aplicação e interpretação do princípio frente às situações que envolvem as frustrações, as quebras de confiança e as mudanças de atos e ações estatais de modo repentino suscitadas pelo ente estatal. Como metodologia de pesquisa, utilizou-se o método descritivo, a metodologia qualitativa, a pesquisa bibliográfica, além disso, a análise de casos, por meio dos julgados prolatados pelo STF. O resultado do trabalho consistiu em destacar a importância e a necessidade do reconhecimento do princípio da confiança legítima no campo do direito administrativo, fazendo com que o princípio sirva como um alicerce fundamental para a eficácia do sistema jurídico nesse campo, buscando preservar a confiança dos cidadãos frente às ações arbitrárias do Estado. Em suma, conclui-se que a falta de reconhecimento do Princípio da Proteção

à Confiança Legítima no âmbito administrativo abre espaço para a ocorrência de livres interpretações por parte dos julgados perante as mudanças repentinhas suscitadas pelo Poder Público, que comprometem com a confiança depositada pelos administrados na Administração Pública e violam a expectativa legítima de direito criada pelos cidadãos, consequentemente, causando insegurança jurídica no ordenamento jurídico.

Palavras-chave: Administração Pública; Direito Administrativo; Expectativa de direito; Princípio da Proteção à Confiança Legítima; Supremo Tribunal Federal.

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK

SAMAI 10



JUDITH DA SILVA BACCI

Judith da Silva Bacci nasceu em 27 de maio de 1918 e faleceu em 30 de julho de 1991, na cidade de Pelotas/RS. Mulher negra, escultora autodidata, construiu uma trajetória marcada por resistência e talento em meio a um ambiente elitizado e excluente.

Começou sua vida profissional como zeladora da antiga Escola de Belas Artes (EBA) — atual Centro de Artes da UFPel — desde sua fundação. Aos poucos, despertou o interesse pela escultura e, mesmo enfrentando preconceitos e barreiras de classe e raça, foi conquistando reconhecimento dentro da instituição.

Com o tempo, alcançou o cargo de laboratorista em escultura, prestando apoio técnico e artístico a professores no então Instituto de Letras e Artes (ILA) da UFPel. Sua produção incluiu bustos de personalidades locais, obras de inspiração modernista, além de expressivas esculturas de caráter religioso — tanto católicas quanto de matriz afro-brasileira.

A trajetória de Judith Bacci é símbolo da potência criativa negra que resiste e transforma espaços de saber e arte. Seu legado segue inspirando novas gerações de artistas e acadêmicos.

AGROECOLOGIA QUILOMBOLA: (RE)EXISTÊNCIA MULTISSECOLAR DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO RIO GRANDE DO SUL

Eder Ribeiro Fonseca

Universidade Federal de Pelotas
ederfonseca12@gmail.com

Alice Cristina Resaffe Barros

Instituto Federal Sul Rio-grandense-Câmpus
Visconde da Graça resaffelice@gmail.com

Cláudio Baptista Carle

Universidade Federal de Pelotas
cbcarle@yahoo.com.br

Leandra Ribeiro Fonseca

Universidade Federal de Pelotas
leandrab85@gmail.com

Introdução: a solidão da mulher negra, reflexo do racismo moderno, vai além do isolamento social, abandonando a ausência de pertencimento afetivo em seus espaços habituais. Este estudo propõe investigar essas características nos meios acadêmicos, analisando o impacto das interseções de gênero e raça em suas vivências. Metodologia: Utilizando uma abordagem qualitativa, a pesquisa se baseará em análises documentais e teorias de interseccionalidade, racismo e machismo. Resultados: A solidão da mulher negra é entendida como uma manifestação do racismo contemporâneo, está conectado à segregação social e à falta de conexão afetiva com indivíduos de seu entorno. Este problema produto é da intersecção entre racismo e machismo, transcendendo as vidas afetivo-sexuais e se manifestando em diferentes cenários, como a representatividade escassa em ambientes profissionais, educacionais e digitais. Os espaços educacionais, historicamente inacessíveis à população negra, têm experimentando mudanças progressivas por meio de políticas de cotas raciais. No entanto, persistem desafios na permanência e participação dessas mulheres nas universidades, devido à sobrecarga resultante das opressões entrelaçadas de raça, gênero e classe. A

trajetória acadêmica desses estudantes é marcada por um sistema de estratificação social que impõe obstáculos, somando-se ao peso de serem possivelmente a primeira geração familiar a entrada no ensino superior. Lidar com opressões sobrepostas, como o machismo, a dupla jornada entre trabalho e estudo ou o equilíbrio entre vida familiar e acadêmica, torna essa jornada solitária e desafiadora. Conclusão: O estudo revela que a jornada acadêmica da mulher negra é um campo de batalha permeado por desafios, refletindo a necessidade de políticas inclusivas e de suporte para garantir não apenas o acesso, mas também a plena participação e acolhimento dessas mulheres.

Palavras-chave: Solidão; Mulher Negra; Racismo; Interseccionalidade; Ensino Superior.

CULTURA BRASILEIRA: SAMBA NO PPE

Uendel Cunha de Souza

UFPEL
uendel2018souza@gmail.com

Vanessa Doumid Damasceno

UFPEL
vanessaddclc@gmail.com

Este trabalho tem o objetivo de apresentar o curso Cultura Brasileira: samba, ofertado pelo Programa de Português para Estrangeiros (PPE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). O curso, que enfoca aspectos culturais do samba no Brasil, integra as ações de ensino da instituição voltadas à internacionalização. Apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que embasam o curso para, então, analisarmos as tarefas de um exemplar de plano de aula. Buscamos, a partir da reflexão sobre nosso contexto e práticas de ensino e aprendizagem, contribuir com as discussões da área de Português como Língua Adicional (PLA) no que diz respeito à atividade docente e à construção de tarefas.

Palavras-chave: Português como língua adicional; Cultura brasileira; samba

CUR(AR) - UMA ARTESCREVÊNCIA NO PASSO DOS NEGROS - RS - BR, AO SOM DE GIAMARÊ E GIBA GIBA

Autores e Participantes:

Ana Langone (arte gráfica, figurino, montagem, performer, prod de conteúdo), Seu Pedro (prod, conteúdo), Seu Aniba (prod, de conteúdo), Simone Fernandes (prod, de conteúdo) Bruna Moreira da Silva (produção), Daniela Xu (imagem), Joana Leon (figurino, produção), Josekler Silva (imagem), Marta Bonow Rodrigues (produção), Roberta Silva (produção, figurino), Thiago Madruga (arte gráfica), Wagner Previtali (imagem), Direção e Roteiro: Ana Paula Siga Langone Produção: Ana Paula Siga Langone

Ao caminhar pelas encruzilhadas da cidade de Pelotas, entrei o Passo dos Negros. A cada passo dado nesse território, comunique as assertividades dos povos negros através de seus conhecimentos e trabalhos, para além dos rastros das violências e traumas promovidos pela branquitude. A videoarte "Cur(ar)" dança a autoestima ao incorporar nossa própria história, no espiralar das ancestralidades. A performance busca restituir os devires negros através da (ar)te, como um tear de fios, ao conectar pessoas e suas histórias através de uma narrativa polifônica. A personagem afrofuturista, vestida de amarelo como OXUM, rompe o discurso hegemônico e adota uma perspectiva afrocentrada. Nessa gira, potencializamos nossas existências e produzimos as imagens de como nos vemos e queremos ser vistos. Fazemos o movimento de amar a negritude, ao imaginar novas prospecções de futuros possíveis que acabam por reverberar em todos os povos amefricanos.

Duração: 10 minutos | **Formato:** Videoarte



DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AGENDA 2030/ODS E O SANEAMENTO

Maurício Pinto da Silva

Universidade Federal de Pelotas
Curso de Gestão Ambiental

Este trabalho é parte integrante dos estudos desenvolvidos no projeto Gestão Ambiental, Água/saneamento e os ODS do Curso de Gestão Ambiental da Universidade Federal de Pelotas. O objetivo é debater temas como desenvolvimento sustentável, a Agenda 2030/Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e suas relações com o saneamento. Em termos metodológicos, se constitui em revisão bibliográfica, estudo documental, além de dados e informações do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), do Instituto Trata Brasil e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O termo desenvolvimento sustentável surgiu a partir dos trabalhos da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar dois objetivos: o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental. A definição mais aceita para desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. Nesse sentido, dando continuidade as suas estratégias, a ONU aprova em 2015, a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Consiste em

uma Declaração de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Os ODS são integrados e indivisíveis, e mesclam, de forma equilibrada, as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental. Nesse contexto, é importante destacar que as condições de saúde humana, ambientais e os serviços de saneamento tornam-se fundamentais ao processo de desenvolvimento. O saneamento composto pelo abastecimento de água, esgotamento sanitário, gestão de resíduos sólidos e a drenagem urbana, se constituem em uma necessidade básica. A ausência e/ou precariedade dos serviços de saneamento resultam em uma parcela da população alijada de condições mínimas para o seu desenvolvimento. Educação, saúde, trabalho e renda são algumas das consequências mais evidentes. Mas também, violência, direitos humanos e igualdade de oportunidades.

Palavras-chave: Desenvolvimento Sustentável, Agenda 2030/ODS, Saneamento

DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR

Niely Galeão da Rosa Moraes

Universidade Federal do Rio Grande
niely.galeao08@gmail.com

Victória dos Santos Monteiro

Universidade Federal do Rio Grande
victoriosantosmonteiro@gmail.com

Júlia Oliveira Penteado

Universidade Federal do Rio Grande
julia-penteado@hotmail.com

A busca por uma sociedade mais inclusiva e igualitária tem ganhado destaque em diversos setores, incluindo o campo acadêmico-científico. A adoção de uma abordagem interdisciplinar para tratar da diversidade étnico-racial, promove a integração de distintas áreas de conhecimento, gerando novas perspectivas na concepção de estratégias para a promoção da inclusão social. Diante desse contexto, foi realizado um projeto abrangendo os três eixos acadêmicos de ensino, pesquisa e extensão, com o propósito de fomentar debates acerca das disparidades étnico-raciais e promover a colaboração interprofissional entre pesquisadores acadêmicos e profissionais de diferentes áreas. O projeto realiza reuniões online semanais, durante as quais são apresentados temas relacionados à diversidade étnico-racial, seguidos de debates. Algumas das pautas de estudo incluem racismo ambiental, a aplicação de cotas nas universidades, reforma tributária e desigualdades sociais, entre outros. Além disso, foram promovidas atividades de extensão em uma escola pública da rede estadual em Rio Grande/RS, durante o Dia da Consciência Negra. A palestra dialogada teve como objetivo valorizar a data como recurso pedagógi-

co, disseminando conhecimento sobre consciência racial e práticas antirracistas em diferentes faixas etárias. Essas iniciativas, que incorporam elementos culturais, históricos e contemporâneos, buscam desenvolver uma consciência racial mais profunda, estimular a equidade e promover reflexões críticas sobre questões éticas e raciais na sociedade. Nesse sentido, as iniciativas promovidas pelo grupo de diversidade étnico-racial dedicam-se de forma contínua a desempenhar um papel significativo na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. Além disso, busca estabelecer uma conexão entre a Academia e a sociedade, com o intuito de promover o compartilhamento de conhecimento e a mudança de padrões comportamentais. Essa interligação é essencial para a disseminação de informações pertinentes e para a promoção de uma consciência coletiva que inspire ações concretas em prol da diversidade e da justiça social.

Palavras-chave: Igualdade Racial; Representatividade Acadêmica; Ensino Decolonial.

PASTORAL DA SAÚDE E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

Maria de Fátima Ortiz Pedroso

Universidade Federal de Pelotas
pedrosomaria605@gmail.com

Este trabalho tem relação com meu TCC no curso de Bacharelado em Ciências Sociais. E diz respeito à participação de mulheres agentes pastorais e seus significados na atuação dentro da Pastoral de Pelotas. A escolha do tema tem relação com a minha própria trajetória de vida na Pastoral da Saúde e porque não encontrei nenhuma bibliografia sobre essa pastoral e a participação das mulheres em Pelotas/RS. Tenho como objetivo principal compreender os significados atribuídos pelas mulheres à sua participação na Pastoral da Saúde em Pelotas/RS na década de 1980. E como objetivos específicos: (1) compreender as ações desenvolvidas pela Pastoral; (2) identificar a atuação dessas mulheres no âmbito da pastoral; e (3) entender a forma que essas ações repercutem na autoestima e na valorização de seu trabalho e do seu papel na sociedade. Quanto à metodologia, serão utilizadas as técnicas de revisão bibliográfica sistemática, de entrevistas semiestruturadas e de narrativa auto-bibliográfica. Para esta pesquisa é importante destacar no contexto de criação da Pastoral da Saúde de Pelotas o protagonismo dessas mulheres, agentes pastorais, na promoção do acesso e do direito à saúde da população mais empobrecida. Importa

também a percepção dessas mulheres em relação às ações promovidas para o desenvolvimento da sua autoestima bem estar, e dos próprio direito à saúde em Pelotas, dando visibilidade ao trabalho em participação dessas mulheres para a promoção desse direito e do exercício da sua cidadania, visto que o trabalho da mulher dona de casa de cuidar do lar e dos filhos é a base da sociedade moderna.

Palavras-chave: pastoral da saúde; mulheres; empoderamento; autoestima; bem estar;

REPRESENTAÇÃO E/OU REPRESENTATIVIDADE: O RETRATO DA PESSOA NEGRA NOS MUSEUS PELOTENSES

Carolina Gomes Nogueira

*Universidade Federal de Pelotas
nogueiracarolina1996@gmail.com*

Karen Soares Porto

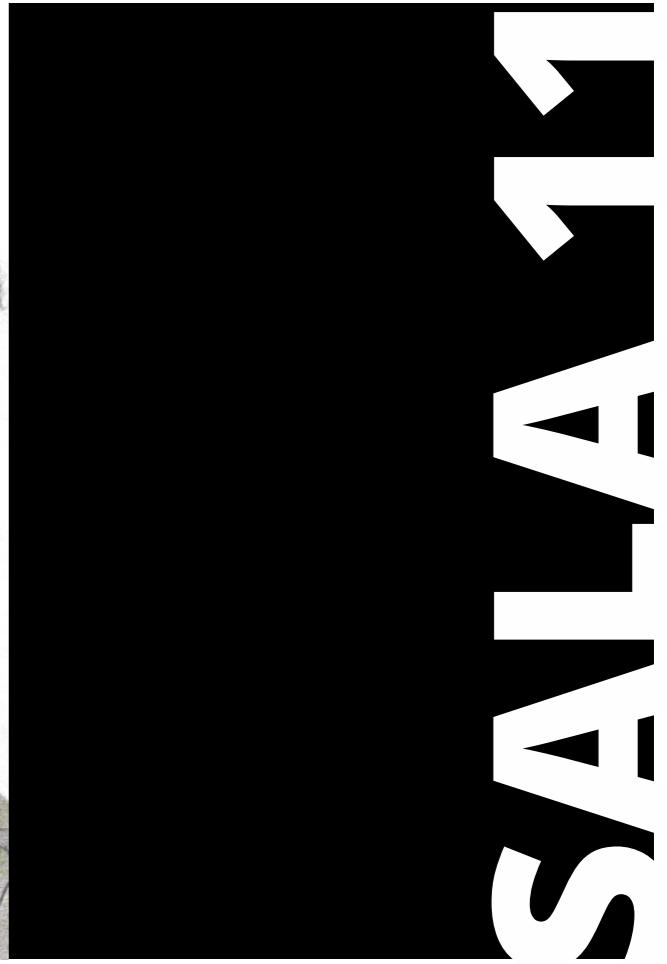
*Universidade Federal de Pelotas
profakarensoares@gmail.com*

A presente comunicação busca discutir as formas de representação e/ou representatividade da pessoa negra nos museus pelotenses. Nesse sentido, é com base na práticas de expor objetos utilizados durante o período da escravidão - principalmente correntes e grilhões - e reportá-los como se fossem objetos que constituem a cultura afro-diaspórica e o ser negro, que está comunicação visa problematizar essas representações. Para tanto, nos debruçamos na tese de colonialidade de Maldonado-Torres, não estariam os museus desumanizando o "outro" ao reduzi-lo apenas aos processos de escravidão? Assim, nosso objetivo é pensar em como elaborar formas de representatividade da pessoa negra nos museus, rompendo com esse encantamento com o passado e criando uma consciência clara, a fim de esclarecer que a pessoa negra é muito mais do que uma memória de sofrimento, pois é opondo-se à colonialidade que haverá uma revolução simbólica do pensamento. Nessa perspectiva, essa comunicação objetiva, não somente, confrontar as formas de representação dessas narrativas no espaço museológico, como também debater novas formas de representatividade da pessoa negra no

museu. Essa é uma pesquisa de paradigma qualitativo, de caráter exploratório, pois consiste em um trabalho com fenômenos. Serão trabalhadas duas instituições museológicas de Pelotas, a saber: Museu Histórico da Biblioteca Pública Pelotense e Museu Parque da Baronesa. Em ambas as instituições há processos que envolvem a representação, a partir de um olhar colonial, e a representatividade, a partir da perspectiva cultural, da pessoa negra. Por fim, esse trabalho nos mostra o quanto é importante os museus engatilharem essas reflexões para que as pessoas negras possam construir memórias para além do sofrimento, para que elas possam, sobretudo, honrar a sua história e cultura.

Palavras-chave: Museus; Cultura Afro-Brasileira; Afrocentricidade.

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK



OLIVEIRA SILVEIRA

Oliveira Silveira, nascido em 27 de março de 1941, em Rosário do Sul/RS, foi um poeta, professor, intelectual e ativista negro, cuja trajetória marcou profundamente a luta pela valorização da identidade afro-brasileira. Tornou-se nacionalmente conhecido por ser um dos principais articuladores da escolha do 20 de novembro como Dia da Consciência Negra, data que reverencia a morte de Zumbi dos Palmares e que hoje simboliza a resistência e o orgulho do povo negro no Brasil.

Professor de Língua Portuguesa e Francesa, Oliveira Silveira também foi membro do Grupo Palmares, fundado em Porto Alegre na década de 1970, que se tornou um dos núcleos mais importantes do movimento negro no país. A partir de suas reflexões e escritos, ajudou a fundar um pensamento negro comprometido com a valorização da ancestralidade africana, com o combate ao racismo e com a afirmação da cultura afro-brasileira como patrimônio vivo da nação.

Sua obra poética é extensa, potente e politizada, com títulos como "Poemas Elementais", "Pêlo Escuro", "Banzo, Saudade Negra" e "Oitiva Seletiva". Em sua poesia, abordou com profundidade temas como identidade, resistência, memória e negritude, sempre com uma linguagem marcada pelo lirismo e pela força crítica.

Faleceu em 1º de janeiro de 2009, deixando como legado não apenas seus livros, mas também a certeza de que a palavra é ferramenta de luta e instrumento de libertação. Seu nome ecoa em cada celebração do 20 de novembro e em cada sala de aula que ensina a história do povo negro com dignidade.

Oliveira Silveira é verbo em marcha, é verso insurgente, é memória que se recusa a ser esquecida.

A FRONTEIRA BRASILEIRA E O TRÁFICO DE DROGAS: REDES, NÓS E TESSITURAS DE UM COMPLEXO SISTEMA TERRITORIAL

Samuel de Jesus Cabral

Universidade Federal de Pelotas
samuel.gts10@gmail.com

Thales Roberto Barbosa Rodrigues

Universidade Federal de Pelotas
thalesrobertobr@gmail.com

Tiaraju Salini Duarte

Universidade Federal de Pelotas
tiaraju.ufpel@gmail.com.

Introdução: Considerando o crescimento do crime organizado vinculado ao tráfico de drogas e o papel que o Brasil assume no século XXI, o narcotráfico (entendido aqui como um fenômeno social, político e econômico) na era dos processos da globalização integra múltiplas escalas que perpassam desde a lógica local a transnacional, possibilitando o movimento de toneladas de entorpecentes ilegais pelos mais diversos Estados. Referente ao cenário internacional, é que a presente pesquisa delinea seu objetivo geral, o qual visa analisar o tráfico de drogas e sua relação com as áreas de fronteira brasileira, como nodosidade do sistema territorial do tráfico de drogas, buscando compreender o limite entre os Estados como uma barreira e, ao mesmo tempo, um espaço de integração entre os atores envolvidos nessas atividades.

Metodologia: Em termos metodológicos, o trabalho dividiu-se em quatro etapas: levantamento teórico, levantamento de dados, levantamento hemerográfico e análise e discussão dos mesmos.

Resultados: Podemos observar como resultados que múltiplos agentes vinculados ao tráfico de drogas atuam no Brasil, os quais buscam conectar um complexo sistema que objetiva colocar os pro-

dutos ilícitos em circulação. Estas relações, vivenciadas no limite dos Estados, na era dos processos de globalização, possibilitaram um aumento da circulação de bens, mercadorias, pessoas e informações no sistema mundial. Assim, as fronteiras e suas complexidades, acabam por criar/desfazer relações entre os atores que possuem interesses nessas localidades que comungam e divergem dos interesses estatais. Nesta seara, nota-se que as fronteiras ganham relevância, transformando-se em nodosidades que articulam as redes dos entorpecentes para o mercado nacional e internacional. **Conclusões:** Por fim, podemos evidenciar que espacialmente a fronteira se estabelece como uma área de disputas e, igualmente, de acordos entre grupos, produzindo práticas espaciais entre atores vinculados ao tráfico de drogas nacional e internacional.

Palavras-chave: Sistema Territorial; Fronteiras; Narcotráfico; Tráfico de Drogas.

"COM DOIS TE PUSERAM, COM TRÊS EU TE TIRO, COM AS TRÊS PESSOAS DA SANTÍSSIMA TRINDADE, QUE TIRA QUEBRANTO E MAL OLHADO PARA AS ONDAS DO MAR, PARA NUNCA MAIS VOLTAR": ENTRE AS REZAS DAS BENZEDEIRAS DE PELOTAS - RS

Samuel de Jesus Cabral

Universidade Federal de Pelotas
samuel.gts10@gmail.com

Thales Roberto Barbosa Rodrigues

Universidade Federal de Pelotas
thalesrobertobr@gmail.com

Tiaraju Salini Duarte

Universidade Federal de Pelotas
tiaraju.ufpel@gmail.com.

Simone Fernandes Mathias

Universidade Federal de Pelotas
simonefernandezpel@gmail.com

Patricia Fernanades Mathias Morales

Universidade Federal de Pelotas
patriciamoralespel@gmail.com

Esse artigo faz parte da pesquisa de doutorado que propõe fazer o estudo etnográfico das memórias e oralidades, a partir do olhar e narrativas de benzedereiras na cidade de Pelotas, RS. Compreendendo-as como ligadas à comunidade tradicional contemporânea e aos estudos temáticos clássicos da Antropologia sobre as religiões no Brasil. Este estudo tem como foco, as formas de interação com suas comunidades, que as procuram por suas práticas de cura. Há uma cosmologia que pode ser entendida, como religião, que é fruto de relações interétnicas históricas, mas cuja força está na etnicidade territorializada das comunidades de cosmogonia afrocentrada. Assim como, encontrar as potencialidades, as relações de ensino e aprendizado, que se desenvolvem nos âmbitos de famílias ligadas por consanguinidades ou por sistemas cosmologia que pode ser entendida como religião. Além da pesquisa etnográfica em andamento, estão sendo organizadas entrevistas e as transcrições, o material fotográfico para que no andamento da tese possa ser apresentado um documentário com a proposta de identidade visual sobre os espaços e as trajetórias das interlocutoras. Assim como, minha par-

ticipação na construção do Espaço Cultural Afro Marlene Carvalho, na Biblioteca Pública Pelotense. A proposta é trazer questões que envolvem as tradições afrocentradas ligadas às práticas de benzeduras, importantes no compartilhamento das histórias de saberes e oralidade da cidade de Pelotas. Desse modo, lembrar a luta das comunidades negras em manter suas formas de ser, viver e saber no mundo.

Palavras-chaves: Benzedereiras; Ancestralidade; Pelotas; Memórias e Oralidades.

EXPERIÊNCIA EM MONITORIA UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE GESTÃO AMBIENTAL

Carolina Gomes Nogueira

Universidade Federal de Pelotas/ CIM/Curso de Gestão Ambiental
joselainelemos1998@gmail.com

Karen Soares Porto

Universidade Federal de Pelotas/ CIM/Curso de Gestão Ambiental
mauriciomercosul@gmail.com

O curso de Gestão Ambiental (Bacharelado) da Universidade Federal de Pelotas-UFPEL, criado em 2016 pela Resolução nº 05, visa melhorar a qualidade de vida e preservar a natureza, seres vivos e recursos ambientais, combinando pesquisa e inovação tecnológica (PPC/GA 2017). Com disciplinas-chave como Tópicos em Gestão Ambiental, Saneamento Ambiental e Planejamento e Desenvolvimento Regional. O curso aborda desafios ambientais fundamentais. A experiência como monitora nessas disciplinas foi conduzida metodologicamente, usando estudo documental e revisão bibliográfica, embasadas nas interações monitor-professor e monitor-alunos presencialmente e através de plataformas da UFPEL, COBALTO, E-AULA e-mail e aplicativos de mensagens. Os resultados destacam a importância da monitoria para identificar e resolver dificuldades dos alunos, promovendo uma efetiva experiência de aprendizado. Bolsas de monitoria da UFPEL, como na modalidade Ações Afirmativas, são cruciais para inclusão étnica e democratização do acesso ao ensino superior. As disciplinas utilizaram aulas expositivas, dialogadas e presenciais, com avaliações por meio de seminários de

capítulos de livro indicado para leitura e provas escrita. Atividades práticas, auxiliando os alunos na Biblioteca Virtual da UFPEL(Pergamum) e recomendando eventos, como a Semana da Sustentabilidade e o Seminário Internacional de Extensão, Pesquisa e Educação para a Sustentabilidade. E contribuindo na organização a visita técnica à Companhia Riograndense de Valorização de Resíduos Ltda (CRVR). A monitoria acadêmica não apenas estimula a iniciação na docência, mas também desenvolve habilidades pedagógicas, integrando a aprendizagem à prática. Esta experiência foi valiosa, ensinando empatia, comunicação e superação de desafios. Contribuir para a comunidade acadêmica foi gratificante e formativo, fortalecendo o compromisso com o aprendizado e crescimento pessoal. A monitoria é vista como um elemento formativo essencial para ampliar conhecimentos e contribuir positivamente para a comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Ações Afirmativas, Monitoria, Gestão Ambiental

MAPEANDO O MOVIMENTO: UM ESTUDO SOBRE CAMPANHAS DE OCUPAÇÃO POLÍTICA QUE BUSCAM AUMENTAR A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS (2016-2022)

Daiana Lopes Dias

UFPEL, daia3a3negra@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte do projeto de tese intitulado “Nada sobre nós, sem nós: Uma análise das campanhas de ocupação da política por mulheres negras no Brasil (2016-2022)”. Nele, discutimos diversas campanhas idealizadas por organizações que têm colaborado com a inserção de mulheres negras na política brasileira. O objetivo é entender quando essas campanhas foram iniciadas, quais organizações participaram e como se articulam. O estudo adota uma abordagem qualitativa, baseada na análise documental (disponível nos sites das campanhas), na literatura do feminismo negro e em dados sobre a (sub)representação feminina na política. Após a análise, identificamos um crescimento contínuo desse processo, totalizando oito campanhas no período de 2016 a 2022.

Palavras-chave: democracia, mulher negra, campanha, ocupação da política, representação política.

| Texto completo

APRESENTAÇÃO

Sou uma mulher negra, feminista, periférica, Lúpica, filha de uma empregada doméstica e de um trabalhador de serviços gerais. Atualmente, curso doutorado em Ciência Política na UFPEL, onde também realizei meu mestrado. Sou graduada em História pela FURG. Ao longo da minha vida, precisei diversas vezes do SUS devido a uma doença rara, assim como da educação pública. Meu trabalho está relacionado à convicção de que precisamos de parlamentares negras ocupando espaços de poder, para promover políticas públicas que atendam pessoas como eu, periféricas e que dependem de diversos serviços públicos, desde a educação, saúde até justiça. Por essa razão, pesquisei os movimentos de mulhe-

res negras que buscam ocupar espaços de poder político. Acredito na importância de ter mulheres representativas, negras, feministas e antirracistas que realmente representem suas comunidades.

INTRODUÇÃO

O trabalho, está inserido nos estudos da área de Ciência Política sobre representação de gênero, com enfoque na sub-representação das mulheres negras¹ na política institucional brasileira e busca analisar ações desenvolvidas para alterar esse quadro. A análise é alicerçada na observação do processo de construção das campanhas de ocupação da política institucional por mulheres negras.

Desta forma, o objetivo do estudo é entender quando essas campanhas iniciaram, quem são as organizações participantes, como se constituem em um projeto coletivo de inclusão da mulher negra na política, bem como suas ações. À saber:

¹ Para este artigo as mulheres negras englobam as mulheres autodeclaradas pretas e pardas, conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e os dados do Tribunal Superior Eleitoral – TSE.

Ocupa Política, Campanha de Mulher, Mulheres Negras Decidem, Eu voto em Negra, Enegrecer a Política, Agenda Marielle Franco, Estamos Prontas e Pretas no Poder.

Portanto, algumas questões foram colocadas nesse momento do texto, a exemplo de: Como essas campanhas iniciam? Quem são as organizações participantes? Assim, interessa-nos discutir as ações das campanhas, para o sucesso de candidaturas de mulheres negras no período de 2016 a 2022, incluindo períodos de pleitos municipais, estaduais e federais.

METODOLOGIA

A metodologia usada na pesquisa foi qualitativa, com procedimento de análise documental, apoiada nos documentos disponíveis nos sites das campanhas citadas, na literatura do feminismo negro e da representação política. E para estudar esse cenário, de sub-representação política da mulher negra, foi imperativo observar a relação da raça nessa desigualdade como sinaliza Campos e Machado (2014, 2015, 2017, 2020), bem como, a intersecção da raça e do gênero nessa sub-representação como apontam Rios, Pereira e Rangel (2017); Rios e Maciel (2017), uma vez que as mulheres negras são interseccionadas por gênero e raça.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 1 – Campanhas de ocupação da política



Fonte: elaborada pela autora a partir de imagens dos sites das respectivas campanhas, 2024.

Levando em conta os primeiros dados analisados, podemos apontar que a campanha Ocupa política, foi a primeira a ser criada. Ela foi idealizada a partir do movimento de rua de ativistas, em 2016, com o objetivo de promover formação política e criar um grupo renovado para ocupar a política, potencializando e articulando as candidaturas das mulheres negras e ativistas. À época, ainda que não tivesse sido nomeada como Ocupa Política, já havia uma articulação desse movimento nas eleições de 2016 (Rodrigues; Abreu, 2019). A exemplo das candidaturas para vereadoras de Marielle Franco, eleita no Rio de Janeiro/RJ, Talíria Petrone eleita em Niterói/RJ

e Áurea Carolina eleita vereadora em Belo Horizonte/MG.

Em consequência dessas primeiras articulações, as organizações envolvidas resolveram se reunir em 2017, na cidade de Belo Horizonte/BH para realizar o I congresso com foco na formação política. No ano de 2018, na cidade de São Paulo/SP, foi realizado o 2º Encontro. Nesse evento, além das formações políticas, também foi feita uma homenagem a Vereadora Marielle Franco (Ocupa Política, 2018). O último encontro ocorreu em 2019, em Recife/PE.

Nessa conjuntura de articulações, para ocupar a política, foi criada também outra campanha chamada Campanha de mulher, que iniciou no ano de 2018 pela Mídia Ninja e a ELLA - Rede Internacional de Feminismos. O objetivo dessa campanha era diminuir as desigualdades midiáticas enfrentadas pelas mulheres durante suas campanhas eleitorais. Dessa forma, nos anos de 2018, 2020 e 2022, diversos grupos ativistas midiáticos foram mobilizados para colaborarem com as campanhas dando visibilidade a elas (Campanha de mulher, 2022).

No mesmo ano da criação da Campanha de Mulher, foi organizada uma nova campanha intitulada Mulheres negras decidem, com elaboração de programas de dados, realização de debates e formações políticas (Mulheres negras decidem, s/d). Produziram igualmente pesquisas, publicações de livros, vídeos e minisséries. Além disso, criaram o Projeto Estamos Prontas, que se tornou mais uma campanha em 2022.

Soma-se a essas campanhas a Enegrecer a política, mobilizada por um grupo formado por seis organizações da sociedade civil - Bigu Comunicativismo, Blogueiras Negras, Movimento de Mulheres do Campo e da Cidade, Mulheres Negras Decidem, Rede Nacional Feministas Antiproibicionistas - RENFA, Observatório Feminista do Nordeste. A meta era o aumento da presença negra na política, mais especificamente da região Norte e Nordeste. Assim foram elaborados documentos, pesquisas, dossiês, relatórios e ferramentas de apoio a candidaturas negras. Seus documentos datam de 2016, 2020 e 2022 (Enegrecer a política, s/d).

Eu Voto em Negra é uma campanha que assim como as autoras supracitadas objetivam aumentar a representatividade das mulheres negras na política. É resultado de um projeto iniciado em 2018, mas foi lançado em 2020, com foco na região do nordeste, mais precisamente em Pernambuco. Entre as instituições parcei-

ras estão Rede de Mulheres Negras de Pernambuco e Rede de Mulheres Negras do Nordeste, etc. (Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, 2024). Realizaram ações como cursos de mídia training, direito eleitoral, preparação para cargos eletivos, além de letramento racial².

Ainda em 2020, foi criada a campanha Agenda Marielle Franco, elaborada para o processo eleitoral do mesmo ano, pelo Instituto Marielle Franco, tendo como colaboradoras diversas organizações, entre elas Mulheres Negras Decidem. Segundo os documentos, “[...] esta foi uma Agenda pensada e escrita por mulheres negras comprometidas com a construção histórica do pensamento feminista negro no Brasil e em toda a diáspora africana [...]” (Agenda Marielle Franco, 2022, p. 7) com o objetivo de promover a presença da mulher negra na política.

Estamos prontas é outra campanha que tem como parceiras Mulheres Negras Decidem e o Instituto Marielle Franco. Iniciada em 2022, tendo por objetivo potencializar, com formação e recursos tecnológicos, as candidaturas de parlamentares negras (Agenda Marielle Franco, 2020).

Por fim, analisamos a Campanha Pretas no Poder igualmente lançada em 2022 que conta com a colaboração das Organizações Mulheres Negras Brasileiras (AMNB) e Odara – Instituto da Mulher Negra. Assim como em outras campanhas, a Pretas no Poder realizou ações e formações para incentivar a participação política das mulheres negras. Essa campanha, foi um projeto pensado para a eleição da região Nordeste do Brasil, a fim de promover uma estratégia para enfrentar a sub-representação da mulher negra nessa região (Instituto Odara, 2022).

Desse modo, as campanhas de ocupação da política vêm se consolidando nesse campo, com aumento progressivo e com continuidade. Já é possível observar a criação de outras campanhas, mas sua análise não foi exequível para esse trabalho.

CONCLUSÕES

Para concluir, observamos que as campanhas de ocupação da política tiveram seu início por volta de 2016. Verificamos do mesmo modo, um movimento crescente dessas campanhas, uma vez que em 2016 havia apenas um movimento de ocupação da política e em 2022 somam-se oito. De modo geral as campanhas contaram com a par-

ticipação de diferentes organizações e coletivos. Algumas organizações como Instituto Marielle Franco, Mulheres Negras Decidem e Mídia Ninja, aparecem como colaboradores de mais de uma campanha. Contudo, a campanha Ocupa Política, pareceu um pouco mais centrada no partido do PSol. Em relação ao restante das campanhas analisadas apresentaram uma composição múltipla no que tange às organizações, coletivos, associações e ONGs. Também havia uma maior diversidade partidária no que concerne as parlamentares apoiadas.

Quanto às ações empreendidas por essas campanhas, averiguamos que foram realizadas desde congressos, a plataformas de ensino, cartilhas, documentários e publicações de livros. Ainda que o objetivo central fosse potencializar as candidaturas dos grupos sociais minoritários, no que se refere a ocupação dos espaços de poder político, entre eles as mulheres negras, as ações foram para além desse propósito, ultrapassando o período das campanhas eleitorais. Logo, é possível vislumbrar que as articulações ocorrem nesse movimento das ações. De forma coletiva as campanhas impulsionam as candidaturas das mulheres negras num projeto coletivo.

Também notamos que algumas candidatas eleitas foram apoiadas por mais de uma campanha. É bem verdade, que estamos longe de resolver a questão da sub-representação da mulher negra na política, haja vista todas as tensões que ela envolve, tanto no âmbito de regramento do sistema político brasileiro, como nas intersecionalidades que perpassam a identidade da mulher negra e que se coloca como central nessa discussão. Contudo, o estudo serviu para visibilizar as estratégias desenvolvidas pelas mulheres negras para superar a sub-representação na política. Por se tratar de um estudo inicial do projeto de pesquisa, as conclusões ainda são parciais.

REFERÊNCIAS

CAMPANHA DE MULHER. 2022. Eleições 2022: lutamos para votar, lutaremos para eleger. Online. Disponível em: <https://campanhademulher.org/> Acesso em: Junho 2023

CAMPOS, Luiz Augusto, MACHADO, Carlos. A cor dos eleitos: determinantes da sub-representação política dos não brancos no Brasil. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº16. Brasília, janei-

² Disponível em: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DSZctP-JU5A>

ro - abril de 2015, pp. 121-151. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-33522015160> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/fnzjjpV7bQ-gZ7fv8rPC4yc/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: Dezembro de 2023

. *Raça e eleições no Brasil*. Zouk. 2020.

REDE DE MULHERES NEGRAS DE PERNAMBUCO. Democracia em movimento : mulheres negras do Nordeste no poder [livro eletrônico] : a experiência de incidência política da rede de mulheres negras de Pernambuco junto ao Tribunal Regional Eleitoral. -- 1. ed. -- Recife, PE : Casa da Mulher do Nordeste, 2024.

ENEGRECER A POLÍTICA. *Quem s o - mos*. Online. Disponível em: <https://enegrecerpolitica.org/sobre/> Acesso em: Junho de 2023

ESTAMOS PRONTAS. *De 2018 para cá... E agora?* Online. Disponível em: <https://www.estamosprontas.org/legado> Acesso em: Junho de 2023

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. *A Violência Política Contra Mulheres Negras: eleições 2020*. Rio de Janeiro: Instituto Marielle Franco, Justiça Global e Terra de direitos, 2020. Disponível em: violencia-politica.org Acesso em: Maio de 2022

.2022. *Agenda Marielle Franco*. Online. Disponível em: <https://www.agendamarielle.com/> Acesso em: Junho de 2023

INSTITUTO ODARA. 2022. *Campanha Pretas no poder*: Conheça a campanha pretas no poder. Online. Disponível em: <https://institutoodara.org.br/conheca-a-campanha- pretas-no-poder/> Acesso em Junho de 2023

MULHERES NEGRAS DECIDEM. *O movimento mul - heres negras decidem*. Online. Disponível em: <https://mulheresnegrasdecidem.org/sobre/> Acesso em: Junho de 2023

OCUPA POLÍTICA. 2018. Página F a - cebook. Online. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupapolitica2018/> Acesso em: Junho de 2023

RODRIGUES, Cristiano; ABREU, Mariana Sales de. "Marielle Virou Semente": A eleição de Áurea Carolina e Talíria Petrone como resistência às violências sofridas por corpos de mulheres negras. In: *Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política – Compolítica* (p.1-22), Brasília , UnB, 17 a 19 de maio, 2019. Disponível em: http://ctpol.unb.br/compolitica2019/GT5/gt5_Rodrigues_Abreu.pdf Acesso em: Novembro de 2023

RIOS, Flávia; PEREIRA, Anna; RANGEL, Patrícia. Paradoxo da igualdade: gênero, raça, raça e democracia. In: *Ciência e Cultura*, v.69 (p.39-44), 2017. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000100015 Acesso em: Junho de 2022

RIOS, Flávia; MACIEL, Regimeire. Feminismo Negro Brasileiro em três Tempos: Mulheres Negras, Negras Jovens Feministas e Feministas Intersecionais. In: *Labrys, études féministes/ estudos feministas*, 2017/2018. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys31/black/flavia.htm> Acesso em: Junho de 2022

NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS - NEABI IFSUL CAVG

Alan Rubira

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense Câmpus Visconde da Graça
alanrubira.vg005@academico.ifsl.edu.br

William Silveira Braz

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense Câmpus Pelotas Visconde da Graça
wsbraz@gmail.com

Daiana Lopes Dias

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense Câmpus Pelotas - Visconde da Graça
daia3a3negra@gmail.com

Os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABIs), surgiram em 2003 e fazem parte de um conjunto de políticas afirmativas, relacionadas ao cumprimento das leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tornaram obrigatório o ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena em todo o país. De acordo com as diretrizes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL) "o NEABI é um órgão de assessoriamente propulsivo, consultivo e executivo, responsável pelo acompanhamento das questões relacionadas à esfera étnico-racial". O Neabi IFSUL CAVG, retomou suas atividades em 2023 e possui como objetivo geral atender às atividades de ensino, desenvolvimento de pesquisa e ações de extensão voltadas à valorização da história e da cultura afro-brasileira e indígena, além de buscar estratégias para o desenvolvimento de uma educação antirracista. Possui como objetivos específicos: Assessorar a gestão do campus nas ações referentes à temáticas das relações étnico-raciais; Propor encontros, estudos e reflexão e capacitação para o conhecimento e a valorização das histórias e culturas dos povos africanos e indígenas; Propor a realização de seminários, conferências, painéis,

simpósios, encontros, palestras, oficinas, cursos, exposições de trabalhos e atividades artístico-culturais; Propor ações que levem a conhecer o perfil da comunidade interna e externa do campus nos aspectos étnico-raciais; Fomentar o cumprimento da Lei 10639/2003 e da Lei 11.645/2008; Motivar e possibilitar o desenvolvimento de conteúdos curriculares e pesquisas com abordagens multi e interdisciplinares de forma contínua; Colaborar em ações que levem ao aumento do acervo bibliográfico relacionado à educação pluriétnica em cada campus; Incentivar a criação de grupos de convivência da cultura afro-brasileira e indígena, em especial com os/as estudantes do campus. Como resultados esperados busca-se viabilizar caminhos de construção e divulgação de conhecimento que colaborem para a consolidação de uma educação antirracista no ambiente escolar, influenciando, sobretudo, na formação humana dos estudantes.

Palavras-chave: NEABI, Educação Antirracista, Relações étnico-raciais.

PERSPECTIVA DE ATLETAS JUVENIS DE RUGBY DO SEXO FEMININO ACERCA DA IMPORTÂNCIA DA REALIZAÇÃO E APLICAÇÃO DE UM PROTOCOLO DE PREVENÇÃO DE LESÃO

Josué da Silveira Machado

*Universidade Federal de Pelotas
josue.machado@ufpel.edu.br*

Matheus do Nascimento Alves

*Universidade Federal de Pelotas
matheus.alves@ufpel.edu.br*

Ciana Alves Goicochea

*Universidade Federal de Pelotas
cianagoicochea@gmail.com*

Amanda Franco da Silva

*Universidade Federal de Pelotas
mandfsilva@gmail.com*

Eraldo dos Santos Pinheiro

*Universidade Federal de Pelotas
eraldo.pinheiro@ufpel.edu.br*

O presente trabalho tem por objetivo buscar compreender a percepção das atletas juvenis de rugby do sexo feminino a cerca da importância de aplicação e realização de um protocolo de prevenção de lesões. Foram incluídas na pesquisa 11 atletas integrantes do projeto "Vem Ser Rugby" da universidade federal de pelotas, destinado a meninas periféricas. Deste modo, foi desenvolvido um questionário pelos pesquisadores contendo questões em que foi utilizado uma escala de frequência de 0 a 5 com perguntas relacionadas a importância, a aplicação e realização do protocolo. Com os resultados encontrados com base nas respostas das atletas, notou-se que os dados encontrados, assemelha-se com os dados achados na literatura. As atletas entendem a importância da realização do protocolo, porém é notável que na maioria das vezes não se sentem motivadas a realizar os exercícios propostos. Afinal, quando questionadas, apenas 27,3% relataram que se sentem motivadas, enquanto 72,7% se sentem disseram que se sentem parcialmente motivadas, trazendo a problemática da falta de motivação ou "má vontade" das atletas. Concluímos com base nisto, que o estudo foi valioso para se compreender a percepção

das atletas acerca do protocolo de prevenção de lesões, onde as respostas indicam que as jogadoras não se sentem motivadas a realizar os exercícios e alongamentos do protocolo, neste sentido destaca-se a importância de desenvolvermos protocolos de que sejam efetivos para diminuir o índice de lesões, e levar em consideração os fatores motivacionais e emocionais que afetam a adesão das atletas ao protocolo. Enfatizar que pesquisas futuras expandam sua área de pesquisa para outras categorias e modalidades esportivas, para compreender a percepção de outras atletas que executam/participam de protocolos. Possíveis achados podem ser utilizados para desenvolver estratégias de motivação eficazes, levando em consideração as especificidades de cada categoria e modalidades esportivas.

Palavras-chave: Rugby; juvenil; feminino; prevenção; lesão

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK



SAMA12

SOLON SILVA

Com uma trajetória que ultrapassa seis décadas, Solon Silva é uma das figuras mais emblemáticas da cena cultural de Pelotas/RS. Seresteiro, violonista e compositor, ele representa a continuidade e a resistência das tradições musicais do samba, chorinho e seresta, mantendo vivas as raízes da música popular brasileira no sul do país.

Presença marcante na Fenadoce Cultural, Solon encanta o público com sua banda e carisma, reafirmando, ano após ano, seu compromisso com a cultura local. Sua arte também cruzou fronteiras: realizou apresentações internacionais e lançou dois discos autorais — o álbum "Música Popular Pelotense", dedicado à memória musical da cidade, e um tributo ao mestre Noel Rosa, reafirmando sua versatilidade e reverência aos grandes nomes da MPB.

Em 2024, teve sua história eternizada na obra "Solon de todos os palcos", escrita por José Leonel da Luz Antunez. O livro reúne memórias, registros fotográficos e relatos que evidenciam a importância do artista como patrimônio vivo da cultura pelotense.

Mais do que músico, Solon Silva é um símbolo de afeto, resistência e dedicação, cuja arte e presença deixaram uma marca profunda no imaginário coletivo da cidade. Seu legado é celebrado não apenas pelas notas que toca, mas pela emoção que desperta — uma verdadeira referência humana e cultural da nossa terra.

A REPRESENTAÇÃO DE UM ELEMENTO CONSTRUTIVO DE EDIFICAÇÃO HISTÓRIA: UM ESTUDO DE FLUXO DE TRABALHO EM HBIM

Cláudia Freitas

Universidade Federal de Pelotas
claudiaandrielef@gmail.com

Edemar Dias Xavier

Universidade Federal de Pelotas
e1432@hotmail.com

Adriane Borda

Universidade Federal de Pelotas
adribord@hotmail.com

Aabordagem BIM (Building Information Modeling) contribui no aprimoramento dos processos de projetos, construção e gestão de edifícios vinculando dados digitais a elementos geométricos, gerando um sistema unificado através de modelos tridimensionais acessíveis e gerenciáveis. Esta abordagem avança aplicada a edificações históricas, HBIM, devido a complexidade de adquirir informação sobre os seus elementos construtivos. Para passar do BIM ao HBIM deve-se problematizar os fluxos de trabalho. O nível de desenvolvimento (LOD) em HBIM, difere do LOD do BIM. Dessarte, os níveis de geometria (LOG) e informação (LOI), associados ao conceito de LOD, devem ser definidos para atender aos objetivos de desenvolvimento de cada modelo. Este estudo realiza um exercício de representação sob a abordagem de HBIM: a porta de uma edificação histórica. Este elemento, específico desta construção, não existe como componente parametrizado em um sistema BIM. Para adquirir informação geométrica precisa e necessária para configurar um novo componente, adiciona-se ao fluxo de trabalho o uso de tecnologias digitais, como a fotogrametria digital, para obter uma nuvem de pontos da superfície

visível do elemento. A partir desta geometria da superfície, procede-se o lançamento de hipóteses construtivas, representadas digitalmente, através da desconstrução do elemento em suas partes mínimas, utilizando lógicas paramétricas para a modelagem, que são a base da concepção do BIM. Este processo exigiu ampliar as informações sobre a habilidade de saber fazer empregada na época, por meio de revisão bibliográfica, em manuais de construtores da época e por meio de análise de esquadrias advindas de processos de demolição de construções contemporâneas. Essa desconstrução foi apresentada como método para promover um processo formativo em uma disciplina curricular de arquitetura, aplicável a diferentes elementos construtivos. O estudo avança na observação da lógica de associar LOD/LOG e LOI a diferentes tipos de elementos construtivos para delimitar fluxos de trabalho em HBIM.

Palavras-chave: Modelo Digital; HBIM; Fotogrametria Digital; Nuvem de Pontos, LOD

ABSORVENTE SUSTENTÁVEL

Ana Luiza de Paula

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-Rio-Grandense Câmpus Pelotas
Eduardavilela.martins@gmail.com

Eduarda Martins

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-Rio-Grandense Câmpus Pelotas
analuiza3827@gmail.com

Naoyni Ferreira

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-Rio-Grandense Câmpus Pelotas
naoynisoares@gmail.com

Ahistória do absorvente íntimo começou cerca de 4000a.c e, com o avanço da tecnologia, surgiram métodos mais higiênicos e práticos para as mulheres, mas com alto custo ecológico para o planeta. Anualmente, cerca de 936 bilhões de absorventes são descartados no mundo todo. Diante dessa problemática, este projeto teve como objetivo avaliar uma alternativa biodegradável ao uso dos polímeros sintéticos empregados na produção dos absorventes. Além do biopolímero (semelhante ao plástico) derivado do amido de batata, bucha vegetal e tecido de algodão também estão sendo avaliados a fim de obter a produção de um absorvente 100% biodegradável. Este projeto está em desenvolvimento e faz parte da biologia aplicada, uma disciplina multidisciplinar que visa o incentivar a busca de ações que contribuam com a saúde planetária através da Biologia.

Palavras-chave: Mulheres; Biodegradável; Contribuição Ecológica; saúde planetária.

ANÁLISE CRÍTICA DO LIVRO "RACISMO AMBIENTAL E EMERGÊNCIAS CLIMÁTICAS NO BRASIL"

Daniel Melo Barreto

Universidade Federal de Pelotas/Curso de Gestão Ambiental
daniel.barreto@ufpel.edu.br

Nathalia Martins da Rosa

Universidade Federal de Pelotas/Curso de Gestão Pública
nathalia120820@gmail.com

Maurício Pinto da Silva

Universidade Federal de Pelotas/Curso de Gestão Ambiental/Orientador-
mauriciomercosul@gmail.com

Que as mudanças climáticas são uma realidade, isso não temos dúvidas, o aumento da intensidade da ocorrência de eventos extremos nos últimos dias, semanas, meses ou anos estão aí, infelizmente, para corroborar com essa afirmação. Porém, esses eventos não afetam todos brasileiros da mesma maneira, afinal a sociedade brasileira é moldada pelo racismo estrutural, onde principalmente o espaço urbano está organizado de tal maneira, que as pessoas menos favorecidas sofrem desproporcionalmente os efeitos das mudanças climáticas, e isso tem um nome: Racismo Ambiental. Diante da importância de tal tema ser debatido, também, dentro do ambiente universitário, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise crítica do livro "Racismo Ambiental e Emergências Climáticas no Brasil", organizado por Mariana Belmont e publicado pelo Instituto de Referência Negra Pergum em 2023. Em termos metodológicos, trata-se de revisão bibliográfica, acrescida da perspectiva crítica de análise do conteúdo do livro pelos autores deste trabalho. Este debate tornou-se enriquecedor pois entre os autores estão um homem cis, branco, heterossexual (Gestão Ambiental) e uma

mujer cis, negra, bissexual (Gestão Pública) ambos da Universidade Federal de Pelotas, e dentro de suas especificidades viveram ou ainda vivem o Racismo Ambiental retratado no livro. Cabe destacar que o livro nos permite trabalhar o conceito de Racismo Ambiental atrelado às Mudanças Climáticas, e essa análise contribuirá para que este tema possa ser levado às salas de aula, aos projetos de ensino, pesquisa e extensão universitária. Além disso, a possibilidade de se trabalhar na análise com realidades diferentes, mas com percepções semelhantes, faz emergir a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e especialmente a transversalidade, requisito essencial para o enfrentamento dos desafios ambientais, sociais e econômicos, afinal, não dá para falar em justiça ambiental sem antes reparar o racismo ambiental.

Palavras-chave: Racismo Ambiental; Mudanças Climáticas; Justiça Ambiental

AS PRISÕES INJUSTAS DECORRENTES DO RECONHECIMENTO DE PESSOAS POR MEIO DE FOTOGRAFIA

Isadora Cardoso Caleiro

Universidade Federal de Pelotas
isadoraccaleiro@gmail.com

Rafaela Peres Castanho

Universidade Federal de Pelotas
rafaelaperescastanho@gmail.com

O presente trabalho visa analisar a participação do reconhecimento fotográfico nos casos de prisões injustas realizadas no Brasil, visto que não há previsão específica em lei para tal procedimento, sendo orientado de forma jurisprudencial e doutrinária, com o uso da analogia ao observar o artigo 226 do Código de Processo Penal, que disciplina o reconhecimento de pessoas de forma presencial. Para a produção da pesquisa, além da análise bibliográfica e documental, foi adotado o método estatístico e a técnica do estudo descritivo, cumprindo-se o objetivo de contextualizar a ocorrência de prisões injustas no Brasil relacionadas ao reconhecimento fotográfico e fazendo um recorte racial dos casos. Como principais resultados, destacam-se os dados obtidos através do relatório produzido pela Defensoria Pública do Rio de Janeiro em 2022, o qual constatou que de 65 pessoas processadas e absolvidas após a realização de um reconhecimento fotográfico, 83% delas tiveram a prisão preventiva decretada, havendo uma média de um ano e dois meses de tempo de prisão para essas pessoas, trazendo-se como exemplo o caso ocorrido com Tiago Viana, jovem negro denunciado 9 vezes pelo delito

de roubo apenas com base no reconhecimento de sua imagem, considerado inocente em todos os processos. Outro ponto importante diz respeito aos relatórios da DPE/RJ e o Conselho Nacional das Defensoras e Defensores Públicos-Gerais, o qual informa que das 79 prisões injustas em razão do reconhecimento fotográfico com informações sobre raça, em 81% delas as pessoas eram negras. Assim, conclui-se que há prisões injustas em razão do reconhecimento fotográfico equivocado e que a maioria das vítimas desse procedimento são pessoas negras, demonstrando que o racismo estrutural está presente no sistema judiciário e na polícia, problema que, para além de uma abordagem legal, necessita também da implementação de uma mudança cultural para ser superado.

Palavras-chave: reconhecimento fotográfico; prisões injustas; racismo estrutural.

"ASPECTOS HISTÓRICOS DAS UNIVERSIDADES: UM OLHAR SOBRE A AUTONOMIA, DESIGUALDADE E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL"

Crislaine Carvalho

Universidade Federal de Pelotas

Fernanda Eisenhardt de Mello

*Universidade Federal de Pelotas
fernandaemello@hotmail.com*

Vanessa Dutra Chaves

*Universidade Federal de Pelotas
d.chavesvanessa@gmail.com*

Stefanie Griebeler Oliveira

*Universidade Federal de Pelotas
stefaniegriebeleroliveira@gmail.com*

"JEITO DE MÃE": UM ENSAIO ETNOGRÁFICO EM UM RITUAL FÚNEBRE

Veridiana Machado Rosa

*Universidade Federal de Pelotas
veridianamachadorosaoliveira@gmail.com*

Louise Prado Alfonso

*Universidade Federal de Pelotas
louiseturismo@yahoo.com.br*

Este estudo é um recorte da revisão de literatura do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "A solidão no ambiente acadêmico e o cuidado de si de mulheres negras graduandas jovens adultas vinculadas a UFPel". Foi utilizado o capítulo da revisão de literatura que aborda os aspectos históricos da universidade. Resultados: No século XII, a primeira universidade surgiu na Itália sob controle da igreja, reservando a educação superior para as elites. Durante o Iluminismo no século XVII, houve uma transição do controle da igreja para o Estado, que passou a definir objetivos políticos para as universidades, visando fortalecer o Estado e formar cidadãos leais. No Brasil, as primeiras faculdades datam de 1808, e com a Proclamação da República em 1889, ocorreram mudanças significativas, descentralizando a educação e permitindo o surgimento de instituições privadas. A reforma do ensino superior em 1968 incorporou ensino, pesquisa e extensão, aumentando a participação estudantil e democratizando o acesso ao ensino. No entanto, apenas em 1985, com o fim da ditadura militar e a Constituição de 1988, as universidades recuperaram sua autonomia. Apesar desses avanços, questões como alta inflação e dívidas do país ainda

limitam o acesso da população negra a certos espaços. Mulheres negras enfrentam ainda mais desigualdades, lidando com opressões interseccionais relacionadas à raça, classe e gênero. O movimento negro no Brasil desempenhou um papel crucial ao trazer à tona a discussão sobre políticas afirmativas na esfera pública. Suas denúncias evidenciaram contradições nas ideias de cidadania, provocaram debates sobre justiça social e reforçaram o direito à diversidade étnico-racial. Conclusão: Nesse período reconheceu-se o discernimento e a ciência como impulsionadores do progresso, esse marco foi essencial na libertação da educação do controle exclusivo da igreja, permitindo sua adaptação aos novos paradigmas sociais, políticos e intelectuais que moldaram a evolução da sociedade ocidental.

Palavras-chave: Universidades; História; Mulheres Negras.

Este trabalho procura entender relações percebidas no decorrer de uma cerimônia fúnebre um ritual ocorrido em Pelotas-RS. No ritual foi possível perceber que família consanguínea e pessoas sem laços sanguíneos estavam ligadas por outros laços. Esta percepção se deu a partir de alguns conceitos teóricos estudados previamente na disciplina de Família e Parentesco do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. O percurso metodológico teve base Antropológica. A observação das manifestações orais, reações emocionais e físicas, a maneira como o ambiente se constituía, favoreceu a elaboração de um ensaio etnográfico. As primeiras reflexões desta observação foram apresentadas na 9ª Semana Integrada de Inovação Ensino, Pesquisa e Extensão, no ano de 2023, organizada pela UFPEL. Aqui, aprofundando meu olhar sobre o trabalho realizado.

Palavras-chave: Família; Mãe; Pastora; Ritual; Religião.

OS RETORNADOS: UM OLHAR SOBRE OS CONTRATADOS SANTANTONENSES QUE VIAJARAM PARA AS ROÇAS DE SÃO TOMÉ ENTRE AS DÉCADAS DE 1940 E 1950

Rui Medina Delgado

Universidade Federal de Pelotas
rufuxcv@hotmail.com

Paulo Ricardo Pezat

-
Paulo.pezat@gmail.com

Resumo: Este trabalho analisa a migração de cabo-verdianos de Santo Antão para São Tomé e Príncipe nas décadas de 1940 e 1950, período em que foram recrutados como trabalhadores “contratados” para as roças de cacau naquela região e seu posterior retorno ao término dos contratos. O objetivo é compreender esse fluxo migratório no contexto colonial português, identificando os fatores que impulsionaram a migração. Como as secas e fomes recorrentes em Cabo Verde e a necessidade de mão de obra nas plantações de cacau em São Tomé e Príncipe. A pesquisa busca entender quem eram os cabo-verdianos que deixaram Santo Antão rumo a São Tomé e Príncipe, suas condições de vida e trabalho durante o período contratual e as razões que os levaram a retornar à sua terra natal. Além disso, pretende-se abordar as dificuldades enfrentadas nesse percurso migratório, tanto no deslocamento quanto na adaptação às condições impostas nas roças.

Palavras-chave: Cabo Verde; Ilha de Santo Antão; São Tomé e Príncipe; Emigração; Colonialismo português.

| Texto completo

1. APRESENTAÇÃO

Ao iniciar este trabalho, nada melhor do que começar por me apresentar. Sou caboverdiano, de Santo Antão, ilha essencialmente agrícola mais ao norte do arquipélago. De uma família de migrantes desde o início do século XX, acabei seguindo os passos dos meus antecessores. O meu bisavô materno, na sua juventude viajou para os Estados Unidos da América, os meus avós para São Tomé, o meu pai para os Países Baixos, minha mãe para os Estados Unidos da América e posteriormente para a Costa do Marfim, além de tios que seguiram o mesmo caminho e estão espalhados por vários países do mundo.

Estou no Brasil desde 2001 e desde que cheguei tenho trabalhado com o tema da emigração caboverdiana, focando principalmente na emigração para o atlântico sul.

INTRODUÇÃO

A emigração caboverdiana é longeva e transatlântica. Remonta ao século XVIII e sempre foi uma oportunidade para o povo das ilhas procurar uma vida melhor desde os primórdios, os países almejados foram os do Atlântico Norte, como os Estados Unidos da América, Portugal, Espanha, Países Baixos, Luxemburgo, Inglaterra e Itália, dentre outros. Nota-se que os países acima mencionados fazem parte dos chamados países desenvolvidos. Para os cabo-verdianos, era a possibilidade de obter um bom trabalho, melhorar de vida e ajudar os familiares que haviam permane-

cido nas ilhas. Porém, na primeira metade do século XX, esse ciclo foi reduzido, o que fez com que os cabo-verdianos começassem a emigrar para o Atlântico sul, principalmente para o Brasil e a Argentina, no continente americano, e para Angola, Senegal e São Tomé e Príncipe, no continente africano.

A emigração para o Atlântico sul, principalmente para São Tomé e Príncipe, sempre me despertou questionamentos. As lembranças das conversas com os meus avós maternos e vizinhos, ainda na juventude, sobre essa emigração nas décadas de 1940 e 1950, foram determinantes na escolha desse tema para pesquisar. Além disso, entender as razões pelas quais muito pouco se fala sobre essa emigração levou-me a aprofundar esse recorte temático. Com a morte dos meus avós e outros conterrâneos, senti a necessidade de me aprofundar no assunto e procurar entender a situação que essas pessoas viviam e os motivos que as levaram a escolher São Tomé como destino, e como o governo português convencia as pessoas a assinar os “contratos de serviços” e se deslocarem a São Tomé e Príncipe para trabalharem nas roças. Afinal, quem eram esses contratados cabo-verdianos da ilha de Santo Antão que viajaram para trabalhar nas roças de São Tomé entre as décadas de 1940 e 1950? Buscar entender tais motivos está no cerne deste trabalho.

METODOLOGIA

Em termos metodológicos, este trabalho se apoia essencialmente em entrevistas com cabo-verdianos que viajaram para São Tomé e regressaram à ilha de Santo Antão na década de 1940 e 1950. Para isso, realizei entrevistas por meio de videoconferências com indivíduos cabo-verdianos que participaram ativamente desse processo migratório, além de entrevistar descendentes diretos dos contratados que nasceram durante o período e que vivenciaram acontecimentos relacionados com a pesquisa.

4. A SITUAÇÃO DOS SANTANTONENSES EM CABO VERDE E A DECISÃO DE PARTIR.

No final dos anos de 1930, as ilhas de Cabo Verde foram assoladas por longas secas e pragas de gafanhotos provenientes do Saara, que dizimaram as plantações e os animais (CARREIRA, 1983, p.77). A situação de Cabo Verde naquele momento era alarmante. O acesso à água potável era escasso, assim como aos alimentos. O auxílio de Portugal era ínfimo. O abastecimento de gêneros alimentícios era reduzido, o socorro financeiro só foi possível em 1947 e 1948¹, isto porque cada colônia tinha o seu próprio orçamento, embora aprovado pelo ministro das Colônias², o Governador Geral era o responsável por encontrar soluções para os problemas existentes.

Na década de 1940 aconteceram nas ilhas duas das piores fomes da sua história. A primeira ocorreu entre 1941 e 1943 e a segunda entre 1947 e 1948³. Durante esses dois períodos, cerca de 45.000 pessoas perderam a vida e um número elevado procurou na emigração uma forma de salvação (CARREIRA, 1984, p.85).

Dentre os destinos estavam as roças de São Tomé e Príncipe. Essa emigração ficou conhecida como forçada ou maldita (NASCIMENTO, 2008, p. 37). Durante esse período, para reduzir o impacto da tragédia, os governantes procuravam abrir frentes de trabalho de obras públicas, uma forma para que as pessoas trabalhassem e ganhassem algum dinheiro. Porém, com a escassez de alimentos e água, de nada adiantava ter dinheiro e não ter o que comprar. A morte era evidente para muitas famílias e quem tinha alguma posse, a vendia e emigrava para a Europa ou para os Estados Unidos da América. Outros dividiam o pouco que tinham com os seus conterrâneos.

O cenário que abordo neste trabalho tem como pano de fundo a ilha de Santo Antão⁴, focando nas pessoas que saíram para São Tomé e Príncipe na condição de contratados e que posteriormente retornaram.

Os grandes proprietários de terra viviam nas

¹ Foram dois empréstimos. Um pelo Banco Nacional Ultramarino (Decreto 36.133, de 04/02/1947) no valor da época de 10 mil contos, em 1947, e outro pela Caixa Geral dos Depósitos (36.780, de 06/03/1948) no valor de 50 mil contos.

² O artigo 67º do título V da Constituição de 1911 dizia que “Na administração das províncias ultramarinas predominará o regime de descentralização, com leis especiais adequadas ao estado de civilização de cada uma delas”.

³ Sobre as fomes em Cabo Verde, existe uma música que retrata esse momento em Cabo Verde. O nome da música é Fomi 47. <https://www.youtube.com/watch?v=nayhcOo2qFk>

⁴ A ilha de Santo Antão é uma ilha essencialmente agrícola. Possui uma extensão de 779 km², divididos em três conselhos: Ribeira Grande, Porto Novo e Paúl. Cada um dos conselhos tem suas especificidades. Porto Novo tem características de deserto, com poucas regiões aptas à agricultura. Paúl é mais verdejante, tendo montanhas com terras cultiváveis e vales onde correm águas cristalinas o ano inteiro e se pratica bastante a agricultura do regadio. Já Ribeira Grande apresenta características intermediárias.

vilas, dedicando-se principalmente ao comércio. Além disso, consagravam o quotidiano às suas propriedades do regadio⁵. As de sequeiro⁶ eram locadas a agricultores do interior que tinham a obrigação de fazer a terra produzir⁷. Esses agricultores também eram denominados de meeiros⁸. Geralmente não tinham propriedades e não dispunham de condições financeiras para comprar uma. Deste modo, a partir desse contrato, tinham condições de produzir, constituir família e ter um lar. As famílias desses agricultores geralmente eram extensas. Havia o entendimento de que quanto mais filhos tivesse, mais pessoas teria para ajudar nos afazeres domésticos, a cuidar dos animais e a trabalhar nas propriedades.

Com a seca prolongada, as plantas e os animais estavam cada vez mais escassos e a fome era iminente. Com a fome e as mortes aumentando na ilha e a redução da emigração para a Europa e os Estados Unidos devido às dificuldades de entrada impostas ao emigrante legal, a população começou a encontrar uma solução para o problema no contrato de serviços para as roças de cacau e café em São Tomé e Príncipe⁹. Para os colonos portugueses, essa contratação de cabo-verdianos era uma fonte inesgotável de recursos de mão de obra para trabalhar nas roças e assim aumentar a produção de cacau e café nas ilhas.

Para os cabo-verdianos necessitados, o contrato representava a esperança e a única oportunidade de fugirem da fome e da morte que assolavam as ilhas, apesar de terem conhecimento de

que estavam sendo explorados por causa da sua situação de desgraça, como se pode perceber nos versos da música do Codé di Dona¹⁰.

Ki tem dinheru dja ka bai Holanda Ki sta na djetu já ka bai
Lisboa Ma ramediadus dja ka bai Angola
Desanimadus dja ka Santa Praça¹¹

Havia uma campanha forte de convencimento por parte dos contratadores a assinar o contrato e partir para São Tomé. Manuel Ferreira, no livro "Hora di Bai", descreve uma das campanhas usadas em Cabo Verde para convencer as pessoas a assinar o contrato:

"Emigração para São Tomé é negócio. Negócio melhor do que o contrabando. Melhor do que mina de ouro. Negócio bom para dono de roça de cacau. Ou para os engajadores de Cabo Verde. Negócio para nhô Eduardinho e nhô Sebastião Cunha. Vocês não sabem. Eu sei. Contrato aqui é uma coisa, lá é outra. Nhô Sebastião Cunha ganha um fortunão por cabeça. Ele dá um tanto e recebe muito mais. Negócio da China esse da emigração para São Tomé."¹²

A população aderiu ao que lhe foi oferecido, mas havia um sentimento ambíguo que a envivia. Uma mistura de ter que partir querendo ficar e tentar realizar o sonho de prosperidade nas terras férteis de São Tomé e Príncipe e, em outros momentos, ter que ficar querendo partir e cuidar da família que passava fome. Com o contrato, havia a possibilidade de fugir da fome e embarcar para outras colônias africanas, como São Tomé e Príncipe, e garantir alguma pecúnia para ajudar a família.

⁵ O regadio é o fornecimento controlado de água com a finalidade de favorecer o crescimento de plantas.

⁶ A cultura de sequeiro é uma técnica agrícola que consiste em cultivar plantas em áreas com pouca chuva, sem utilizar sistemas de irrigação

⁷ Durante minha infância e adolescência pude acompanhar casos de agricultores que perderam "terra de meia" por não poder fazê-la produzir.

⁸ O meeiro é um agricultor que executa todo o trabalho da terra cedido pelo dono e reparte com ele todo o resultado da produção.

⁹ Sobre a legislação, acessar <https://www.fd.ul.pt/Anexos/Investigacao/1426.pdf>
As roças de cacau absorviam grandes quantidades de mão de obra. Os contratados, recrutados em Cabo Verde, Angola e Moçambique, estavam sujeitos a maus tratos e impedidos, muitas vezes, de regressar à sua terra no final do contrato. O regime de exploração dos serviços de São Tomé foi duramente criticado, sendo comparado a um sistema de escravidão. A situação dos contratados deu origem, no início do século, ao chamado "escândalo do cacau", que envolveu o boicote pelos principais fabricantes de chocolate de Inglaterra, da Alemanha e dos Estados Unidos que importavam cacau de São Tomé (CARREIRA, 1984, p.173).

¹⁰ Codé di Dona (1940 - 2010) foi um músico e compositor cabo-verdiano considerado um dos grandes cantores do funaná, ritmo musical das ilhas. Compôs várias músicas que contam a história de Cabo Verde, dentre as quais "Fomi 47", que se refere a uma das realidades históricas mais marcantes de Cabo Verde: a estiagem de 1947, a fome e a emigração para São Tomé e Príncipe.

¹¹ Excerto da música "Febri di Funaná" composta pelo cabo-verdiano Codé di Dona. Tradução livre da língua cabo-verdiana: "Quem tem dinheiro já foi para Holanda/ Quem está em uma situação económica boa já foi para Lisboa/ Mas quem está em uma condição razoável foi para Angola/ Os desanimados assentaram praça (foram para São Tomé e Príncipe)". No link, a música gravada pelo grupo "Bulimundo": <https://www.youtube.com/watch?v=RB-HYcdOHak>

¹² Trecho extraído do livro "hora di bai" (hora de ir, em tradução livre), do escritor cabo-verdiano Manuel Ferreira (1917 - 1992). O livro é um romance que narra uma viagem de S. Nicolau para S. Vicente, em 1943, com pessoas que tentavam escapar da situação de fome e miséria e termina com uma leva de cabo-verdianos para S. Tomé.

A CHEGADA EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE E A ROTINA NAS ROÇAS

A chegada em São Tomé não era tranquila. Os contratados desembarcavam em Fernão Dias¹³. Era uma aldeia sem estrutura para o desembarque de pessoas. Era necessário o navio fundear no alto mar e de lá as pessoas serem transportadas em canoas até a praia. Após o desembarque, os contratados eram submetidos a uma quarentena. Ela consistia no isolamento por alguns dias, de forma a observar se as pessoas que chegavam estavam contaminadas por alguma doença contagiosa trazida da região de origem. Segundo relatos, a quarentena acontecia em vários locais diferentes. A maioria na Curadoria Geral, embora outras vezes ocorresse nos hospitais das roças. Não havia um prazo determinado para cumprir a quarentena. Podia ser de dois a onze dias. Após esse processo, os contratados eram colocados à disposição dos patrões nos barracões. De lá, eram designados para as roças e definidas as tarefas.

O contrato dos cabo-verdianos tinha um prazo de dois anos¹⁴. Durante esse tempo, uma parte do salário era pago aos trabalhadores em São Tomé, sendo outra parte descontada e depositada na conta da curadoria da província, de modo que assim que terminasse o contrato e regressassem a Cabo Verde, os trabalhadores teriam um valor a receber. Esse valor tinha uma função de poupança, para que ao regressassem a Cabo Verde, tivessem algum dinheiro a receber. Entretanto os patrões descontavam de tudo em São Tomé, fazendo com que os contratados recebessem um valor ínfimo ao final do contrato, ocorrendo casos de não receberem valor algum.

O período de trabalho diário era de dez a doze horas direto, com um pequeno intervalo para o almoço. Minha avó me contava que tinha que carregar de seis a quinze sacos de cacau por dia. Por vezes, com crianças nas costas, debaixo de chuva e com uma folha de bananeira na cabeça para proteger o filho das intempéries. Enquanto não terminassem o serviço, não podiam sair do mato. Em determinados momentos, as roupas secavam no corpo e não podiam reclamar, o que provocava muitos adoecimentos. Se alguém reclamasse, sofria castigos. Eram chicotadas no meio das costas, palmatoriadas. Não foram raras as vezes que

meus avós presenciaram pessoas passarem a noite debaixo de chuva, nus e acorrentados, porque desobedeceram aos patrões ou responderam de maneira atravessada.

A estadia dos cabo-verdianos em São Tomé foi dolente. Se ao assinar o contrato havia a esperança de fugir da fome e conseguir melhorar de vida nas terras de São Tomé e Príncipe, quando deparados com a realidade das roças, muitos cultivaram o pensamento do arrependimento nos primeiros dias. Com o passar do tempo, acabaram se acostumando à situação de penúria. Ao final do período contratual, haviam aqueles que renovavam o contrato, uma vez que não achavam viável regressar a Cabo Verde. Outros preferiam retornar à terra natal e tentar refazer suas vidas.

OS RETORNADOS

Nas conversas informais com os meus avós e com alguns outros cabo-verdianos retornados, é possível perceber que a maioria das pessoas que viajavam para São Tomé e Príncipe retornavam. O processo de retorno iniciava com a comunicação do contratado ao patrão que não tinha interesse em renovar o seu contrato. A partir de então, começava o contratado a organizar os seus pertences, ganhava uma folga para ir à cidade fazer algumas compras para levar na viagem. Nas malas, os retornados traziam principalmente roupas, colares e pequenas encomendas para os familiares. Não era muita coisa, por conta das baixas remunerações recebidas nas ilhas de São Tomé e Príncipe e porque procuravam poupar o máximo de maneira a recomeçar a vida em Santo Antão.

A chegada em Cabo Verde se dava pelo porto da Praia, na ilha de Santiago. Lá, os contratados procuravam a curadoria para receber os valores que eram depositados em São Tomé. Esses valores não eram expressivos, uma vez que eram descontadas as despesas da passagem, da viagem e outros descontos diversos feitos ainda em São Tomé.

De Santiago para Santo Antão, a viagem era feita por pequenas embarcações, com uma parada no Porto Grande, em São Vicente, e por fim no Porto da Vila de Maria Pia. A chegada era repleta de emoções. Havia muita gente no porto para receptioná-los. Eram filhos, irmãos, amigos que iam ao porto para receber os retornados, mas também,

¹³ Aldeiaporto de São Tomé e Príncipe localiza-se ao norte no distrito de Lobata, próxima ao Rio do Ouro, à aldeia de São Carlos e à ponta Fernão Dias.

¹⁴ Dependendo da região de origem, os contratos tinham prazos diferentes. Para os angolanos, o prazo era de quatro anos. Para os moçambicanos, o período de contratação era de três anos, todos prorrogáveis.

haviam pessoas que iam ao porto na esperança de receber uma carta ou uma encomenda¹⁵ dos familiares que ficaram em São Tomé e Príncipe.

Em Cabo Verde não havia uma política de re inserção dos retornados na sociedade. Para os recém chegados, havia uma angústia de poder se reestabelecer. Precisava recomeçar e muitas vezes com poucos recursos. Havia a opção de morar na casa dos pais, ou formar família, arrendar algumas terras no interior da ilha e dividir os lucros da terra com o arrendatário.

Quando se toca no assunto da emigração para São Tomé e Príncipe em Santo Antão, o sentimento que se percebe é de uma emigração ingrata. Minha avó, por exemplo, tinha lembranças dolorosas desse processo. Não falava muito sobre suas experiências e, quando conversava, se percebia uma tristeza no olhar. De lá, voltou com fortes dores nas juntas, que em determinados períodos do ano faziam com que ela ficasse acamada. Ela chorava muito. Por causa das dores, mas também por ficar sem condições de fazer os afazeres domésticos com muitos filhos pequenos em casa. Ela dizia que as dores derivavam dos longos períodos que ficou debaixo das chuvas, depois de parida. O meu avô pouco falava de suas experiências. Mal falava depois do anoitecer e se irritava com as nossas conversas. Segundo ele, conversas e falas altas depois da janta faziam mal na cabeça. Porém, levando em consideração todo o processo de doma ao qual eram submetidos nas roças, sou levado a crer que esse trauma está relacionado ao silêncio depois do jantar nas roças.

A memória da emigração para São Tomé, em Santo Antão, está num processo de esquecimento. Aqueles que participaram do processo procuram não falar das suas experiências e a população parece que sente um pouco de embaraço de falar dessa emigração que ficou conhecida como maldita, na voz de muitos contratados e a pior emigração dos cabo-verdianos (NASCIMENTO, 2008 p.89).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise feita, se pode afirmar que o processo de emigração dos santantonenses para São Tomé aconteceu por variadas razões: a seca

que assolou as ilhas de Cabo Verde nas décadas de 1940 e 1950, gerando sede; a escassa fertilidade das terras do arquipélago, o que gerou fome; as mortes decorrentes da escassez de água e de alimentos; o desemprego. Deste modo, Portugal usou do Estatuto do Contrato de Serviços para aumentar a oferta de mão de obra nas roças de São Tomé e Príncipe, para lá enviando trabalhadores cabo-verdianos. Como possibilidade de fugir da fome ou da morte, a emigração para as roças de São Tomé era essencial, num momento da história em que a emigração para os países do Atlântico Norte estava reduzida.

Pode-se verificar que há no seio da sociedade santantonense uma pré-disposição ao esquecimento do período de emigração para São Tomé, por ser esta considerada a pior emigração cabo-verdiana para outras terras. Esse esquecimento pode estar relacionado aos maus tratos que passaram nas roças, à vergonha de retornarem a Cabo Verde sem muitos recursos financeiros e à falta de acostamento na chegada em Santo Antão. Pode assim ser afirmado que a emigração dos cabo-verdianos para São Tomé foi um marco na história de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Por um lado, foi uma possibilidade dos caboverdianos escaparem da morte, apesar dos castigos e da relação de quase escravidão imposta pelos colonos portugueses; por outro lado, essa emigração resolveu o problema de falta de mão de obra nas roças de São Tomé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, Christiano José de Senna. **As fomes em Cabo Verde desde 1719 a 1904**. Lisboa, Typ. da Cooperativa Militar, 1904.

BERTHET, Marina. À sombra do cacau: representações sobre o trabalho forçado nas ilhas de São Tomé e Príncipe. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n.11, 2016.

CARREIRA, António. **Cabo Verde: Aspectos Sociais, Secas e Fomes do Século XX**, 2^a ed. Lisboa: Ulmeiro, 1984.

CARREIRA, António. **Migrações nas ilhas de Cabo Verde**, Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1983.

¹⁵ Até hoje, os emigrantes que regressam a Cabo Verde, de forma definitiva ou para passar férias, levam na mala encomendas ou lembranças da terra longe. Essa tradição atravessa gerações. A pessoa que não leva encomenda é tida como alguém que não se deu bem na terra longe. Não conseguiu melhorar de vida e assim, pobre, não consegue levar nem um "sinal de amor" para a família. Assim, é regra implícita voltar à Cabo Verde com uma encomenda na mala.

CONCEIÇÃO NETO, Maria da. **De Escravos a "Serviços", de "Serviços" a "Contratados": Omissões, percepções e equívocos na história do trabalho africano na Angola colonial**. Cadernos de Estudos Africanos, n. 33, p. 107 – 129, 2017.

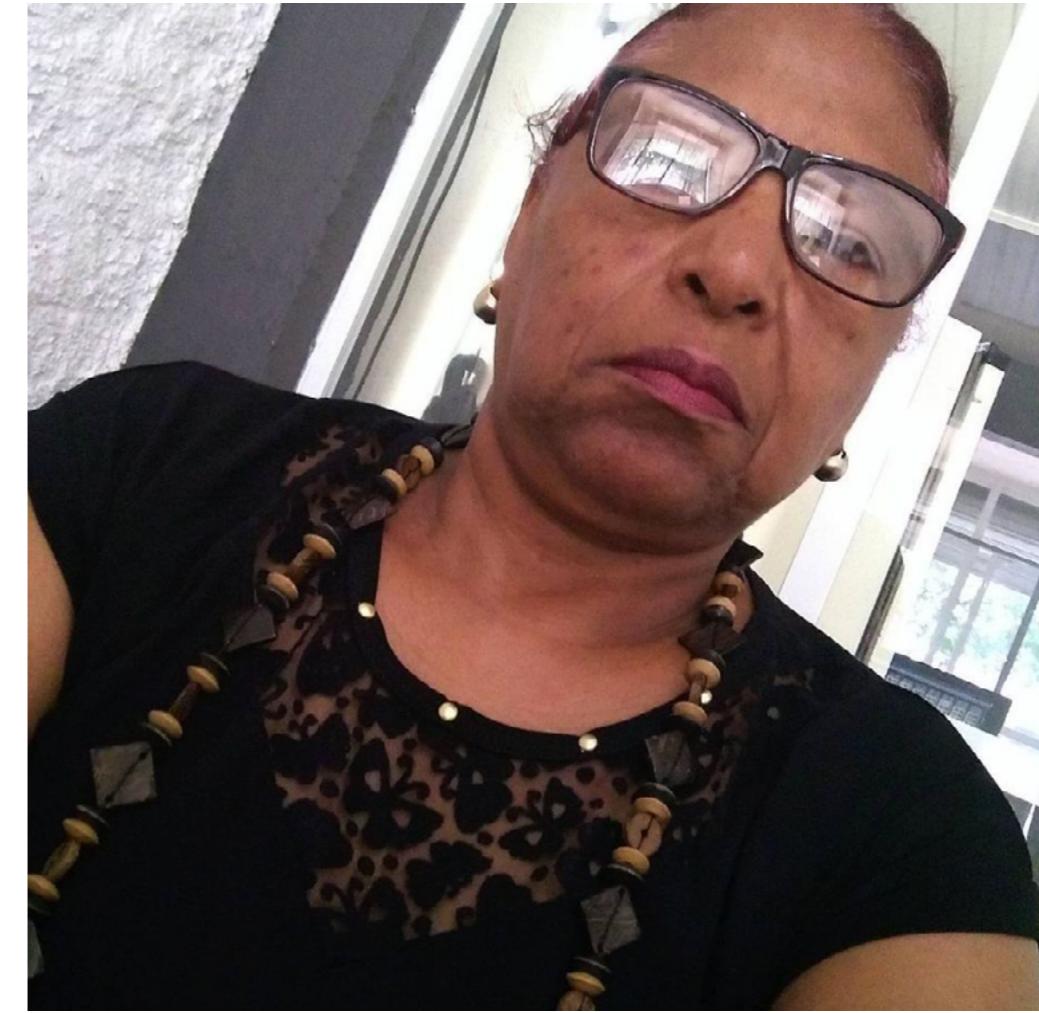
ESPÍNDOLA-SOUZA, Maysa. **A Liberdade da Lei: o Trabalho do Indígena Africano na Legislação do Império Português**. In: 7º Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba, p. 1-15, 2015.

NASCIMENTO, Augusto. **Escravatura, Trabalho Forçado e Contrato em S. Tomé e Príncipe nos séculos XIX e XX: sujeição e ética laboral**. Africana Studia, Porto, n. 07, p. 183-217, 2004.

NASCIMENTO, Augusto. **O sul da diáspora: Caboverdianos nas plantações de S. Tomé e Príncipe e de Moçambique**, Praia: Presidência da República de Cabo Verde, 2003.

NASCIMENTO, Augusto. **Vidas de S. Tomé segundo vozes de Soncente**, Lousã: Ilheu Editora, 2008.

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK



SALVAM

IVETE OLIVEIRA DA SILVA

Ivete Oliveira da Silva é uma professora e advogada cuja trajetória é marcada pela agem, firmeza e compromisso com a transformação da educação pública no Brasil. ando por décadas como docente na área de Ciências Exatas na rede estadual, ecialmente no tradicional Instituto de Educação Assis Brasil, destacou-se como uma das neiras militantes da educação para as relações étnico-raciais nas escolas da região sul do

Mulher negra, enfrentou com altivez e lucidez as violências simbólicas e estruturais osta pelo racismo institucional e pela branquitude nos espaços pedagógicos. Com firme ação em sala de aula e fora dela, construiu práticas educativas inovadoras e antirracistas, itadas na valorização da identidade negra, na crítica ao silenciamento das trajetórias o-brasileiras e no estímulo à consciência crítica dos(as) estudantes.

Mesmo após sua aposentadoria como professora, continuou atuando como advogada, pliando sua luta por justiça racial e por direitos humanos. Sua trajetória inspira educadoras ducadores comprometidos com a construção de uma escola mais plural, inclusiva e ancipadora.

Ivete Oliveira da Silva é referência de resistência e sabedoria preta, cujo legado manece vivo em cada estudante que ousa sonhar e lutar por um mundo mais justo.

CORPAS PÚBLICAS: MULHERES NEGRAS INSTITUCIONALIZADAS NA DINÂMICA MANICOMIAL NO BRASIL

Francisca Mesquita Jesus

Universidade Federal de Pelotas
franciscahist@yahoo.com.br

Propomos aqui uma reflexão de como se estabelece a lógica de institucionalização no âmbito manicomial, com um recorte racial, por entendermos relevante diante ainda dos poucos trabalhos existentes no Brasil, e que ainda há uma lacuna história da discussão com recorte de raça e cor no âmbito manicomial da institucionalidade.. Segundo ORTEGAL (2018) "tornam-se imprescindíveis os estudos sobre as ideias de dependência, colonialidade e diáspora, tendo raça como um dos pilares epistemológicos principais para se compreender a realidade brasileira em suas particularidades" Os atravessamentos que levam a institucionalização manicomial vão além da doença, fatores estruturais, econômicos e sociais se tornam contribuintes desse adoecimento muitas vezes de ordem sistemática. O sistema projetado nos moldes de dominação se coloca com o pilar dentro do ciclo de violências postas, com a perspectiva de desenvolvimento tardio de emancipação da sua condição colonial, de acordo com FANON (2021) "Assim, numa primeira fase, o ocupante instala a sua dominação, afirma maciça mente a sua superioridade. O grupo social, subjugado militar e economicamente, é desumanizado

segundo um método polidimensional". Desta forma ao longo de nossa reflexão vamos colocando as discussões nos apoando em bibliografias que nos auxiliam a dimensionar a temática.

Palavras-chave: Corpas,manicomial,mulheres,institucionalização.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: IMPLEMENTAÇÃO DO PROTOCOLO ANTIRRACISTA NA EMEF JOÃO DA SILVA SILVEIRA

Cleyce Silva Colins

Universidade Federal de Pelotas
cleycesc@gmail.com

O objetivo do presente trabalho é analisar a implementação de um protocolo antirracista na EMEF João da Silva Silveira, destacando os desafios inerentes a essa inserção. A abordagem metodológica proposta para analisar a inserção do protocolo nessa escola pública de Pelotas-RS é a observação participante. Por meio desse método, busca-se uma interação ativa com o contexto escolar, permitindo a coleta de dados em tempo real e a compreensão mais profunda das interações, desafios e nuances enfrentadas. Vale ressaltar que a pesquisa encontra-se em desenvolvimento, o que implica que as conclusões são preliminares. Percebe-se que ao tentar incorporar práticas e diretrizes que visam combater manifestações e ações racistas na escola, os professores enfrentam não apenas a dificuldade em cumprir integralmente a Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, mas também experimentam um receio latente de possíveis punições previstas por outras legislações. Em particular, a Lei nº 12.288/10, que institui o Estatuto da Igualdade Racial, e a Lei nº 7.716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou

de cor. Tais leis, ao constituir o protocolo antirracista, pairam como fatores intimidadores. Nesse contexto, os professores enfrentam a necessidade de alinhar-se as diretrizes legais. Por vezes, essa adequação conflita com a falta de suporte institucional adequado da SMED (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO), e a falta de formação continuada para os profissionais da educação. Entende-se diante deste cenário que a inserção de um protocolo antirracista revela-se como um desafio complexo, permeado pelo intrincado cenário do racismo estrutural. Mesmo nesse contexto é possível identificar que a implementação do protocolo antirracista está surtindo efeitos positivos ao observar que os estudantes estão compreendendo expressões e ações racistas presentes em seu ambiente escolar. Esse movimento indica uma mudança positiva na percepção e no enfrentamento do racismo.

Palavras-Chaves: Educação Antirracista; Racismo; Protocolo; Lei 10.639/03

MULHERES NEGRAS PROTAGONISTAS DO CUIDADO

Sian Luiz Carvalho dos Santos

Universidade Federal de Pelotas
siane96cs@gmail.com

Renata Vieira Avila

Universidade Federal de Pelotas
Rerreavila@hotmail.com

Lisiane da Cunha Martins da Silva

Universidade Federal de Pelotas
lisicunha.martins@gmail.com

Marina Soares Mota

Universidade Federal de Pelotas
mss.mari.gro@gmail.com

A história frequentemente esconde a dura realidade da escravidão, onde as mulheres negras foram forçadas a se tornar amas de leite, parteiras e cuidadoras, desempenhando funções que ultrapassavam as barreiras de suas experiências adversas (Amoras *et al.*, 2020). Apesar do cuidado exercido pelas mulheres negras, o que inclui as enfermeiras negras, a história da enfermagem só destaca o modelo racista que exalta as mulheres brancas de classe média. Diante do exposto, se objetivou apresentar a importância dos cuidados fornecidos pelas mulheres negras. Considerando aspectos culturais e sociais. Sua abordagem sensível e empática ressoa nas comunidades, fortalecendo a confiança e a adesão aos tratamentos. A importância reside na promoção da equidade e na melhoria dos resultados de saúde para todos (Barbosa *et al.*, 2022). Trata-se de uma revisão narrativa, recortada da pesquisa "A trajetória acadêmico-profissional de enfermeiras negras do Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas". O cuidado realizado por mulheres negras é crucial para reparação de injustiças históricas e construir um futuro equânime, de acesso à educação e oportunidades profissionais. As mulheres negras foram ativas em todas

as formas de processos de cuidado, mas tornou-se esquecido e invisível, e à medida em que os fatos históricos importantes são recuperados e eventos contribuem para mudanças de paradigma são destacados, torna-se cada vez menos comum, evidenciando que a história com personagens únicos traz riscos (Santos *et al.*, 2023). Portanto, há necessidade de revelar cada vez mais a importância da cultura, do conhecimento e da experiência da enfermagem das mulheres negras, pois são figuras importantes não apenas na história da enfermagem, mas também na enfermagem moderna.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Enfermeiras Negras; Cuidado em Saúde Desafios Profissionais; Racismo; Sexismo.

"PRA MIM É UM DESGASTE MENTAL ESTAR DENTRO DA SALA": PARA ALÉM DO CONTEXTO CINEMATOGRÁFICO, DISCUTINDO RACISMO E ADOECIMENTO MENTAL DE ESTUDANTES NEGROS NO CURSO DE DIREITO/UFPel

Fernanda Nunes Freitas

Universidade Federal de Pelotas
fernandafreitasrs@gmail.com

Maria Andressa Santos Silva

Universidade Federal de Pelotas
andressahamaria@gmail.com

Alejandro Borges Krüger Piñeiro

Universidade Federal de Pelotas
abkpineiro@inf.ufpel.edu.br

Taynara Haach De Araujo

Universidade Federal de Pelotas
taynara.smjp@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo discutir acerca do adoecimento mental de estudantes negros e negras no curso de Direito da UFPel. Desse modo, a problemática que estruturou a pesquisa consistiu em questionar "como a identidade racial branca contribui para o adoecimento mental de estudantes negros e negras na faculdade de Direito - UFPel?". A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo e a técnica de coleta de dados consistiu na realização de grupos focais com estudantes do referido curso (TUCKMAN, 1977). Destacamos a importância de discutir as relações raciais na sociedade, enfatizando a contribuição da arte no direito. Para tanto, acionamos o filme "M8 - Quando a Morte Socorre a Vida" (NETFLIX, 2019) como fio condutor dessa problematização, proporcionando uma lente para compreender as experiências desafiadoras dos estudantes negros em cursos considerados de elite. A investigação é direcionada para compreender o impacto do racismo institucional e estrutural (ALMEIDA, 2019), refletindo a estruturação da branquitude (BENTO, 2002) na saúde mental dos estudantes negros no curso de Direito da UFPel. Foi possível identificar que a falta de representatividade de professores negros, ações e omissões da identidade

racial branca e a ausência de políticas inclusivas são fatores que influenciam a experiência acadêmica e a saúde mental dos estudantes negros neste contexto específico. Os resultados principais apontam que os estudantes negros enfrentam desafios psicológicos resultantes da falta de representatividade racial no corpo docente e currículo acadêmico, isolamento social e estresses oriundos de diversas fontes. Estes são desafios que, em geral, os estudantes brancos não precisam enfrentar. Este acúmulo de estresse resulta em um desgaste emocional e físico insustentável, comprometendo uma experiência acadêmica saudável. Este estudo destaca a necessidade de abordar estas questões para garantir a igualdade de oportunidades e o bem-estar de todos os estudantes negros.

Palavras-chave: Adoecimento mental do estudante negro; Branquitude; Racismo; UFPel; Saúde mental.

A REPRESENTAÇÃO DE UM ELEMENTO CONSTRUTIVO DE EDIFICAÇÃO HISTÓRIA: UM ESTUDO DE FLUXO DE TRABALHO EM HBIM

Michael Marroni Pires

*Universidade Federal de Pelotas
michaelmarroni@gmail.com*

Prof. Dr. Ricardo Rezer

*Universidade Federal de Pelotas
rrezer@hotmail.com*

O racismo é uma das diversas formas de preconceito e discriminação que há nas relações sociais, mesmo com inúmeras discussões, lutas de movimentos étnicos-raciais e tipificações na base de leis, esse fenômeno de opressão racial ainda está muito presente na sociedade. O objetivo deste ensaio é debater e compreender as possíveis formas de atuação do professor de Educação Física com esta temática no ambiente escolar. Embora, observamos uma tentativa de descolar os esportes de temas sociais e políticos, os mesmos acabam sofrendo e sendo reflexos de manifestações que acontecem na sociedade, como o preconceito e a intolerância. Diante deste cenário, qual seria o papel da Educação Física Escolar com o tema do racismo no esporte? Pensando no papel da escola na formação de cidadãos para uma sociedade menos desigual, observamos que a Educação Física, além de promover as diferentes vivências corporais, necessita abranger noções de aspectos sociais, entre eles, o debate sobre racismo. Desde 2003, com a implantação da Lei 10.639/03, passou a ser obrigatório o ensino da História da África e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar, e essa obrigatoriedade

não deve ser apenas das disciplinas de Humanas, torna-se necessário que os professores de Educação Física incorporem conteúdos étnicos-raciais nas suas aulas. As possibilidades são inúmeras: desde a apresentação de jogos que representam as diferentes culturas, apresentação e compreensão de contextos históricos esportivos, a valorização da identidade negra através das figuras esportivas, entre outras. Há um caminho árduo para a construção de uma sociedade democrática e menos desigual, e a Educação Física Escolar tem um papel fundamental nesta mudança.

Palavras-Chaves: Educação Física Escolar, Racismo no Esporte, Lei 10.639/03.

UMA MULHER NEGRA NA UNIVERSIDADE AINDA É UM ATO DE RESISTÊNCIA

Luiza Silva Silveira

*UFPEL-FAE- Curso de Pedagogia
luizagremista04@gmail.com*

Aline Munhoz Redü

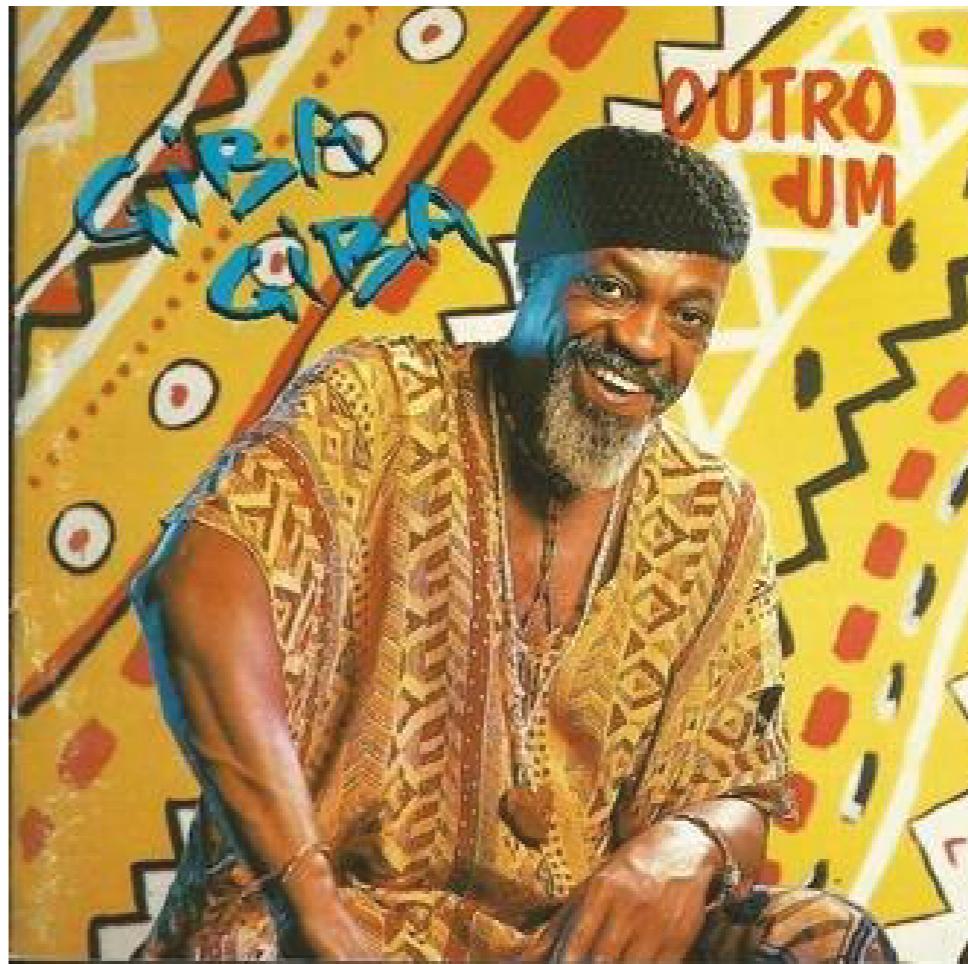
*UFPEL-FAE- Curso de Pedagogia
alineredu79@gmail.com*

M e chamo Luiza Silveira da Silva, tenho 22 anos, sou natural de Pelotas-RS, e vou relatar minhas primeiras instruções na Universidade. Nesse ano conheci várias pessoas incríveis, inclusive professores que me ajudaram muito como a professora Rita Medeiros, uma professora negra que entende mais sobre questões raciais que é importante pra mim dentro da faculdade. Mas tive algumas dificuldades como mulher negra dentro da UFPEL, no início eu tive que passar por uma seletiva de heteroidentificação constatando que realmente eu sou negra, eu sei da importância dessa banca pois sem esse benefício eu não teria entrado pra faculdade, só que o constrangimento de ficar na frente de um celular me gravando, pra mim foi tão humilhante e me deixou totalmente reflexiva sobre ser negra nesse país. Apesar das cotas terem aumentado a diversidade no Ensino Superior, ainda existem lacunas importantes na permanência desses alunos, um exemplo são os alunos que exercem funções duplas, e por vezes triplas. Se dividindo entre estudo, trabalho e muitas vezes filhos! Mesmo estando em um ambiente de troca de conhecimentos, teve situações em sala de aula em que o racismo estrutural existiu. Eu tive o prazer de ter amizades que eu aprendi muitas coisas e até agora eu só evoluí, foram pessoas que entendiam a minha realidade como preta dentro Universidade e que também passaram por situações igual a minha. Minha

meta era entrar pra Faculdade e ser uma estudante passiva, mas diante dos meus problemas e de vários outros estudantes negros eu prefiro botar a boca no trombone e correr atrás dos meus direitos enquanto estiver dentro da UFPEL. Eu Luiza sou uma mulher batalhadora que além de estar cursando, trabalho e cuido da minha casa onde eu moro juntamente com a minha irmã e os meus sobrinhos, eu que ainda tão nova tenho batalhas e metas a ser cumpridas e sonhos a ser realizados, tenho a completa noção de que estar lutando e sonhando não vai me deixar de ser menos mulher e negra nessa sociedade tão racista. Enquanto eu estiver aqui vou ser a mulher preta que vai chegar no topo e vou ser muito orgulhosa de mim por ter sido eu mesma nesses longos anos dentro da faculdade! Pretendo trabalhar e estudar mais sobre questões raciais e gênero, pois sei que ainda tenho muito que aprender, mas quero que a Universidade divulgue mais os trabalhos de professores [as] negros [as] que tenham projetos voltado para nós estudantes negros, mulheres, LGBTQIA+ e pessoas indígenas. Alguns estudantes não sabem nem como participar e talvez se tivesse mais acesso seria muito melhor e ajudaria no andamento durante os anos dentro da ufpel!

Palavras-chaves: mulher, negra, universidade, diversidade.

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK



SAVAGE

GIBA GIBA

Gilberto Amaro do Nascimento, conhecido artisticamente como Giba Giba, nasceu em Pelotas, em 6 de dezembro de 1940. Cantor, compositor, percussionista e ativista cultural, construiu uma trajetória de mais de quatro décadas marcada pelo compromisso com as raízes afro-brasileiras e a valorização das tradições negras no Rio Grande do Sul.

Com forte envolvimento nos movimentos negros, Giba Giba foi uma das vozes mais potentes na promoção da cultura afro-gaúcha. Atuou em Porto Alegre como assessor de assuntos afro-açorianos na Secretaria Municipal de Cultura, contribuindo para o reconhecimento das matrizes africanas na cultura popular. Foi também fundador e primeiro presidente da escola de samba Praiana, reforçando seu engajamento com o samba como expressão política e ancestral.

Sua obra musical inclui o disco "Outro Um", premiado com o Prêmio Açorianos de Música em 1993. Também compôs trilhas sonoras marcantes, como a do longa-metragem Netto Perde Sua Alma e do curta O Negrinho do Pastoreio. Um de seus trabalhos mais emblemáticos foi "A Ópera dos Tambores", projeto que evidencia sua maestria na percussão e sua dedicação às heranças musicais africanas.

ABANDONO AFETIVO PATERNO DE CRIANÇAS: UM LEVANTAMENTO TEÓRICO SOBRE OS MALEFÍCIOS CAUSADOS

Ana Paula da Rosa Vigorito

Universidade Federal de Pelotas
paula.vigorito@gmail.com

APesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizou um levantamento de campo onde constatou que de um total de 10,3 milhões de crianças brasileiras menores de quatro anos, 8,6 milhões têm a mulher como principal ou única referência de cuidado (IBGE, 2017). Neste sentido, o objetivo geral consistiu em compreender, através da literatura científica, as consequências do abandono afetivo paterno para crianças. Os objetivos específicos foram verificar características de contextos entre crianças que foram abandonadas afetivamente e/ou financeiramente, além de discutir o conceito de melancolia face ao abandono afetivo paterno e descrever possíveis malefícios causados pelo abandono afetivo paterno na saúde mental de crianças. Nesta análise também discutirei a interseccionalidade de raça e gênero. O presente estudo se constitui como uma revisão narrativa de literatura sobre o abandono afetivo paterno e seus efeitos na saúde mental de crianças. Tendo em vista que a proposta desta revisão narrativa envolve afetos, sentidos, sentimentos vividos por crianças que experenciam o abandono afetivo paterno e seus efeitos na saúde mental, lanço mão de narrativas ficcio-

nais para dar carne, osso e vísceras às discussões teóricas. Damiani e Colossi (2015) identificaram em sua pesquisa qualitativa exploratória sobre A Ausência Física e Afetiva do Pai na Percepção dos Filhos Adultos declarações sobre a vontade de ter uma presença paterna mais afetiva. Ficaram nítidas nas verbalizações as frustrações que os participantes sentiram referente aos cuidados de seus genitores. Os participantes que residem junto com os genitores continuam buscando na vida adulta a afetividade negada na infância e adolescência, porém frustram-se quando as tentativas não são correspondidas. Este trabalho retrata um tema que tem uma importância significativa para muitas famílias que sofrem pela permeação da ausência afetiva paterna na sociedade há muitas décadas.

Palavras-chave: Abandono paterno; Abandono afetivo; Abandono Financeiro; Saúde mental; Melancolia.

ANÁLISE GRÁFICA DE TOTEM INFORMATIVO DESENVOLVIDO PARA O PROJETO SAÚDE NO PONTO

Vagner Dutra Maciel

Universidade Federal de Pelotas
vagnermaciel.des@gmail.com

Renata Gastal Porto

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia
Sul-Rio-Grandense - Campus
Pelotas - renataporto@ifsul.edu.br

Resumo: O projeto Saúde no Ponto, ocorrido no decorrer do curso de Design Gráfico da UFPel, aplica conhecimentos de ergonomia cognitiva no projeto de design de um totém informativo que orienta usuários do transporte coletivo sobre as rotas para os principais centros de saúde pública da cidade de Pelotas/RS. O objetivo deste artigo é analisar os subsistemas do totém e avaliar sua adequação à proposta. A ergonomia cognitiva aborda processos mentais como atenção e retenção de informações visuais, fundamentada em autores como lida (2005) e Winkelmann e Mager (2019). Para a construção do projeto foram utilizados os métodos de Moraes e Montalvão (1998), e para a análise gráfica utilizou-se o método de Bonsiepe (1984). No design do totém identificam-se códigos visuais morfológicos, cromáticos e tipográficos que ratificam a emissão das mensagens de distância, localização, linhas de ônibus, cores institucionais e design acessível – pelo uso de tipografia universal, ícones e símbolos. Como resultado parcial, após análises e verificação com usuários reais, é possível verificar a eficácia dos códigos visuais e demais características ergonômicas atribuídas.

Palavras-chave: Design gráfico, Ergonomia cognitiva, Análise gráfica, Totem informativo, Saúde pública.

| Texto completo

APRESENTAÇÃO

Vagner Maciel é Graduando em Design Gráfico (UFPel), Técnico em Comunicação Visual (IFSul, 2021) e foi membro da Comissão de Heteroidentificação (IFSul- 2021-2022). Desenvolve pesquisas sobre ensino de design e comunicação visual e análise gráfica de materiais impressos.

Renata Porto é Doutora em Design pela Faculdade de Arquitetura (ULisboa, 2019). Mestre em Design pelo Programa de Pós Graduação em Design (UFRGS, 2012). Pós-graduada nível Lato Sensu em Design (Centro Universitário Ritter dos Reis,

2009). Graduada em Artes Visuais com Habilitação em Design Gráfico (UFPel, 2007). Investiga as práticas de Design para Inovação Social em âmbito acadêmico e profissional, com foco em práticas que recebem apoio financeiro. Docente na Escola de Design no IFSul Campus Pelotas.

Lidar com o racismo enquanto designers requer um compromisso ético e profissional em criar e promover práticas inclusivas. É fundamental reconhecer e questionar estruturas e narrativas excludentes no design, podendo - o designer - atuar para descolonizar currículos, criando espaços de aprendizagem que promovam igualdade e representatividade. O design, como uma ferramenta de comunicação e transformação social, deve refletir e impulsionar a diversidade, promovendo um ambiente mais equitativo e acolhedor.

INTRODUÇÃO

O projeto de design apresentado desenvolveu-se junto à disciplina de Ergonomia do Bacharelado em Design Gráfico da Universidade Federal de Pelotas no semestre 2022/1. Logo, esse artigo tem como objetivo analisar os subsistemas do totêmico informativo desenvolvido como atividade da disciplina, avaliando a sua adequação à proposta.

A função primária do design é a solução de problemas a partir do meio gráfico, contudo, Redig (2005) complementa que é necessário considerar na execução de um projeto os fatores culturais, antropológicos, a cognição, as vivências pessoais e a geolocalização. A partir disso, comprehende-se os totêns informativos como sistemas gráficos desenvolvidos por designers que objetivam orientar os usuários a partir da composição de elementos gráfico visuais em um anteparo. Além disso, os totêns são um exemplo prático da união de conhecimentos oriundos das áreas de design e ergonomia cognitiva.

O totêmico desenvolvido no projeto Saúde no Ponto objetiva ilustrar aos usuários do serviço de transporte coletivo da cidade de Pelotas, nos pontos de ônibus, as rotas de ônibus que conduzem aos principais centros de saúde pública do município. Neste ínterim entram as questões referentes à ergonomia cognitiva, que para Winkelmann e Mager (2019), compreende o estudo sobre os processos mentais como a atenção e a retenção das informações visuais que o ser humano realiza ao interagir com um sistema.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do totêmico¹ utilizou-se a metodologia de Morais e Mont'Alvão (1998), estruturada em cinco etapas projetuais: 1) apreciação ergonômica; 2) diagnose ergonômica; 3) projeção ergonômica; 4) avaliação, validação e

teste ergonômico; 5) detalhamento ergonômico e otimização.

Para a análise gráfica desenvolvida do conteúdo do totêmico, utilizou-se uma das etapas da Metodologia experimental do Desenho Industrial (Bonsiepe, 1984). A etapa, denominada Análises, apresenta como subetapas: a) lista de verificação; b) análise estrutural e c) análise funcional. A lista de verificação trata-se de identificar o problema e os elementos necessários para solucioná-lo; a análise estrutural consente e compreende os tipos e quantidades de subsistemas; e a análise funcional reconhece e compreende as características de uso e os aspectos ergonômicos do produto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O totêmico foi desenvolvido nas dimensões 3,20x1,154m, compreendendo o tamanho da área publicitária presente no mobiliário urbano da cidade de Pelotas, idealizado para ser impresso em adesivo vinílico com laminação UV para proteção solar. Para compor a lista de verificação, os elementos identificados como necessários para compor a peça gráfica (Figura 01), foram elencados: nomes, endereços e telefones dos hospitais da cidade, as linhas de ônibus, além de ícones ilustrativos que possibilitasse a compreensão das informações também por pessoas analfabetas, além da presença de legenda.

Salienta-se que no decorrer da disciplina foi desenvolvida a etapa de validação, onde foram consultados usuários reais a fim de entender a efetividade da peça ao ser disposta no mundo real, bem como analisar as questões de tamanho de tipografia e contraste, por exemplo. Além de terem sido apresentadas avaliações positivas pelos participantes, foi levantada a questão de quando seria implementado o material, validando a ideia como um todo.

¹ Os dados referentes ao desenvolvimento gráfico deste trabalho não serão discutidos neste trabalho, contudo, podem ser vistos em: MÁCIEL, Wagner Dutra; MAXIMILA, Júlia Greque; TEODORO, Wesley Cunha; PORTO, Renata Gastal. Saúde no Ponto: projeção ergonômica de totêmico informativo sobre centros de saúde para usuários do transporte coletivo em Pelotas. In: 32º Congresso de Iniciação Científica - UFPEL, 2023, Pelotas. Anais [...]. UFPEL, 2023. p. 1-4.

Figura 01 - Projeto gráfico do totêmico informativo



Fonte - Os autores (2023).

Ao analisar estruturalmente a peça (Figura 02), foram identificados como elementos compostivos a assinatura gráfica visual do projeto, ao centro com uma maior importância visual; as cores utilizadas foram o laranja, o azul e o bege; os elementos tipográficos são as legendas, as informações referentes aos hospitais e os nomes das linhas de ônibus. Quanto aos elementos iconográficos, evidencia-se a ilustração dos ônibus, prédios e pessoas para indicar distância de caminhada, além do pin indicativo de localização e o símbolo de telefone.

Figura 02 - Elementos da análise estrutural.

ANÁLISE ESTRUTURAL

ASSINATURA GRÁFICO VISUAL	
ANÁLISE CROMÁTICA	
ELEMENTOS TIPOGRÁFICOS	
ELEMENTOS ICONÓGRAFICOS	
ELEMENTOS DE APOIO	

Fonte - Os autores (2023).

No que diz respeito a análise funcional (Figura 03), a escolha das cores que compõem o produto tem uma motivação antropológica, por serem as mesmas cores utilizadas pela marca do município. Quanto aos contrastes, foi escolhido o contraste por oposição de matizes - azul e laranja -, o contraste por claro/escuro, ao sobrepor as cores

mais saturadas sob o fundo neutro, e também o contraste por peso aplicado para diferenciar as tipografias de títulos e corpo de texto. Quanto a análise tipográfica, foram utilizadas fotografias universais, não serifadas e de alta compreensão para os diversos públicos.

Figura 03 - Elementos da análise funcional.

ANÁLISE FUNCIONAL

PADRÃO CROMÁTICO	A peça foi desenvolvida com uma harmonia cromática personalizada, com motivação antropológica e possui hierarquia onde predomina o laranja perceptivamente enquanto ruído visual.
ANÁLISE DE CONTRASTE	Contraste cromático obtido através da oposição de matizes. Contraste de claro e escuro obtido na sobreposição das cores com o fundo.
LISTA DE HOSPITAIS	Contraste por peso, tamanho e por maiúsculas e minúsculas aplicadas às tipografias.
ANÁLISE TIPOGRÁFICA	Foram utilizadas tipografias não serifadas e universais, com diferentes pesos, ascendentes, descendentes, maiúsculas e minúsculas que auxiliam no ritmo de leitura.

Fonte - Os autores (2023).

A comunhão entre elementos iconográficos e tipográficos se deu visando uma maior compreensão por todos os públicos, incluindo pessoas analfabetas. As alturas e dimensões dos elementos não fizeram com que os usuários realizassem esforço ao interagir com o artefato, e as questões de legibilidade e leitabilidade se encontraram dentro do esperado, e muito disso se deve a escolha tipográfica e a aplicação dos contrastes acima citados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, acredita-se que os subsistemas apresentados nesta construção gráfica foram essenciais para simplificar e tornar mais assertiva

a compreensão das informações apresentadas, algo que foi corroborado na fase de validação na construção do projeto gráfico ao consultar-se usuários reais do sistema em questão, e além disso, se apresentou um totem informativo e inédito, que mescla temas carentes de atenção e divulgação por parte das entidades públicas e privadas. Outrossim, acredita-se ter chegado a um resultado ergonomicamente satisfatório.

REFERÊNCIAS

- BONSIEPE, G. (org.). **Metodologia experimental: Desenho Industrial**. Brasília: CNPq/Coordenação Editorial, 1984
- GOMES FILHO, J. **Ergonomia do objeto**: sistema técnico de leitura ergonômica. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.
- IIDA, I. **Ergonomia**: Projeto e Produção. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.
- MORAIS, A.; MOT'ALVÃO, C. **Ergonomia**: Conceitos e Aplicações. Rio de Janeiro: 2AB, 1998.
- REDIG, J. **Sobre o desenho industrial (ou design) e desenho industrial no Brasil**. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2005.
- WINKELMANN, C.; MAGER, G. B. **Fatores humanos e comunicação de saúde**: a relação entre ergonomia cognitiva e design da informação. Belo Horizonte: Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação, CIDI 2019.

DESAFIOS E NECESSIDADES DE SANEAMENTO BÁSICO NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO RIO GRANDE DO SUL

Lauro Araujo Leme

Universidade Federal de Pelotas
lemealauro@gmail.com

Luis Fernando Racanelli Freitas

Universidade Federal de Pelotas
racanelliluisfernando@gmail.com

Matheus Philipe Lourenço da Costa

Universidade Federal de Pelotas
matheusphilipet1234@gmail.com

Claudia Daiane Garcia Molet

Universidade Federal de Pelotas
claudiamolet@yahoo.com.br

Gilson Simões Porciúncula

Universidade Federal de Pelotas
gilson.porciuncula@gmail.com

As comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul são grupos étnicos com trajetória histórica própria. A pesquisa analisou o acesso à água potável, coleta de lixo e tratamento de esgoto nessas comunidades. A pesquisa, realizada em 24 comunidades, mostrou que a situação do saneamento básico é precária. A maioria das comunidades não tem acesso à água potável, e aquelas que têm, dependem de cacimbas ou poços escavados. A coleta de lixo é realizada de forma precária ou inexistente, e o tratamento de esgoto é inexistente. A falta de saneamento básico contribui para a proliferação de doenças e prejudica o desenvolvimento social e econômico das comunidades. Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de políticas públicas específicas para as comunidades quilombolas. Essas políticas devem garantir o acesso à água potável, coleta de lixo e tratamento de esgoto, bem como promover o desenvolvimento social e econômico desses territórios.

Palavras-chave: saneamento básico; comunidades quilombolas; Rio Grande do Sul, direitos humanos; racismo institucional.

EPIDEMIA SILENCIOSA: A ESCALADA DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NEGRAS NO BRASIL

Juciara Silva Corrêa Fonseca

*Universidade Federal de Pelotas
juciarafonseca38@gmail.com*

Segundo informações publicadas pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), 75% das mulheres negras no Brasil foram vítimas de feminicídio no primeiro semestre de 2023, um aumento de 2,6% em relação ao mesmo período de 2022. E um aumento de 14,4% desde o início de 2019. A análise mostra que pessoas que vivem nas áreas periféricas, são adolescentes e mães totalmente dependentes economicamente aos seus maridos, e essa é uma das razões que as mantêm presas no ambiente de violência. De acordo com o Departamento para a Mulher e Igualdade Racial (2023), as mulheres negras sofrem violência durante uma média de 10 anos antes de seja denunciado por algum parente da família. A violência começa com assédio sexual, assédio patrimonial até chegar a violências físicas. O objetivo deste estudo é fornecer à sociedade dados sobre as causas da violência contra as mulheres negras na sociedade, dados esses que aumentam a cada ano. A metodologia utilizada é baseada em artigos, livros digitais, pesquisas bibliográficas, artigos científicos e materiais digitais. No primeiro semestre deste ano foram registrados 34 mil estupros e estupro vulnerável contra mulheres negras, um aumento

muito significativo desde 2022. Dos 34 mil casos, 74,5% estupros está entre a população negra. Aos 14 anos, a violência começa na sua própria casa. Ao denunciar, as mulheres devem lembrar que não estão sozinhas e que existem profissionais e organizações que podem apoiá-las nesta decisão. O desenvolvimento de políticas públicas são fundamentais para o combate a invisibilidade de morte de mulheres negras, apoio de projetos e programas que possam auxiliar o enfrentamento da violência contra meninas e mulheres negras.

Palavras-chave: violência, mulheres, negras, denunciar, enfretamento

NEM TODOS OS NEM-NEM: A COMPLEXIDADE OCULTA NA HOMOGENEIDADE DO TERMO

Isabella Maria Martins de Amorim

*Universidade Federal de Pelotas
bellathemachine@gmail.com*

Este trabalho se dedica a estudar a condição Nem-Nem — nem estuda, nem trabalha— no Brasil, tendo em vista que a transição da escola para o trabalho não é linear, e constitui-se por ser uma transição complicada e descontínua para muitas pessoas no país. O objetivo geral é analisar a heterogeneidade do fenômeno, dado que os fatores que contribuem para essa situação são, sobretudo, as distinções socioeconômicas. Utiliza-se a técnica de Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) aplicada à PNAD-C de 2023 para traçar os perfis dos jovens nessa condição. Considera-se que as especificidades das dessemelhanças que caracterizam os perfis, destacam-se na renda, juntamente a outros aspectos, como gênero, raça e localidade. Conclui-se que as desigualdades estruturais manifestam-se, sobretudo, na juventude em vulnerabilidade social, que demandam de políticas públicas específicas, justamente pela atividade ocupacional desses jovens ser o desalento; além de evidenciar os aspectos da branquitude.

Palavras-chave: Nem-nem; Ocupação; Desigualdades; ACM; Branquitude.

RACISMO RELIGIOSO: O REFLEXO DO PASSADO NO PRESENTE

Mariana Pinheiro de Souza

Universidade Federal de Pelotas
m.pinheirodesouza@gmail.com

Mari Cristina de Freitas Fagundes

Universidade Federal de Pelotas
maricris.ff@hotmail.com

Cyntia Barbosa Oliveira

Universidade Federal de Pelotas
cyntiabaroli@gmail.com

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior, onde visamos refletir acerca de como o racismo religioso atua no mercado de trabalho, impactando a vida das pessoas afro-religiosas. Questionamos “como o racismo religioso interfere na trajetória profissional de pessoas afro-religiosas residentes na cidade de Pelotas?” A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo e a técnica de coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas, que permitiram a mobilidade da conversa através de questões norteadoras (Alves-Mazzoti, 2000). O racismo religioso tem por finalidade definir as violências, desconstituição e a política de escravização e o branqueamento da população através da miscigenação (Hasenbalg, 1996). Essas políticas concomitante ao mito da democracia racial, fizeram com que negros/as se afastassem das culturas afro-diaspóricas por internalizarem que quanto mais próximo do branco, melhor (Hasenbalg, 1996). Ademais, as religiões afro-brasileiras historicamente foram demonizadas, inferiorizadas e criminalizadas pelo Estado e os pertencentes às referidas religiões, perseguidos (Bueno e Rodriguez, 2020; Ramos, 2018). Os efeitos dessas políticas de Estado, podem ser vistos na atualidade através de discriminações,

explícitas ou veladas e que resultam em diversas violências. Dentre elas, durante a realização das entrevistas, foi possível observar a ocultação da religiosidade afro-brasileira por receio do reflexo nas ações de seus empregadores e colegas de serviço. Além disso, quando as referidas religiões são expostas, demissões e/ou não admissões ocorrem. Diante da coleta de dados, identificou-se que a gestão de pessoas é uma importante estratégia para tornar as empresas mais atentas à pluralidade religiosa, contribuindo com ferramentas de respeito à diversidade religiosa e promoção das diferentes matrizes no âmbito do trabalho.

Palavras-chave: Religiões afro-brasileiras; Racismo religioso; Racismo estrutural.

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK



SAVANA'S

NÊGO BISPO

Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nêgo Bispo, nasceu em 10 de dezembro de 1959, no Vale do Rio Berlengas, no interior do Piauí. Líder quilombola, pensador, poeta, escritor e ativista político, tornou-se uma das vozes mais influentes do pensamento negro e das comunidades tradicionais no Brasil.

Foi o primeiro de sua família a ser alfabetizado, concluindo o ensino fundamental. Com raízes firmadas no Quilombo Saco-Curtume, em São João do Piauí, sua trajetória foi marcada pela defesa dos territórios ancestrais, da soberania dos saberes populares e do direito de viver segundo os modos de vida quilombolas.

Atuou na Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (CECOQ/PI) e na Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), levando a voz dos povos quilombolas às pautas nacionais. Sua produção intelectual é um marco na literatura decolonial brasileira. Destacam-se suas obras "Quilombos, Modos e Significados" (2007) e "Colonização, Quilombos: Modos e Significações" (2015), nas quais discute a relação entre ancestralidade, terra, natureza e resistência.

Criador do conceito de "contracolonização", Nêgo Bispo propôs uma inversão epistemológica que valoriza os conhecimentos e práticas dos povos colonizados em oposição à lógica imposta pelo colonialismo. Sua filosofia parte da terra, do território vivido, e propõe uma escuta radical das sabedorias ancestrais.

A REPRESENTAÇÃO RACIAL NA LITERATURA E A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NEGRAS

Denise Silveira da Rosa

Universidade Federal do Rio Grande/RSC
denises.rosa1977@gmail.com

Tainá Valente Amaro

Universidade Federal do Rio Grande/RSC
tainavalente@gmail.com

Para afirmar um modelo de civilização baseado na matriz europeia, nossa identidade nacional foi construída a partir da ideologia do branqueamento e pela exclusão das contribuições dos povos africanos. Considerando que há uma constância discursiva de colonização que orienta nossas práticas sociais e pedagógicas e que, portanto, possuem o poder de forjar subjetividades, o presente estudo tem por objetivo questionar os sistemas de representação do significante negro a partir da literatura; sua origem, as ideologias e relações de poder que operam suas redes discursivas e os possíveis efeitos dessas representações na constituição de subjetividades negras. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica. Para essa discussão, foi realizado um breve percurso histórico a partir do período oitocentista para identificar a origem e as motivações políticas das representações estereotipadas do significante negro na literatura brasileira. Ao se elevar na categoria de universal, os estudos eurocentrados acerca do humano não abarcam a multiplicidade do humano na sua diferença, por isso, a autoria negra de intelectuais para estudar as categorias de representação e subjetividade,

ainda que psicanalítica, pretende-se decolonial e afrodiásporica.

Palavras-chave: Representação negra. Estereótipos. Produção de subjetividades. Literatura

CAMINHOS DO ASSOCIATIVISMO NEGRO EM PELOTAS DA DIÁSPORA À ACADEMIA DO SAMBA

Paulo Henrique Sevidanes

Universidade Federal de Pelotas
sevidanes@gmail.com

Este artigo oferece uma visão do desenvolvimento do associativismo negro em Pelotas ao longo do tempo, culminando na formação da Academia do Samba, um ponto central de análise em uma dissertação de mestrado. Começando com a chegada dos escravizados na cidade, a pesquisa rastreia a evolução dessas comunidades, destacando como elas foram capazes de criar e adaptar suas próprias formas de organização e expressão cultural. Um marco importante foi a criação do cordão carnavalesco, uma manifestação cultural que começou a se desenvolver nas ruas de Pelotas. Este cordão, conhecido como "Fica Ahi pra Ir Dizendo", serviu como precursor para o posterior Clube Fica Ahi pra Ir Dizendo. A pesquisa observa como essas organizações foram moldadas pela perspectiva integrationista da elite negra de Pelotas, buscando a inserção de seus membros em uma sociedade dominada pela elite branca. Em 1982, a Academia do Samba, que operava como um departamento dentro do Clube Fica Ahi pra Ir Dizendo, optou por se separar do clube devido a divergências quanto à admissão de membros não associados. Em síntese, o artigo traça a jornada do associativismo negro em Pelotas

desde os tempos da escravidão até a formação da Academia do Samba, demonstrando como as práticas culturais, musicais e associativas evoluíram ao longo do tempo, refletindo as mudanças nas motivações para a associação. Isso oferece uma compreensão mais profunda da diáspora africana no contexto de Pelotas-RS e destaca a vitalidade e a transformação contínua da cultura afro-brasileira.

Palavras-chave: Associativismo; Diáspora; Carnaval; Resistência

CIDADE LEGAL X CIDADE ILEGAL: PROBLEMATIZANDO A PACTUAÇÃO DA PAZ EM PELOTAS

Nicoli Vigorito Quevedo
Universidade Federal de Pelotas
nvqdirito@gmail.com

Mari Cristina Fagundes
Universidade Federal de Pelotas
maricris.ff@hotmail.com

Com a implementação do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania, em 2007, o estímulo de descentralização nas ações de segurança pública, se tornou ainda mais latente (SOARES, 2007; SCHABBACH, 2014). Cientes disso, nos aproximamos do Pacto Pelotas pela Paz (PPPP), desenvolvido desde 2017, em um cenário onde o município registrou uma alta significativa nos homicídios, chegando a marca de 110 ocorrências registradas na cidade, crimes que estariam ligados a expansão de facções criminosas em disputa por territórios (JESKE, 2023). O que visamos problematizar no âmbito deste trabalho é a seletividade dos números e os pressupostos que forjam a paz no contexto municipal. Diante do levantamento bibliográfico realizado até o momento, foi identificado uma disputa de narrativas sobre a produção da paz. Algumas pesquisas demonstram o hiato existente entre os dados oficiais produzidos pelas instituições municipais - cidade legal - e aquelas percebidas pela população, especialmente, quando alguns bairros são selecionados, isto é, a percepção da periferia e dos bairros centrais são diametralmente opostos (JESKE, 2023; GIRÃO, 2020). Tratando-se de uma pesquisa

em andamento, os dados aqui trabalhados são oriundos da revisão bibliográfica e da análise dos anuários disponibilizados pelo Observatório Municipal de Segurança Pública e Prevenção Social. A ampla promoção em torno do PPPP, sem abordar a paz paralela construída por uma a facção no território municipal - a cidade ilegal - em 2018, e seus impactos no cenário de segurança, demonstra que o Município se apropria, amplia e manipula resultados positivos a favor de uma gestão de poder direcionada aos seus interesses, como no que concerne a ignorar os marcadores sociais da diferença - raça e juventude - que não figuram como diretrizes interseccionadas no âmbito do Pacto, como também determina a razão de alguns pelotenses se sentirem em paz e outros não.

Palavras-chave: Programa Pelotas Pela Paz; Segurança Pública; Raça; Juventude.

COMO PROTEGER O PAÍS DOS NEGROS

José Ricardo Corrêa Mendes
UCPEL
jose.r.correa.m@gmail.com

Carla Silva de Avila
UCPEL
sociocarla@gmail.com

Resumo: O objetivo do presente trabalho é problematizar de que forma, o racismo institucional ramifica-se nos processos pelas quais as leis são regidas e operacionalizadas na sociedade brasileira. No que tange a relação entre as desigualdades raciais, percebe-se que uma forte vinculação do racismo estrutural ao sistema de segurança pública, que mantém a desigualdade e geram problemáticas como o encarceramento em massa da população negra. Nesse sentido busca-se analisar historicamente a lógica de proteção e favorecimento mútuo de pessoas brancas para com seus semelhantes, legando as pessoas não brancas a posição de inimigos dentro do Brasil, embasado por discussões teóricas promovidas pelo Programa de Extensão Relações Étnico Raciais da Universidade Católica de Pelotas e pelo Laboratório de Sociologia do Direito. Isto posto, este trabalho foi desenvolvido utilizando o método de pesquisa dedutivo, através de pesquisa bibliográfica, documental e observação participante.

Palavras-chave: Racismo; Estado; Sociedade; Encarceramento; Drogas.

| Texto completo

temática proposta

INTRODUÇÃO

Os legisladores optaram por incriminar drogas, com base em quem as consumia, na presunção de perigo à saúde pública, além de utilizarem-se das polícias para reprodução de condutas escravocratas, incivilizadas, que reforçam o combate à criminalidade reincidindo na tentativa de combate ao crime de tráfico de drogas por parte do Estado brasileiro, mesmo não se provando efetivo e sem promover alterações sensíveis na realidade, problemas relacionados com a saúde pública, todavia é enfrentado por políticas penais, que por sua vez mostraram-se ineficientes, decidindo qual tipo de droga deveria ser disponibilizado, resultando na marginalização de grupos sociais minoritários, que tiveram seus hábitos culturais historicamente marginalizados, sendo um meio

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é embasado por discussões teóricas promovidas pelo Programa de Extensão Relações Étnico Raciais/UCPel e pelo Laboratório de Sociologia do Direito, visando problematizar temáticas relativas a racismo e guerra às drogas no Brasil. Busco, através das contribuições de autores negros como Cida Bento (2022), Juliana Borges (2019), Silvio Almeida (2019) e Luiza Saad (2019), analisar como as políticas governamentais são racializadas e o impacto do racismo estrutural na manutenção da posição da população negra como subalterna. O trabalho se configura-se como uma pesquisa exploratória inicial sobre a

de controle populacional. Assim como nos coloca Silvio Almeida(2019), o racismo estrutural burocratiza-se nas formas as quais não se considera a raça como um fator essencial, sócio-histórica, no que tange a norma jurídica constituída. Ou seja, sem contextualizar social e racialmente os fatos sociais, corre-se o risco de criminalizar de forma sistêmica as condicionalidades que levam aos processos de criminalização de grande parcela da população. A raça como um sistema que opera em diferentes setores da sociedade, bem como nos processos de marcadores de um grupo social estigmatizado por sua cor. Cor como estigma e marca da violência do Estado contra grupos que sistematicamente foram alocados em lugares de não ser. (FANON, 2001)

METODOLOGIA

Através da revisão bibliográfica e pesquisa documental, buscou-se nos permitir demonstrar os caminhos utilizados para o estudo realizado. Através do mergulho teórico em produções acadêmicas de autores e teorias que refletem outros mecanismos de compreensão da realidade social. Caminhos que nos levam a compreensão da centralidade da raça como um vetor que produz a violência estatal. Uma mescla do que se vive, como pessoas negras. Partilhas essas feitas nos grupos de estudos, onde permite-se essa articulação entre a experiência de ser uma pessoa negra num país com alta segregação sócio-espacial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ademais, não deve ser esquecido que legislações são resultados de planos e ações políticas de pessoas em seus específicos contextos históricos, a proibição de drogas pode ser vista como um plano político de seu tempo, para compreender- se a conjuntura atual de políticos conservadores, moralistas e defendendo pautas de grande comoção social, é preciso compreender a história da criminalização da maconha e seu caráter racial. Pode-se perceber o debate centrado em lógicas higienistas, negando tradições da população negra e visando proteger costumes da sociedade dominante da época, desde o princípio o período republicano a lógica se mantém, conforme a transição de mão de obra escrava para mão de obra assalariada, o foco era eliminação, seja física ou mental, com o apagamento de suas características enquanto comunidade, começaram a ser aplicadas uma série de leis anti negros, como a perseguição as religiões de matriz africana

, criminalização da capoeira, criminalização da maconha, lei da vadiagem, são algumas práticas perpetradas que refletem em ataques sistemáticos contra a população marginalizada, gerando alterações semânticas, normativas, sem uma efetiva alteração das condições materiais das vidas das pessoas que encontram-se inseridas nessa realidade com a intercorrência de oportunidades ilícitas ao seu redor gera um cenário desafiador. Portanto, é falha a tentativa de combater o malfeitor quando já está inserido no meio, o sistema prisional nunca terá como objetivo a ressocialização, sendo a cadeia a única alternativa punitiva para a realidade que lhes foi apresentada, sendo como um punição desde o nascimento, agora ao invés de manter os negros perigosos na senzala, são mantidos em prisões.

CONCLUSÕES

Por fim o estudo, demonstra de que forma a extensão articulada com pesquisa e a imersão na literatura produzida e vivenciada por intelectuais negros e negras no processo de percepção das ramificações legais do racismo institucional e estrutural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA. Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro: Pôlen, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo : Sueli Carneiro : Pôlen, 2019.
- BENTO, Cida. O Pacto da Branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BORGES, Juliana. Encarceramento em massa. São Paulo: Jandaíra, 2019. COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a política do empoderamento.
- CRENSHAW, Kimberlé. Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas". Tradução de Carol Correia. Publicado em 23/12/2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw/>
- GORENDER, JACOB. O escravismo colonial. São Paulo: Ática . 1992 . GONZALES, Lélia. Primavera para todas as Rosas Negras: Lélia Gonzales em primeira pessoa... Diáspora Africana : Editora Fi-

Ihos da África , 2018.

KERGOAT, Daniele. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. Novos Estudos dos 86, Março 2010.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual:

Possibilidade nos dias de destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 201 SAAD, Luísa. Fumo de Negro: a Criminalização da Maconha no Pós-Abolição, Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2019.

EXPERIMENTAÇÕES, VENTANIAS E ANDANÇAS COM CRIANÇA: UM XIRÊ COM O SACO DA EXISTÊNCIA NUM TERREIRO DE OYÁ

Flávia Andréa Padilha Lúcio

*Universidade Federal de Pelotas
Ilê Asé Aloya Ifonkaran
flaviamarrom71@gmail.com*

Gabriel Bettoli Godinho

*Universidade Federal de Pelotas
gbettoli@gmail.com*

Carolina Brandi

*Universidade Federal de Pelotas
carolinabbrandi@gmail.com*

Neste texto temos como objetivo narrar e refletir sobre a experiência de aplicação do artefato metodológico “saco da existência”, junto a crianças de uma comunidade de terreiro, Ilê Asé Aloya Ifonkaran, localizado na cidade Rio Grande, Rio Grande do Sul. Na pesquisa com crianças pequenas, a gira-mapa acompanha o pensamento de MARTINS (2003), porque nos terreiros, as cores, os gestos, os cheiros, os sabores, os sons e os olhares são afroescritas infantis. Assim definimos os caminhos da pesquisa nos cruzamentos entre crianças, infâncias e espaços-tempo nos terreiros. Para confluir com as crianças pequenas criamos um artefato metodológico: o saco da existência. Mas o que é o saco da existência? O que ele pode nos enunciar? É um brinquedo estratégico, que serve como disparador de modos de ser, estar e compreender o mundo, a partir das comunidades tradicionais de terreiro de matriz africana. Cada saco da existência contém elementos pensados pelas pesquisadoras e pelas lideranças dos terreiros, tomados como elementos lúdicos e, ao mesmo tempo, sintetizadores da tradição naquele espaço-tempo. Por exemplo, no terreiro em análise, o saco continha folhas co-

mons na tradição, pequenas gamelas, colares de sementes, pedras, sinetas, bonecas, panos coloridos, agês pequenininhos, conchas, peneiras e colheres. Para registrar a experiência, utilizamos da descrição intensa dos cenários construídos pelas crianças nos diários de campo, juntamente com fotografias e vídeos. Identificamos duas categorias advindas de nossas entradas neste terreiro: as andanças e as ventanias. Podemos conceituar andanças como as participações das crianças no território do terreiro, em diferentes lugares, em diversos momentos, em atividades grupais encenadas e propositivas. Como ventanias, os momentos em que irrompem o adultocentrismo próprio de nossas certezas: quando o grupo de crianças ou uma delas traz uma reinvenção ou uma recomposição do já estabelecido.

Palavras chave : Culturas infantis de terreiro; saco da existência; pesquisa com crianças

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK



SAMAI

GIAMARÊ

Ligiamar Brochado de Jesus, conhecida artisticamente como Gamarê, foi uma cantora, compositora e intérprete nascida em Pelotas/RS, cuja trajetória marcou profundamente a cena cultural negra da região sul. Desde a infância demonstrou sensibilidade musical, influenciada pelos pais Lícia e Celestino, grandes admiradores e intérpretes da Música Popular Brasileira.

Aos 11 anos, fez sua primeira apresentação pública no Estádio Bento Freitas, em um evento natalino — prenúncio de um caminho artístico promissor. Profissionalizou-se em 1991 e, após um breve afastamento dos palcos, voltou com força: em 2004, venceu a fase municipal do Festival Sesi Descobrindo Talentos, em Pelotas, e foi eleita melhor intérprete na fase regional em Santana do Livramento.

Lançou em 2006 seu primeiro CD, "Um canto pá'ocê", que lhe rendeu destaque nacional e o apoio da Caixa Econômica Federal para o projeto "Gamarê, Odara, Tambores do Sul". Em 2008, se apresentou no espaço cultural da Caixa, na Bahia, e integrou o elenco do espetáculo "Pólen — A menina e as Pérolas", de Berenice Fuhro Souto e Celso Sisto.

Gamarê tornou-se símbolo da valorização da cultura afro-gaúcha, em especial pelo uso do tambor de sopapo, instrumento ancestral que ecoava em sua música a força da memória negra. Sua presença nos palcos era também um ato político: representava a mulher negra, com ousadia, talento e dignidade, em espaços muitas vezes negados à sua imagem.

Faleceu em 12 de dezembro de 2011, aos 50 anos, em decorrência de complicações de uma insuficiência renal. Seu legado permanece vivo na memória da cidade e de todos que foram tocados por sua arte, sua voz e sua luta.

A CONSTRUÇÃO TEÓRICO PRÁTICA DA PREVENÇÃO NO CENÁRIO DE SÍNTSE DA FACULDADE DE ENFERMAGEM

Raquel dos Santos

Universidade Federal de Pelotas
raquelsantossantos159@gmail.com

Sofia Emanoelle Lima Cruz da Silva

Universidade Federal de Pelotas
sofia.emanuelle09@gmail.com

Tatiana Luckow

Universidade Federal de Pelotas
tatianaluckow@gmail.com

Michele Mnadagará de Oliveira

Universidade Federal de Pelotas
michele.oliveira@ufpel.edu.br

A IMPORTÂNCIA DOS COLETIVOS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: A PERCEPÇÃO DE UM ESTUDANTE NEGRO

Richard Farias Soares

Universidade Federal de Pelotas
richardfariasecp@gmail.com

Íria Ramos Oliveira

Universidade Federal de Pelotas
iria_oliv@hotmail.com

Marina Soares Mota

Universidade Federal de Pelotas
msm.mari.gro@gmail.com

A Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas oferece formação mediada por um conjunto de metodologias ativas distribuídas nos seguintes cenários de aprendizagem: caso de papel, simulação, campo prático, portfólio, seminário que estão presentes em cada uma das oito unidades do cuidado em enfermagem previstas no seu projeto pedagógico do curso. Esses cenários visam o aprendizado ativo do estudante, com ênfase no saber fluido, em ambas as vias, tanto do docente, quanto do discente, buscando estimular a criatividade e a autonomia no cuidado à saúde no Sistema Único de Saúde. Diante do exposto, temos o objetivo de apresentar um relato de experiência sobre atividade de prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis que foi pensada a partir do cenário de síntese, e desenvolvida para além do próprio cenário. Para além do cenário de síntese, também o de seminário, o grupo buscou criar ações/atividades que pudessem contribuir para a sensibilização da comunidade universitária do campus do Anglo sobre a importância do uso do preservativo, chamando atenção para o surgimento de possíveis sinais e sintomas de ISTs, e de também

buscar orientação em serviços de saúde. Para tanto, foram organizadas reuniões com parceiros, da Faculdade de Enfermagem e da Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas-RS e planejadas as ações. Foram disponibilizados preservativos e produzidos folders com orientações. Pelo rápido esgotamento, necessitando de reposição imediata, pelo feedback dos estudantes, e pelo aprendizado que tivemos com a atividade, consideramos a experiência exitosa. Portanto, é imprescindível registrar a potência que pode ser, e que é gerada em cenários de educação que estão alicerçados nas metodologias ativas do currículo da enfermagem. É evidente que o estímulo dos discentes em buscar melhorar a realidade, através da criatividade e autonomia amplia o conhecimento científico e facilita com que este também seja acessado por outras pessoas. Diante dos fatos apresentados, essa iniciativa ressalta a necessidade permanente da educação em saúde nos diversos ambientes acadêmicos.

Palavras-chave: Metodologia ativa; Plano político pedagógico; Universidade.

Percebendo as práticas que advém do racismo institucional atuante na Universidade em conjunto com uma fundamentação teórica e experiências vividas enquanto estudante negro integrante do Coletivo Hildete Bahia, este trabalho tem por objetivo dialogar com as violências que as práticas curriculares causam. Ao mesmo tempo pretende mostrar a importância dos Coletivos na formação dos estudantes negros. O racismo institucional representa um processo que faz com que pessoas negras sejam discriminadas ou tenham sua ascensão dentro dos espaços dificultadas em virtude das normas e práticas das instituições (ALMEIDA, 2019). É possível observar o quanto a Universidade pode ser um lugar violento para os estudantes negros através de suas práticas curriculares ao afirmar a todo momento uma epistemologia que reforça um ideal branco e europeu de produção de conhecimento (BRUNO, 2019). Nessa medida as práticas institucionais e curriculares são feitas para os estudantes brancos, fazendo com que os estudantes negros tenham que se adequar as normas da Universidade de forma que, quanto mais o estudante avança institucionalmente, mais afasta-se de si mesmo

(GONZALÉZ, 2020). Dessa forma se torna necessário que o estudante busque por conta própria espaços que dialoguem com suas experiências e conhecimentos, que dialoguem com o que se entende como conhecimento plural e diverso. Esses espaços costumam ser construídos por movimentos estudantis, movimentos sociais e por Coletivos que atuam dentro e fora da Universidade. Estes espaços que são, de certa forma, licenciados pela Universidade muito mais por uma questão geográfica do que por uma prática institucional (BRUNO, 2019). Portanto, o Coletivo Hildete Bahia, assim como os outros Coletivos representa um espaço de resistência, onde as experiências, a ancestralidade e a produção de conhecimento de todos os estudantes são respeitadas em um processo de emancipação que vai contra as ausências impostas pelas práticas institucionais.

Palavras-chave: Coletivos; Estudantes Negros; Epistemologia; Racismo Institucional.

ADVOCACIA NEGRA: DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS DA COSTA DOCE

Tuane Tarques
tarques.adv@gmail.com

Andresa Chaves
andresachaves.adv@gmail.com

AS CRIANÇAS NOS TERREIROS: IMAGENS QUE NARRAM

Rita Medeiros
Grupo de Pesquisa Omo Kekere-FaE/
UFPel-ELEKOO-UFRGS
redefreinet@gmail.com

Pedro da Silva Borges Freitas
Grupo de Pesquisa Omo Kekere-FaE/
UFPel-ELEKOO-UFRGS
pedroborges_freitas@outlook.com

Esta pesquisa tem a intenção de se aprofundar sobre a importância da advocacia, sentido esse essencial para a busca pela justiça, como traz a Constituição Federal do Brasil de 1988. Entretanto ainda é uma profissão predominante branca e masculina, fato que faz com que profissionais negros sejam invisibilizados e sofram preconceitos. Sendo assim o objetivo principal, busca trazer as vivências da advocacia negra. Para tanto a metodologia utilizada consiste em análise teórica metodológica, com o aporte teórico de autores racializados, porém dando protagonismo as autoras negras e autores negros, com a intenção de sustentar e embasar a pesquisa, iremos a campo, com entrevistas semi estruturadas, com cerca de 15 (quinze) profissionais da advocacia, negras e negros que atuam nas cidades da Costa Doce do Rio Grande do Sul, oportunidade em que haverá uma escuta sensível, sobre como essa advocacia negra tem se mantido na atuação jurídica e nos ambientes em que circulam e todos as interseções que atravessam esses profissionais. Luiza Bairros (1995), nos chama a atenção, sobre o patriarcado, que repousa em bases semelhantes, que permitem a existência do racismo

com base em inferioridade da população negra e superioridade da branquitude. Trago Esperança Garcia, que em 1770, já advogava, um corpo negro escravizado, que se tornou símbolo de resistência na luta por direitos e foi reconhecida como a primeira advogada do estado do Piauí. Esperança escreveu uma petição dirigida ao governador da capitania de São José do Piauí, para denunciar as violações sofridas por sua família. "Nossos passos vêm de longe", assim afirma Jurema Werneck (2002). Ainda há muito o que avançarmos, sem dúvidas, vivemos em uma sociedade estruturada no patriarcado e no racismo, por isso reverbero a importância dessas pesquisas onde discutimos as relações étnico raciais.

Palavras Chaves: Racismo; Advocacia negra; atuação jurídica; mulheres negras; homens negros.

Uma ciência preta é uma espécie de inauguração das virtudes de exu (Renato Nogueira, 2020), por essa e outras razões trazemos o horizonte do recomeço como possibilidade de aprender, compartilhar e recriar este trabalho, fruto das interações e cosmo percepções no grupo de pesquisa Omo Kekere -Infâncias de Terreiro, desenvolvido desde maio de 2022, junto a sete terreiros de tradições de matriz africana, em três cidades do Brasil,vinculado às atividades do "Núcleo de Estudos e Pesquisas E'LÉÉKÒ:Agenciamentos Epistêmicos Antirracistas e Descoloniais". O que as imagens podem nos dizer, enquanto narrativas? O que está revelado nas imagens dos terreiros? Como as crianças se apresentam e se colocam em meio às vivências cotidianas nesses ambientes? Como e por que essas aprendizagens podem nos deslocar? Como a presença das crianças significam os terreiros? Que tempo espiralar (Leda Martins, 2021) e que giramapas (Miriam Alves, 2022) são possíveis de traçar como metodologias para compreendermos esses espaços. A cosmopercepção, enunciada por Oyérónké Oyéwùmí(2002), nos atravessa as compreensões de que ser criança de terreiro é abrir possibilida-

des de alcances na oralitura e na afrografia (Leda Martins, 2003) colocadas como jeitos de Áfricas recriadas, em vestígios que transparecem nos terreiros e que asseguram a presença de nossas raízes. Ao cosmoperceber esses desalinhos nos terreiros, nos aproximamos das nossas pegadas, das que nos antecederam e que reapresentaram, para nós, o legado necessário para a nossa sobrevivência.

Palavras-chave: crianças;terreiros; imagens; narrativas

EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INFANTIL: EM DEFESA DO PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS

Nívia Juçara Silveira Dutra

Grupo de Pesquisa Questões
Contemporâneas na Área de El.FaE-UFPel
niwiah@hotmail.com

Roberta Glarte Rodrigues

Grupo de Pesquisa Questões
Contemporâneas na Área de El.Fae-UFPel
rodriguesroberta92@gmail.com

Apresentamos aqui nossas reflexões sobre o estágio realizado em 2022, em diferentes classes de educação infantil, do berçário ao pré-escolar. Queremos demonstrar o quanto as nossas aprendizagens foram exitosas e, por vezes, surpreendentes, em relação às certezas que tínhamos sobre as crianças da educação básica, na educação infantil. Fazímos estudos baseados nas concepções de infância ligadas às atividades menos estruturadas e tateamos em busca de rupturas com o espaço escolar tomado por idéias adultocêntricas, cujo sentido estava embalado pela idéia de "fazer para" as crianças. Isto pesa sobre o trabalho docente e transforma as rotinas do trabalho com crianças numa mesmice, por vezes, enfadonha e repetitiva. Abandonar essas estruturas não é nada fácil, porque vivenciamos, em nossa sociedade, uma predominância de atividades prontas e já estruturadas para as crianças, mas através do estágio temos conosco uma espécie de liberdade para repreender a docência com crianças e não para elas. Perceber que no berçário há protagonismo infantil, aprender que o maternal, por mais difícil que possa parecer, é um lugar de instabilidades e movimentos entre a vida

coletiva e a vida individual. Trazer a compreensão de que a pré-escola também é uma temporalidade da infância e não apenas uma preparação para as agruras do ensino fundamental. A escola precisa se contaminar de infâncias e é isto que desejamos apresentar aqui. Como as crianças podem ser protagonistas na escola infantil? Que experimentações realizamos com as crianças e o que aprendemos com isto?.

Palavras-chave: educação infantil; docência; protagonismo das crianças

JOGOS E BRINCADEIRAS AFRODESCENDENTES NO CONTEXTO ESCOLAR

Josiane Ferreira Soares

Universidade Federal de Pelotas
ferreirasoaresjosiane@gmail.com

Luara Trindade Carneiro Bianchini

Universidade Federal de Pelotas
trindadeluara97@hotmail.com

Fátima Carvalheiro Costa

Universidade Federal de Pelotas
carvalheirofati@gmail.com

O trabalho tem como proposta relatar a execução de duas atividades afrodescendentes, realizadas de forma lúdica no contexto escolar, com a finalidade de exaltar o reconhecimento e a valorização da cultura afro, a qual não é muito discutida nos espaços educacionais. É essencial que os docentes proponham em seus planejamentos uma educação libertadora e antirracista. Entretanto, essas práticas educativas podem ser efectuadas para além do contexto escolar, salvo dos estereótipos eurocêntricos. As brincadeiras realizadas foram a "Amarelinha africana" e a "Capoeira", são jogos tradicionais afrodescendentes carregados de significados e nuances uma vez que sua execução, realizada no contexto escolar, podem ser aplicadas inúmeras atividades interdisciplinares em torno da exaltação e reconhecimento da cultura preta, como por exemplo, através da musicalidade, historicidade dos jogos e brincadeiras, localidade de origem, ancestralidade negra e muito mais. A Amarelinha africana, consiste em uma coreografia simétrica, articulada sobre um tipo de tabuleiro desenhado ao chão contendo 4x4 quadrados, é realizada a partir de determinado ritmo (Minuet) e simultaneamente pelos jogado-

res, podendo haver variações. A capoeira, é uma manifestação cultural trazida pela áfrica, com suas danças, cantigas e movimentos os negros criaram e praticavam a luta de capoeira, um ato de defesa e libertação. O jogo da capoeira é realizado em roda, onde dois parceiros executam os movimentos de ataque, defesa, e esquiva, simulando uma luta. Para jogar capoeira é preciso ter habilidade e força, além de integração e respeito entre os participantes. A capoeira é de grande relevância para o desenvolvimento dos alunos em sua totalidade nas diferentes faixas etárias, por comportar vários componentes como, a dança, a cultura, a história, geografia, a música, a luta, o artesanato, a recreação e o lazer, permite que o aluno interaja de forma particular e coletiva com os conhecimentos. As atividades ressaltadas acima, foram executadas a partir de intervenções realizadas pelas autoras em uma turma do 3º ano do EF, onde obtiveram êxito em realizá-las no intuito de evidenciar a cultura Afro-Brasileira no contexto escolar, de forma lúdica e necessária.

Palavras-chave: Jogos; Cultura Afro-Brasileira; Contexto escolar.

O QUE PODEM AS CRIANÇAS EM ESTADO DE INFÂNCIA?

Aline Munhoz Redú

UFPEL-FaE; Curso de Pedagogia
alineredu79@gmail.com

Gabriel Garcia

UFPEL-FaE; Curso de Pedagogia
-

Este trabalho é resultado de nossos estudos iniciais, no segundo semestre do Curso de Pedagogia, no qual realizamos incursões sobre as diferentes construções das idéias de infância que circulam na sociedade. Ao final da disciplina tínhamos que construir um material audiovisual que sintetizasse e abrisse caminhos para novos sentidos pedagógicos, filosóficos, epistemológicos para nossas elaborações com as infâncias. Aqui neste encontro, apresentaremos nossa produção resultante das nossas aprendizagens, reafirmando que estamos em processo de formação e que um pequeno vídeo foi formulado e talvez, se hoje, voltássemos a produzí-lo, ele já traçaria outros caminhos e nos diria outras palavras, emitiria outros sons e provaria de outros sabores.

Palavras-chave: crianças; infâncias; estudos das infâncias

SAMAV



MESTRE GRIÔ DILERMANDO

Mestre Dilermando, reconhecido como Mestre Griô, é uma das grandes referências da cultura oral e da ancestralidade afro-brasileira no sul do país. Natural de Pelotas/RS, carrega a sabedoria dos antigos e a missão de transmitir os valores, ensinamentos e tradições do povo negro, por meio das histórias, cantos, danças, rezas e rituais que aprendeu desde menino.

Mais do que um contador de histórias, Mestre Dilermando é educador popular, orientador espiritual e líder cultural, desempenhando papel fundamental na preservação dos saberes tradicionais e no fortalecimento das identidades negras nas periferias, nos quilombos, nos terreiros e nas escolas.

Sua atuação como Griô — termo de origem africana que designa os guardiões da memória e da palavra — dialoga diretamente com os princípios da pedagogia griô, reconhecida como política pública de valorização da tradição oral nos processos educativos. Em suas oficinas, rodas e encontros, planta sementes de consciência, pertencimento e orgulho racial.

Com presença marcante em eventos culturais, espaços de educação e movimentos sociais, Mestre Dilermando representa a intelectualidade negra ancestral, que ensina com o corpo, com a voz e com o coração. Seu trabalho inspira gerações a se reconectarem com suas raízes, e a valorizarem os saberes que o tempo não apaga.

**TEM
CIÊNCIA
PRETA** AQUI
EBOOK

AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE: CONCEITOS BÁSICOS

Francismeire Jambeiro Ribeiro

Universidade Federal de Pelotas/Curso de Gestão Ambiental - francis.jambeiro4@gmail.com

Maurício Pinto da Silva

Universidade Federal de Pelotas/Curso de Gestão Ambiental/Professor orientador - mauriciosilva@ufpel.com.br

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e debater temas relacionados ao ambiente, a sustentabilidade e a gestão ambiental, abordados a partir da dinâmica proposta na disciplina Tópicos em Gestão Ambiental do Curso de Gestão Ambiental da Universidade Federal de Pelotas. Em termos metodológicos, este trabalho se constitui em revisão bibliográfica. A revisão bibliográfica se utilizou do capítulo Ambiente e Sustentabilidade: conceitos básicos do livro Ambiente e Sustentabilidade - Metodologias para Gestão (2015) do autor Ricardo KOHN. O destacado capítulo trata da discussão de conceitos-chave para o entendimento dos desafios da gestão ambiental frente a sustentabilidade, se utilizando de diversos conceitos de outras áreas como a ecologia, a biologia, a administração e, em parte, da economia e da engenharia. Os conceitos apresentados são fundamentais para a formação profissional do gestor ambiental, permitindo maior e melhor familiaridade com alguns temas importantes para a sua atuação. No referido capítulo, os conceitos estão ordenados de forma a contemplar as seguintes categorias: conceitos relativos ao ambiente ou de ordem ambiental;

conceitos relativos às organizações ou de ordem organizacional; conceitos relativos aos processos verdes; e também alguns equívocos conceituais. Por fim, importante destacar que a disciplina Tópicos em Gestão Ambiental, do primeiro semestre do Curso em Gestão Ambiental, tem por objetivo posicionar os alunos ingressantes quanto aos temas relacionados ao meio ambiente, bem como as áreas de atuação do Gestor Ambiental, tornando-se fundamental desde o início do curso o manuseio de livros e conceitos relacionados a sustentabilidade.

Palavras-chave: Ambiente, Sustentabilidade e Gestão Ambiental

APONTAMENTOS BÁSICOS ACERCA DE UMA NEGRO LINGUÍSTICA APLICADA

Maicon Farias Vieira

Prefeitura de Pelotas - E.M.E.F. João da Silva Silveira - maiconfariasvieira@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo promover uma discussão sobre do papel da Negro Linguística Aplicada no campo das Letras. Tendo como base a compreensão da linguagem como prática social (RAJAGOPALAN, 2003) e a valorização de uma abordagem negro-centrada dentro do campo da Linguística Aplicada, a Negro Linguística Aplicada (VIEIRA, 2023) se mostra como uma denunciadora das pesquisas promovidas por pessoas brancas utilizando dos grupos negros apenas como objeto de pesquisa. Além disso, vê-se a Negro Linguística Aplicada como uma promotora da valorização de pesquisas no campo da Linguística Aplicada que apresentam as comunidades negras como autoras, referências e participantes de pesquisa. Pautada nos princípios de (re)existência de propor espaços de protagonismo negro na teoria e prática anti-hegemônica em meio às Letras e tornar audíveis as performances dos modos de conduzir nossas existências (MUNIZ, 2020), a utilização da Negro Linguística Aplicada compõe significados para a coletividade negra e se apresenta como uma importante rasura epistêmica no combate do "sempre foi assim" racial (VIEIRA, 2023).

Palavras-chave: Linguagem; Linguística Aplicada; Raça; Negro Linguística Aplicada.

ÉTICA NA COMPUTAÇÃO: DESAFIOS E REFLEXÕES

Franklin Sales de Oliveira

Universidade Federal de Pelotas
fsoliveira@inf.ufpel.edu.br

Resumo: A crescente digitalização apresenta desafios éticos como privacidade, segurança de dados, viés algorítmico e impactos ambientais. A dependência das tecnologias digitais, formando uma "Infosfera" interconectada, exige uma análise ética sobre seus efeitos sociais, como o uso indevido de dados pessoais, agravamento das guerras híbridas e amplificação de desigualdades. A computação também contribui para as emissões de carbono, agravando os impactos ambientais. Para garantir um futuro ético e sustentável, é fundamental a colaboração entre governos, empresas e sociedade, com a criação de regulamentações específicas que abordem essas questões de forma eficaz.

Palavras-chave: digitalização, ética, privacidade, viés algorítmico, impactos ambientais.

| Texto completo

APRESENTAÇÃO

Estou graduando em Ciência da Computação na UFPel e atuo como pesquisador no Video Technology Research Group – ViTech, desenvolvendo otimizações para o codificador de vídeo (VVC) e para a etapa de predição intra-quadro em vídeos 360°. Além disso, colaboro com o Grupo de Estudos em Segurança Cibernética (GEPESC) e com o Laboratório de Epidemiologia Veterinária da UFPel, aplicando Inteligência Artificial (IA) e Processamento de Linguagem Natural (PLN) na predição de arboviroses. Também possuo experiência como bolsista de Iniciação à Extensão, tendo atuado no Núcleo de Agroecologia Gaia da UERGS.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a informação sempre de-

sempronhou um papel fundamental, impulsionando o desenvolvimento de grandes civilizações e, em alguns casos, contribuindo para sua decadência (Albuquerque & Moreira, 2006). A forma como a informação é gerada, polida e disseminada está profundamente conectada à ética, impactando decisões políticas, econômicas e questões sociais e culturais (Christofolletti, 2015). Desse modo, por extensão, os meios pelos quais a informação transita, seu formato, o armazenamento e a quem ela é endereçada perpassam aspectos éticos fundamentais.

Atualmente, a informação é, em grande parte, representada de forma digital, atomicamente reduzida a bits — a unidade computacional que sustenta o avanço tecnológico e define o estágio atual da sociedade. Avanços significativos em microeletrônica tornaram possível a construção da chamada Infosfera, um espaço cada vez mais digital e interconectado. Segundo Floridi, L. (2013), à medida que objetos e sistemas se tornam cada vez mais dependentes de tecnologias, a fronteira entre o mundo analógico e o digital se torna cada

vez mais difusa, criando uma nova realidade na qual a informação não apenas existe, mas também aprende, interage e se conecta de maneiras que eram impensáveis até recentemente.

Diante desse cenário, questões éticas emergem com intensidade, exigindo reflexões profundas sobre privacidade, segurança, viés algorítmico, impactos ambientais da computação e o uso responsável das tecnologias. Este trabalho explora, em especial, esses desafios, analisando como a crescente digitalização da sociedade redefine os limites da ética e da informação, e quais implicações isso traz para o futuro da computação e da humanidade.

METODOLOGIA

Para elencar e analisar os dilemas éticos relacionados à informação e à computação, acima citados, foi realizada uma revisão bibliográfica baseada em livros e materiais sugeridos na disciplina de Computação e Sociedade do curso de Ciência da Computação da Universidade Federal de Pelotas. Complementarmente, a pesquisa foi aprofundada por meio da busca de artigos científicos e livros além do escopo das aulas, permitindo uma abordagem mais abrangente e fundamentada sobre as questões analisadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise realizada, com base na revisão bibliográfica e em notícias recentes, reforça a relevância de diversas questões éticas que emergem no contexto da digitalização da sociedade. Em particular, aspectos relacionados à privacidade e segurança de dados, viés algorítmico, impactos ambientais da computação e uso responsável da tecnologia são amplamente discutidos na literatura e em debates contemporâneos. A seguir, cada um desses temas é explorado à luz das informações levantadas. **Privacidade e Segurança de Dados**

O avanço das tecnologias digitais têm levantado preocupações quanto à privacidade e à proteção de dados. Diversos casos, demonstram como informações pessoais podem ser utilizadas de maneiras inesperadas, influenciando processos eleitorais e contribuindo para estratégias de guerra híbrida ao redor do mundo. Segundo Bargués et al. (2022), empresas como a Cambridge Analytica exploram algoritmos para traçar perfis detalhados de indivíduos com base em características como gênero, orientação sexual, crenças e traços de personalidade, visando à manipulação política. Essa dinâmica torna as sociedades vulneráveis, pois a fragilidade individual diante

desses sistemas algorítmicos se reflete em uma vulnerabilidade coletiva.

Além das informações fornecidas voluntariamente a corporações de conduta duvidosa, a cibersegurança enfrenta o desafio de proteger esses dados contra acessos não autorizados e usos mal-intencionados. Segundo Christen, Gordijn e Loi (2020), os atacantes ciberneticos frequentemente empregam estratégias análogas às do mundo físico. Um exemplo são os espiões corporativos, que conduzem ataques digitais para obter informações sigilosas de empresas. Além disso, cibercriminosos, atuando de forma individual ou organizada, têm como principal motivação o lucro financeiro. Para isso, recorrem a táticas de extorsão, como a realização de ataques de ransomware em dispositivos, a ameaça de expor dados sensíveis ou a realização de ataques de Negociação de Serviço (DoS) para coagir suas vítimas.

Ao discutir esses resultados, observamos que, a dependência tecnologia seja em redes sociais, computadores pessoais ou de empresas está em risco. A questão ética aqui reside não apenas na necessidade de proteger a privacidade, mas também em garantir que os dados não sejam usados de maneira indevida, ampliando as desigualdades sociais ou prejudicando a liberdade de expressão e o comportamento democrático.

VIÉS ALGORÍTMICO E DESIGUALDADES

O uso de inteligência artificial e modelagem computacional para tomadas de decisão levanta preocupações sobre vieses algorítmicos, que podem reforçar desigualdades já existentes na sociedade. Segundo Cozman & Kaufman (2022), em geral, os vieses são atribuídos integralmente às bases de dados tendenciosas. No entanto, os vieses podem emergir antes mesmo da coleta de dados, devido às decisões tomadas pelos desenvolvedores (os atributos e variáveis contemplados no modelo determinam, inclusive, a seleção dos dados). No caso de viés associado aos dados, existem duas principais origens: (1) os dados coletados não representam a composição proporcional do universo objeto em questão, ou (2) os dados refletem os preconceitos existentes na sociedade.

Dessa forma, os modelos de aprendizado de máquina podem refletir e amplificar padrões discriminatórios presentes nos dados utilizados para seu treinamento. Segundo O'Neil (2017), por exemplo, um modelo de aprendizado de máquina usado para prever a probabilidade de reincidência criminal pode analisar o histórico criminal,

onde certos grupos sociais — frequentemente de minorias raciais ou econômicas — são mais propensos a serem presos devido a fatores como discriminação sistêmica. Ao treinar o modelo com esses dados, ele pode acabar rotulando indivíduos dessas mesmas comunidades como mais propensos ao crime, perpetuando um ciclo de punição e exclusão social. Isso é o que a autora chamou de algoritmos de “Armas de Destrução Matemática”.

A discussão desses resultados sugere que a solução para esse problema não reside apenas na melhoria da qualidade dos dados, mas também na necessidade de conscientizar os desenvolvedores e profissionais da tecnologia sobre as implicações sociais de suas escolhas algorítmicas. A transparência e a auditoria contínua desses sistemas são essenciais para mitigar os efeitos desses vieses.

IMPACTOS AMBIENTAIS DA COMPUTAÇÃO

O avanço da digitalização também acarreta impactos ambientais. De acordo com Gupta et al. (2021), os efeitos ambientais da computação podem ser mensurados pelas emissões de carbono, que, em geral, derivam de duas fontes principais: o consumo energético durante a operação e a produção de hardware e infraestrutura. Embora as melhorias em algoritmos, software e hardware tenham contribuído para reduzir o consumo de energia operacional, tornando os sistemas mais eficientes, a pegada de carbono total da computação continua em expansão.

A discussão sobre esses resultados leva à reflexão sobre o papel da computação no aquecimento global e nas mudanças climáticas e reforça a necessidade de regulamentações que promovam a responsabilidade ambiental.

Uso Responsável da Tecnologia

A incorporação de princípios éticos no desenvolvimento e na aplicação da tecnologia é amplamente considerada uma estratégia essencial para minimizar riscos e maximizar benefícios. No entanto, a definição do que constitui um uso “responsável” pode variar conforme o contexto e os valores envolvidos. No Brasil, marcos regulatórios como o Marco Civil da Internet e a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) estabelecem diretrizes para a privacidade e o uso seguro da informação. Além disso, há regulamentações em debate para responsabilizar redes sociais pelos impactos da disseminação de notícias falsas, enquanto avançam as discussões sobre um marco regulatório para a Inteligência Artificial, com o

objetivo de garantir um uso ético e transparente dessa tecnologia.

Aqui, a discussão destaca que, as regulamentações estão sendo elaboradas em resposta a situações de crise, como a proliferação de notícias falsas ou os riscos de manipulação de dados pessoais, o que coloca em questão a eficácia delas.

CONCLUSÕES

Em síntese, os temas abordados representam apenas um recorte das complexas questões éticas que emergem no contexto da digitalização da sociedade. O futuro da computação e da humanidade está intrinsecamente ligado à forma como lidamos com essas questões. Tecnologias emergentes, como inteligência artificial, computação quântica e biocomputação, prometem transformar radicalmente setores como saúde, transporte, educação e comunicação. No entanto, seu impacto dependerá diretamente das escolhas que fazemos hoje em relação à frameworks regulatório e governança digital e de riscos socioeconômicos.

Dessa forma, a reflexão ética deve estar no cerne do desenvolvimento tecnológico. Somente por meio de um compromisso coletivo entre governos, empresas, academia e sociedade civil será possível garantir que o avanço da computação beneficie toda a humanidade de maneira equitativa e sustentável.

REFERÊNCIAS

CHRISTOFOLETTI, R. Ética no jornalismo. Editora Contexto, 2015. Floridi, L. *The Ethics of Information*. Oxford University Press, 2013.

BARGUÉS, P.; BOUREKBA, M.; COLOMINA, C. *Hybrid Threats, Vulnerable Order*. Barcelona: CIDOB, 2022.

Christen, M., Gordijn, B., & Loi, M. *The ethics of cybersecurity* (p. 384). Springer Nature, 2020.

O'NEIL, C. Weapons of math destruction: How big data increases inequality and threatens democracy. Crown, 2017.

Albuquerque, G. G. D., & Moreira, C. R. A. (R) evolução no gerenciamento de informações. EPSJV, 2006.

Cozman, F. G., & Kaufman, D. (2022). Viés no aprendizado de máquina em sistemas de inteligência artificial: a diversidade de origens e os caminhos de mitigação. Revista USP, (135), 195-210.

Gupta, U., Kim, Y. G., Lee, S., Tse, J., Lee, H. H. S.,

Wei, G. Y., ... & Wu, C. J. (2021, February). Chasing carbon: The elusive environmental footprint of computing. In *IEEE International Symposium on High-Performance Computer Architecture (HPCA)* (pp. 854-867). 2021.

GENTRIFICAÇÃO E HABITAÇÃO: RAÇA E PERIFERIA URBANA EM PELOTAS/RS

Gerson Machado Rosa

gerson.machadorosa@gmail.com

O presente trabalho analisa o processo de gentrificação em dois bairros periféricos de Pelotas, RS. As características materiais dos bairros (construções, muros e fachadas e infraestrutura pública), a observação flutuante e observação participante com moradores das duas localidades são articuladas para discutir (e denunciar) as relações entre racismo estrutural e gentrificação. É notória a diferença de estrutura, enquanto um dos bairros conta com infraestrutura privada e tem uma população maior de pessoas brancas, o outro bairro mantém-se sob a tutela do Estado, com maioria de pessoas negras. A partir da pluralidade das narrativas do trabalho de campo é possível discutir as relações sociais e sua materialidade, apontando as permanências do processo escravocrata e a da colonização no sul do Brasil.

Palavras-chave: Gentrificação; materialidade; raça; periferia

"NÃO SE CORTA COM FACA, SE CORTA COM PALAVRAS!" CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DE PRÁTICAS DE BENZIMENTOS COM FINALIDADE DE CURA.

Eliana Silveira da Costa

Universidade Federal de Pelotas – silveira.eliana@ymail.com

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de campo, desenvolvida na cidade de Pelotas no ano de 2009. O objetivo da etnografia foi o de focar nas práticas de benzedura dedicadas à cura, a pesquisa foi desenvolvida com duas benzeiras e um benzedor residentes na cidade de Pelotas -- RS. Segundo os quais foram indicados por pessoas do meu círculo de convivência. Abordei aspectos relacionados à transmissão do conhecimento, quais os critérios para alguém ser benzedor. E de como foram receberam tais conhecimento, se gostariam de passar adiante. O intuito foi entender como acontecem neste universo as concepções de saúde e doença. A pesquisa de campo foi desenvolvida com bastante facilidade, pois as três pessoas entrevistadas e acompanhadas se mostraram amplamente abertas a mostrar como aconteciam os processos de benzimentos. Já no âmbito da academia, percebi após duas trocas de orientadoras que as portas não estavam abertas para mim e para a temática da benzedura. Conclui meu trabalho com o auxílio de amigos e colegas, apresentei e aprova no curso. Fui para outras áreas e volta e meia pensava na forma conturbada em que ocorreu esse processo por parte da academia. Vinham os

gatilhos e eu logo pensava em outras coisas, porém desde que voltei para a Universidade tenho pensado que é hora de fazer uma reparação histórica relativa à metodologia ancestral na qual reside a principal ferramenta das práticas da benzedura, ou seja, história oral base dos ensinamentos relativos à benzedura. E também essa reparação precisa ser feita comigo, por hoje em dia ser perceptível que fui submetida a práticas racistas ao dar conta que a mim faltou atenção para me orientar enquanto aluna acadêmica e acima de tudo faltaram com respeito comigo desqualificando minhas tentativas de acessar a minha própria identidade enquanto aluna preta.

Palavras-chave: Benzedura; Cura; Corpo, Ancestralidade, Cuidado.

SERVIÇO SOCIAL E RACISMO ESTRUTURAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO COMBATE AO RACISMO

Maria Eduarda A. S. Fonseca

*Universidade Católica de Pelotas -
mariaeduardafon6@gmail.com*

Carla Silva de Avila

*Universidade Católica de Pelotas -
carla.savila@sou.ucpel.edu.br*

O presente trabalho tem por objetivo geral evidenciar a importância do debate étnico-racial no âmbito do Serviço Social e da sua atuação enquanto potencializador do combate ao racismo, partindo do pressuposto de que a questão social é indissociável da questão racial. Os objetivos específicos são: 1. Analisar a importância da formação antirracista na práxis profissional do Assistente Social; 2. Analisar a trajetória de contribuição dos Assistentes Sociais no combate ao racismo; 3. Apresentar as dificuldades e possibilidades da categoria enquanto aliada da luta antirracista. A questão racial é central para garantir a apreensão crítica e de totalidade da questão social, objeto de trabalho do Assistente Social, sendo imprescindível considerar o racismo enquanto estruturante das relações sociais. O Serviço Social tem em sua direção ético-política instrumentos que prevêem aproximações à questão étnico-racial desde a década de 90, como o Código de Ética do Assistente Social (1993), porém, apenas em 2020 foi lançada a Frente Nacional de Assistentes Sociais no Combate ao Racismo. A metodologia utilizada é a pesquisa documental, bibliográfica e prática extensionista, referente a temática de raça e a atuação do Serviço

Social na luta antirracista. A pesquisa encontra-se em fase inicial e desde já percebe-se que o Serviço Social, enquanto coletivo, foi tímido na aderência da luta antirracista, porém, a partir de 2018 estão ocorrendo diversos avanços no debate racial.

Palavras-Chaves: Serviço Social Antirracista; Serviço Social; Questão Social; Racismo



TCPA

Realização:



Apoio:



OHUN

MOSTRA DE CINEMA NEGRO DE PELOTAS



obpn

